

DO ROTEIRISTA
DE *THE KILLING*

**SOREN
SVEISTRUP**

AS SOMBRAS
DE OUTUBRO



**SØREN
SVEISTRUP**
AS SOMBRAS
DE OUTUBRO

Tradução
Natalie Gerhardt



Para meus amados garotos: Silas e Sylvester

Sumário

Capa

Rosto

Sumário

QUINTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1989

1

SEGUNDA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO

2

TERÇA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

TERÇA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

SEXTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

TERÇA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

SEXTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO

124

125

126

127

128

QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO

129

130

AGRADECIMENTOS

Sobre o autor

Créditos

Landmarks

Body Matter

Acknowledgments

Copyright Page

Table of Contents

Capa

QUINTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE
1989

Folhas amarelas e vermelhas flutuam pelo ar ensolarado até caírem no asfalto úmido que corta a floresta como um rio escuro e vítreo. Quando a viatura passa por ali, derrapa por um segundo, antes de pousar nos montinhos pegajosos na beira da estrada. Marius Larsen tira o pé do acelerador na curva, fazendo uma anotação mental de avisar ao conselho municipal que alguém precisa ir até ali com a varredora. Se as folhas ficam por muito tempo na estrada, tornam a superfície escorregadia, e esse tipo de coisa pode custar vidas. Marius já viu acontecer muitas vezes. Trabalha na polícia há quarenta e um anos, é comandante da delegacia há dezessete, e sempre precisa avisar sobre essa questão no início do outono. Mas não hoje — hoje ele tem que se concentrar na conversa que precisa ter.

Ele passeia com irritação pela frequência do rádio da viatura, mas não consegue encontrar o que procura. Apenas algumas notícias sobre Gorbachóv e Reagan, e especulações sobre a queda do Muro de Berlim. É iminente, dizem. Uma nova era talvez esteja a caminho.

Marius já sabe há algum tempo que precisa ter aquela conversa; no entanto, nunca conseguiu criar coragem. Agora que só falta uma semana para sua suposta aposentadoria, chegou a hora de contar a verdade à esposa. Que ele não consegue viver sem o trabalho. Que tinha resolvido as questões práticas e adiado a decisão. Que não está pronto para se acomodar no canto do sofá e ficar assistindo à *Roda da Fortuna*, varrer as folhas do jardim ou jogar cartas com os netos.

Parece fácil quando repassa a conversa na cabeça, mas Marius sabe muito bem que ela vai ficar chateada. Decepcionada. Ela vai se levantar da mesa, começar a limpar o fogão e dizer, de costas para ele, que entende. Mas ela não entende. Então, quando o relatório chegou pelo rádio, dez minutos antes, Marius avisou na delegacia que ele mesmo ia resolver, adiando um pouco mais a conversa. Normalmente,

ficaria irritado por ter que dirigir o longo percurso até a fazenda de Ørum pelas plantações e florestas só para avisar que eles tinham que ficar de olho nos animais. Houve vários incidentes de porcos e vacas passando pela cerca e indo pastar na plantação do vizinho até que Marius ou um dos seus homens fosse lá fazer com que Ørum resolvesse o assunto. Mas hoje ele não está irritado. Pediu para ligarem antes, é claro, avisar na casa de Ørum e na estação das barcas, onde ele trabalhava meio expediente, mas quando ninguém atendeu a nenhuma das ligações, ele pegou a estrada principal e seguiu para a fazenda.

Marius encontra uma estação com antigas músicas dinamarquesas. “The Bright Red Rubber Dinghy” soa no velho Ford Escort, e ele aumenta o volume. Está desfrutando o outono e o passeio. As florestas, com suas folhas amarelas, vermelhas e marrons misturando-se com sempre-vivas. A expectativa da temporada de caça, que está apenas começando. Ele baixa a janela, o sol está banhando a estrada por entre as copas das árvores e, por um instante, se esquece da própria idade.

A fazenda está silenciosa. Marius desce do carro e bate a porta, então se dá conta de que já faz muito tempo desde a última vez que esteve ali. O amplo quintal parece arruinado. Há buracos nas janelas do estábulo, a tinta das paredes da casa está descascando e o balanço vazio no gramado com mato crescido é quase engolido pelos enormes castanheiros que circundam a propriedade. Espalhadas sobre o cascalho do quintal, há folhas e castanhas caídas, que estalam sob seus pés quando ele segue até a porta da frente e bate.

Depois de bater três vezes, chamando por Ørum, percebe que ninguém vai atender. Sem ver sinal de vida, pega um bloco de papel, escreve um bilhete e o deixa na caixa do correio, enquanto alguns corvos sobrevoam o quintal e desaparecem atrás do trator Ferguson estacionado na frente do celeiro. Marius foi até ali para nada e agora ainda teria que passar no terminal de barcas para falar com Ørum. Mas sua irritação não dura muito tempo: enquanto volta para o carro, tem uma ideia. Marius não costuma ter muitas ideias, então é um golpe de sorte ele ter ido até ali em vez de seguir direto para casa a fim de conversar com a esposa. Como um paliativo, ele vai oferecer

para ela uma viagem a Berlim. Podem ficar lá por uma semana — bem, pelo menos um fim de semana, assim que ele conseguir uma folga. Eles podem ir de carro, testemunhar a história sendo escrita — aquela nova era —, comer almôndegas e chucrute, como fizeram antes em Harz, naquela viagem de acampamento com as crianças, tanto tempo atrás. Só quando está quase chegando ao carro é que percebe por que os corvos estão atrás do trator. Estão pulando em torno de algo pálido e sem forma, e só quando se aproxima mais é que Marius percebe que se trata de um porco. Os olhos estão mortos, mas o corpo estremece e se contrai como se tentasse espantar os corvos, que estão se alimentando de uma ferida a tiro atrás da cabeça.

Marius volta para a casa e abre a porta da frente. O corredor está mal iluminado e ele sente o cheiro de umidade e mofo, e algo mais que não consegue definir.

— Ørum, é a polícia.

Não há resposta, mas ele consegue ouvir o som de alguma torneira aberta na casa, então segue para a cozinha. A garota é adolescente. Talvez dezesseis ou dezessete anos. Seu corpo ainda está na cadeira ao lado da mesa, e o que resta do seu rosto arruinado está escorrendo para a tigela de mingau. No linóleo do outro lado da mesa, há outra figura sem vida. É um adolescente também, um pouco mais velho, com um buraco de bala no peito e a parte de trás da cabeça apoiada no forno em um ângulo estranho. Marius gela por dentro. Já viu pessoas mortas antes, claro, mas nunca tinha visto nada como aquilo e, por um breve instante, fica paralisado, antes tirar a arma de serviço do coldre preso no cinto.

— Ørum?

Marius avança pela casa enquanto chama o nome de Ørum, agora com a arma em punho. Continua sem resposta. Ele encontra o próximo corpo no banheiro e, dessa vez, precisa levar a mão à boca para não vomitar. A água está saindo pela torneira da banheira, que já está cheia até a boca e transborda pelo piso de mosaico e escorre pelo ralo, misturada com sangue. A mulher nua — provavelmente a mãe dos adolescentes — está toda embolada no chão. Um braço e uma perna foram arrancados. O relatório subsequente de autópsia revelaria que

ela levou diversas machadadas. Primeiro ao entrar na banheira e depois ao tentar fugir, arrastando-se pelo chão. Também ficaria registrado que ela tentou se defender com as mãos e os pés, motivo pelo qual estão feridos. O rosto está irreconhecível, porque o machado foi usado para partir seu crânio.

Marius teria ficado paralisado, não fosse um discreto movimento que viu com o canto dos olhos. Meio escondido sob as cortinas do chuveiro, encolhido em um canto, consegue ver uma forma. Com cuidado, ele afasta um pouco a cortina. É um garoto. Cabelo desgrenhado, dez ou onze anos. Está deitado, aparentemente sem vida, sobre o sangue, mas uma ponta da cortina que cobre a boca do menino vibra de forma fraca e hesitante. Marius se inclina com cuidado em direção ao garoto e afasta a cortina, antes de pegar seu braço, tentando achar o pulso. O garoto tem cortes e arranhões nos braços e nas pernas, está de camiseta e cueca cobertos de sangue, e o machado foi largado perto da sua cabeça. Ao encontrar o pulso, Marius se levanta com um sobressalto.

Na sala de estar, agarra rapidamente o telefone ao lado de um cinzeiro cheio, derrubando-o, mas, quando consegue falar com a delegacia, seus pensamentos estão claros o suficiente para mandar uma mensagem objetiva. Ambulância. Policiais. O mais rápido possível. Não há sinal de Ørum. Andem logo. Agora! Quando desliga, seu primeiro pensamento é voltar correndo para o lado do garoto, mas então se lembra abruptamente de que deve haver outra criança: o garoto tem uma irmã gêmea.

Marius volta em direção ao hall e à escada que leva ao segundo andar. Ao passar pela cozinha e pela porta aberta para o porão, para abruptamente. Ouve um som. Pareceu um passo ou um arranhão, mas agora tudo está em silêncio novamente. Marius saca o revólver outra vez. Abre a porta completamente enquanto desce com cuidado pelos degraus estreitos até chegar ao piso de concreto. Leva um instante para seus olhos se ajustarem à penumbra e então ele vê uma porta aberta do outro lado do porão. Hesita, sentindo que deve permanecer ali e esperar a ambulância e seus colegas; mas Marius pensa na garotinha. Quando se aproxima da porta, percebe que foi arrombada.

A tranca está caída no chão, e Marius entra no aposento fracamente iluminado pela claridade que entra pelas janelas sujas acima. Mesmo assim, consegue ver uma forma pequena escondida debaixo de uma mesa no canto. Marius se apressa em direção a ela, baixando a arma antes de se agachar e olhar.

— Tudo bem. Já passou.

Não consegue ver o rosto da menina, mas percebe que está trêmula, toda encolhida em um canto, sem olhar para ele.

— Meu nome é Marius. Eu sou da polícia e estou aqui para te ajudar.

A menina permanece timidamente onde está, como se nem conseguisse ouvi-lo, e de repente Marius presta atenção no aposento. Olhando em volta, percebe para o que é usado. Fica enojado. Então, pela porta entreaberta que leva a um quarto adjacente, vê prateleiras tortas, e a visão o faz esquecer a garota e caminhar até lá. Não consegue determinar quantos são, mas certamente mais do que pode contar em uma olhada. Bonecos feitos com castanhas, bonecas também. E animais. Grandes e pequenos, alguns infantis, outros assustadores. Muitos deles inacabados ou malformados. Marius fica olhando para aquilo, a quantidade e a variedade, e os bonequinhos nas prateleiras o deixam inquieto enquanto o garoto passa pela porta atrás dele.

Em um milésimo de segundo, Marius pensa que deve se lembrar de pedir para a equipe forense verificar se a porta no porão foi arrombada por dentro ou por fora. Em outro milésimo de segundo, percebe que algo monstruoso deve ter escapado, como os animais dos seus criadouros, mas quando se vira para o garoto todos os pensamentos fogem da sua mente como nuvens minúsculas se espalhando pelo céu. Então o machado atinge sua mandíbula e tudo fica preto.

SEGUNDA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO

Na escuridão, a voz está em todos os lugares, sussurrando baixinho e debochando dela — é a voz que a segura quando ela cai e gira ao seu redor como o vento. Laura Kjær não consegue enxergar mais nada. Não consegue ouvir o farfalhar das folhas nas árvores nem sentir a grama fria sob os pés. Tudo que resta é a voz, que continua sussurrando entre os golpes de porrete. Se parar de resistir, pensa, a voz talvez fique quieta, mas não é o que acontece. Ela continua, assim como os golpes, até que por fim Laura não consegue mais se mexer. Tarde demais, ela sente os dentes afiados do serrote contra seu pulso e, antes de perder a consciência, ouve o som mecânico da ferramenta e seu osso sendo partido.

Mais tarde, ela não sabe por quanto tempo ficou inconsciente. Ainda está escuro. E a voz ainda está ali, como se estivesse esperando que Laura volte a si.

— Você está bem, Laura?

O tom é carinhoso e muito próximo ao seu ouvido. Mas a voz não espera uma resposta. Por um momento, ela remove a coisa enfiada em sua boca, e Laura ouve os próprios pedidos e súplicas. Não entende o que está acontecendo. Está disposta a fazer qualquer coisa. Por que ela — o que tinha feito? A voz responde que ela sabe muito bem o motivo. Então se aproxima e sussurra em seu ouvido, e Laura percebe que a voz esperou muito tempo por aquele exato momento. Precisa se concentrar para ouvir as palavras. Ela entende o que a voz está dizendo, mas não consegue acreditar. A dor das palavras é maior que a dos outros ferimentos. Não pode ser. *Não pode ser.* Ela ignora as palavras como parte da loucura que permeia aquela escuridão. Quer se levantar e continuar lutando, mas seu corpo desiste, e ela começa a

chorar histericamente. Já sabia há um tempo, embora, de alguma forma, não soubesse — e só agora, enquanto a voz sussurra no seu ouvido, entende que é verdade. Ela quer gritar o mais alto possível, mas a bile já está subindo pela garganta, e quando sente a pancada do porrete no rosto ela despenca para a frente e mergulha ainda mais profundamente na escuridão.

TERÇA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO

O sol está claro do lado de fora, mas quando Naia Thulin estende a mão e o guia para dentro dela, ele ainda está começando a despertar. Ela o sente dentro e começa a se mover para frente e para trás. Se apoia nos ombros dele, enquanto suas mãos acordam, meio lentas e desajeitadas.

— Ei, espera...

Ele ainda está tonto de sono, mas Naia não espera. Era exatamente isso que queria quando abriu os olhos, e se move com mais insistência, cavalgando mais forte enquanto apoia uma das mãos na parede. Ela sabe que ele está deitado meio torto e que sua cabeça bate na cabeceira da cama, e também ouve a cabeceira batendo contra a parede, mas não se importa. Apenas continua, sentindo quando ele se rende, e ao gozar ela finca as unhas no peito dele e sente sua dor e seu prazer enquanto ambos se retesam.

Um instante depois, ela está deitada, ofegante, ouvindo o som do caminhão de lixo no pátio atrás do prédio. Então se afasta e levanta da cama antes que ele possa acariciar suas costas.

— É melhor você ir antes que ela acorde.

— Por quê? Ela gosta quando eu venho.

— Vai, levanta logo.

— Só se vocês forem morar comigo.

Ela atira a camisa na cabeça dele antes de desaparecer no banheiro, enquanto ele se recosta novamente no travesseiro, sorrindo.

É a primeira terça-feira de outubro. O outono demorou a chegar esse ano, mas hoje o céu sobre a cidade é um teto baixo de nuvens cinza e escuras, e está chovendo quando Naia Thulin sai do carro e começa a andar pela calçada. Ela ouve o celular tocando, mas não o pega no bolso do casaco. Está com a mão nas costas da filha para guiá-la por entre as ruas lotadas àquela hora. A manhã foi atarefada. Le estava mais interessada em conversar sobre *League of Legends*, que ela era nova demais para jogar, mas mesmo assim sabia *tudo* a respeito, e declarou que um jogador coreano profissional chamado Park Su era o seu grande herói.

— Coloquei a galocha na bolsa, para o caso de vocês irem ao parque. E lembre que o vovô vai vir te buscar, mas você vai ter que atravessar a rua sozinha. Olhe para a esquerda, para a direita e...

— Para a esquerda de novo, e eu tenho que me lembrar de vestir a jaqueta fluorescente, para as pessoas me enxergarem.

— Fique quieta para eu amarrar o seu cadarço.

Tinham chegado à frente da escola e estavam embaixo do telhado do bicicletário. Thulin se abaixa enquanto Le tenta ficar quieta com os pés em uma poça.

— Quando vamos nos mudar para a casa do Sebastian?

— Eu nunca disse que a gente vai.

— Por que ele não está lá de manhã se está à noite?

— Os adultos são muito ocupados de manhã, e Sebastian tem que ir correndo para o trabalho.

— Ramazan ganhou um irmãozinho e agora ele tem quinze fotos na árvore da família, e eu só tenho três.

Thulin lança um olhar rápido para a filha e amaldiçoa aqueles lindos pôsteres de árvores genealógicas que a professora decorou com folhas de outono e expôs no mural para que os pais e as crianças

pudessem admirá-los. Por outro lado, ela sempre fica feliz que Le conte automaticamente o avô como parte da família, mesmo que tecnicamente ele não seja seu avô de verdade.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. E você tem cinco fotos na árvore, se contar o papagaio e o hamster.

— Ninguém colocou animais nas árvores.

— Não, nem todas as crianças têm tanta sorte.

Le não responde e Thulin se levanta.

— Eu sei que a nossa família não é grande, mas estamos indo bem, e é isso que importa, está bem?

— Podemos ter outro papagaio, então?

Thulin olha para a filha, pensando em como aquela conversa começou e se perguntando se a menina é bem mais esperta do que parece.

— A gente conversa sobre isso outra hora. Só espere um minuto.

O celular começa a tocar novamente, e ela sabe que precisa atender dessa vez.

— Eu chego em quinze minutos.

— Sem pressa — responde a voz do outro lado, que ela reconhece como sendo uma das secretárias do seu chefe. — Nylander não vai conseguir chegar para a reunião desta manhã, então só na próxima terça-feira. Mas ele me pediu para te dizer para ficar com o novato hoje, para ele fazer alguma coisa enquanto está aqui.

— Mãe, eu vou entrar com o Ramazan!

Thulin observa enquanto a filha se aproxima do garoto. Ela se mistura muito bem com o resto da família síria, uma mulher e um homem com um recém-nascido nos braços, e mais duas crianças. Para Thulin, eles parecem saídos de um artigo de revista sobre a família modelo.

— Mas essa já é a segunda vez que o Nylander cancela, e nossa conversa vai levar menos de cinco minutos. Onde ele está agora?

— Acho que está indo para alguma reunião orçamentária. E ele gostaria de saber o assunto dessa reunião.

Por um momento, Thulin considera contar para ela que seus nove meses na Divisão de Crimes Hediondos, também conhecida como

Divisão de Homicídios, foi tão excitante quanto uma visita ao museu da polícia. Que suas missões são entediantes, os padrões de tecnologia do departamento são tão impressionantes quanto um Commodore 1964, e que ela precisa desesperadamente partir para a próxima.

— Nada importante. Obrigada.

Ela desliga e acena para a filha que está correndo para a escola. Sente que a chuva está começando a ultrapassar a proteção do casaco e segue em direção à rua, percebendo que não pode esperar até a próxima terça-feira para a reunião. Ela se apressa por entre os pedestres, mas, quando chega ao carro e abre a porta, sente a estranha sensação de estar sendo observada. Do outro lado da rua, através de fileiras intermináveis de carros e caminhões, vê o contorno de uma pessoa, mas quando a fila anda, ela desapareceu. Afastando a sensação, Thulin entra no carro.

O amplo corredor da delegacia ecoa com os passos dos dois homens passando por um grupo de detetives que vão no sentido contrário. Nylander, chefe da Divisão de Crimes Hediondos, odeia esse tipo de conversa, mas sabe que provavelmente será sua única chance naquele dia, então engole o orgulho e acompanha o comissário adjunto de polícia enquanto ele fala uma série de frases entediadas.

— Nylander, precisamos nos apertar um pouco. Isso está acontecendo em todos os departamentos.

— Mas eu pensei que teria mais policiais...

— É uma questão de momento. A prioridade do Ministério da Justiça é investir em outros departamentos. O objetivo deles é que o NC3 se torne o melhor centro contra crimes cibernéticos da Europa, então estão cortando recursos de outros lugares.

— Isso não significa que o meu departamento deva sofrer as consequências. Nós precisamos do dobro da força de trabalho nesses últimos...

— Eu não desisti, mas você acabou de ganhar um reforço.

— Reforço nenhum. O fato de *um* investigador ficar por aqui alguns dias porque a Europol quis lhe dar uma lição não conta.

— Ele provavelmente vai ficar mais tempo, dependendo da situação. Mas o ministro poderia muito bem ter *cortado* algumas pessoas da sua equipe, sabe? Então agora temos que tentar fazer uma limonada com esse limão, o.k.?

O comissário adjunto para, virando-se para ele a fim de enfatizar suas palavras, e Nylander está prestes a dizer que não, que nada está bem. Ele precisa de mais homens, como haviam prometido, mas em vez disso os merdinhas do NC3, para usar a abreviatura chique do Centro Nacional de Crimes Cibernéticos, passaram por cima dele. E para melhorar ainda mais esse monumental e burocrático tapa na

cara, terá que lidar com um detetive fracassado que caiu em desgraça em Haia.

— Você tem um tempinho? — interrompe Thulin, surgindo ao fundo, e o comissário adjunto usa a interrupção para escapar pela porta da sala de reuniões, que se fecha atrás dele.

Nylander olha de relance para ele, antes de voltar pelo caminho por onde veio.

— Agora não. E você também não tem. Vá ver com o policial de plantão o relatório que chegou de Husum. Quero que leve o cara da Europol com você. Vamos logo.

— Mas é sobre...

— Eu não tenho tempo para essa conversa agora. Eu sei das suas habilidades, mas você é a detetive mais jovem que já pisou neste departamento, então não quero que já comece a pensar em liderar equipes ou qualquer outra ideia que você tenha para essa conversa.

— Eu não quero uma equipe. Eu preciso de uma recomendação para ser transferida para o NC3 — diz ela. Nylander para na hora. — O NC3 é o Centro Nacional de Crimes...

— É. Eu *sei* de que departamento você está falando. Mas por que você quer ser transferida para lá?

— Porque acho que as missões do NC3 são interessantes.

— Em comparação com...?

— Em comparação com nada. Eu só queria...

— Você praticamente acabou de começar. O NC3 não aceita pessoas que se candidatam sem ter uma vaga aberta, então não vai adiantar.

— Mas eles solicitaram que eu me candidatasse.

Nylander tenta esconder a surpresa, mas sabe na hora que ela está dizendo a verdade. Então encara a mulher diante dele. Quantos anos ela tem? Vinte e nove? Trinta? Por aí? Uma mulher esquisita, de aparência nada especial. Ele se lembra claramente de tê-la subestimado — antes de conhecê-la melhor. Na avaliação de equipes, tinha dividido os detetives em dois times, A e B, e Thulin, apesar da idade, foi um dos primeiros nomes que colocou na equipe A, junto com detetives experientes como Jansen e Ricks, os exemplos em torno dos quais o departamento deveria se consolidar. Além disso, Nylander

de fato tinha considerado o nome dela para liderar uma equipe. Ele não é muito fã de detetives mulheres, e o ar geral de indiferença dela não ajuda muito, mas Thulin tinha uma inteligência acima da média e resolvia seus casos em um ritmo que fazia com que os outros detetives parecessem inertes. Ela provavelmente acha que o nível de tecnologia do departamento ainda está na idade da pedra, e é justamente porque ele compartilha a mesma opinião que precisa de uma nerd da tecnologia como ela. O departamento precisa acompanhar os tempos modernos, e por isso em algumas conversas fez questão de lembrá-la de que ainda era uma novata: estava tentando fazer com que ela não desistisse.

— E quem foi que pediu isso?

— O chefe. Como é mesmo o nome dele? Isak Wenger.

Nylander sente o rosto endurecer.

— Eu gostei de trabalhar aqui, mas queria mandar o meu pedido até no máximo o fim da semana.

— Vou pensar.

— Que tal na sexta-feira?

Mas Nylander já se afastou. Por um instante, ele sente o olhar dela às suas costas e sabe que Thulin vai procurá-lo na sexta-feira pedindo a recomendação. Então é isso. O seu departamento tinha se tornado um criadouro para a elite, para a nova menina dos olhos do ministro, o NC3. Na reunião orçamentária, alguns minutos depois, essa prioridade lhe seria apresentada mais uma vez na forma de números e dados. O Natal vai marcar seu terceiro aniversário como chefe da Divisão de Homicídios, mas agora as coisas estão mais lentas, e se alguma coisa não mudar, a promoção não será a oportunidade que ele tinha imaginado que seria para a sua carreira.

Os limpadores de para-brisa afastam o fluxo de água enquanto o sinal abre e a viatura sai de trás da fileira de carros — ultrapassando o ônibus com o anúncio de uma clínica particular oferecendo novos seios, aplicação de Botox e lipoaspiração — e segue para o subúrbio. O rádio está ligado, os apresentadores, que estão conversando e tocando músicas pop sobre sexo, bundas e desejo, são interrompidos brevemente pelo noticiário, e o locutor anuncia que hoje é a primeira terça-feira de outubro: a abertura do parlamento. Não é nenhuma surpresa que a história principal seja sobre Rosa Hartung, a ministra do Bem-Estar Social, e o trágico episódio com sua filha, quase um ano antes, que o país inteiro acompanhou prendendo a respiração. Mas antes que o locutor possa terminar, o estranho ao lado de Thulin abaixa o volume.

— Você tem uma tesoura ou algo do tipo?

— Não, eu não tenho uma tesoura.

Por um instante, Thulin afasta o olhar do trânsito e encara o homem ao seu lado, que luta para abrir a embalagem de um celular novo. Ele estava em pé fumando um cigarro não muito longe do carro quando ela chegou à garagem em frente à delegacia. Ele era alto, tinha a postura reta e uma aparência meio descuidada. O cabelo estava bagunçado e encharcado de chuva, os tênis Nike surrados, a calça larga, e a jaqueta preta curta parecia ter sido mergulhada em água. Ele não estava nada preparado para o clima. *Deve ter acabado de chegar de Haia*, imagina Thulin. A pequena bolsa de viagem também surrada ao seu lado reforça essa impressão. Thulin sabe que ele chegou à delegacia menos de quarenta e oito horas antes, porque ouviu os colegas fofocarem sobre ele quando foi pegar café na cantina. Um “oficial de ligação” alocado na sede da Europol em Haia, ele tinha sido repentinamente dispensado de suas responsabilidades e enviado

para Copenhague por causa de alguma merda que tinha feito. Isso provocou algumas piadas entre seus colegas. A relação entre a polícia dinamarquesa e a Europol estava estremecida desde que os dinamarqueses rejeitaram, em um referendo, alguns anos antes, uma maior integração com a União Europeia.

Quando Thulin esbarrou nele no estacionamento, ele parecia mergulhado em pensamentos e, quando ela se apresentou, simplesmente apertou sua mão e disse “Hess”. Não é muito comunicativo. Em geral ela também não é, mas a conversa com Nylander saiu bem como o esperado. Ela sente que seus dias no departamento estão contados, então não é nada de mais mostrar um pouco de cordialidade com um colega controverso. Depois que entraram no carro, ela começou a falar tudo que sabia sobre o caso que eles têm pela frente, mas o cara simplesmente assentia sem demonstrar o menor interesse. Thulin supõe que ele tem entre trinta e sete e quarenta e um anos, e a sua aparência descuidada de garoto de rua a faz se lembrar de algum artista, mas não sabe quem. Ele usa uma aliança, provavelmente de casamento, mas o instinto lhe diz que esse homem já se separou faz muito tempo — ou pelo menos está em vias de se separar. Conhecê-lo foi meio como lançar uma bola contra um muro de concreto, mas aquilo não estragou seu bom humor, e o seu interesse pela cooperação transnacional entre as polícias é genuíno.

— Então, você vai ficar por quanto tempo?

— Provavelmente apenas alguns dias. Eles ainda estão decidindo.

— Você gosta de trabalhar na Europol?

— Gosto, é legal. O tempo é melhor lá.

— É verdade que a unidade contra crimes cibernéticos começou a recrutar hackers que eles mesmos capturaram?

— Não faço a menor ideia. Não é o meu departamento. Você se importa se eu der uma saidinha rápida depois que acabarmos de verificar a cena do crime?

— Saidinha?

— Só uma hora. Preciso pegar as chaves do meu apartamento.

— Claro.

— Valeu.

— Mas, em geral, a sua base de trabalho é em Haia?

— É, ou em qualquer lugar onde precisem de mim.

— Por exemplo?

— Varia muito. Marselha, Genebra, Amsterdã, Lisboa...

O homem volta a se concentrar na caixa do celular, mas Thulin sente que ele continuaria listando cidades por um tempo. Ele tem um ar cosmopolita. Um jeito de viajante sem bagagem, como se o esplendor da cidade grande e de céus distantes tivesse se apagado. Se é que já tinha existido.

— Há quanto tempo você está longe de casa?

— Quase cinco anos. Vou pegar isso emprestado.

Hess pega uma caneta esferográfica do porta-copos entre os assentos e começa a abrir a caixa.

— Cinco anos?

Thulin está surpresa. A maioria dos oficiais de ligação dos quais já ouviu falar era contratada por dois anos, no máximo. Alguns chegavam a quatro, mas nunca tinha ouvido falar de um oficial de ligação que ficasse longe por cinco anos.

— O tempo voa.

— Então foi por causa da reforma da polícia?

— Como assim?

— O motivo de você ter saído. Ouvi falar que um monte de gente deixou o departamento porque não estava satisfeito com...

— Não, não foi esse o motivo.

— E por que você saiu, então?

— Porque sim.

Ela o encara, ele devolve o olhar e, pela primeira vez, Thulin repara nos olhos dele. O da esquerda é verde, o da direita, azul. Ele não usou um tom grosseiro na resposta, que é totalmente vazia, e também não acrescenta nenhum outro comentário. Ela liga a seta para seguir para a área residencial da cidade. Se Hess quer bancar o agente machão com passado misterioso, ela vai deixar. Existem muitos caras assim na delegacia, o suficiente para formarem o próprio time de futebol.

A casa é branca e modernista, com garagem própria. Situa-se bem no meio de um bairro familiar de Husum, entre cercas vivas e fileiras organizadas de caixas de correio voltadas para a rua. É o lugar para onde a classe média se muda quando começa a formar uma família, se a situação financeira permitir. Um bairro seguro, com quebra-molas para garantir que ninguém ultrapasse o limite de velocidade de cinquenta quilômetros por hora. Há pula-pulas nos jardins e marcas de giz no asfalto molhado. Algumas crianças usando capacetes e casacos fosforescentes passam de bicicleta sob a chuva enquanto Thulin estaciona ao lado de viaturas e carros da equipe forense. Alguns residentes espalhados embaixo de guarda-chuvas cochicham atrás da barreira.

— Preciso atender essa ligação.

Menos de dois minutos antes, Hess tinha colocado o chip no celular e enviado uma mensagem, e o aparelho já estava vibrando.

— Tudo bem. Leve o tempo que precisar.

Thulin sai do carro para a chuva enquanto Hess permanece lá e começa uma conversa em francês. Enquanto ela corre pelo tradicional caminho de pedras que cruza o jardim, pensa que talvez tenha encontrado outro motivo para querer sair do departamento.

A voz de dois âncoras de um programa matinal ecoa pela grande *villa* moderna em Ydre Østerbro enquanto eles se prepararam para outra conversa durante o café no confortável sofá no canto do estúdio.

— Então, hoje é a abertura do parlamento, e estamos dando início a um novo ano. Sempre foi um dia muito especial, mas dessa vez é *especialmente* especial para uma certa política. E com isso estou me referindo à nossa ministra do Bem-Estar Social, Rosa Hartung, que perdeu a filha de doze anos no dia 18 de outubro do ano passado. Rosa Hartung estava de licença desde que a filha foi...

Steen Hartung estende a mão e desliga a TV de tela plana na parede ao lado da geladeira. Pega os desenhos de arquitetura e as ferramentas no piso de madeira da espaçosa cozinha inspirada no estilo rural francês, onde tinha acabado de deixá-las.

— Vamos logo, arruma suas coisas. Nós vamos sair logo depois da sua mãe.

O filho ainda está sentado à grande mesa, escrevendo no livro de matemática, cercado pelas sobras do café da manhã. Toda terça-feira de manhã Gustav pode chegar uma hora mais tarde na escola, e toda terça-feira Steen precisa dizer a ele que aquela não é a hora de fazer o dever de casa.

— Por que eu não posso ir de bicicleta?

— Hoje é terça-feira e você tem aula de tênis depois da escola, então eu vou te buscar. Já separou sua roupa?

— Já.

A pequena *au pair* filipina entra na cozinha e coloca uma bolsa esportiva no chão, e Steen lhe lança um olhar de gratidão enquanto ela começa a arrumar as coisas.

— Obrigado, Alice. Venha, Gustav.

— Todos os outros garotos vão de bicicleta.

Pela janela, Steen vê um grande carro preto entrar pelo portão e parar sobre as poças do lado de fora.

— Deixa só hoje, pai?

— Não, vamos fazer o que sempre fazemos. Onde está a sua mãe?

Steen sobe as escadas para o segundo andar chamando por ela. A *villa* aristocrática tem quase cem anos e quase quatrocentos metros quadrados, e ele conhece cada palmo da casa, uma vez que foi ele quem a reformou. Quando compraram e se mudaram para lá, era importante que tivessem muito espaço, mas agora é grande demais. Demais mesmo. Ele a procura no quarto e no banheiro antes de perceber que a porta em frente está entreaberta. Hesita por um instante antes de empurrá-la e espiar o quarto que foi da filha.

A mulher está de casaco e cachecol, sentada no colchão sem lençol perto da parede. Seus olhos passeiam pelo quarto, pelas paredes nuas e caixas de papelão empilhadas em um canto. Depois, voltam para ela.

— O carro chegou.

— Obrigada...

Ela assente rapidamente, ainda sentada. Steen dá outro passo e sente o frio no quarto, então nota que ela está retorcendo uma camiseta amarela nas mãos.

— Você está bem?

É uma pergunta idiota — ela não parece nada bem.

— Eu abri a janela ontem e me esqueci de fechar. Acabei de perceber.

Ele concorda, compreensivo, embora não seja uma resposta para a pergunta. Eles ouvem do fim do corredor o filho gritar que Vogel já chegou, mas nenhum dos dois reage.

— Eu não me lembro mais do cheiro dela.

Suas mãos acariciam o tecido amarelo, e ela fica olhando para aquilo como se estivesse procurando algo oculto entre os fios entremeados.

— Eu só precisava tentar. Mas o cheiro não está aqui. Nem em mais nada.

Ele se senta ao lado dela.

— Talvez isso seja bom. Talvez seja melhor assim.

— Como isso poderia ser melhor... *Não é melhor.*

Ele não responde e percebe que ela se arrepende de ter se irritado com ele e suaviza a voz.

— Eu não sei se vou conseguir... Parece errado.

— Não é errado. É a coisa certa a fazer. Você mesma me disse isso.

O filho chama novamente.

— Ela diria para você ir. Ela diria que tudo vai se ajeitar. Ela diria que você é incrível.

Rosa não responde. Por um momento, permanece sentada, segurando a camiseta. Então pega a mão dele, dá um aperto leve e tenta sorrir.

— Tudo bem, ótimo. Vejo você daqui a pouco. — O assessor de Rosa Hartung desliga o telefone quando a vê descendo a escada em direção ao hall. — Cheguei cedo demais? Você quer que eu peça para a família real adiar a abertura até amanhã?

— Não. Estou pronta.

Rosa sorri diante da energia de Frederik Vogel, achando que é uma boa mudança. Quando Vogel está por perto, não há espaço para sentimentalismo.

— Bom. Vamos repassar o programa. Já recebemos muitas perguntas. Algumas boas, algumas previsíveis, e os tabloides...

— Vamos fazer isso no carro. Gustav, lembre que hoje é terça-feira e o seu pai vai te buscar. E ligue se precisar de qualquer coisa, está bem, meu amor?

— Eu sei.

O garoto assente, entediado, e Rosa mal tem tempo de acariciar o cabelo do filho antes que Vogel abra a porta para ela.

— Você também tem que conhecer o seu novo motorista e nós realmente precisamos discutir como vamos organizar algumas negociações...

Steen observa tudo pela janela da cozinha, tentando dar um sorriso

encorajador para a esposa enquanto ela cumprimenta o novo motorista e se acomoda no banco de trás. Quando partem, Steen sente uma onda de alívio.

— A gente não tem que ir agora? — pergunta o filho, e Steen consegue ouvi-lo vestindo o casaco e calçando as botas, lá no hall.

— Estou indo.

Steen abre a geladeira, pega um engradado de garrafinhas de bebida, abre a tampa de uma delas e vira o conteúdo. Sente o líquido descer queimando até o estômago. Depois coloca as outras garrafinhas na bolsa, fecha a geladeira e pega as chaves do carro na mesa da cozinha.

Tem alguma coisa na casa de que Thulin não gosta. A sensação começou no instante em que pisou no hall de entrada, já com as luvas e a proteção azul de plástico nos pés. Ela vê os sapatos da família bem arrumados embaixo do cabideiro. Quadros de flores, com molduras delicadas, decoram as paredes do corredor, e, quando entra no quarto, o aposento lhe parece imediatamente feminino e inocente, tudo em tons de branco, a não ser pelas persianas cor-de-rosa, que ainda estão fechadas.

— O nome da vítima é Laura Kjær, trinta e sete anos, enfermeira de um consultório dentário no centro de Copenhague. Parece que foi surpreendida ao ir para a cama. Seu filho de nove anos estava dormindo no quarto no fim do corredor, mas aparentemente não viu nem ouviu nada.

Thulin está olhando para a cama de casal, que só foi usada de um lado, enquanto recebe o relatório de um policial mais velho. Um abajur tinha caído da mesa de cabeceira e estava sobre o tapete branco felpudo.

— O garoto acordou e a casa estava vazia, não tinha ninguém. Ele preparou o próprio café da manhã, se vestiu e esperou pela mãe, mas quando ela não apareceu ele foi até a casa da vizinha, que veio aqui e não achou ninguém. Então ouviu o cachorro latindo nos fundos, onde acabou encontrando a vítima e ligou para nós.

— O pai já foi informado?

Thulin passa pelo policial, olhando rapidamente para o quarto da criança antes de voltar pelo corredor, o policial a seguindo de perto.

— De acordo com a vizinha, o pai morreu de câncer alguns anos atrás. A vítima conheceu outra pessoa seis meses depois, e eles decidiram morar juntos. O cara está em uma feira de negócios em algum lugar em Zelândia. Ligamos para ele assim que chegamos,

então ele logo deve estar aqui.

Pela porta aberta do banheiro, Thulin vê três escovas de dente elétricas, um par de chinelos no piso de ladrilhos, dois roupões em ganchos. Ela deixa o corredor e entra na cozinha aberta, onde a equipe forense, com seus macacões brancos, está ocupada em busca de evidências e impressões digitais. Os móveis são tão comuns quanto o bairro. Estilo escandinavo, muito provavelmente da Ikea e Ilva, três jogos americanos vazios sobre a mesa, um pequeno buquê de raminhos outonais enfeitada um vaso, almofadas no sofá e, na ilha da cozinha, uma única tigela funda com restos de cereal e leite, que ela supõe ter sido o café da manhã do menino. Na sala, há um porta-retratos digital mostrando um fluxo constante de imagens da pequena família para uma poltrona vazia ao lado. Mãe, filho e o suposto namorado sorrindo felizes. Laura Kjær é uma mulher bonita e esguia, com cabelo ruivo comprido, mas existe um ar de vulnerabilidade no seu olhar caloroso e compreensivo. É uma casa boa, mas mesmo assim tem alguma coisa ali de que Thulin não gosta.

— Sinais de arrombamento?

— Não. Verificamos todas as janelas e portas. Parece que ela estava assistindo à TV e tomou uma xícara de chá antes de ir para a cama.

Thulin dá uma olhada no quadro de recados na cozinha, mas tudo que vê são grades escolares, calendários, o horário de funcionamento da piscina pública, um folheto de um arborista, um convite para a festa de Halloween da associação de moradores e uma carta para lembrá-la do checkup no departamento pediátrico do Rigshospital. Normalmente é nesse ponto que Thulin se sobressai: notar coisas mínimas que se provam significativas. Houve um tempo em que isso era sua rotina. Voltar para casa, destrancar a porta e ler os sinais que indicavam se o dia seria bom ou ruim. Mas, nesse caso, não há nada para notar além da vida comum de uma família e sua rotina normal. O tipo de coisa que ela nunca terá e, por um momento, tenta dizer a si mesma que talvez seja disso que não gosta na casa.

— E os computadores, tablets e celulares?

— Até onde vimos, nada foi roubado, e o pessoal de Genz já empacotou e enviou todos os eletrônicos.

Thulin assente. A maioria dos ataques e assassinatos pode ser resolvida por esse caminho. Via de regra, sempre existem mensagens, ligações, e-mails ou conversas de Facebook para indicar o porquê de as coisas terem terminado daquele jeito, e ela fica sempre ansiosa para colocar as mãos nesse material.

— Que cheiro é esse aqui? Vômito?

Thulin de repente percebe o fedor pungente e desagradável seguindo-a pela casa. O policial mais velho fica corado e Thulin nota sua palidez.

— Sinto muito. Eu tinha acabado de voltar da cena. Achei que eu já estivesse acostumado... mas vou levar você até lá.

— Pode deixar que eu me viro. Só me avise quando o namorado aparecer.

Ela abre a porta da varanda para o jardim dos fundos enquanto o policial agradece com um gesto de cabeça.

O pula-pula já tinha visto dias melhores, assim como a estufa coberta de mato à esquerda da porta da varanda. À direita, a grama úmida se estende até a parede dos fundos de uma garagem de metal reluzente que, embora extremamente prática, não combina em nada com a casa branca e moderna. Thulin segue até o fim do jardim.

Do outro lado da cerca, vê refletores, policiais uniformizados e técnicos forenses vestidos de branco. Ela atravessa as árvores e os arbustos de folhas vermelhas e amarelas até chegar a um parquinho. Uma luz de flash brilha repetidamente na chuva, perto de uma casa de bonecas, e ela vê, de longe, Genz fotografando incansavelmente os detalhes da cena do crime enquanto orienta a equipe.

— Alguma coisa?

Simon Genz ergue o olhar da câmera com o rosto sério, mas quando a vê a expressão se suaviza com um leve sorriso. Genz deve ter uns trinta e poucos anos, e é um cara ativo: diziam que ele já tinha participado de cinco maratonas só naquele ano. Também era o chefe mais jovem que o Departamento Forense já teve. Thulin o considera uma das poucas pessoas que vale a pena escutar. Ele é inteligente, um nerd, e ela simplesmente confia no julgamento dele. Se mantém certa distância é só porque ele já a convidou para uma corrida um dia desses, e ela não aceitou. Durante os nove meses em que Thulin está na Homicídios, Genz foi a única pessoa com quem desenvolveu algum tipo de relacionamento, mas considera um romance com um colega de trabalho a coisa menos sexy do mundo.

— Oi, Thulin. Não muita. A chuva dificulta as coisas e já faz algumas horas desde que aconteceu.

— Já disseram alguma coisa sobre a hora da morte?

— Ainda não. O legista está logo ali. Mas a chuva começou por volta da meia-noite, e meu palpite é que foi mais ou menos quando

aconteceu. Se havia algum rasto óbvio na terra, já foi apagado pela água, mas não vamos desistir. Você quer ver o corpo?

— Sim, por favor.

A figura sem vida na grama foi coberta por um lençol branco do Departamento Forense. Estava encostada em uma das colunas que sustentavam o telhado da varanda da casa de bonecas, e a cena parecia quase pacífica: ao fundo, trepadeiras em tons de vermelho e amarelo explodiam em cores nos densos arbustos. Com cuidado, Genz levanta o lençol para revelar a mulher. Está jogada como uma boneca de retalhos, nua a não ser pela calcinha e uma camisa que já foi bege, mas agora está encharcada de chuva e manchas escuras de sangue. Thulin se aproxima mais, se abaixando para ver melhor. Uma fita adesiva preta dá a volta completa na cabeça de Laura Kjær, passando pela boca rígida e aberta e dando várias voltas em torno da cabeça e no cabelo ruivo. Um dos olhos foi escavado, então dá para ver a órbita profunda e escura, enquanto o outro fita cegamente o espaço. A pele nua e azulada está marcada com incontáveis arranhões, cortes e contusões, e os pés descalços estão esfolados. As mãos estão enterradas em um montinho de flores no seu colo, amarradas firmemente pelos pulsos com tiras grossas de plástico. Basta uma olhada para o corpo para que Thulin entenda por que o policial mais velho fraquejou. De forma geral, ela não tem problemas em examinar corpos. Trabalhar na Homicídios exige uma abordagem não sentimental para a morte, e qualquer pessoa que não consegue examinar um corpo deve trabalhar em outro lugar. Mas Thulin nunca viu ninguém tão brutalizado quanto aquela mulher apoiada na coluna da casa de bonecas.

— O legista vai dar mais detalhes, é claro, mas na minha opinião alguns desses ferimentos indicam que ela tentou fugir pela floresta em algum momento. Tentando voltar para casa ou fugindo de lá. Mas devia estar muito escuro e ela devia estar fraca demais por causa da amputação, que eu tenho certeza que foi feita antes de ela ser colocada nesta posição.

— Amputação?

— Segura isso aqui.

Genz lhe entrega distraidamente a pesada câmera com flash. Ele se aproxima do corpo, se agacha e usa a lanterna para erguer com cuidado os pulsos amarrados da mulher. O rigor mortis já se estabeleceu e os braços rígidos acompanham o movimento: Thulin percebe que Laura Kjær está sem a mão direita, que até então tinha imaginado estar apenas enterrada sob as folhas. O braço dela acaba de forma grotesca um pouco acima do pulso, onde um corte oblíquo e serrilhado expõe o osso e os tendões.

— Por ora, estamos supondo que isso aconteceu aqui fora, já que não encontramos nenhuma gota de sangue nem na garagem nem na casa. Pedi para o meu pessoal examinar a garagem com cuidado, é claro, em busca principalmente de fita adesiva, ferramentas de jardinagem e cabos, mas até agora não encontramos nada óbvio. Nem preciso dizer que também queremos saber por que ainda não encontramos a mão, mas estamos procurando.

— Será que um cachorro não pegou?

Era a voz de Hess; ele vem do jardim, passando pela cerca viva. Ele olha à volta por um instante, seus ombros estremecem sob a chuva e Genz o encara, surpreso. Por algum motivo, o comentário irrita Thulin, embora ela saiba que ele pode ter razão.

— Genz, este é Hess. Ele vai trabalhar com a gente por alguns dias.

— Bom dia. Bem-vindo. — Genz se aproxima para trocar um aperto de mãos com Hess, que apenas faz um gesto em direção à casa ao lado.

— Alguém ouviu alguma coisa? Os vizinhos?

Segue-se um ruído alto enquanto um trem passa abruptamente pelos trilhos molhados atrás do parquinho, então Genz é obrigado a gritar a resposta.

— Não, até onde sabemos ninguém ouviu nada! Os trens da linha S não passam com frequência durante a noite, mas, por outro lado, tem alguns cargueiros que passam por essa linha!

O som do trem morre, e Genz olha novamente para Thulin.

— Eu queria ter uma tonelada de evidências para você, mas neste momento não tenho nada a dizer. Só que eu nunca vi ninguém ser espancado dessa forma.

- O que é aquilo?
- Aquilo o quê?
- Ali.

Thulin continua agachada ao lado do corpo, mas agora está apontando para algo que Genz precisa se virar para ver. Atrás da mulher morta, na viga acima da varanda da casa de boneca, há algo pendurado em um fio. Genz estende a mão sob a viga e libera o objeto que agora balança livremente, para a frente e para trás. Duas castanhas em um tom escuro de marrom, uma em cima da outra, a de cima menor do que a de baixo. Dois buracos foram entalhados na castanha menor para representar olhos, e varetas de madeira fincadas na castanha maior representam braços e pernas. É um boneco simples, consistindo em duas esferas e quatro varetas, mas, por um breve instante, por algum motivo que ela não entende, ele faz o coração de Thulin quase parar.

- Um sr. Castanha. Será que devemos levá-lo para interrogatório?

Hess está olhando para ela com ar de inocência. Fica evidente que o clássico senso de humor policial também existe na Europol, e Thulin não responde. Ela e Genz só têm tempo para trocar um olhar antes de Genz ser interrompido por uma pergunta de alguém da equipe. Hess enfia a mão no bolso e pega o celular que está tocando de novo e, naquele momento, Thulin ouve um assovio vindo da casa. É o policial de antes, parado no jardim e fazendo sinal para a detetive. Ela se levanta e passa o olhar pelo parquinho cercado de folhas cor de bronze, mas não há nada mais para ver. Apenas balanços vazios, um trepa-trepa e um circuito de *parkour*, desolado e triste apesar de o exército de policiais e peritos andando por lá, debaixo de chuva, examinando a área. Thulin se vira para a casa. Quando passa por Hess, ele está falando em francês de novo, enquanto outro trem passa ribombando pelos trilhos.

No caminho para o centro da cidade no carro parlamentar, Vogel passa a agenda do dia. Todos os ministros do governo se encontrarão no Palácio de Christiansborg antes de seguirem para a capela real para a missa tradicional. Quando terminar, Rosa dará as boas-vindas à equipe no seu gabinete, localizado no Holmes Kanal em frente à praça do Palácio de Christiansborg, para onde deverá seguir a tempo da abertura oficial do parlamento.

O restante do dia também segue uma agenda apertada, mas Rosa insere algumas correções e atualizações no calendário do seu iPhone. Ela não precisa fazer isso, pois sua secretária acompanha tudo por ela, mas prefere assim. Isso a ajuda a perceber os detalhes, manter um senso de realidade e faz com que se sinta no controle. Principalmente nesse dia. Mas, quando o carro entra no pátio externo do parlamento, ela não está mais ouvindo as palavras de Vogel. Bandeiras dinamarquesas tremulam no mastro central, há vans da mídia espalhadas por lá, e ela observa as pessoas se preparando para entrar no ar ou já gravando suas reportagens para a câmera sob guarda-chuvas, iluminadas pelos fotógrafos.

— Asger, vamos contornar o prédio e seguir para a entrada dos fundos.

O novo motorista assente, mas Rosa não gosta da sugestão.

— Não. Pode me deixar aqui.

Vogel se vira para ela, surpreso, e o motorista a olha pelo retrovisor. Só agora ela nota que, apesar de ser jovem, existem rugas de expressão em volta de sua boca.

— Se não fizermos isso agora, eles vão continuar tentando o dia inteiro. Siga direto para a entrada e me deixe descer lá.

— Rosa, tem certeza?

— Tenho.

O carro desliza até o meio-fio, e o motorista salta e abre a porta para ela. Quando sai e começa a caminhar até os amplos degraus da entrada do palácio do parlamento, tudo parece se mover em câmera lenta: os câmeras se virando, os jornalistas se apressando em sua direção, boquiabertos e chamando:

— Ministra Rosa Hartung, um minuto, por favor!

Ela é atingida pela realidade. A multidão à sua volta explode, e ela é abordada pelas câmeras e pela saraivada de perguntas dos jornalistas. Consegue subir dois degraus antes de virar e olhar para a multidão, observando cada detalhe. As vozes, as luzes, os microfones, um chapéu azul enfiado sobre uma testa enrugada, um braço acenando, um par de olhos escuros tentando segui-la de longe.

— Ministra, a senhora tem alguma declaração?

— Como é estar de volta?

— A senhora poderia nos dar dois minutos de atenção?

— Ministra, aqui!

Rosa sabe que foi o assunto em pauta de diversas reuniões editoriais nos últimos meses — principalmente nos últimos dias —, mas ninguém previu essa decisão: estão despreparados, e foi exatamente por isso que Rosa optou por encarar tudo de frente.

— Para trás! A ministra vai fazer uma declaração.

Vogel abre caminho até ficar na frente dela, certificando-se de manter as pessoas afastadas. A maioria obedece à orientação, e Rosa analisa os rostos diante dela, muitos deles já conhecidos.

— Como bem sabem, tem sido um período muito difícil. Minha família e eu somos gratos por todo o apoio que recebemos. Estamos prestes a dar início a um novo ano parlamentar, e o momento é de olhar para o futuro. Quero agradecer ao primeiro-ministro por sua fé em mim, e estou ansiosa para mergulhar nos trabalhos políticos que me aguardam. Espero que vocês respeitem isso. Obrigada.

Rosa Hartung continua subindo as escadas, enquanto Vogel tenta abrir o caminho para ela.

— Mas ministra, a senhora está pronta para voltar?

— Como está se sentindo?

— Qual é a sensação de saber que o assassino nunca revelou a

localização do corpo da sua filha...

Vogel consegue levá-la até as grandes portas e quando ela alcança sua secretária — que está aguardando na soleira com a mão estendida —, é como ser resgatada de um mar agitado.

— Como pode ver, fizemos alguns ajustes na decoração por causa dos sofás novos, mas se você preferir os antigos...

— Não, tudo bem. Gosto que eles sejam novos.

Rosa acabou de entrar em seu gabinete no quarto andar do Ministério do Bem-Estar Social. Na Christiansborg, e depois, durante a missa, encontrou vários colegas, e foi bom se afastar de toda a atenção. Alguns a abraçaram, outros fizeram um gesto gentil e compassivo com a cabeça, e ela tentou se manter sempre em movimento — a não ser durante a missa, quando fez o máximo que pôde para se concentrar no sermão do bispo. Mais tarde, Vogel ficou para trás para falar com vários assessores de imprensa. Acompanhada por sua secretária e alguns assistentes, ela cruzou a praça do palácio e entrou no grande prédio cinzento que abrigava o Ministério do Bem-Estar Social. A ausência de Vogel era oportuna; agora podia se concentrar nas boas-vindas à equipe e na conversa com a secretária.

— Eu não sei como fazer isso, então vou ser bem direta: como você está?

Rosa conhece sua secretária bem o suficiente para compreender que ela tem as melhores intenções. Liu é descendente de chineses, casada com um dinamarquês, tem dois filhos e é uma das pessoas mais bondosas que Rosa conhece, mas ela ainda sente o impulso de se esquivar dessa pergunta tão pessoal.

— Não tem problema perguntar. Eu estou bem, considerando as circunstâncias, e não vejo a hora de começar logo a trabalhar. E você?

— Ah, sim. Está tudo bem. O bebê está tendo cólicas. E o mais velho... Mas está tudo bem.

— Essa parede parece um pouco vazia, não é?

Rosa aponta e sente que Liu está se esforçando para não meter os pés pelas mãos.

— Bem, as fotografias de família ficavam ali. Mas eu acho que é você quem decide. Tem algumas com vocês... Vocês todos juntos... E eu não sabia se você ia querê-las de volta.

Rosa olha para a caixa ao lado da parede e reconhece o canto de uma das fotos com Kristine.

— Vou resolver isso mais tarde. Quanto tempo eu tenho disponível para reuniões hoje?

— Não muito. Você vai receber a equipe daqui a pouco, e há a abertura oficial com o discurso do primeiro-ministro, e depois...

— Certo, mas eu já queria começar com as reuniões hoje. Nada muito grande, apenas entre as sessões, algo quase informal. Tentei enviar alguns e-mails no caminho, mas o sistema estava fora do ar.

— Temo que ainda esteja.

— Tudo bem. Então peça para Engells entrar que explico com quem eu quero falar.

— Infelizmente, ele não está. Saiu para cumprir uma tarefa.

— Agora?

Rosa a encara e de repente percebe que deve haver outro motivo para o nervosismo e a incerteza da secretária. O chefe de gabinete normalmente estaria de prontidão para ela em um dia como esse, e o fato de não estar não parece um bom sinal.

— Sim. Ele teve que ir porque... Ele mesmo pode explicar quando voltar.

— Voltar de onde? O que está acontecendo?

— Eu não sei bem. E tenho certeza de que tudo vai ser esclarecido, mas, como eu disse...

— Liu, o que está acontecendo?

A secretária hesita, parecendo profundamente infeliz.

— Sinto muito. Recebemos tantos e-mails maravilhosos de pessoas dando todo o apoio a você e desejando tudo de bom, e não consigo entender como alguém pode mandar algo como aquilo.

— Aquilo o quê?

— Eu não vi, mas acho que é uma ameaça. Pelo que Engells me contou, tem algo a ver com a sua filha.

— Mas eu falei com ela ontem à noite... Eu jantei e depois liguei para casa e não tinha nada estranho.

O companheiro de Laura Kjær, Hans Henrik Hauge, de quarenta e três anos, está sentado em uma das cadeiras da cozinha, ainda vestindo o casaco molhado e segurando as chaves. Os olhos estão vermelhos e inchados, e ele olha pela janela com uma expressão confusa, observando pessoas de branco no jardim e do outro lado da cerca viva, antes de voltar a olhar para Thulin.

— Como isso aconteceu?

— Ainda não sabemos. Sobre o que vocês conversaram?

Ela ouve um barulho e lança um olhar de esguelha para o cara da Europol, que está vagando por ali, abrindo gavetas e armários. Thulin percebe que ele consegue deixá-la exasperada mesmo quando não está falando.

— Nada especial. O que o Magnus disse? Eu quero ver ele.

— Daqui a pouco. Ela disse alguma coisa que pareceu que estava ansiosa ou...

— Não. Nós só conversamos sobre Magnus e então ela disse que ia para a cama porque estava cansada.

A voz de Hauge falha. Ele é alto e forte e está bem-vestido, mas também parece ser um homem gentil, e Thulin acha que talvez seja difícil continuar o interrogatório, se ela não pegar o ritmo.

— Há quanto tempo vocês se conhecem?

— Dezoito meses.

— Vocês são casados?

Os olhos de Thulin estão fixos nas mãos de Hauge, que tinha começado a mexer em um anel.

— Noivos. Eu dei um anel para ela. Nós íamos para a Tailândia nos casar no inverno.

- Por que a Tailândia?
- Nós dois já fomos casados. Então decidimos que queríamos que esse fosse diferente.
- Em qual das mãos ela usava o anel?
- Na mão direita, eu acho. Por quê?
- Só estou fazendo as perguntas de rotina, mas é importante que você responda a todas elas. Onde você estava ontem?
- Roskilde. Sou desenvolvedor de TI. Fui para lá ontem cedo, de carro, e ia ficar na feira até esta tarde.
- Então você saiu com alguém ontem à noite?
- Sim, com o meu chefe. Bem, eu voltei para o hotel por volta das nove ou dez. Quando cheguei, liguei para ela.
- Por que você não voltou para casa?
- Porque a empresa pediu para que eu passasse a noite lá, já que tínhamos reuniões bem cedo de manhã.
- E como eram as coisas entre você e Laura? Vocês estavam passando por algum problema ou...
- Nada disso. Estava tudo ótimo. O que eles estão fazendo na garagem?
- Hauge volta a olhar pela janela, dessa vez em direção à parte de trás da garagem, onde dois técnicos da equipe forense estão parados perto da porta.
- Estão procurando pistas, se houver alguma. Você consegue pensar em alguém que pudesse querer machucar Laura?
- Hauge a encara, mas é como se estivesse em outro lugar.
- Talvez tenha algo sobre ela que você não soubesse? Ela poderia estar saindo com outro homem?
- Não. Não mesmo. Eu quero ver Magnus agora. Ele precisa tomar o remédio.
- Qual é o problema dele?
- Não sabemos bem. Ele já recebeu tratamento no Rigshospital, e acham que ele tem alguma forma de autismo. Prescreveram um remédio para ansiedade. Magnus é um bom garoto, mas é muito reservado e só tem nove anos...

A voz de Hauge falha de novo. Thulin está prestes a fazer outra

pergunta, mas Hess é mais rápido:

— Você disse que as coisas estavam bem? Que não tinha nenhum problema?

— Foi o que eu *acabei* de dizer. Onde está o Magnus? Eu quero ver ele agora.

— Por que vocês trocaram as fechaduras da casa?

A pergunta vem do nada, e Thulin encara Hess. Ele questiona com um ar inocente, quase como quem não quer nada, enquanto tira algo de uma gaveta da cozinha. Um pedaço de papel com duas chaves brilhantes presas ali.

Hauge fica olhando boquiaberto para ele e para o papel.

— Este é um recibo de um chaveiro. Aqui está dizendo que a fechadura foi trocada no dia 5 de outubro às três e meia da tarde. Isso foi ontem. Em outras palavras, depois que você foi para a feira de negócios.

— Eu não sei. Magnus jogou as chaves fora algumas vezes, então nós conversamos sobre isso. Mas eu não sabia que a Laura já tinha...

Thulin se levanta e olha para o recibo, que pega das mãos de Hess. Ela o teria encontrado depois, quando revistasse a casa, mas decide aproveitar o momento, apesar da irritação.

— Você não sabia que Laura tinha mandado trocar as fechaduras?

— Não.

— Ela não mencionou isso quando conversaram ao telefone?

— Não... Acho que não.

— Pode haver algum outro motivo para ela não ter contado?

— Ela provavelmente ia me contar depois. Que diferença faz?

Thulin o encara sem responder. Hauge fica olhando para ela com olhos arregalados e confusos. Então ele se levanta e a cadeira cai no chão.

— Vocês não podem me manter aqui. Eu tenho direito de ver o Magnus. Eu quero ver ele agora!

Thulin hesita, então faz um gesto para o policial que está aguardando perto da porta dos fundos.

— Depois disso, vamos precisar tirar amostras de DNA e suas impressões digitais. Isso é importante para que possamos distinguir

entre as digitais que deveriam estar aqui e as que não deveriam. Entende?

Hauge concorda distraidamente e desaparece junto com o policial. Hess tira as luvas de látex, abotoa o casaco e pega a mala que tinha deixado em cima de um pedaço de plástico no corredor.

— Vejo você no necrotério. Acho que é uma boa ideia verificar o álibi desse cara.

— Valeu pela dica. Vou tentar me lembrar disso.

Hess assente, sem se deixar afetar, e sai da cozinha enquanto outro policial entra.

— Você vai conversar com o garoto agora? Ele está na casa dos vizinhos, dá para ver pela janela.

Thulin vai até a janela que dá para a casa vizinha e espia pela cerca viva. O garoto está sentado em uma cadeira ao lado de uma mesa branca, jogando algum tipo de video game. Ela só consegue vê-lo de perfil, mas é o suficiente para notar que há algo mecânico e vago no seu rosto e nos seus movimentos.

— Ele não fala muito, parece ser um pouco tímido, na verdade. Fala praticamente por monossílabos.

Thulin está observando o garoto enquanto ouve o policial, e por um momento vê a si mesma na enorme solidão que sabe que o garoto vai sentir hoje e por muitos anos. Mas então ele desaparece atrás de uma mulher mais velha, supostamente a vizinha, que entra na sala seguida por Hauge. Hauge começa a soluçar ao ver o garoto. Ele se abaixa e o abraça, o menino continua sentado ereto com as mãos no video game.

— Você quer que eu vá buscá-lo?

O policial está olhando para Thulin com impaciência.

— Eu perguntei...

— Não, vamos dar um tempo para eles. Mas eu quero que você fique de olho no namorado e peça alguém para verificar o álibi dele.

Thulin se afasta da janela e espera que o caso seja tão simples quanto parece. Por um momento, a imagem do sr. Castanha pendurado na casa de boneca passa pela sua mente. Ela não via a hora de começar a trabalhar para o NC3.

As janelas panorâmicas da empresa de arquitetura oferecem uma das vistas mais amplas da cidade. As mesas são organizadas em pequenas ilhas pela sala com iluminação natural, mas parece que o lugar está meio enviesado, já que a maioria dos funcionários está em volta da TV de tela plana pendurada no teto em um dos lados do salão. Com os projetos nos braços, Steen Hartung sobe a escada enquanto a tela, sintonizada no noticiário, acaba de mostrar as imagens da sua esposa chegando ao Palácio de Christiansborg. A maioria dos funcionários nota sua presença e se apressa a fingir que está trabalhando enquanto ele segue para o escritório. Apenas o seu sócio, Bjarke, olha para ele com um sorriso constrangido.

— Oi. Você tem um segundo?

Eles entram na sala de Steen e Bjarke fecha a porta.

— Acho que ela está lidando muito bem com tudo.

— Obrigado. Você já falou com o cliente?

— Já. Eles estão satisfeitos.

— Então por que ainda não fechamos o negócio?

— Porque eles estão sendo cautelosos. Eles querem mais desenhos, mas eu disse que você precisa de mais tempo.

— Mais desenhos?

— Como está tudo em casa?

— Eu posso fazê-los bem rápido, isso não é problema.

Steen abre espaço na mesa de desenho para colocar as brochuras, sua frustração aumentando enquanto seu sócio fica parado ali, olhando para ele.

— Steen, você está exigindo muito de si mesmo. Todos nós vamos compreender se você desacelerar um pouco e se der um tempo. Deixe os outros lidarem com a correria. Foi para isso que os contratamos.

— Só diga para o cliente que eu vou esclarecer a proposta em

alguns dias. Precisamos pegar esse trabalho.

— Mas isso não é o mais importante. Steen, estou preocupado com você. Eu ainda acho...

— Steen Hartung. — Ele atende o telefone no primeiro toque. A voz do outro lado se apresenta como secretária do seu advogado, e Steen dá as costas para o sócio, esperando que ele entenda a dica. — Sim, eu posso falar agora. Do que se trata?

Pelo reflexo do espelho na parede, Steen vê o sócio sair do escritório, enquanto a pessoa continua falando.

— Só estou ligando para repassar as informações que o senhor já deve ter recebido. O senhor certamente não precisa responder agora. Existem muitos bons motivos para aguardar, mas agora está chegando o aniversário do incidente, e só queríamos lembrá-lo de que o senhor tem o direito de começar os procedimentos para pedir o certificado de presunção de morte.

Por algum motivo, não era isso que Steen Hartung esperava ouvir. Sente uma onda de náusea e por um momento não consegue se mexer enquanto vê o próprio reflexo no vidro molhado de chuva da janela.

— Como o senhor já sabe, existem alguns procedimentos para casos de pessoas desaparecidas, mas em que não há dúvida sobre o desfecho. É claro que a decisão de começar os procedimentos agora é única e exclusivamente de vocês. Só entramos em contato para que o senhor saiba que podemos discutir...

— Nós queremos.

A voz do outro lado fica em silêncio por um instante.

— Conforme eu disse, isso não é algo que o senhor precisa...

— Por favor, me mandem os documentos, eu vou assiná-los e falo com a minha esposa pessoalmente. Obrigado.

E então ele desliga. Dois pombos molhados estão ciscando na cornija do lado de fora da janela. Steen olha para eles sem vê-los, e quando se mexe os pombos voam para longe.

Pega a garrafa na bolsa e despeja o conteúdo na xícara do escritório, antes de se sentar para trabalhar no desenho. As mãos estão trêmulas, e ele precisa usar as duas para segurar o calibrador. Ele sabe que é a decisão certa, e quer resolver logo tudo para que possam seguir em

frente. É uma coisa pequena, mas importante. Não se pode deixar que os mortos ofusquem os vivos. Foi o que disseram os psicólogos e terapeutas, e ele sente com todas as fibras do seu corpo que estavam certos.

— A mensagem chegou hoje mais cedo, enviada para o seu e-mail parlamentar oficial. O serviço de inteligência está tentando localizar o remetente e tenho certeza de que eles vão encontrá-lo, mas pode levar algum tempo. Sinto muito — declara Engells com gentileza.

Quando Rosa voltou ao gabinete depois de dar as boas-vindas à equipe, encontrou Engells aguardando por ela. Agora ela está de pé diante da janela atrás da sua mesa, e ciente de que o seu chefe de gabinete a está observando com um olhar compreensivo que ela acha insuportável.

— Eu já recebi e-mails de ódio antes. Geralmente são enviados por infelizes sem mais nada para fazer.

— Esse foi diferente. Mais odioso. Eles usaram imagens do Facebook da sua filha, que já foi apagado há mais de um ano, quando ela... desapareceu. Isso significa que é de alguém que tem interesse em você há muito tempo.

A informação abala Rosa, mas ela está determinada a esconder o choque.

— Eu quero ver.

— Já foi entregue para o Departamento de Inteligência e Segurança, e eles estão...

— Engells, você nunca entrega nada sem fazer pelo menos umas sete cópias. Eu quero ver.

O chefe de gabinete olha para ela meio incerto, mas acaba abrindo a pasta que trouxe e tira uma folha de papel, que coloca sobre a mesa. Rosa pega a folha e, a princípio, não consegue entender o que são os minúsculos fragmentos coloridos espalhados descuidadamente por ela. Mas então entende. Reconhece as selfies que Kristine tirou: deitada na quadra esportiva, rindo e suada com o uniforme de handebol; a caminho da praia com a nova bicicleta; durante uma guerra de neve

com Gustav, no jardim; toda arrumada em frente ao espelho no banheiro, fingindo ser uma modelo. Rosa é atingida por uma onda de perda e luto, até seus olhos caírem na frase que foi escrita para ela. “Bem-vinda de volta. Você vai morrer, sua piranha.” As palavras foram arrumadas acima das imagens em um arco de letras vermelhas, e a mensagem parece mais maligna por ter sido escrita com uma caligrafia trêmula e infantil.

Quando Rosa volta a falar, se esforça para soar normal:

— Não é o primeiro louco com o qual temos que lidar. Em geral, não é nada demais.

— Não, mas essa...

— Não vou permitir que me intimidem. Vou fazer o meu trabalho enquanto o Departamento de Inteligência faz o dele.

— Nós achamos que você deveria pedir seguranças. Eles poderão protegê-la se...

— Não, nada de seguranças.

— Por que não?

— Porque eu não acredito que seja necessário. A mensagem tem um objetivo bem claro. Foi escrita por algum louco infeliz que quer ficar escondido atrás de uma tela e, de qualquer forma, a minha família não precisa lidar com mais coisa agora.

Engells a encara com uma expressão levemente surpresa, a mesma que faz nas raras ocasiões em que Rosa menciona algo ligado à sua vida pessoal.

— Nós precisamos de normalidade para podermos seguir em frente.

O chefe de gabinete está prestes a dizer alguma coisa, e Rosa vê que ele não concorda.

— Engells, eu realmente agradeço a sua preocupação, mas se é só isso, eu gostaria de ir à câmara legislativa para o discurso de abertura do primeiro-ministro.

— Claro. Vou passar suas instruções.

Rosa sai pela porta e encontra Liu esperando. Engells a observa sair, e Rosa sente que ele ainda vai ficar lá por um longo tempo.

O grande prédio retangular com sua capela adjunta fica na avenida movimentada entre os distritos de Nørrebro e Østerbro. Ali perto, a cidade está cheia de vida, com muitos carros e pedestres apressados, e vozes felizes podem ser ouvidas nos parquinhos e pistas de skate na Common. No entanto, na construção retangular com suas quatro salas estéreis de autópsia e o arquivo frio no porão, é impossível não pensar na morte e na efemeridade de tudo. Há um senso de irrealidade ali. Thulin já foi várias vezes ao Departamento de Medicina Forense, mas nunca se acostuma e fica ansiosa para passar logo pelas portas vaivém e pelo corredor longo demais pelo qual está caminhando. Tinha acabado de assistir ao legista examinar o corpo de Laura Kjær, e agora está tentando falar com Genz. A mensagem de voz da secretária eletrônica começa a repetir o convite automático para deixar um recado, mas Thulin desliga e tenta novamente, impaciente. Genz tinha prometido entregar transcrições preliminares da correspondência de e-mail de Laura Kjær, assim como todas as suas mensagens de texto e histórico de ligações até as três da tarde, mas já são quase três e meia e ela ainda não teve notícias. Em geral Genz é muito pontual, e Thulin nunca soube de nenhuma vez em que ele furou um horário. Na verdade, ele nunca deixou de atender a uma ligação dela antes.

O exame do corpo não revelou nenhuma evidência nova e crucial. O convidado da Europol, ou sabe-se lá de onde, não apareceu — é claro — conforme o combinado, e Thulin não se preocupou em esperar nem meio segundo por ele. Ela simplesmente pediu para o legista começar. O cadáver de Laura Kjær estava na mesa de autópsia enquanto o legista passava por suas anotações na tela e conversava sobre o seu dia incomumente ocupado. Houve vários acidentes de trânsito, declarou

ele, supostamente por causa da chuva forte. Depois do comentário, ele começou a trabalhar de forma sistemática. O conteúdo estomacal revelou um jantar que consistiu em sopa batida e salada de frango com brócolis, acompanhadas por uma xícara de chá — embora ela possa ter sido ingerida um pouco mais cedo. Thulin pediu para ele pular direto para a parte útil. O legista costumava reagir com impaciência àquele tipo de pedido.

— Thulin, é como pedir para Per Kirkeby explicar seus quadros!

Mas ela insistiu. O dia ainda não tinha trazido nenhuma das respostas que Thulin esperava, e, enquanto o legista lia suas anotações em voz alta, ela ouvia o barulho da chuva batendo no telhado como se estivesse batucando em um caixão.

— Existem diversas perfurações e lacerações e ela sofreu entre cinquenta e sessenta golpes com um porrete feito de aço ou alumínio. Não consigo determinar o tipo exato de porrete, mas, julgando pelas marcas, é equipado com uma esfera do tamanho de uma mão, cravejado com pontas pequenas e afiadas de dois ou três milímetros de comprimento.

— Como uma maçã?

— Teoricamente, sim, mas *não é* uma maçã. Fiquei imaginando se não poderia ser alguma ferramenta de jardinagem, mas não cheguei a nenhuma conclusão. As amarras nos punhos impediram qualquer defesa. Ela também caiu diversas vezes no chão, o que provocou mais escoriações.

Thulin já sabia de quase tudo aquilo, depois da conversa com Genz: estava mais interessada em saber se havia qualquer evidência que apontasse para o namorado.

— Sim e não — foi a resposta, o que a deixou irritada. — Até o momento, o meu exame revelou o DNA dele na calcinha, camisa e corpo dela, mas não mais do que o esperado se ela dormiu na cama que eles compartilhavam.

— Sinais de estupro?

O legista rejeitou a possibilidade — isso excluía uma motivação sexual.

— A não ser que alguém considere que existe algum impulso sexual

por trás da punição sádica.

Thulin pediu para ele explicar melhor e o legista declarou que Laura Kjær tinha sido torturada.

— Ele deve ter visto que ela estava sofrendo. Se quisesse só matá-la, poderia ter feito isso bem rápido. Ela deve ter perdido a consciência várias vezes durante o ataque, e a minha suposição é que isso durou uns vinte minutos antes do golpe no olho, que foi a provável causa da morte.

A ferida deixada no lugar da mão direita, que ainda não tinha sido localizada, também não ofereceu nenhuma pista. O legista não conseguiu determinar que tipo de ferramenta tinha sido usada para amputá-la, mas sugeriu que amputações eram comuns entre gangues de motoqueiros — embora, via de regra, eles se contentassem com arrancar os dedos de quem lhes devia dinheiro, e os instrumentos que costumavam usar eram tesouras de açougueiro, espadas de samurai e coisas do tipo. Ele não podia confirmar se esse era o caso ali.

— Cortador de grama? Tesoura de poda? — perguntou Thulin, pensando nas ferramentas na garagem em Husum.

— Não, foi definitivamente algum tipo de serrote. Possivelmente circular ou elétrico. O mais provável é que fosse movido a algum tipo de bateria, considerando que o assassino serrou a mão dela no meio de um parquinho. Diante de tudo, eu diria que foi com uma lâmina circular diamantada ou alguma similar.

— Uma lâmina diamantada?

— Existem muitos tipos de serras, dependendo do objetivo. As diamantadas são as mais robustas. Elas costumam ser usadas para cortar ladrilho, concreto ou tijolos, e podem ser compradas em lojas de material de construção. O corte é rápido. Por outro lado, a lâmina estava evidentemente cega porque a laceração está mais desigual e irregular do que veríamos com uma lâmina afiada. De qualquer forma, a amputação deve tê-la deixado bem debilitada.

Então Laura Kjær estava viva quando a amputação aconteceu: a ideia era tão desagradável que Thulin não ouviu o que o legista disse em seguida e teve que pedir que ele repetisse. Considerando os outros ferimentos, Laura Kjær tinha tentado fugir novamente, tonta e cada

vez mais incapacitada pela perda de sangue, até que aparentemente ficou tão fraca que não ofereceu resistência quando o assassino a levou para o lugar de execução do lado de fora da casinha de boneca. Por um momento, Thulin imaginou a mulher correndo no mais completo breu, com o perseguidor em seu encalço, e na sua cabeça surgiu a cena que ela tinha testemunhado em um verão da infância: uma galinha sem cabeça correndo em pânico em volta da fazenda do amigo. Afastando a imagem, Thulin perguntou sobre as unhas, boca e marcas na pele da vítima, mas, além dos ferimentos, o legista já tinha mencionado que não havia evidência de contato físico com o assassino. Comentou, porém, que a chuva poderia ter alguma coisa a ver com a ausência de provas.

A ligação de Thulin cai na caixa-postal de Genz pela terceira vez quando ela passa pela porta vaivém. Então deixa uma mensagem sucinta, reforçando que Genz deve ligar para ela assim que possível. Ainda está chovendo forte do lado de fora, e Thulin se encolhe no casaco e decide que é melhor voltar para o prédio enquanto espera. A essa altura, eles já confirmaram que Hans Henrik Hauge saiu da feira de negócios na noite anterior por volta das nove e meia da noite, após ter tomado uma taça de vinho branco com um dos seus chefes e dois colegas da Jutland enquanto conversavam sobre um novo *firewall*. Depois disso, porém, o álibi de Hauge fica fraco. Ele realmente fez o check-in no hotel, mas ninguém conseguiu confirmar com certeza que o Mazda preto ficou estacionado lá a noite inteira. Em tese, ele poderia muito bem ter voltado de carro para a casa em Husum e depois retornado ao hotel, mas não têm evidências que justifiquem uma investigação mais profunda no carro de Hauge — por isso ela precisa de Genz e dos resultados dos exames forenses.

— Desculpe. Demorei um pouco.

Hess entra no necrotério passando pelas portas de vaivém, deixando pequenas poças no chão, e dá uma sacudida no casaco encharcado.

— Não consegui encontrar o corretor. Está tudo bem?

— Tranquilo.

Thulin passa pelas portas sem olhar para trás. Saindo na chuva,

corre até o carro, tentando não se molhar mais do que o necessário. Consegue ouvir Hess atrás de si.

— Não sei para onde você está indo, mas posso pegar os depoimentos de colegas de trabalho da vítima ou...

— Não precisa, eu já fiz isso. Não se preocupe.

Thulin abre a porta e entra, mas, antes de conseguir fechá-la, Hess a segura. Ele estremece na chuva.

— Acho que você não entendeu o que eu disse. Sinto muito sobre o atraso, mas...

— Eu entendi *muito bem*. Você fez alguma merda em Haia, alguém te mandou para a delegacia daqui até receber sinal verde para voltar, mas você não está nem aí para o trabalho e só está passando o tempo e fazendo o mínimo de esforço.

Hess não se afasta, apenas se empertiga e a encara com aqueles olhos que Thulin ainda estranha.

— Bem, o trabalho de hoje não foi o mais difícil do mundo.

— Eu estou tentando facilitar as coisas. Você se concentra em Haia e no seu apartamento e eu não vou contar nada para Nylander, está bem?

— Thulin!

Ela olha na direção da entrada, onde o legista saiu e está embaixo de um guarda-chuva.

— Genz pediu para avisar que não está conseguindo falar com você, mas que é para você ir direto para o Departamento Forense.

— Por quê? Por que ele não me ligou?

— Tem uma coisa que você precisa ver. Ele disse que se você não vir pessoalmente vai achar que ele está de onda com a sua cara.

A nova sede do Departamento Forense Criminal fica na região noroeste da cidade e parece um cubo. Está começando a escurecer entre as bétulas no estacionamento, mas nos laboratórios acima da enorme garagem eles ainda estão trabalhando.

— Mensagens de texto, e-mails, telefonemas, você verificou tudo?

— O pessoal de TI ainda não encontrou nada de significativo, mas, de qualquer forma, isso não é tão importante quanto o que eu tenho para te mostrar.

Thulin segue Genz, que acabou de encontrá-los na recepção para confirmar que ela e Hess estão ali a convite dele. Hess insistiu em acompanhá-la, mas provavelmente apenas para ela não dizer que ele está negligenciando a investigação. No carro a caminho dali, o cara deu uma olhada distraída nos relatórios de autópsia, e Thulin não achou necessário discutir o caso com ele. O percurso a deixou um pouco nervosa, assim como a resposta enigmática de Genz, mas ele não dá sinais de que vai oferecer mais explicações até chegarem ao laboratório.

Há grandes partições de vidro fosco por todos os lados. Os técnicos forenses estão trabalhando como abelhinhas em volta de suas mesas, e uma quantidade enorme de aparelhos de ar-condicionado e termostatos garantem que a temperatura e a umidade sejam mantidas no nível adequado para os testes que são conduzidos nos diversos compartimentos de vidro. É no Departamento Forense que o material coletado de cada cena de crime é examinado e avaliado. Na maioria das vezes é a evidência forense que determina a direção que um caso vai tomar, e durante sua breve passagem pela Homicídios, Thulin viu o departamento realizar exames meticulosos em diversos itens, como peças de vestuário, roupa de cama, tapetes, papel de parede, alimentos, veículos, vegetação e solo; em teoria, a lista é infinita. O

escritório do legista e o Departamento Forense são os dois braços científicos de qualquer investigação, e ambos identificam evidências para o promotor usar posteriormente para assegurar a condenação.

Desde a década de 1990, o Departamento Forense também é responsável pelas evidências digitais, incorporando um subdepartamento que investiga os itens tecnológicos das vítimas e dos suspeitos. Com um foco crescente em crimes cibernéticos desde 2014, como invasões a computadores e terrorismo internacional, essas responsabilidades começaram a ser gradualmente transferidas para o NC3, mas, por questões práticas, o departamento ainda conduz tarefas menores e locais, tais como a análise dos computadores e dos celulares da casa de Laura Kjær.

— E quanto às outras evidências? O quarto? A garagem? — Thulin está impaciente ao entrar no grande laboratório de Genz.

— Não. Mas antes de eu dizer mais alguma coisa, preciso saber se podemos confiar nele.

Genz fecha a porta e faz um gesto em direção a Hess. Embora Thulin fique feliz com essa demonstração explícita de cautela em relação ao estranho, isso também a pega de surpresa.

— Como assim?

— O que eu tenho a dizer é uma informação grande, e não quero correr o risco de vazar. Não é nada pessoal, espero que você compreenda — disse ele para Hess, que permaneceu impassível.

— Ele foi aceito como investigador pelo Nylander. E, já que está aqui, eu diria que podemos confiar nele.

— Estou falando sério, Thulin.

— Eu me responsabilizo. Agora diga o que você descobriu.

Genz hesita por um momento antes de se virar para o teclado e começar a digitar rapidamente um código de acesso com uma das mãos, enquanto estende a outra para pegar os óculos de leitura em cima da mesa. Thulin nunca viu Genz desse jeito, sério e exultante ao mesmo tempo. E espera um motivo mais sensacional para esse humor do que a impressão digital que aparece na grande tela de alta definição na parede acima de sua imponente mesa de trabalho.

— Eu encontrei essa impressão digital por acaso. Nós decidimos

examinar as digitais encontradas na casa de bonecas onde o corpo foi achado, só para o caso de o assassino ter se apoiado nas colunas, ou talvez se ferido em um prego ou algo assim. É claro que foi uma perda de tempo. O lugar estava cheio de digitais, provavelmente das crianças que brincam ali. Mas, pelo mesmo motivo, fizemos uma análise de rotina no bonequinho de castanha, porque estava pendurado bem perto do corpo.

— Genz, o que tem de tão importante?

— A digital estava na castanha de baixo do boneco. Na parte que você pode chamar de corpo. Foi a única impressão digital encontrada no sr. Castanha. Eu não sei se você sabe, mas, quando falamos sobre identificação de impressões digitais, costumamos procurar dez pontos de comparação. Com essa impressão, infelizmente, só foi possível estabelecer cinco, porque está borrada. Mas, em tese, cinco pontos são o suficiente. Isso já aconteceu em vários julgamentos...

— Suficiente para quê, Genz?

Enquanto falava, Genz apontou com uma caneta eletrônica os cinco pontos na impressão digital no tablet sobre a mesa, mas agora ele solta a caneta e olha para Thulin.

— Desculpe. Suficiente para estabelecer que a impressão digital no sr. Castanha, ou melhor, que pelo menos cinco pontos dessa digital são idênticos à impressão digital de Kristine Hartung.

Por um breve instante, Thulin se esquece de respirar. Ela não sabe bem que tipo de bomba esperava, mas imaginou que, no mínimo, fosse ser algo que estivesse em seu sistema solar.

— A correspondência foi obtida pelo computador à medida que ele identificou os cinco pontos. É um processo completamente automático, porque o material é conectado com o banco de dados com milhares de impressões digitais de casos anteriores. Em geral, é claro, nós gostamos de ver mais pontos. Dez é o mais comum, mas, como eu disse, cinco pontos é o suficiente para...

— Kristine Hartung foi dada como morta. — Thulin recuperou a compostura, e quando continua sua voz está exasperada: — A investigação concluiu que ela foi assassinada um ano atrás. O caso foi resolvido e o assassino foi condenado.

— Eu sei disso.

Genz tira os óculos e olha para ela.

— Só estou dizendo que essa impressão digital...

— Mas deve ser algum erro.

— Não tem erro nenhum. Eu refiz esse teste uma vez atrás da outra por três horas porque eu não queria dizer nada até ter certeza. Mas agora eu tenho. Considerando cinco pontos de comparação, temos uma correspondência.

— Que programa você está usando?

Hess se levanta da cadeira onde se sentou para ficar mexendo no celular e Thulin nota uma expressão nova e alerta no seu rosto. Ela ouve Genz explicar cautelosamente o sistema dactiloscópico que usa, e ouve Hess confirmar que é o mesmo sistema usado pela Europol.

Genz ergue o olhar, surpreso e satisfeito ao descobrir que o convidado conhece o sistema, mas Hess não retribui o entusiasmo.

— Quem é Kristine Hartung? — pergunta ele.

Thulin desvia o olhar da digital na tela e encara diretamente o olho verde e o azul do homem ao seu lado.

A chuva parou e os campos de futebol estão desertos. Ele vê uma única pessoa surgir por entre as árvores e atravessar o gramado molhado do AstroTurf, que brilha sob as luzes. É só quando ela passa pela última trave do gol e se aproxima da barreira de concreto que dá para o estacionamento vazio que ele começa a perceber que é realmente ela. Está usando as mesmas roupas do dia em que desapareceu e caminha com aquele jeito que ele conhece tão bem. Ele sempre seria capaz de localizá-la no meio de milhares de outras crianças pelo jeito que ela anda. Quando ela vê o carro, começa a correr, e ele vê seus lábios se abrirem em um sorriso enquanto o capuz escorrega da cabeça e a luz ilumina seu rosto. As bochechas estão coradas por causa do frio. Ele já consegue sentir o cheiro dela, e sabe exatamente como vai ser abraçá-la bem apertado. Ela dá uma risada e chama por ele, como já fez tantas vezes antes, e todo o seu corpo parece prestes a explodir quando ele abre a porta e a abraça, começando a rodá-la.

— O que você está fazendo? Vamos embora!

A porta de trás bate com força. Steen Hartung acorda, confuso. Tinha dormido com a cabeça apoiada no vidro. Seu filho está sentado no banco de trás entre bolsas e raquetes, enquanto as outras crianças passam de bicicleta, olhando para Steen e rindo entre si.

— Você já acabou...

— Vamos embora logo.

— Eu preciso achar a chave.

Steen procura a chave na escuridão, abrindo a porta para acender as luzes e, por fim, a encontra no tapete abaixo do volante. Seu filho se encolhe no assento, enquanto os últimos garotos passam por ele.

— Aha... *Aqui* está.

Steen fecha a porta.

- Foi tudo bem no...
- Eu não quero mais que você venha me buscar.
- Como assim...
- O carro está fedendo.
- Gustav, eu não sei...
- Eu também sinto saudade dela, mas eu não bebo!

Steen congela. Ele olha para as árvores e sente o peso de mil folhas mortas ensopadas enterrando-o. Pelo retrovisor, vê o filho olhando pela janela com olhar sério. Ele só tem onze anos, e suas palavras deveriam soar engraçadas, mas não soam. Steen quer dizer alguma coisa, dizer que é mentira, que o garoto está confundindo as coisas, soltar uma sonora gargalhada e fazer alguma piada para fazer o filho rir, porque ele nunca mais ri, e já faz muito tempo desde a última vez.

— Sinto muito... Você tem razão.

A expressão de Gustav não muda. Ele só fica olhando para o estacionamento vazio pela janela.

— Eu cometi um erro. Eu vou parar com isso...

Nenhuma resposta ainda.

— Eu entendo que você não acredite, mas estou falando sério. Isso não vai mais acontecer. A última coisa que eu quero na vida é deixar você infeliz. Está bem?

— Posso brincar com Kalle antes do jantar?

Kalle é o melhor amigo de Gustav e mora no caminho da casa deles. Steen lança um último olhar pelo retrovisor antes de ligar o carro.

— Claro, filho.

— E aí? O que aconteceu depois?

— Bem, aí a oposição começou. E foi uma loucura... Lembra aquela mulher bonita do Red-Greens, com óculos de armação de tartaruga?

Steen está em frente ao grande fogão, provando a comida e assentindo com um sorriso. O rádio está ligado, e Rosa está servindo uma taça de vinho. Ela está prestes a servir uma para ele também, mas Steen faz sinal de que não quer.

— Aquela mulher que bebeu demais na festa de Natal e foi mandada para casa?

— Essa mesmo. Ela se levantou de um salto na Câmara e começou a insultar o primeiro-ministro enquanto o presidente da assembleia tentava obrigá-la a se sentar. Só que aí ela passou a insultar o próprio *presidente da assembleia*. E ela já tinha se recusado a sair quando Sua Majestade entrou, então metade da assembleia começou a vaiá-la, e por fim ela ficou tão furiosa que jogou as anotações para cima e os papéis voaram pelo salão, junto com a caneta e o estojo dos óculos.

Rosa está rindo, e Steen sorri. Ele nem lembra a última vez que ficaram na cozinha conversando daquele jeito, mas parece fazer muito tempo. Ele afasta a outra coisa dos pensamentos. A coisa em que não consegue pensar — a coisa que o deixa triste. Os olhares deles se encontram enquanto sorriem e, por um momento, nenhum dos dois fala.

— Estou feliz porque você teve um bom dia.

Ela assente e toma um gole de vinho — um pouco rápido demais, pensa ele, mas ainda está sorrindo.

— E eu ainda nem contei sobre o novo porta-voz do Partido do Povo. — O celular dela começa a tocar sobre a mesa da cozinha. — Mas eu conto sobre isso depois. Vou trocar de roupa enquanto oriento a Liu sobre um memorando para amanhã.

Ela pega o telefone e ele a ouve conversar enquanto sobe a escada. Steen coloca o arroz para cozinhar e, quando a campainha toca, não se surpreende: deve ser Gustav, voltando da casa de Kalle e com preguiça de procurar a própria chave.

Quando a porta da frente da *villa* se abre e Thulin olha para Steen Hartung, arrepende-se imediatamente de ter ido até lá. Ele está de avental, segurando um copo medidor, há alguns grãos de arroz nas mãos, e sua expressão deixa bem claro que estava esperando outra pessoa.

— Steen Hartung?

— Pois não?

— Sentimos muito incomodá-lo. Somos da polícia.

A expressão no rosto do homem muda. É como se alguma coisa se quebrasse dentro dele ou como se fosse trazido de volta para uma realidade da qual tinha se esquecido por um tempo.

— Podemos entrar?

— Do que se trata?

— Vai levar apenas um minuto, mas é melhor conversarmos lá dentro.

Thulin e Hess olham constrangidos ao redor da sala espaçosa, enquanto aguardam em silêncio. Além das portas de vidro que dão para o pátio, as luzes do jardim estão apagadas. A mesa de jantar está posta para três pessoas sob um grande lustre Arne Jacobsen, e o aroma de ensopado vem da cozinha. Thulin sente um impulso repentino de sair correndo antes que Steen Hartung volte. Ela lança um olhar para o colega, que está de costas para ela. Sabe que não pode esperar nenhuma ajuda dele.

Depois da conversa com Genz no Departamento Forense, Thulin telefonou para Nylander, que atendeu irritado por ser interrompido em uma reunião. Seu humor não melhorou muito quando ela explicou o motivo da ligação. Primeiro ele ficou incrédulo, insistindo que só

podia ser um erro, mas, ao saber que Genz tinha refeito o teste um milhão de vezes, ficou em silêncio. Apesar de sua impressão geralmente negativa do departamento, Thulin sabia que Nylander estava longe de ser burro, então ficou claro que ele levou a informação a sério. Disse que deveria existir alguma explicação lógica, alguma conexão simples sobre a qual eles não sabiam, por isso os enviou à casa da família Hartung. Pessoalmente, Thulin não conseguia imaginar nenhuma explicação lógica.

Hess não tinha falado muito. No caminho, Thulin contou a versão resumida do caso de Kristine Hartung. Ela não estava no departamento na época, mas naturalmente o caso foi assunto de muitas conversas na delegacia e houve muita cobertura da mídia depois que foi encerrado. Aliás, ele ainda está encerrado. Kristine Hartung era filha de Rosa Hartung, uma política e ministra do Bem-Estar Social que acabou de retornar ao trabalho. A filha de doze anos desapareceu no caminho de casa, voltando de um treino esportivo, menos de um ano antes. Sua bolsa e bicicleta foram encontradas na floresta e, algumas semanas depois, um jovem nerd chamado Linus Bekker foi preso. O cara tinha vários crimes sexuais em sua ficha, e o peso das evidências forenses foi decisivo. Durante o interrogatório na delegacia, Bekker confessou ter violentado Kristine antes de estrangulá-la e cortar seu corpo em pedacinhos com um facão — manchado com o sangue de Kristine — descoberto em sua garagem. De acordo com o próprio testemunho, ele enterrou as diversas partes do corpo em diferentes locais da floresta na parte norte de Zelândia, mas Bekker, que foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide, não foi capaz de mostrar as localizações exatas para a polícia e, depois de dois meses de uma investigação intensa, envolvendo muitos recursos, eles desistiram quando o chão começou a congelar, tornando a tarefa impossível. Bekker foi condenado na primavera sob um poderoso escrutínio midiático e recebeu a punição mais dura possível: detenção em um manicômio por período indeterminado. Na realidade, aquilo queria dizer que ele ficaria trancafiado lá por pelo menos quinze ou vinte anos.

Thulin ouviu o rádio ser desligado e Steen Hartung volta da cozinha.

— A minha esposa está lá em cima. Se vocês estão aqui porque... — Ele gagueja em busca das palavras. — Se foi sobre algo que vocês encontraram... Eu gostaria de saber antes de contar para a minha esposa.

— Nós não encontramos nada. Não tem a ver com isso.

O homem olha para ela. Está aliviado, mas também cauteloso e procurando entender: ele sabe, é claro, que deve existir um motivo para estarem ali.

— Estávamos examinando uma cena de crime hoje mais cedo e encontramos um objeto com uma impressão digital que muito provavelmente pertence à sua filha. Para ser bem específica, a impressão digital foi encontrada em um bonequinho feito com castanhas. Trouxe uma fotografia do boneco e gostaria que o senhor desse uma olhada.

Ela estende a fotografia, mas Steen Hartung só olha de relance, parecendo ter mergulhado em um estado de total perplexidade, antes de encarar Thulin novamente.

— Não é cem por cento certo que a impressão seja *realmente* dela, mas existe uma grande probabilidade que sim, então precisamos tentar descobrir o motivo de a termos encontrado.

Hartung pega a foto que Thulin colocou sobre a mesa de jantar.

— Eu não entendo. Uma impressão digital...?

— Exatamente. Nós encontramos em um parque em Husum. No número sete da rua Cedervænget, para ser bem precisa. Esse parque e esse endereço específicos significam alguma coisa para o senhor?

— Não.

— E quanto a uma mulher chamada Laura Kjær? Ou seu filho, Magnus, ou um homem chamado Hans Henrik Hauge?

— Não.

— É possível que sua filha talvez conhecesse a família? Ou outra família da região? Ou talvez tivesse algum amigo por lá ou tenha visitado alguém ou...

— Não. Nós moramos aqui. Eu não entendo o que isso significa.

Por um momento Thulin não sabe o que dizer.

— Deve haver uma explicação lógica. Se a sua esposa estiver em

casa, nós poderíamos perguntar sobre...

— Não. Vocês não vão perguntar nada para a minha esposa. — Hartung os fulmina com o olhar.

— Sentimos muito, mas precisamos descobrir o que isso significa.

— Eu estou pouco me fodendo. Vocês não vão falar com a minha esposa. As minhas respostas valem tanto quanto as dela. Nós não sabemos nada sobre essa impressão digital e não conhecemos o lugar que vocês mencionaram, e eu não entendo por que isso é tão importante!

Steen Hartung percebe de repente que Thulin e Hess estão olhando para algo atrás dele. Sua esposa tinha descido a escada e está olhando para eles do hall.

Por um momento, ninguém diz nada. Rosa Hartung entra na sala de estar e pega a fotografia que Steen largou, cheio de raiva. Thulin pensa novamente em sair correndo e está cada vez mais irritada com Hess, que se mantém totalmente em silêncio.

— Sinto muito incomodá-la. Nós...

— Eu ouvi.

Rosa Hartung observa a foto do sr. Castanha como se esperasse encontrar alguma coisa. O marido começa a levá-los em direção à porta.

— Eles já estão de saída. Eu já disse que não sabemos de nada. Então, se nos derem licença.

— Ela os vendia na estrada principal...

Steen Hartung para perto da porta e se vira para a esposa.

— Todo outono. Com Mathilde, uma colega da escola. Elas se sentavam aqui e faziam um monte deles...

Rosa Hartung olha da foto para o marido e Thulin pode ver claramente o momento em que a lembrança cruza sua mente.

— Vendiam como? — pergunta Hess, aproximando-se.

— Elas tinham uma banquinha. Ofereciam para pedestres ou pessoas que paravam de carro. Elas também faziam bolos e suco. Dava para comprar o lanche e um desses bonecos...

— E elas fizeram isso no ano passado também?

— Fizeram... Elas se sentaram bem aqui, nesta mesa. Colheram as

castanhas no jardim e se divertiram bastante. No verão, elas organizavam um bazar, mas... mas ela gostava mais do outono, se tivéssemos tempo de fazer isso juntas. Eu me lembro porque foi no fim de semana anterior... — A voz de Rosa morre. — Por que isso é importante?

— É algo que precisamos investigar. Em relação a outro caso.

Rosa não fala mais nada. O marido está a um passo de distância, e é como se ambos estivessem prestes a desmoronar. Thulin pega a foto como se fosse um salva-vidas.

— Muito obrigada pelas informações. Temos tudo de que precisamos. Pedimos desculpas pela interrupção.

Thulin olha de relance para o reflexo de Hess no espelho retrovisor enquanto acelera, e logo ele some de vista. Quando ela abriu a porta do carro em frente à *villa* dos Hartung, ele olhou por cima do ombro para a porta da casa e disse que preferia ir andando, o que para ela está ótimo. Ela pega a primeira saída do bairro e faz duas ligações no caminho. A primeira é para Nylander, que atende na mesma hora. Ele claramente estava esperando por ela. Thulin consegue ouvir a esposa e os filhos dele ao fundo, e quando conta o resultado da visita à casa dos pais de Kristine Hartung, ele parece satisfeito com a explicação. Mas antes de desligar reforça que devem manter aquela informação em sigilo — não quer a mídia metendo o bedelho em algo irrelevante e provocando ainda mais sofrimento para os pais da garota. Thulin já não está prestando muita atenção. Chegou àquela conclusão sozinha.

Depois disso, ela liga para a terceira foto da sua árvore da família, o homem que sua filha chama de vovô: Aksel. Aksel sempre foi leal, forte, e é pessoa a quem ela deve tudo. É bom ouvir sua voz calma enquanto ele conta que estão jogando um jogo sul-coreano muito complexo do qual ele não entende absolutamente nada. Le pergunta ao fundo se pode dormir na casa do vovô e Thulin aceita, embora não esteja muito a fim de ficar sozinha naquela noite. Aksel percebe isso em sua voz e ela se apressa a dizer que está tudo bem antes de desligar. Pela janela do carro, vê famílias chegando em casa com sacolas de compras e sente uma onda de inquietação crescente que precisa se esforçar para reprimir.

Uma garota vende um boneco feito com castanhas na beira da estrada, e ele acaba em uma casinha de bonecas em algum lugar de Husum. Resolvido, fim da história. Ela toma uma decisão e faz o retorno na Store Kongensgade.

Um idoso com um chapéu de pele carregando um cachorro passa pelo portão e a olha com desconfiança quando Thulin entra sem tocar a campainha. Ela sobe a ampla escadaria, passando por apartamentos luxuosos, e quando chega ao segundo andar consegue ouvir música vindo do apartamento de Sebastian. Ela bate na porta, mas abre antes que alguém atenda. Ele está segurando o telefone e sorri surpreso, ainda vestindo um terno, que parece ser a única roupa aceitável na área em que ele trabalha.

— Oi?

Thulin solta o casaco no chão.

— Tire essa roupa, só tenho meia hora — fala enquanto abre o zíper da calça dele. Mas, quando tenta tirar o cinto, ouve o som de passos.

— Onde fica o saca-rolhas, filho?

Um homem mais velho com feições marcantes aparece na porta, segurando uma garrafa de vinho, e no espaço entre uma música e outra Thulin finalmente escuta a cacofonia de vozes vindas da sala.

— Este é o meu pai. Pai, esta é Naia. — Sebastian a apresenta com um sorriso, enquanto duas crianças brincando de pega-pega passam correndo pelo corredor e entram na cozinha.

— Prazer em conhecê-la. Querida, venha aqui!

Antes de entender o que está acontecendo, Thulin se vê cercada pela mãe de Sebastian e toda sua família. Depois da terceira tentativa de recusar o convite para o jantar, fica claro que ela não vai conseguir escapar, então se junta a eles.

Está garoando, e as luzes fluorescentes do bicicletário iluminam o fundo da quadra de basquete. As crianças molhadas param para observar quem passa antes de continuar o jogo. Odin Park, no bairro Ydre Nørrebro, não tem muitos residentes brancos, então quando aparece um por lá as pessoas logo notam. Em geral, são policiais, fardados ou não, mas os policiais vêm em duplas, nunca sozinhos, como o cara que caminha lentamente em direção a um bloco na extremidade do conjunto habitacional, carregando uma sacola de comida.

Hess sobe pela escada externa até o terceiro andar e então segue o corredor até a última porta. Na frente dos outros apartamentos há grandes sacos de lixo, bicicletas e um monte de tralha, e, de uma janela meio aberta, ele ouve vozes em árabe e sente o cheiro de temperos que o fazem se lembrar do bairro tunisiano em Paris. Em frente à sua porta, no número 37C, há uma velha e gasta mesa de jardim e uma cadeira instável de plástico. Hess para e procura sua chave.

Ele acende a luz, iluminando o apartamento. Há dois cômodos. Sua mala de viagem está em um canto, encostada à parede, onde ele a deixou depois de pegar a chave com o corretor mais cedo naquele dia. O apartamento foi alugado antes para um estudante boliviano que voltou para casa em abril e, segundo o corretor, foi impossível voltar a alugar o imóvel desde então. O que não é de se estranhar. No cômodo da frente, há uma mesa, duas cadeiras e uma cozinha pequena com um fogão de duas bocas. O piso é irregular e cheio de falhas, as quatro paredes vazias e sujas. Não há nenhum objeto pessoal ali, apenas uma TV velha em um canto, que, apesar da aparência analógica, ainda funciona, porque está conectada ao pacote de TV a cabo da associação de moradores. Nunca houve necessidade de fazer uma reforma,

porque Hess nunca estava lá, mas, como com o passar dos anos a hipoteca passou a ser paga pelos locatários, ele manteve o apartamento. Hess tira o casaco, o coldre e os cigarros e pendura o casaco nas costas de uma das cadeiras para secar. Pela terceira vez na última meia hora, ele liga para François no número que combinaram, mas novamente a ligação não é atendida, e Hess não deixa recado.

Ele senta à mesa, abrindo o pacote de comida vietnamita, e liga a TV. Come frango e macarrão sem muita vontade, passando por um monte de canais até chegar ao noticiário. Estão exibindo imagens de Rosa Hartung naquele dia em Christiansborg, enquanto um narrador conta novamente a história sobre sua filha. Hess continua mudando de canal e acaba em um programa sobre aranhas sul-africanas, famosas por comerem a própria mãe assim que saem dos ovos. O programa não desperta nenhum interesse nele, mas não atrapalha seu raciocínio enquanto tenta descobrir uma forma de voltar para Haia o mais rápido possível.

Os últimos dias foram dramáticos para Hess. No fim de semana anterior, do nada, ele foi dispensado de suas obrigações pelo chefe alemão da Europol, Freimann. Uma dispensa que deveria ser executada imediatamente. Bem, não era muito inesperado, mas certamente foi uma reação um pouco exagerada. Pelo menos na opinião de Hess. A decisão tinha percorrido o sistema e os rumores chegaram a Copenhague, e já na noite de domingo ele recebeu as ordens de voltar para casa. Na reunião de segunda-feira, na delegacia, os chefes dinamarqueses recusaram sua interpretação da situação e lembraram que as ações dele eram particularmente infelizes considerando que a polícia dinamarquesa já tinha problemas para lidar com a Europol, pois a relação tinha ficado maculada desde o notório referendo.

Em outras palavras, Hess não estava ajudando em nada, e a colaboração dependia de continuar nas boas graças da Europol. Um dos chefes enfatizou que a situação chegava a ser constrangedora, e Hess tentou parecer arrependido. Depois disso, passaram por uma lista dos seus pecados: insubordinação, faltas, escapadas, acusações de se

embebedar e participar de festas nas capitais europeias, e, por fim, a teoria abrangente de que ele estava física e mentalmente esgotado. Ele refutou dizendo que estavam fazendo tempestade em copo d'água e que sua avaliação provaria isso. Na sua cabeça, ele já estava no voo I5-55 para Haia — a passagem já estava reservada — e, a não ser que o voo atrasasse, estaria de volta ao seu apartamento no segundo andar de um prédio em Zeekantstraat bem a tempo de se jogar no sofá e assistir ao jogo da Liga dos Campeões entre Ajax Amsterdam e Dortmund. Mas então tinham lançado uma bomba em cima dele. Até tudo ser resolvido, Hess tinha sido relegado à sua antiga divisão, a Divisão de Crimes Hediondos. Começando na manhã seguinte.

Hess não trouxe quase nada para Copenhague. Jogou só os itens básicos na bolsa de viagem antes de partir, e depois da reunião desastrosa voltou para o hotel metodista perto da estação de trem, embora tivesse acabado de fazer o check-out. O primeiro passo foi ligar para o seu antigo parceiro, François, explicar a situação e obter uma atualização sobre as coisas em Haia. François era um francês de Marselha, tinha quarenta e um anos e era da terceira geração de policiais da família. Um cara durão, mas com coração de ouro, e o único entre os seus colegas em quem Hess realmente confiava. François explicou que a avaliação tinha começado e que ele manteria Hess informado, dando-lhe o máximo de cobertura possível, mas que precisavam combinar quem disse o que para que não parecessem estar de conluio nos seus respectivos relatórios. Se tudo aquilo se tornasse uma questão disciplinar, os telefonemas entre eles poderiam ser gravados, então parecia uma boa ideia usar um celular novo. Depois que desligou, Hess tomou uma lata de cerveja no minibar e tentou falar com a administradora de imóveis que estava com a chave do seu apartamento: não tinha motivo para gastar mais dinheiro com hotel do que o absolutamente necessário. Mas como o escritório estava fechado, Hess acabou pegando no sono na cama do hotel, ainda todo vestido, depois de assistir à vergonhosa derrota de três a zero do Ajax Amsterdam para os alemães.

As aranhas estavam acabando de devorar a mãe, e o seu celular novo toca. O inglês de François não é muito bom, então Hess sempre

prefere conversar em francês com ele, embora seu francês também não seja muito bom, já que aprendeu sozinho.

— Como foi o primeiro dia de trabalho? — François quer saber.

— Ótimo.

Eles acertam tudo rapidamente; Hess conta para François o que está escrevendo no seu relatório, e François conta a ele os últimos desdobramentos. Quando terminam, Hess sente que tem alguma coisa incomodando o francês.

— O que foi?

— Você não vai querer ouvir.

— Desembuche.

— Só estava pensando: por que você não relaxa e fica em Copenhague por um tempo? Tenho certeza de que logo vai estar de volta, mas talvez seja bom para você. Se afastar um pouco de tudo. Recarregar as baterias. Conhecer algumas lindas dinamarquesas e...

— Você tem razão, eu realmente não quero ouvir. Só se concentre no seu relatório e entregue para Freimann o mais rápido possível.

Hess desliga. Conforme o dia foi passando, a possibilidade de ficar em Copenhague se tornou cada vez mais insuportável. Claro que seus cinco anos na Europol não foram nenhum passeio no parque, mas qualquer coisa era melhor do que estar ali. Como um oficial de ligação representando a polícia dinamarquesa na Europol, ele poderia muito bem ter se contentado em ficar atrás de uma tela de computador no escritório na sede, mas logo que Hess chegou foi escolhido pelo investigador de uma força-tarefa móvel e transnacional.

Em média, ele passava uns cento e cinquenta dias por ano viajando, enquanto um caso era substituído por outro e mais outro. Berlim virava Lisboa, que virava Calábria, que virava Marselha e assim por diante, a única interrupção eram breves estadias em Haia, onde tinha recebido um apartamento. Ele mantinha um contato tênue com o sistema dinamarquês por meio de relatórios ocasionais, geralmente por e-mail e algumas vezes por Skype, que deveriam resumir as conexões do crime organizado no Norte europeu — principalmente na Escandinávia e na Dinamarca. Esse contato ocasional era perfeito para Hess. Assim como a sensação de liberdade. Com o tempo, aprendeu a

conviver com o maquinismo da polícia europeia, um colosso com pés atolados em um milhão de obstáculos legais e políticos, que pareciam cada vez mais intransponíveis sempre que se deparava com eles. Estava esgotado? Sim, talvez. Como investigador, ele via muitos exemplos de injustiça, maldade e morte o tempo todo. Ele seguia pistas, colhia evidências e interrogava pessoas em diversos idiomas, mas, em geral, as acusações eram arquivadas por políticos que não conseguiam chegar a um acordo além das próprias fronteiras. Por outro lado, Hess podia fazer as coisas como bem quisesse. O sistema era tão vasto e emaranhado que ele podia se safar de tudo. Pelo menos até pouco tempo, antes da chegada de um novo chefe ao seu departamento. Freimann, um jovem burocrata da antiga Alemanha Oriental, que acreditava na cooperação da polícia pan-europeia e tinha começado diligentemente a organizar as operações e limpar o lugar. Mas agora mesmo um fim de semana prolongado com Freimann em uma ilha deserta parecia mais tentador, depois do seu primeiro dia de trabalho em Copenhague.

Para ser justo, o dia até teve um começo tolerável. Ele conseguiu evitar velhos conhecidos na delegacia e foi enviado para uma missão logo de manhã. A investigadora que era sua parceira era mais inteligente do que a maioria e claramente não tinha nenhum interesse na sua presença, o que era bem vantajoso. Mas então um assassinato aparentemente simples tinha se complicado por uma impressão digital e, antes que ele percebesse, estava em uma casa na qual o luto se prendia às paredes como piche. E aquilo sempre fazia com que ele sentisse vontade de fugir aos gritos de qualquer lugar.

Depois da visita à casa da família Hartung, ele precisava respirar um pouco. Tinha alguma coisa o incomodando, e não era só o luto. Era um detalhe. Algo que ainda nem tinha virado um pensamento; ou talvez tivesse, mas provocou uma enxurrada de perguntas que sua mente consciente se apressou a afastar — ele simplesmente não queria lidar com aquilo.

Hess caminhou pelas ruas molhadas, dando uma volta pela cidade que não conhecia mais. Havia vidro e aço por todos os lados, obras nas ruas que eram sinais de uma cidade em transformação. Em tese

uma capital europeia como todas as outras, porém menor e mais segura do que a maioria das capitais no sul. Famílias felizes com crianças pequenas desafiavam o outono e a chuva para aproveitarem as atrações do Tivoli. E as pilhas de folhas caídas sob os castanheiros às margens dos lagos o fizeram pensar em Laura Kjær. A imagem de cartão-postal daquela segura cidade de conto de fadas tinha começado a ruir outra vez e, quando chegou à Queen Louise's Bridge, lembranças começaram a se materializar, como fantasmainhas brincalhões que se recusaram a desaparecer até ele chegar a Ydre Nørrebro.

Hess sabe que não deve se preocupar. Não é responsabilidade dele. Existem loucos em todos os lugares, e pais perdem os filhos todos os dias, assim como os filhos perdem os pais. Ele já viu isso muitas vezes, em diferentes cidades e países, em mais rostos do que é capaz de se lembrar. Dali a alguns dias, receberá uma ligação conciliatória de Haia, então não importa o que ele viu hoje. Logo vai embarcar em um avião, um trem ou um carro para uma nova missão e, até lá, vai simplesmente passar o tempo.

Hess percebe que está olhando apaticamente para uma parede sem cor e, antes que fique muito inquieto de novo, ele joga o que sobrou do macarrão no lixo e segue para a porta.

O som de *Bob*, o *construtor* se espalha pela sala da casa de Nehru Amdi, onde seu caçula parece especialmente concentrado na tela. Nehru está ocupado preparando cordeiro com espinafre para a esposa e os quatro filhos quando ouve uma batida na porta. A esposa grita que não pode atender porque está tratando de negócios com a prima ao telefone, então Nehru tem que ir até lá. Irritado, ainda de avental, ele abre a porta e se depara com o homem branco do apartamento 37C. Ele já o viu mais cedo naquele dia.

— Pois não?

— Desculpe interrompê-lo, mas eu gostaria de pintar o meu apartamento, o 37C.

— Pintar o seu apartamento? Agora?

— Sim, por favor. A administradora me informou que o senhor é o zelador, então deve saber onde está o material de pintura.

Nehru nota que os olhos do homem são de cores diferentes. Um verde e um azul.

— Mas o senhor não pode só pintar assim. Tem que ter autorização do dono do apartamento para fazer esse tipo de coisa. E ele não está aqui.

— *Eu* sou o proprietário.

— O senhor é o dono?

— Talvez o senhor possa só me dar a chave. As coisas ficam guardadas lá no porão?

— Sim, claro, mas já está escuro. O senhor não pode pintar a essa hora a não ser que tenha lanternas. O senhor tem?

— Não. Mas eu só vou ter tempo para fazer isso agora — responde o homem em um tom impaciente. — Estou em Copenhague por alguns dias e gostaria de dar uma melhorada no apartamento para poder vendê-lo. Então, se não for um problema, o senhor poderia me dar a

chave?

— Eu não tenho autorização para dar a chave do porão. Espere por mim no corredor. Eu já venho.

O homem assente e se afasta. A esposa de Nehru tira o telefone do ouvido e lança um olhar para o marido quando ele começa a procurar a chave. Nenhum homem branco seria dono de alguma coisa em Odin por vontade própria, muito menos moraria ali, então existe um bom motivo para ele ficar alerta.

O rolo se move para cima e para baixo na parede, espirrando tinta no papelão espalhado pelo piso. Quando Nehru passa pela porta com outra lata de tinta, o homem está passando o rolo na bandeja e voltando à tarefa, enquanto o suor escorre pelo seu rosto.

— Trouxe outra lata, mas não tenho tempo, então o senhor vai ter que conferir se é a mesma cor.

— Não importa, só precisa ser branca.

— Claro que importa. Tem que ser do mesmo tom.

Nehru afasta o casaco do homem para abrir espaço para a lata, e assim verificar o código da cor. Ao fazer isso, o coldre e a arma aparecem, e Nehru congela.

— Tranquilo. Eu sou policial.

— Sim, claro — responde Nehru, dando um passo atrás em direção à porta, enquanto se lembra do olhar da esposa.

O homem mostra o distintivo com a ponta dos dedos, que já estão respingados de branco.

— Sério. Eu sou policial mesmo.

Nehru se tranquiliza um pouco enquanto olha para o distintivo e o homem alto começa a pintar novamente.

— Um agente à paisana? O senhor está usando o apartamento para vigilância?

É comum que digam que Odin é um ninho de gangues criminosas e terroristas islâmicos, então a pergunta não é nada estranha.

— Não, nada do tipo. O apartamento é meu mesmo. Não estou fazendo vigilância. Mas eu trabalho no exterior, então agora quero vender. Pode deixar a porta entreaberta quando sair. Quero deixar

arejar.

A resposta desarma Nehru. Ele ainda não entende por que o homem comprou um imóvel em Odin, mas ser dispensado é bastante tranquilizador. Muito dinamarquês e normal. Observando o homem, Nehru não consegue resistir. O cara alto pinta como um cavalo. Dando coices como se estivesse defendendo a própria vida.

— O senhor está usando força demais. Deixa eu dar uma olhada no rolo...

— Não, está tranquilo.

— Bem, o senhor não vai conseguir enxergar nada sem luz.

— Tá tranquilo.

— Deixe disso. Se eu não ajudar, o senhor não vai ficar satisfeito com o resultado.

— Eu não vou ficar insatisfeito, prometo.

Mas Nehru já está segurando o cabo e analisando o rolo, mesmo que o homem não o solte.

— Foi o que eu pensei. Tem que ser trocado. Vou fazer isso agora.

— Não, está tudo bem.

— Não, não está nada bem. Eu sou um pintor experiente e não consigo ficar aqui parado vendo o senhor fazer esse estrago quando sei que posso fazer melhor.

— Olha, eu só quero pintar...

— Eu não consigo ficar parado olhando. Uma pessoa deve estar disposta a ajudar, se puder. Sinto muito, mas não posso evitar.

O homem solta lentamente o rolo e fica com um olhar vazio, como se Nehru tivesse roubado todo o sentido de sua vida. Ele então se apressa a sair com o rolo antes que o homem mude de ideia. De volta ao seu apartamento, Nehru procura algumas luminárias de trabalho, um rolo novo e um balde no armário do fim do corredor. A esposa, sentada à mesa da cozinha com os filhos, não entende o marido. O homem do 37C pode muito bem se virar até eles jantarem.

— O cara pode muito bem estar mentindo, sabia? Pode ser um desequilibrado qualquer que recebeu da prefeitura um lugar para morar aqui no conjunto.

Nehru desiste de tentar explicar para ela que, quando se pinta, tem

que fazer isso direito. Carregando os equipamentos embaixo do braço, ele fecha a porta ao sair. Está prestes a pegar o jornal no chão, onde o deixou, quando de repente nota que o homem do 37C está correndo pela quadra de basquete lá fora.

Por um instante, Nehru fica confuso. Depois diz para si mesmo que hoje em dia ninguém respeita ninguém, e que a esposa deve estar certa sobre ele ser desequilibrado. De qualquer modo, é bom que ele esteja tentando vender o apartamento.

Para sua surpresa, Thulin até que está começando a aproveitar o jantar no apartamento luxuoso de Sebastian. Ele é de uma família de advogados renomados, da qual o pai é o imponente patriarca. Quase dez anos antes, ele se tornou juiz regional, e agora Sebastian e o irmão mais velho administram a firma — embora isso certamente não signifique que eles compartilham a mesma visão das coisas. Isso fica bem óbvio no jantar. Os incômodos comentários neoliberais do irmão mais velho sobre o estado e a comunidade quicam na mesa e são prontamente rebatidos por Sebastian e pelos lembretes sarcásticos da cunhada de que a vida emocional do marido morreu oficialmente quando ele terminou a faculdade. O pai dele perguntou a Thulin sobre o trabalho na Divisão de Homicídios e elogiou sua decisão de se candidatar a uma vaga no NC3, que ele acredita firmemente que é o futuro, ao contrário da Divisão de Crimes Hediondos. O irmão se intromete para insistir que nenhum dos departamentos vai existir dali a vinte anos, já que ele espera que até lá todo o trabalho da polícia tenha sido privatizado. No meio do prato principal, porém, ele parece mais interessado em por que aparentemente Sebastian não é bom o suficiente para Thulin querer ir morar com ele.

— Ele não é homem suficiente para dar o que você quer, né?

— Ele é, sim. Eu só prefiro me aproveitar dele sexualmente do que sufocar a relação.

A resposta de Thulin faz a esposa dele rir até se engasgar, literalmente, respingando vinho tinto na camisa branca Hugo Boss do marido, que ele começa imediatamente a tentar limpar com um guardanapo.

— Um brinde a isso — diz ela, virando o conteúdo da taça antes que os outros tenham chance de acompanhá-la.

Sebastian sorri para Thulin e sua mãe dá um leve aperto em sua

mão.

— Bem, ficamos muito contentes de conhecer você. E sei que Sebastian está muito feliz.

— Pare com isso, mãe.

— Eu não disse nada demais!

Os olhos dela são iguais aos de Sebastian. O mesmo brilho caloroso e escuro que Thulin sentiu sobre ela pouco mais de quatro meses antes, no tribunal, quando se sentou no plenário para assistir a um de seus casos ser apresentado a um juiz. Assistir a Sebastian Valeur em ação durante a audiência preliminar foi como ver um Tesla zero-quilômetro em um museu de carros clássicos, mas seu julgamento instintivo sobre ele ser arrogante não se comprovou. Como advogado escolhido pelo tribunal para o acusado, um somali, ele defendeu seu cliente sem demonstrar nenhum ar de superioridade e com tanto bom senso que convenceu o acusado a se declarar culpado do incidente de violência doméstica do qual estava sendo acusado. Depois disso, Sebastian a procurou do lado de fora do prédio, e embora não tenha tido sorte convidando-a para sair, ela se sentiu atraída por ele. Em um final de tarde no início de junho, ela apareceu sem avisar no escritório dele em Amaliegade e tirou sua calça assim que ficaram a sós. Ela não achou que aquilo pudesse se transformar em mais do que aquela tarde, mas a transa foi surpreendentemente boa e Sebastian entendeu que ela não estava procurando alguém para passeios românticos ao luar. Agora, sentada ali, rindo e conversando com a família excêntrica dele, aquilo não parecia tão assustador como normalmente.

De repente, um toque alto de telefone faz todos na mesa ficarem em silêncio, e Thulin o tira do bolso para atender a ligação.

— Alô?

— Oi, é o Hess. Onde está o garoto agora?

Thulin se levanta e vai para o corredor para poder falar.

— Que garoto?

— O garoto da casa em Husum. Eu preciso perguntar uma coisa para ele. Agora.

— Você não vai poder falar com ele agora. O menino foi examinado por um médico, que achou que ele está em estado de choque, então foi

levado para um hospital.

— Qual hospital?

— Por quê?

— Não importa. Eu vou descobrir.

— Por que você...

O telefone fica mudo. Por um instante, Thulin fica parada ali olhando o aparelho. A conversa na sala continua, mas ela não está mais ouvindo. Quando Sebastian chega para perguntar se aconteceu alguma coisa, ela já está vestindo o casaco e a meio caminho da porta.

Os corredores estão desertos e na penumbra quando Thulin entra no Centro de Psiquiatria Infantil do Glostrup Hospital. Quando chega ao balcão de atendimento, vê Hess discutindo com uma enfermeira mais velha no escritório dos fundos. As vozes passam por baixo da porta de vidro que divide o ambiente, e alguns adolescentes de chinelo param para assistir. Thulin passa por eles, bate e abre a porta.

— Você vem comigo.

Quando nota Thulin, Hess a segue com relutância, enquanto a enfermeira lança um olhar irritado para ele.

— Eu preciso falar com o garoto, mas algum idiota prometeu a eles que o menino não seria incomodado novamente hoje.

— *Eu* prometi isso. Sobre o que você precisa falar com ele?

Ela olha para Hess que, por algum motivo, está com manchas de tinta branca no rosto e nos dedos.

— O garoto já foi interrogado uma vez hoje e, se você não sabe me dizer do que se trata, então não deve ser tão importante assim.

— São só algumas perguntas. Se você conseguir convencer a enfermeira, juro que em troca ligo amanhã e falo que estou passando mal.

— Diga o que você quer perguntar a ele.

A ala de psiquiatria infantil do hospital é praticamente igual à dos adultos, a não ser por algumas mesinhas espalhadas, formando pequenas ilhas de brinquedos e livros. Não que isso faça muita diferença — o interior ainda parece estéril e triste —, mas Thulin sabe por experiência própria que existem lugares bem piores do que aquele.

Por fim, a enfermeira volta do quarto do garoto e, ignorando completamente a presença de Hess, fala diretamente com Thulin:

— Eu disse a ele que vocês têm cinco minutos. Mas ele não disse muita coisa desde que chegou e vocês não devem tentar forçar. Certo?

— Obrigada, está tudo bem.

— Eu vou ficar de olho no relógio.

A enfermeira bate com o dedo no pulso e lança um olhar descontente para Hess, que já está abrindo a porta.

Magnus Kjær não ergue o olhar quando eles entram. Está sentado na cama embaixo do edredom, usando um laptop com a logomarca do hospital na tampa. É um quarto particular. As cortinas estão fechadas e um único abajur está aceso na mesinha de cabeceira, mas é a tela do computador que ilumina o rosto do menino.

— Oi, Magnus. Desculpa te atrapalhar. Meu nome é Mark, e essa aqui é...

Hess olha para Thulin, que ainda está tentando processar o fato de que Hess tem um primeiro nome.

— Naia.

O menino não responde, e Hess se aproxima da cama.

— O que você está fazendo? Se importa se eu me sentar um pouco?

Hess se senta na cadeira ao lado da cama, enquanto Thulin se mantém afastada. Algo faz com que ela queira manter distância. Não

consegue identificar o motivo, mas sente que é a coisa certa a fazer no momento.

— Magnus, eu quero te fazer uma pergunta. Tudo bem?

Hess olha para o garoto, que continua sem reação, e Thulin decide que aquilo é uma enorme perda de tempo. Magnus está totalmente concentrado na tela, seus dedos digitando rapidamente no teclado. É como se ele tivesse criado uma bolha à sua volta e Hess pudesse falar até perder o fôlego sem receber nenhuma resposta.

— O que você está jogando? Está indo bem?

O garoto não responde, mas Thulin reconhece na hora o som de *League of Legends*, que a filha costuma jogar.

— É um jogo de computador. Você tem que...

Hess ergue uma das mãos para que ela se cale, sem tirar os olhos da tela.

— Ah, você está jogando em Summoner's Rift. Também gosto mais desse mapa. O seu campeão é Lucian, o Purificador.

O garoto não responde, e Hess aponta para os símbolos da parte inferior da tela.

— Se você é Lucian, então logo vai ter o suficiente para um upgrade.

— Eu já tenho. Estou só esperando o próximo nível.

A voz do garoto é mecânica e sem emoção, mas Hess aponta para a tela de novo, sem desistir.

— Cuidado, tem servos chegando. O Nexus vai ser capturado se você não fizer alguma coisa. Use a magia ou você vai perder.

— Eu não vou perder. Já ativei a magia.

Thulin esconde sua perplexidade. Para os outros colegas da delegacia, jogos de computador são como latim. Mas claramente não é o caso de Hess. Ela percebe instintivamente que aquela é a melhor conversa que Magnus teve durante todo o dia. E de repente se dá conta de que o mesmo vale para o homem sentado na cadeira ao lado, que parece realmente interessado.

— Você é bom pra caramba nisso. Quando acabar aí, eu quero te passar uma nova missão. É um pouco diferente de LoL. Você vai precisar usar todas as suas habilidades.

Magnus solta o laptop na hora e espera por Hess, sem olhar para ele. Hess pega três fotos no bolso e as coloca com a frente para baixo sobre o edredom em frente ao menino. Thulin se aproxima.

— Não foi o que combinamos. Você não disse nada sobre fotos.

Hess a ignora e olha para o garoto.

— Magnus, em um instante eu vou virar essas fotos para você ver. Você vai ter dez segundos para olhar cada foto e me dizer se tem alguma coisa fora do lugar. Alguma coisa que não deveria estar ali, algo estranho, ou que não faça parte da imagem. É como se estivesse procurando um cavalo de troia que entrou na sua área. Está bem?

O menino de nove anos concorda, olhando resolutamente para as fotos viradas sobre o edredom. Hess mostra a primeira foto. É uma parte da cozinha de Cedervænget, mostrando algumas prateleiras de temperos e o medicamento contra ansiedade do menino. Provavelmente tirada por Genz e sua equipe forense. Thulin se dá conta de que Hess deve ter passado na delegacia para pegar as fotos antes de ir para o hospital, e isso a deixa ainda mais alerta.

Os olhos de Magnus passam por cada detalhe da foto, analisando mecanicamente a imagem, mas por fim o garoto nega com a cabeça. Hess dá um sorriso de aprovação e vira a próxima fotografia. É mais uma foto aleatória de um canto da sala, mostrando algumas revistas femininas e um cobertor dobrado sobre o sofá. Ao fundo, no peitoril da janela, um porta-retratos digital com uma foto do próprio menino. Magnus analisa essa foto também e, novamente, nega com a cabeça. Hess vira a última foto. É uma parte do parquinho, e Thulin sente o estômago revirar enquanto observa a foto para se certificar de que nenhum traço de Laura Kjær está aparecendo. A imagem foi tirada de um ângulo que mostra principalmente os balanços e as árvores amareladas ao fundo, mas em menos de um segundo o menino aponta para o sr. Castanha pendurado na viga no canto superior direito da foto. Thulin olha para o dedo e sente um nó na barriga até Hess voltar a falar.

— Tem certeza? Você nunca viu isso antes?

Magnus Kjær nega com a cabeça.

— Fui ao parque ontem com a minha mãe antes do chá. Não tinha

nenhum sr. Castanha lá.

— Ótimo... Você arrasou. E sabe quem colocou esse boneco aí?

— Não. Completei a missão?

Hess olha para o garoto e se empertiga.

— Sim. Muito obrigado... Você foi de grande ajuda, Magnus.

— A minha mãe não vai voltar?

Por um instante, Hess claramente não sabe o que dizer. O garoto continua a não olhar para eles e a pergunta paira por tempo demais antes que Hess segure a mão dele sobre o edredom.

— Não, ela não vai voltar. A sua mãe está em outro lugar agora.

— No céu?

— Isso. Ela está no céu agora. É um lugar muito bom.

— Você vai vir jogar comigo depois?

— Claro. Vou sim. Outro dia.

O garoto abre o computador de novo, e Hess tem que soltar a mão dele.

Hess está de costas para a porta, fumando, enquanto o vento carrega a fumaça para os prédios e árvores. Diante dele está o sombrio estacionamento e árvores escuras e velhas, suas raízes se retorcendo e fazendo ondas no asfalto. Thulin vê uma ambulância passando pela pista e descendo para a garagem no subsolo enquanto as portas automáticas de vidro se abrem para ela.

Precisou amarrar as coisas com a enfermeira, se assegurar de que o garoto receberá o melhor tratamento possível. Hess saiu antes que ela terminasse, mas, quando chega ao estacionamento, percebe que está feliz por ele ter esperado por ela.

— O que vai acontecer com ele?

A pergunta parece estranhamente íntima, considerando que se conhecem há menos de vinte e quatro horas, mas ela sabe muito bem o que ele quer dizer.

— Está nas mãos dos assistentes sociais agora. Infelizmente, ele não tem parentes. Então provavelmente vão tentar encontrar uma solução no padrasto. A não ser que ele seja culpado, é claro.

Hess olha para Thulin.

— Você acha que é?

— Ele não tem um álibi sólido. E em noventa e nove por cento dos casos o culpado é o marido. Não conseguimos muita coisa lá dentro.

— Você acha? — Hess sustenta seu olhar enquanto continua: — Se o menino está falando a verdade, então o boneco com a impressão digital foi provavelmente levado até a cena do crime na mesma noite em que o assassinato aconteceu. Isso é estranho, para dizer o mínimo, e não acredito que a gente consiga explicar dizendo que alguém simplesmente comprou um boneco na rua um ano atrás, você não acha?

— As duas coisas não precisam necessariamente estar ligadas. O

padrasto pode facilmente ter matado a mulher, e o garoto pode estar enganado em relação ao boneco. Nada mais faz sentido.

Hess está prestes a dizer mais alguma coisa, mas pensa melhor e apaga o cigarro com o sapato.

— Não, talvez não.

Ele se despede abruptamente com um aceno, e Thulin observa enquanto Hess atravessa o estacionamento. Ela abre a boca para perguntar se ele quer uma carona de volta para a cidade, mas quando faz isso uma lufada de vento sopra, derrubando alguma coisa atrás dela. Quando se vira, Thulin vê uma bolota cheia de espinhos, marrom-esverdeada, rolando até o espaço perto da bituqueira, onde outras bolotas iguais tinham se acumulado. Quando percebe o que é, ela ergue o olhar para o castanheiro e vê os galhos balançarem, enquanto outras bolotas espinhosas e marrom-esverdeadas esperam para se abrir e, por um momento, ela vê Kristine Hartung fazendo srs. Castanha na mesa da sala de casa. Ou em algum outro lugar.

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO

— Eu não aguento mais repetir que eu voltei para o hotel e fui dormir, e agora eu quero saber quando eu posso voltar para casa para ver o Magnus!

A pequena sala no fim do longo corredor da Divisão de Homicídios é muito iluminada e abafada, e Hans Henrik Hauge está soluçando e esfregando as mãos. Suas roupas estão amarrotadas e ele fede a suor e urina. Já se passaram seis dias desde a descoberta do corpo de Laura Kjær, e Thulin o manteve sob custódia por quase dois. O juiz deu ao departamento quarenta e oito horas para encontrar evidências suficientemente fortes para acusá-lo — e até o momento não tiveram sorte. Thulin está convencida de que Hauge sabe mais do que está falando, mas o homem não é um idiota. Sendo um cientista da computação formado pela Universidade da Dinamarca, ele é antiquado e previsível no trabalho, mas não lhe faltam habilidades. Hauge se mudou muito e alega ter trabalhado como desenvolvedor de TI freelancer até conhecer Laura Kjær e encontrar um emprego fixo em uma empresa de TI de médio porte na região praiana de Kalvebod Quay.

— Ninguém pode confirmar que você ficou no hotel na noite de segunda-feira e ninguém viu o seu carro no estacionamento até as sete horas da manhã do dia seguinte. Onde você estava?

Quando Hauge foi preso, exerceu o direito a um advogado. Uma jovem, inteligente e perfumada, usando roupas que Thulin jamais teria dinheiro para comprar. É ela quem responde:

— Meu cliente mantém a declaração de que permaneceu a noite toda no hotel. Ele já repetiu pacientemente que não tem nada a ver com o crime. Então, a não ser que tenha novas informações, gostaria que ele fosse liberado o mais rápido possível.

Thulin olha apenas para Hauge.

— O fato é que você não tem um álibi e, no dia que viajou para a feira de negócios, Laura Kjær trocou as fechaduras da casa sem a sua autorização. Por quê?

— Eu já *disse*. Magnus jogou as chaves dele fora...

— Foi porque ela conheceu outra pessoa?

— Não!

— Mas você ficou irritado quando ela contou ao telefone que tinha trocado as fechaduras...

— Ela *não me contou* que tinha trocado as fechaduras.

— E o transtorno de Magnus deve ter colocado um peso no relacionamento de vocês. Eu entendo se você tiver se chateado de ela de repente contar que estava buscando conforto em outro lugar.

— Eu não sei nada sobre isso, e nunca tive raiva de Magnus.

— Então você *estava* irritado com Laura?

— Não, eu *não estava* irritado com...

— Mas ela trocou as fechaduras porque não queria mais você, e foi isso que ela te disse no telefone. Você se sentiu traído, tinha feito tanta coisa por ela e pelo garoto, então você voltou para casa...

— Eu não voltei para casa...

— Você bateu na porta ou na janela, e ela abriu porque não queria que você acordasse o menino. Você tentou conversar com ela. Você a lembrou do anel...

— Isso não é verdade...

— ... o anel que você tinha dado para ela, mas ela estava fria e indiferente. Você a levou para o lado de fora, mas ela continuou mandando você pastar. Repetindo que estava tudo acabado. Que você não tinha direito a nada. Nem a ver o garoto, porque não era mais nada na vida dela e finalmente...

— Isso não é verdade! Eu já disse!

Thulin sente o olhar irritado da advogada, mas mantém o foco em Hauge, que está novamente esfregando as mãos e mexendo na aliança.

— Isso não vai chegar a lugar nenhum. Meu cliente perdeu a noiva, e temos um garoto em quem pensar, então é desumano da sua parte mantê-lo aqui por mais tempo. Meu cliente gostaria de voltar para casa o mais rápido possível para poder dar ao garoto um senso

mínimo de segurança e rotina. Então assim que ele for liberado...

— Nós só queremos voltar para casa, pelo amor de Deus! Quanto tempo mais vocês vão ficar na nossa casa? Com certeza já devem ter acabado com tudo a essa altura!

Tem alguma coisa na explosão de Hauge que incomoda Thulin. Não é a primeira vez que o desenvolvedor de TI de quarenta e três anos expressa impaciência com o exame contínuo da casa e com a recusa da polícia em permitir a sua entrada, embora, pela lógica, devesse ser do interesse de Hauge que a polícia tivesse tempo para pegar todas as evidências possíveis. Por outro lado, cada canto da casa já foi verificado tantas vezes que, se Hauge estivesse tentando esconder alguma coisa, já teriam encontrado, então ela é obrigada a aceitar a ideia de que ele está simplesmente preocupado com o bem-estar do menino.

— Meu cliente, é claro, vai colaborar com a investigação. Mas ele está liberado?

Hauge lança um olhar tenso para Thulin. Ela sabe que precisa deixá-lo ir e logo terá que informar a Nylander que ainda estão às escuras na investigação do assassinato de Laura Kjær. O chefe sem dúvida vai ficar irritado e mandar que ela levante a bunda da cadeira e evite desperdiçar mais tempo e recursos, e provavelmente vai perguntar onde Hess se enfiou. Thulin não tem resposta para isso, por uma boa razão. Desde que se separaram no estacionamento do hospital na última terça-feira, ele tinha trabalhado o mínimo aceitável e chegava e saía quando queria. No fim de semana, ele tinha ligado de algum lugar que parecia uma loja de material de construção, alguém estava falando sobre tinta e códigos de cor no fundo, e perguntado sobre o caso. Depois ela ficou com a sensação de que ele ligou apenas para dar a impressão de que ainda estava no caso. Thulin não tem a menor intenção de contar a Nylander sobre isso, é claro, mas a ausência do cara provavelmente vai irritá-lo quase tanto quanto o fiasco da detenção de Hauge, e nada disso vai ajudar Thulin quando ela terminar a conversa perguntando sobre a recomendação para o NC3, que ele não teve tempo de discutir na sexta-feira, como tinham combinado.

— Ele pode ir, mas a casa vai continuar interditada até a nossa equipe concluir o exame do local. Então o seu cliente vai ter que encontrar outra solução.

A advogada fecha a pasta com uma expressão satisfeita e se levanta. Por um breve instante, Thulin percebe que Hauge quer reclamar, mas um olhar da advogada o mantém em silêncio.

As gigantescas bétulas cobertas de folhas amarelas balançam ao vento de um jeito ameaçador quando Hess estaciona a viatura bem na porta principal do Departamento Forense. Ao chegar à recepção no primeiro andar, ele se adianta a qualquer protesto mostrando o distintivo e dizendo que tem uma reunião agendada. Quando Genz aparece um instante depois, com seu jaleco branco, olha para Hess sem esconder a surpresa.

— Preciso de sua ajuda para um pequeno experimento. Não vai demorar muito, mas preciso de uma sala razoavelmente esterilizada e um técnico que saiba usar um microscópio.

— A maioria sabe. Do que se trata?

— Primeiro preciso saber se posso confiar em você. Talvez seja uma bobagem e nem valha a pena perder tempo, mas não quero arriscar que a informação vazze.

Genz, que até o momento estava olhando Hess com ceticismo, dá um sorriso.

— Se você está falando isso por causa do que eu disse no outro dia, espero que entenda que eu precisava ser cauteloso.

— Bem, agora sou eu que preciso ter cuidado.

— Você está falando sério?

— Muito sério.

Genz lança um olhar por sobre o ombro, como se estivesse pensando na montanha de trabalho sobre a sua mesa.

— Se é relevante e está dentro da lei...

— Creio que sim. A não ser que você seja vegetariano. Agora, por onde eu posso entrar para estacionar na garagem?

O último portão eletrônico ao lado do prédio se abre, e assim que Hess

estaciona Genz pressiona um botão para fechá-lo antes que as folhas caindo das árvores possam segui-lo. O cômodo tem o tamanho de uma oficina mecânica. É uma das salas de exame de veículos do departamento e, embora o carro não seja o que Hess quer examinar, a sala vai servir bem, já que conta com forte iluminação de neon no teto e um ralo no chão.

— O que você quer testar?

— Se você puder me ajudar a carregar.

Hess abre o porta-malas, e Genz leva um susto quando se depara com um cadáver pálido enrolado em plástico grosso e transparente.

— O que é isso?

— Um porco. De cerca de três meses. Comprei no açougue, ele estava pendurado no freezer até uma hora atrás. Vamos colocá-lo ali na mesa.

Hess pega as patas traseiras e Genz, hesitante, pega as dianteiras. Juntos, eles levam o animal até a mesa na lateral da sala. A barriga está aberta e todos os órgãos foram removidos, os olhos sem vida fitam a parede fixamente.

— Não estou entendendo. Isso não pode ser relevante, e, se é algum tipo de brincadeira, já vou avisando que não tenho tempo para isso.

— Claro que não é uma brincadeira. Esse animal pesa uns quarenta e cinco quilos, ou seja, mais ou menos a mesma coisa que uma pré-adolescente. Tem uma cabeça e quatro membros e, embora a cartilagem, os músculos e os ossos sejam um pouco diferentes dos nossos, acho que pode servir bem como ferramenta de comparação. Depois que fizermos o desmembramento.

— *Desmembramento?*

Genz olha boquiaberto para Hess, que voltou ao carro para pegar a pasta de um caso e um objeto embrulhado no banco de trás. Enfiando a pasta embaixo do braço, ele rasga o pacote grosso do objeto comprido e revela um facão de quase um metro de comprimento.

— É isso que temos que examinar quando terminarmos. O facão é praticamente idêntico ao encontrado na casa do agressor do caso Hartung. Queria que a gente desmembrasse o porco o mais próximo possível da descrição que ele deu durante o interrogatório. Eu só vou

precisar de um avental emprestado.

Hess coloca a arma e o arquivo do caso Hartung sobre a mesa de metal ao lado de Genz antes de pegar um dos aventais pendurados. Genz olha para o relatório e depois para Hess.

— Mas por quê? Achei que o caso de Hartung não fosse relevante. Thulin me disse...

— *Não é relevante.* Se alguém perguntar, estamos só cortando um leitão de Natal para colocarmos no freezer. Você quer começar, ou prefere que eu comece?

Na semana anterior, Hess não teria, nem em um milhão de anos, imaginado que estaria desmembrando um porco, mas então algo aconteceu e lhe deu uma perspectiva completamente diferente do caso de Laura Kjær. Não tinha nada a ver com a inquietação que sentiu depois da visita a Magnus no Glostrup Hospital. Se o sr. Castanha com a impressão digital de Kristine Hartung tivesse sido deixado na cena do crime por volta do mesmo horário do assassinato, só podia ser uma coincidência extraordinária, mas no trem ao voltar do hospital ele se viu revisando o caso novamente. Não estava questionando se a menina Hartung tinha sido assassinada e desmembrada um ano antes, como Thulin tinha contado. Trabalhar com a polícia dinamarquesa não é a coisa mais fácil do mundo — ele sabe, por experiência própria —, mas a eficácia da Divisão de Homicídios e a taxa de resolução de crimes estão, há anos, entre as melhores da Europa. A vida humana ainda significa alguma coisa neste país — principalmente quando se trata de crianças —, e sobretudo quando se está falando da filha de uma importante parlamentar. O fato de Kristine Hartung ser filha de uma ministra significava que uma investigação meticulosa e completa tinha sido conduzida, com detetives, técnicos forenses, geneticistas, equipes da SWAT e serviços de inteligência trabalhando vinte e quatro horas por dia. O crime contra a garota provavelmente tinha sido considerado um potencial ataque contra a democracia, então tinha contado com todos os recursos disponíveis. Resumindo, Hess tem plena confiança na investigação e nos resultados. No entanto, ainda há aquela coincidência aleatória e a sensação de inquietação que o

incomodou depois de voltar a seu refúgio em Odin.

Conforme os dias se passaram, as suspeitas naturalmente caíram sobre o namorado, Hans Henrik Hauge, e Hess se resignou àquilo. A investigação está aos cuidados de Thulin, e ela parece meticulosa e persistente, claramente de saída do departamento para alavancar sua carreira. Ela também parece bastante fria, mas, por outro lado, ele vinha sendo negligente — a não ser pela visita espontânea a Magnus Kjær — e fez de tudo para ficar fora do departamento. Dedicou a maior parte do tempo a escrever um relatório para o seu chefe na Europol, que compartilhou com François. Depois de alguns ajustes, os dois enviaram os respectivos relatórios para Freimann e, enquanto aguardava a decisão do chefe alemão, Hess começou a reformar o apartamento. Considerando que logo voltaria ao trabalho — ou assim esperava —, tinha até entrado em contato com um corretor de imóveis. Vários, na verdade. Os primeiros três não quiseram o apartamento em seus catálogos. O quarto aceitou, mas avisou a Hess que não esperasse uma negociação rápida. Como ele bem sabia, a região não tinha a melhor das reputações.

— A não ser que você seja islâmico ou esteja de saco cheio da vida — acrescentou ele.

É claro que o zelador, que zelava até demais, tinha se envolvido na redecoreação, e aquele paquistanês baixinho encheu a paciência de Hess enquanto pintava o apartamento, mas, ainda assim, até que o projeto estava caminhando bem.

Então, na noite anterior, aconteceu uma coisa. Primeiro, ele recebeu um telefonema de Haia. Uma secretária de voz fria informou, em inglês, que Freimann queria uma conferência por telefone com ele às três horas da tarde do dia seguinte, e a perspectiva da conversa deixou Hess mais confiante. Ele usou a maré positiva para se animar e começar a pintar o teto, com o qual nem teria se importado antes. Infelizmente, tinha acabado o papelão, então o zelador lhe entregou uma pilha de jornais velhos que pegou no porão e espalhou pelo chão, mas, quando Hess estava terminando de pintar o teto da quitinete, ele olhou para baixo e se deparou com o rosto de Kristine Hartung olhando para ele em uma das páginas.

Não conseguiu resistir à tentação e pegou o jornal com os dedos sujos de tinta. “Onde está Kristine?” era a manchete, e ele logo se viu em busca da continuação do artigo, que estava nas páginas que forravam o piso do banheiro. Era um artigo datado de 10 de dezembro do ano anterior, trazendo um resumo do caso e o relato da busca infrutífera pelo corpo da garota. No entanto, naquela época a polícia já sabia o que tinha acontecido com Kristine, contava o artigo em tom assustador e misterioso. O assassino Linus Bekker tinha confessado o estupro, o assassinato e o desmembramento da garota, durante o interrogatório um mês antes, mas as partes do corpo jamais foram encontradas. O artigo era ilustrado com fotos em preto e branco de policiais fazendo buscas na floresta. Diversas fontes anônimas da polícia foram citadas, afirmando que raposas, texugos ou outros animais poderiam ter desenterrado as partes do corpo e as comido, o que talvez explicasse por que nada jamais foi encontrado. Nylander, no entanto, tinha soado otimista, embora também tivesse mencionado que o clima talvez obrigasse a encerrar as buscas. O jornalista tinha lhe perguntado se era possível que a confissão de Linus Bekker fosse falsa, já que não tiveram sucesso nas buscas, mas Nylander rejeitou a ideia: além da confissão de Bekker, eles tinham provas físicas do assassinato e desmembramento, embora ele não tenha dado detalhes.

Hess tentou continuar pintando, mas por fim foi obrigado a aceitar que talvez fosse necessário ir até a delegacia. Primeiro para pegar um carro da polícia, que ele precisava para buscar a lixadeira para o piso na loja de material de construção no dia seguinte. E segundo, para tentar descansar a mente.

Os corredores estavam vazios — eram quase dez horas de um domingo —, e ele teve sorte de encontrar o último funcionário da administração de plantão. No computador no fundo da sala do departamento mal iluminado, Hess entrou no banco de dados dizendo que precisava dar uma olhada no caso de Laura Kjær, mas, assim que o plantonista sumiu de vista, ele procurou o caso de Kristine Hartung.

O material era detalhado e abrangente. Quase quinhentas pessoas tinham sido interrogadas. Foram feitas buscas em centenas de lugares e um número incontável de itens foi analisado pela equipe forense.

Hess, no entanto, só estava interessado no resumo das provas contra Linus Bekker, e isso facilitou muito a pesquisa. O único problema foi que ler aquilo não lhe trouxe paz de espírito. Na verdade, o efeito foi oposto.

A primeira coisa que o deixou inquieto foi descobrir que Linus Bekker só começou a ser investigado depois de uma denúncia anônima. Como ele era um criminoso sexual condenado, já tinha passado por um interrogatório de rotina, claro, mas este não levou a lugar nenhum até a denúncia — e eles nunca descobriram quem estava por trás dela. A outra coisa que Hess não conseguia tirar da cabeça era a insistência de Linus Bekker de que não se lembrava do local exato onde tinha enterrado o corpo esquartejado da garota, aparentemente porque estava escuro e ele estava extremamente perturbado na época.

Quanto às provas contra Bekker, eles tinham encontrado a arma que parecia ter sido usada para esquartejar Kristine Hartung na garagem da casa dele, um apartamento no primeiro andar em Bispebjerg; certamente aquela era a prova conclusiva que Nylander mencionou no artigo. A arma, um facão de noventa centímetros, foi examinada por um geneticista forense, e — considerando o fato de que o sangue encontrado na arma correspondia em cem por cento ao da vítima — Bekker acabou confessando o crime. Ele descreveu como seguiu a garota de carro até a floresta, onde a dominou, violentou e estrangulou. Depois de enrolar o corpo em plásticos pretos que estavam no porta-malas, ele voltou para casa para pegar o facão e uma pá na garagem. Insistiu, porém, que sofreu alguns blecautes durante a ação e só conseguia se lembrar de uns poucos flashes. Escureceu, contou ele, enquanto dirigia com o corpo na mala do carro até a floresta ao norte de Zelândia, onde cavou um buraco, cortou o corpo e enterrou uma parte, provavelmente o torso, antes de continuar seguindo pela floresta para enterrar os membros em outros lugares. A confissão somada à análise do geneticista forense, que não deixou dúvidas de que o facão tinha sido usado para atacar Kristine Hartung, significou que o caso estava resolvido.

No entanto, foi justamente a análise da arma que fez Hess ir até o

açougue naquela manhã. No caminho, parou em uma loja de pesca perto de Gammeltorv, da qual ele se lembrava da época em que trabalhava na Divisão de Homicídios. A loja ainda vendia armas exóticas, e Hess ficou imaginando se era legalizada. Lá encontrou um facão que não era exatamente idêntico ao do caso Hartung, embora a lâmina tivesse mais ou menos o mesmo comprimento, peso e curvatura e fosse feito do mesmo material. Hesitou em relação a qual perito forense procurar para pedir ajuda com o experimento, mas como sabia que Genz tinha boa reputação — reconhecida até mesmo entre os peritos da Europol — escolheu ele. A vantagem era que poderia continuar evitando seus velhos conhecidos.

Eles tinham quase acabado de esquartejar o porco. Quando Hess corta outra perna, dessa vez a dianteira, com dois golpes fortes e precisos na articulação da espádua, ele enxuga a testa e se afasta da mesa de metal.

— E agora? Terminamos?

Genz, que estava segurando o porco, solta a perna dianteira e o corpo e olha para o relógio, enquanto Hess ergue a lâmina em direção à luz para examinar o efeito do contato com o osso.

— Ainda não. Primeiro precisamos limpá-la e então espero que você tenha um microscópio muito bom.

— Para quê? Ainda não entendi o que estamos fazendo aqui.

Hess não responde. Com bastante cuidado, passa a ponta do indicador pelo fio da lâmina do facão.

Thulin rola os dados na tela diante dela, frustrada, analisando o conteúdo dos aparelhos eletrônicos de Laura Kjær. Os técnicos de TI forenses organizaram três pastas com as mensagens de texto, e-mails e atualizações de Facebook da vítima. Na última semana, ela já repassou o material diversas vezes, mas, agora que Hauge foi liberado, a investigação voltou para a estaca zero. Ao chegar ao escritório, um pouco antes, ela pediu para os dois detetives designados para ajudá-la no caso procurarem alternativas a Hauge para apresentar todas as informações para Nylander.

— Pode ter sido o professor auxiliar do menino — sugere um deles.

— Ele tinha muito contato com Laura Kjær porque o garoto varia de retração completa a comportamentos agressivos ou violentos. Ele disse que sugeriu em vários encontros que o garoto fosse matriculado em uma escola para crianças com necessidades especiais, mas é possível que o relacionamento tenha evoluído daí.

— Evoluído como? — pergunta Thulin.

— Talvez a mãe tenha começado a abrir as pernas para o professor, mas uma noite ele aparece sem ser convidado em busca de mais uma trepada e começam os problemas.

Thulin ignora a sugestão e tenta se concentrar na miríade de letras e frases dançando diante dela na tela.

Os técnicos de TI estavam certos em dizer que as atividades de Laura Kjær pelo telefone no período que antecedeu o crime eram tão desinteressantes que não levantavam nem a sombra de uma suspeita. Eram só um monte de lixo trivial, principalmente entre ela e Hauge. Então Thulin pediu para ver as mensagens, e-mail e as atualizações de Facebook desde a morte do marido, dois anos antes. Conseguiu acessar

os dados dali mesmo, usando um código que Genz lhe deu por telefone, e ele aproveitou a oportunidade para perguntar como a surpreendente descoberta da impressão digital de Kristine Hartung tinha afetado o caso. Embora Genz estivesse no direito de perguntar, o lembrete irritou Thulin, e ela respondeu bruscamente que uma vez que tinham encontrado uma explicação lógica não valia a pena perder tempo com aquilo. Acabou se arrependendo depois. Genz era um dos poucos técnicos que se dava o trabalho de acompanhar os casos, e ela decidiu que ia reconsiderar correr com ele.

Thulin não leu todos os dados, mas amostras variadas foram o suficiente para traçar o perfil da vítima. O problema é que isso não ajudava em muita coisa, então ela foi ao local de trabalho de Laura Kjær. Mas, no estéril consultório dentário em uma das ruas elegantes do centro da cidade, seus colegas de trabalho, consternados e de luto, tinham apenas confirmado que Laura era uma mulher totalmente dedicada à família e preocupada com o filho, Magnus.

Depois de perder o marido, uns dois anos antes, ela ficou muito infeliz, principalmente porque a morte do pai transformou seu feliz e animado filho de sete anos em uma criança praticamente muda e extremamente introvertida. Laura não gostava muito de ficar sozinha, então uma jovem colega de trabalho lhe apresentou vários sites de namoro, onde ela talvez tivesse a chance de encontrar um novo amor.

A princípio, ela tentou conhecer homens usando aplicativos de encontros como o Tinder, o Happn e o Candidate, o que Thulin já sabia por causa dos e-mails. No entanto, Laura não conseguiu encontrar ninguém interessado em um relacionamento sério, então se cadastrou no site My Second Love, onde, depois de alguns sapos, acabou conhecendo Hauge. Diferente dos candidatos anteriores, Hauge se mostrou flexível o suficiente para aceitar seu filho, e ao que tudo indicava Laura estava muito apaixonada e satisfeita por ter uma vida em família de novo.

Conforme as dificuldades sociais de Magnus começaram a se tornar mais pronunciadas, porém, aquilo virou o assunto principal nas suas conversas no trabalho, entre tratamentos de canal e clareamentos dentários, e Laura se tornou cada vez mais obcecada em encontrar

especialistas que pudessem ajudar o filho, cuja condição tinha sido diagnosticada como uma forma de autismo.

Foi impossível conseguir que os colegas de trabalho falassem qualquer coisa negativa sobre Hauge, que ocasionalmente a buscava no consultório. Aparentemente, ele dava todo apoio a ela, era paciente e dedicado ao bem-estar do garoto, e vários colegas acreditavam que Laura teria se desesperado sem ele. Isso posto, nas últimas semanas, ela começou a falar menos sobre o filho do que de costume. Na sexta-feira antes do assassinato, pediu um dia de folga para passar algum tempo com ele, e também cancelou planos com os colegas: uma viagem de um dia para Malmö para um curso.

Thulin sabe de tudo isso por causa das mensagens de Laura. Hauge enviou mensagens para ela do trabalho, preocupado que estivesse se isolando e afastando as pessoas para poder ficar com o filho, mas Laura só respondeu com evasivas ou simplesmente não respondeu. Ainda assim, Hauge não demonstrou nenhum sinal de irritação. Em suas repetidas tentativas de conseguir sua atenção por mensagem, ele continuou chamando-a de “amor da minha vida”, “querida”, “fofinha” e outras coisas que deixaram Thulin nauseada.

Ela teve esperanças de que a verificação das comunicações de Hauge durante o período que passou em custódia pudesse revelar um lado diferente dele; mas também se decepcionou. O material mostrava a imagem de um homem dedicado ao trabalho, um funcionário importante da empresa de tecnologia em Kalvebod Quay, cujo principal interesse — além de Laura e Magnus — era sua casa e o jardim, incluindo a garagem. Ele mesmo tinha construído os alicerces e a estrutura. A página de Hauge do Facebook quase não era usada, havia apenas uma foto dele, usando um macacão, em pé no jardim perto de um carrinho de mão com Laura e Magnus. Nada nos dados parecia suspeito. Não havia nem mesmo aquelas pesquisas comuns de pornô. Thulin tinha perguntado a Hauge sobre a falta de interesse nas mídias sociais, em um dos primeiros interrogatórios, e ele argumentou que já passava tempo demais na frente de um computador no trabalho, então preferia se concentrar em outras coisas no tempo livre. Essa impressão geral de inocência foi confirmada por seus colegas de

trabalho e pelo pequeno círculo de amigos; nenhum deles notou qualquer coisa estranha, fosse na feira ou antes disso.

Em seguida, Thulin depositou as esperanças nas análises forenses de Genz e sua equipe: o carro de Hauge e diversos itens de vestuário e calçado foram testados em busca de vestígios de sangue de Laura Kjær ou de qualquer outra evidência que o ligasse ao assassinato. Nada. E quando Genz assegurou que nem a fita que cobria a boca de Laura nem os cabos que prendiam seus punhos combinavam com o material encontrado na garagem de Hauge, ela começou a perder as esperanças.

Nem o porrete nem o serrote usado para amputar a mão da mulher tinham sido encontrados — nem a mão amputada.

Enquanto desloga do sistema, Thulin toma uma decisão. Nylander vai ter que ter paciência. Ela se levanta e pega o casaco, enquanto interrompe os dois detetives, que estão discutindo suas teorias sobre o professor auxiliar.

— Esqueçam esse professor e se concentrem em Hauge. Repassem de novo as câmeras de trânsito e vejam se conseguem localizar o carro dele na rota entre o centro de convenções e Husum entre dez horas da noite e sete horas da manhã seguinte.

— O carro de Hauge? Mas nós já não fizemos isso?

— Então façam de novo.

— A gente não acabou de liberar o Hauge?

Thulin está se afastando dos protestos deles quando Hess surge de repente na porta.

— Você tem um minuto?

Ele parece perturbado e lança um olhar para o escritório ao fundo. Thulin passa direto por ele.

— Na verdade, não.

— Me desculpe por não estar aqui mais cedo. Eu sei que você teve que soltar o Hauge, mas isso talvez não importe. Precisamos falar sobre aquela impressão digital de novo.

— A digital não é importante.

Thulin continua seguindo pelo corredor e ouve Hess atrás dela.

— O garoto disse que o boneco não estava lá antes do assassinato. Você precisa investigar se alguém mais pode confirmar isso. As pessoas que moram por ali talvez tenham visto alguma coisa.

Thulin já está quase na escada caracol que leva ao pátio central. Seu telefone toca, mas ela não quer desacelerar, então deixa tocar enquanto desce, com Hess no seu encalço.

— Não, nós já explicamos isso. Neste departamento, costumamos achar que é melhor dedicar o tempo a casos que *não* foram solucionados ainda, em vez de àqueles que *já* foram.

— É exatamente sobre isso que precisamos conversar. Espere um pouco, pelo amor de Deus!

Thulin chega ao último degrau e está saindo para o pátio central deserto quando sente Hess a segurar pelo ombro, obrigando-a a parar. Ela se desvencilha do toque e o fulmina com olhar, enquanto ele bate com o dedo em uma pasta que ela reconhece ser um arquivo de caso.

— De acordo com a análise inicial, não havia traço de pó de osso na arma que Linus Bekker usou para esquartejar Kristine Hartung. Havia traços do sangue dela, e eles presumiram que isso junto com a confissão do criminoso era o suficiente para fazer o esquartejamento parecer plausível.

— Mas do que é que você está falando? Onde você conseguiu esse relatório?

— Acabei de chegar do Departamento Forense. Genz me deu uma mão com um experimento. Quando você corta um osso, não importa

que osso seja, o pó microscópico dos ossos fica preso nas ranhuras e fendas da lâmina. Olhe para essas imagens ampliadas do facão que usamos no experimento. É impossível remover as partículas, não importa o quanto você se esforce para limpar a lâmina. Mas na análise forense do geneticista, só foram encontrados traços de sangue. E *não* de pó de osso.

Hess entrega para Thulin algumas folhas soltas de papel com fotos ampliadas do que parecem ser pequenas partículas sobre uma superfície metálica, supostamente o facão. Mas são os membros decepados em uma das imagens que chamam sua atenção.

— O que é isso no fundo? Um porco?

— Foi só um experimento. Não é uma prova, mas o importante é...

— Se isso fosse relevante, eles provavelmente teriam mencionado, você não acha?

— Não era importante na época, mas pode ser agora... Agora que encontramos a digital.

A porta se abre e o vento frio entra, trazendo com ele a risada de dois homens. Um deles é Tim Jansen, um investigador alto e forte, que costuma ser visto sempre ao lado do seu parceiro, Martin Ricks. Jansen tem reputação de ser um detetive experiente e atento, mas Thulin o acha um porco chauvinista e se lembra claramente de como ele se esfregou nela durante o treinamento de combate no inverno, só a soltando quando ela acertou o cotovelo no seu plexo solar. Jansen também é o investigador que, junto com seu parceiro, conseguiu a confissão de Linus Bekker, e Thulin tem a sensação de que a posição deles no departamento é inexpugnável.

— Tudo bem, Hess? Está em um período sabático?

O cumprimento de Jansen vem acompanhado de uma risada, e Hess não responde. Espera até eles atravessarem o pátio antes de dizer qualquer outra coisa, e Thulin quer dizer a ele que todo esse cuidado é absurdo.

— Talvez não seja nada. Afinal de contas, encontraram o sangue dela, e para ser bem sincero eu não dou a mínima de qualquer jeito, mas você precisa falar com seu chefe para discutirem o rumo que a investigação deve tomar — argumenta Hess, sustentando seu olhar.

Thulin não quer admitir, mas, depois de visitar Magnus no Glostrup Hospital, também entrou no arquivo do caso Hartung para dar uma olhada, só para se assegurar de que não havia nada para se preocupar; e até onde viu, não havia. Além do lembrete de como deve ter sido doloroso para os pais quando ela e Hess apareceram na casa deles naquele dia.

— E você está me contando isso porque o seu trabalho em Haia faz de você um perito em casos de homicídio?

— Não, eu estou te contando isso porque...

— Então não se meta. Eu não quero que você comece a arrumar problemas se envolvendo no luto das pessoas porque alguém fez o trabalho direito enquanto você não faz o seu.

Hess a encara e Thulin enxerga a surpresa nos olhos dele. É um fator atenuante que ele estivesse tão mergulhado em sua linha de raciocínio que não tivesse percebido que estava atrapalhando mais do que ajudando, mas isso não muda nada. Ela está prestes a sair pela porta quando uma voz ecoa no pátio.

— Thulin, o pessoal de TI está tentando falar com você!

Ela olha para o policial que está descendo para falar com ela, segurando um celular.

— Diga que eu ligo em um minuto.

— É importante. O celular de Laura Kjær acabou de receber uma mensagem.

Thulin percebe que Hess ficou alerta, então se vira para o policial e pega o telefone.

Um técnico de informática está do outro lado da linha. Um jovem cujo nome ela não grava. Ele fala rapidamente, tagarelando em uma tentativa de explicar a situação.

— É sobre o celular da vítima. Nós sempre cancelamos a conta quando terminamos de examinar tudo, mas isso leva alguns dias, então a linha ainda está ativa e ainda é possível...

— Só me diga qual foi a mensagem.

Thulin olha para as colunas do pátio e para as folhas cor de bronze que giram pelo ar, sentindo o olhar de Hess fixo na sua nuca, enquanto o técnico de informática lê a mensagem para ela. Um vento

frio passa pelas portas entreabertas, e ela se ouve perguntar se eles têm como rastrear o remetente.

Rosa Hartung está na reunião com Gert Bukke, o líder da coalizão, há apenas quinze minutos, mas já percebeu que algo está muito errado.

Os últimos dias em Christiansborg foram movimentados. Sugestões para diversos aumentos no orçamento dos programas sociais do ano seguinte foram trocadas entre seu ministério e o escritório de Bukke. Ela e Vogel estão trabalhando dia e noite para conseguirem chegar a um acordo que satisfaça tanto a coalizão quanto o governo, e os dias movimentados caem como uma luva para Rosa. Nos últimos seis dias, ela vem tentando esquecer a breve esperança que sentiu quando os policiais apareceram na sua casa, e em vez disso colocar toda sua energia em alcançar um acordo sobre os programas sociais, como o primeiro-ministro espera. É muito importante que ela esteja à altura da confiança que o primeiro-ministro depositou nela, principalmente porque deu sua palavra de que estava pronta para reassumir o ministério. Talvez não estivesse, mas voltar ao trabalho foi crucial para Rosa. Por sorte, não receberam mais ameaças nem interrupções naquela semana, e ela sentia que as coisas estavam seguindo na direção certa — até aquele momento, pelo menos, sentada na sala de reuniões ao lado da Câmara, analisando Gert Bukke, que está assentindo educadamente. Vogel lhe explica as emendas sugeridas, mas Rosa percebe que ele está prestando mais atenção aos rabiscos do seu bloco. Quando ele fala, a surpreende.

— Entendo suas sugestões, mas preciso discutir o assunto com o grupo.

— Você já fez isso. Várias vezes, não é?

— E agora vou fazer de novo. Por que não encerramos por aqui?

— Mas o grupo segue suas decisões, Bukke. Eu preciso saber se tem alguma chance de chegarmos a um acordo antes...

— Rosa, eu conheço os procedimentos. Mas como disse...

Rosa olha para ele e se levanta. Ela sabe que na verdade Bukke quer ganhar tempo, mas não entende o motivo. Seu apoio político e eleitoral não é dos melhores, e se puderem chegar a um acordo, então em tese isso o colocaria de volta aos eixos.

— Bukke, queremos encontrar um meio-termo, mas não podemos permitir esse tipo de chantagem. Estamos negociando há quase uma semana, já fizemos concessões, mas não podemos...

— A mim parece que é o primeiro-ministro que está nos pressionando, e eu não gosto nada disso, então vou levar todo o tempo necessário.

— Pressionando?

Gert Bukke se senta novamente e se inclina para a frente.

— Rosa, eu gosto de você. E sinto muito por sua perda. Mas, para ser sincero, parece que te jogaram de volta na arena para fazer com que a pílula seja mais fácil de engolir, e isso não vai acontecer.

— Não estou entendendo.

— No ano que você ficou afastada, o governo passou por uma merda atrás da outra. As pesquisas de opinião mostram uma queda e o primeiro-ministro está desesperado. Agora ele está tentando transformar a aprovação do orçamento em uma grande esmola e arrastou para isso, claro, sua ministra mais popular, ou seja, você. Assim você banca a “Mamãe Noel” e ele reconquista os eleitores a tempo da reeleição.

— Bukke, eu não fui “arrastada para isso”. Eu pedi para voltar.

— Se você diz.

— E se você acha que a proposta é uma esmola, então deveríamos discutir isso. Estamos no meio do mandato parlamentar. Precisamos nos manter unidos por mais dois anos, então quero encontrar uma solução que deixe todo mundo satisfeito. Mas me parece que você está arrastando as coisas.

— Não estou. Só estou dizendo que temos desafios. Eu tenho os meus, e você obviamente tem os próprios problemas, então é compreensível que esteja sendo difícil.

Bukke dá um sorriso diplomático e Rosa o observa. Vogel faz uma tentativa vã de suavizar o tom e tenta novamente:

— Bukke, se nós fizermos mais alguns cortes para...

Mas Rosa se levanta abruptamente.

— Não, nós já terminamos aqui. Vamos dar a Bukke tempo para discutir com o grupo.

Ela faz um gesto de despedida com a cabeça e sai antes que Frederik Vogel consiga dizer outra palavra.

A entrada principal de Christiansborg está cheia de visitantes e guias entusiasmados, que apontam para as pinturas de vários antigos chefes de Estado no teto. Rosa notou os ônibus quando chegou e, embora seja totalmente a favor da transparência democrática, ela passa pela multidão e sobe as escadas com uma expressão séria. Vogel a alcança no meio do caminho.

— Eu queria te lembrar de que dependemos do apoio deles. Eles são a base parlamentar do governo. Você não pode reagir assim. Mesmo se ele mencionar a sua...

— Não tem merda nenhuma a ver com isso. Nós desperdiçamos uma semana inteira. O plano dele é fazer parecer que eu não estou à altura do trabalho, assim vai ter uma desculpa para dar à base quando as negociações acabarem e formos obrigados a convocar eleições.

Está claro para Rosa que Bukke cansou de cooperar com o governo. Ele provavelmente recebeu uma proposta mais interessante da oposição. Se ele forçar uma eleição, o partido de centro de Bukke vai ficar livre para fazer uma nova aliança, e aquele último comentário — “você obviamente tem os próprios problemas” — significa que ele vai fazer de tudo para que a merda caia no colo de Rosa.

Vogel lança um olhar para ela enquanto caminham.

— Você acha que a oposição ofereceu alguma coisa para ele? Se sim, você não está ajudando saindo das negociações daquele jeito. Não sei se o primeiro-ministro vai ficar muito satisfeito.

— Eu não saí de nada. Mas se ele está tentando nos pressionar, precisamos fazer o mesmo.

— Como?

Rosa se dá conta de que cometeu um grande erro. Desde que voltou ao ministério, evitou falar com a imprensa, solicitando que sua equipe

recusasse delicada, mas veementemente, qualquer pedido de entrevista. Em parte porque ela sabe o que eles querem realmente perguntar, e em parte porque prefere passar o tempo negociando. Mas principalmente pelo primeiro motivo. Vogel tentou fazê-la mudar de ideia, mas ela se manteve firme na decisão. Agora, em retrospecto, percebe como essa postura pode ser confundida com fraqueza se as negociações caírem por terra.

— Marque algumas entrevistas. Quantas conseguir encaixar na agenda de hoje. Vamos divulgar as nossas políticas sociais para o maior número possível de pessoas. Isso vai jogar a pressão de volta para Bukke.

— Concordo. Mas vai ser difícil manter o assunto exclusivamente na política.

Rosa não tem chance de responder. Uma garota dá um esbarrão em seu ombro, empurrando-a, e ela precisa se apoiar na parede para não cair.

— Ei, o que é isso?!

Vogel a segura pelo braço, olhando indignado para a mulher, que olha para trás sem se preocupar em diminuir o passo. Está usando um colete e um casaco de moletom vermelho, o capuz cobrindo a cabeça. Rosa só consegue ver rapidamente seus olhos escuros antes que ela desapareça em meio a um grupo de visitantes.

— Idiota. Você está bem?

Rosa faz que sim e continua andando, enquanto Vogel pega o celular.

— Vou cuidar de tudo agora mesmo.

Quando Vogel consegue falar com o primeiro jornalista, eles já estão na escadaria. Rosa olha por sobre o ombro, mas não consegue mais ver a mulher. Fica com a impressão de que a conhece de algum lugar, mas não consegue se lembrar de onde nem de quando a viu antes.

— Você está preparada para uma primeira entrevista em quinze minutos?

A voz de Vogel a traz de volta para a realidade, e Rosa logo se esquece do incidente.

O vento de outono fustiga e açoita ameaçadoramente as lonas que cobrem os andaimes na rua Jarmers Plads, completamente engarrafada. A viatura branca, com a sirene ligada, está a toda velocidade, passando pelas ruínas medievais antes de ter que parar atrás de um caminhão-reboque da prefeitura cheio de folhas molhadas.

— Seja mais específico. Onde está o sinal agora?

Thulin está atrás do volante, esperando impaciente que o técnico lhe responda pelo rádio enquanto tenta ultrapassar o reboque.

— O sinal do telefone saiu de Tagensvej e da região dos lagos e está seguindo pela Gothersgade agora, provavelmente em um carro.

— E as informações sobre o remetente?

— Nada ainda. Foi enviada por um celular usando um cartão pré-pago não registrado. Mas encaminhamos a mensagem para você ver.

Thulin buzina violentamente, pisando no acelerador no instante que encontra uma abertura no meio do congestionamento, enquanto Hess, no banco do passageiro, lê a mensagem em voz alta na tela do seu telefone.

— Sr. Castanha, onde está? Sr. Castanha, o que tem para me dar? Aqui estou, aqui estou, tenho castanhas para dar...

— É a letra de uma cantiga infantil. “Sr. Maçã, onde está?”. Mas as crianças podem trocar pelo que preferirem. “Sr. Ameixa”, “sr. Banana”, “sr. Castanha”.

Thulin golpeia a buzina de novo, ultrapassando uma van. Hess olha para ela.

— Quem sabe que encontramos o sr. Castanha na cena do crime? Isso foi mencionado em algum lugar, em algum relatório ou análise ou...

— Não. Nylander vetou a informação, então não foi mencionada em

lugar nenhum.

Thulin sabe por que Hess está perguntando. Se a informação de que encontraram um sr. Castanha com a impressão digital de Kristine Hartung tivesse vazado, a mensagem poderia ter sido enviada por algum doido. Mas esse não parece ser o caso. Não quando a mensagem foi enviada diretamente para o telefone de Laura Kjær. O pensamento a faz gritar no rádio de novo.

— Para onde agora? Para onde vamos?

— O sinal está seguindo pela Christian IX's Gade, parece ter entrando em um prédio e está ficando cada vez mais fraco.

O sinal está vermelho, mas Thulin pisa fundo no acelerador. Segue em direção ao cruzamento, olhando em frente.

Eles saem do carro e correm pela rampa, passando por uma fileira de carros atrás da barreira para entrarem no estacionamento. De acordo com a última atualização, o telefone estava seguindo para lá antes de o sinal ser perdido. Mas o estacionamento está praticamente lotado. É meio-dia de uma segunda-feira e pessoas caminham por entre os carros. Famílias com pesadas sacolas de compras e abóboras prontas para serem entalhadas para o Halloween. Música ambiente soa pelos alto-falantes, interrompida apenas pela voz animada de um locutor anunciando promoções imperdíveis esperando pelos consumidores no primeiro piso da loja.

Thulin segue direto para o atendente na guarita ao final do estacionamento. Um jovem está sentado lá, devolvendo algumas pastas de arquivo à prateleira.

— Sou da polícia, preciso saber...

Thulin nota que o atendente está usando fones de ouvido e só reage quando ela bate no vidro com força e mostra o distintivo.

— Preciso saber quais foram os carros que entraram aqui nos últimos cinco minutos.

— Não tenho ideia.

— Você tem filmagens! Ande logo!

Thulin aponta para a parede de telas pequenas atrás do homem, que está começando lentamente a compreender a urgência.

— Volte as imagens, rápido!

Não houve mais vestígios do sinal desde que desapareceu no prédio, mas se Thulin puder ver quais carros entraram nos últimos cinco minutos, terá as placas para limitar os suspeitos. Nesse meio-tempo, porém, o atendente está procurando o controle remoto.

— Eu me lembro de um Mercedes e um carro de entrega e outros carros comuns...

— Anda logo!

— Thulin, o sinal está seguindo para Købmagergade!

Thulin olha para Hess, que está com telefone no ouvido, acompanhando as informações enviadas pelo dispositivo de rastreamento. Ele começa a ziguezaguar por entre os carros em direção à saída. Thulin se volta para o atendente atrás do vidro — ele finalmente encontrou o controle.

— Deixa pra lá. Me mostre as câmeras dentro da loja, as do térreo, mostrando a saída para a Købmagergade!

O atendente aponta para as últimas três telas e Thulin mantém os olhos colados nas imagens em preto e branco. Um monte de gente está passeando pela loja de departamentos que mais parece um formigueiro. É impossível se concentrar em um único indivíduo, até que, de repente, ela vê uma figura solitária. Parecendo andar com mais propósito que os outros, cruzando a loja em direção à saída para Købmagergade e mantendo-se de costas para as câmeras de segurança. Quando a pessoa de cabelo escuro e terno desaparece atrás de uma coluna, Thulin sai correndo.

Erik Sejer-Lassen está andando três passos atrás da mulher e consegue sentir seu perfume. Ela deve ter trinta e poucos anos, está usando saia e meia-calça pretas. Ele acha o toc-toc dos sapatos Louboutin quase insuportável enquanto a segue pela seção da Victoria's Secret. Ela está bem-arrumada, muito o tipo dele, peitos grandes e cintura fina, e ele pode apostar que ela trabalha em algum lugar com espelhos, óleos, pedras quentes e coisas do tipo — algum emprego que ela usa apenas para passar o tempo enquanto espera por um ricaço que a leve para casa como um caro objeto de decoração. Pensa no que quer fazer com ela, arrastá-la para algum lugar, subir sua saia e meter nela por trás enquanto agarra o cabelo louro e o puxa até ela gritar. Provavelmente conseguiria se dar bem se a convidasse para algum restaurante chique ou boate da moda, onde ela daria risadinhas, ficaria impressionada e molharia a calcinha toda vez que ele passasse o cartão de crédito *platinum* pelas maquininhas. Mas não é isso que ele quer — não é isso que ela merece. Seu celular toca e quando ele enfia a mão na bolsa pendurada no ombro e confere a tela, é arrancado rapidamente da fantasia.

— Fala.

Sua voz está gelada e ele sabe que a esposa vai notar, mas a porra da culpa é dela por ele estar assim. Erik faz uma pausa e procura a mulher de Louboutin, mas ela já desapareceu no meio da multidão.

— Desculpe incomodar.

— O que você quer? Eu não posso falar agora, *já te disse*.

— Eu só queria saber se posso levar as meninas para visitar a minha mãe. Para dormir lá.

Ele fica imediatamente desconfiado.

— E por que você quer fazer isso?

Ela fica em silêncio por um tempo.

— É só que faz muito tempo que eu não a vejo. E já que você não vai estar em casa mesmo...

— Você quer que eu volte para casa, Anne?

— Sim, claro que quero. Foi só que você disse que ia ter que trabalhar até tarde, então...

— Então o quê, Anne?

— Desculpe... Nós vamos ficar em casa, então... Se você não acha que é uma boa ideia...

Tem alguma coisa nela que o irrita. Algo na sua voz — alguma coisa na qual ele não confia. Ele não queria que fosse assim. Queria tanto poder voltar no tempo e fazer tudo de forma diferente. Então, de repente, ouve o som do salto no piso de mármore, e quando se vira vê a mulher de Louboutin saindo do estande de maquiagem com uma sacolinha chique na mão, seguindo em direção ao elevador perto da saída para Købmagergade.

— Tá bom. Tanto faz. Pode ir.

Desligando, Erik Sejer-Lassen chega ao elevador um pouco antes de as portas se fecharem.

— Posso subir com você?

Ela está sozinha, com aquele rostinho de boneca, olhando para ele com expressão surpresa. A mulher o avalia lentamente — ele sente o olhar no seu rosto e cabelo escuro, no terno e nos sapatos caros —, então ela abre um sorriso radiante.

— Claro.

Erik entra no elevador. Retribui o sorriso, aperta o botão e se vira para a mulher, então um homem com uma expressão feroz enfia os braços entre as portas e o empurra contra a parede espelhada, amassando seu nariz contra a superfície fria. A mulher grita, aterrorizada. Ele sente o peso do homem nas suas costas, suas mãos o apertando e, por um instante, vê a cor dos olhos dele e pensa que deve estar louco.

Fica claro para Steen que o cliente não sabe nada sobre desenho. Já passou por isso muitas vezes antes, mas dessa vez é extremamente irritante, porque o cliente está tornando sua ignorância em uma virtude e insistindo que aquilo significa que suas ideias são “originais”, “laterais” e “fora da caixa”.

Ele e seu sócio Bjarke estão aguardando na grande sala de reuniões, esperando até que o cliente finalmente pare de olhar para mais um desenho e digne-se a lhes dar uma opinião. Steen olha o relógio. A reunião está se arrastando há um tempão. Ele deveria ter pegado o carro há cinco minutos e estar a caminho da escola. Mas o cliente tem vinte e três anos, é um multimilionário da área tecnológica, vestido como um garoto de quinze, com jeans rasgado, um moletom com capuz e tênis brancos. E Steen sabe instintivamente que o cara só consegue escrever funcionalismo com a ajuda do autocorretor do iPhone novinho em folha que colocou em cima da mesa e no qual não consegue parar de mexer.

— Cara, não tem muitos *detalhes* aqui.

— Não. Da última vez você disse que tinha detalhes *demais*.

Steen sente Bjarke se retesar diante da resposta e se apressar a suavizar o comentário.

— Nós sempre podemos acrescentar mais detalhes. Sem problemas.

— De qualquer forma, só precisa de mais *pá*, mais *bum*.

Steen, que estava justamente esperando por esse comentário, pega uma pilha de desenhos antigos.

— Esses são os últimos desenhos. Eles tinham o *pá* e o *bum*, mas você disse que era demais.

— Exatamente. Ou talvez de menos?

Steen encara o rapaz, que retorna o olhar com um grande sorriso.

— Talvez o problema seja que tudo está no meio-termo. Vocês me

mostram um desenho depois do outro. Vocês conhecem o seu trabalho, mas eles têm nuances demais, e preciso que seja bem mais solto. Entendeu?

— Não, não entendi. Mas talvez possamos colocar bichinhos de plástico vermelhos no hall e transformar a entrada em um navio pirata, se você preferir.

Bjarke dá uma risada, alta demais, em uma tentativa de aliviar a situação, mas o jovem Sun King não aceita bem.

— Talvez seja uma boa ideia mesmo. Ou talvez eu possa procurar outro arquiteto, se vocês não tiverem nada melhor para oferecer antes de o prazo terminar, esta noite.

No carro, a caminho da escola, alguns minutos depois, Steen liga para o advogado e diz que ainda não recebeu o certificado de presunção de morte. A secretária parece surpresa e pede desculpas, e Steen a corta rápido demais — mas ela entende a mensagem e promete acelerar as coisas.

Quando estaciona do lado de fora da escola, já bebeu mais três garrafinhas, mas dessa vez ele se lembra do chiclete e dirige com as janelas abertas por vários quilômetros. Ao ver que Gustav não está esperando sob as árvores como sempre, liga para o celular do filho. De repente, não sabe mais se chegou adiantado ou atrasado. O pátio da escola está vazio. Steen olha no relógio. Ele raramente entra na escola; na verdade, não consegue se lembrar da última vez que fez isso. É como se ele e o filho soubessem que é melhor que espere do lado de fora. Mas agora o filho não está ali, e em meia hora Steen precisa estar de volta ao escritório para revisar os desenhos de Sun King. Nervoso demais para se conter, ele abre a porta do carro.

A porta da sala de Gustav está encostada, mas o cômodo está vazio. Steen avança, pensando que tem sorte de as outras turmas estarem em aula, os corredores estarem vazios e ele não precisar enfrentar olhares inquisidores.

Ao passar pelas portas que levam para o jardim de infância, ele quase consegue ignorar a decoração outonal com animais feitos de castanhas. A visita policial do outro dia foi um pesadelo. A impressão digital. A sensação que despertou dentro dele quando compreendeu o que estavam dizendo. A esperança, crescendo e se misturando com a perplexidade. Aquilo já tinha acontecido muitas vezes antes — ele e Rosa serem empurrados de volta para o início —, mas daquela vez foi ainda mais inesperado. Mais tarde eles conversaram que as coisas eram como eram — e que por Gustav, pelo menos, deveriam ser fortes o suficiente para encarar de frente os golpes e as quedas desses lembretes do que tinha acontecido com a filha. Independentemente de como fossem. Eles prometeram que seguiriam em frente, apesar de tudo, e embora Steen quase sinta os animais de castanha seguindo-o com o olhar, ele vira no corredor e segue para a área comum, determinado a não se deixar afetar.

Steen para de repente. Leva um momento para perceber que as crianças sentadas na sala de convivência são colegas de turma de Kristine. Faz muito tempo desde a última vez em que os viu, mas ainda reconhece os rostos.

Estão sentados calmamente em volta das mesas brancas espalhadas pelo carpete marrom, trabalhando em grupos; mas, assim que o primeiro aluno o vê, corre um burburinho pela sala e todos os rostos se voltam para ele. Ninguém fala nada. Por um segundo, Steen não sabe o que fazer, mas então começa a se afastar por onde veio.

— Oi.

Steen se vira para a garota sozinha na mesa mais próxima, seus livros de escola empilhados à frente, e percebe que é Mathilde. Ela parece mais velha. Mais séria, vestida de preto. Ela dá um sorriso amigável.

— Você está procurando o Gustav?

— Estou.

Ele já a viu milhares de vezes; Mathilde ia tanto à casa deles que Steen tinha se acostumado a falar com ela como se fosse sua própria filha, mas não era mais assim, e ele não consegue encontrar as palavras.

— A turma dele passou por aqui há um tempo, mas já devem estar voltando.

— Obrigado. Você sabe para onde eles foram?

— Não.

Steen olha para o relógio, embora saiba que horas são.

— Tudo bem. Vou esperar no carro.

— Tudo bem com você?

Steen olha para Mathilde e tenta sorrir. Aquela é uma das perguntas perigosas, mas ele já a ouviu tantas vezes que sabe que só precisa responder rápido.

— Tudo. Estou um pouco ocupado, mas isso é bom. E você?

Ela assente e força um sorriso, mas parece triste.

— Sinto muito não ter aparecido mais para visitar.

— Não sinta. Está tudo bem.

— Olá, Steen. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Steen se vira e se depara com o professor Jonas Kragh vindo na direção deles. Ele tem uns quarenta e poucos anos, está de jeans e uma camiseta preta justa. Os olhos são gentis, mas também alertas e interrogativos, e Steen sabe exatamente por quê. Toda a turma foi afetada pelo que aconteceu, e a escola está se esforçando para ajudar os alunos a superar. Kragh foi um dos professores que achou que seria melhor se os alunos não participassem da cerimônia memorial, que por motivos lógicos foi realizada alguns meses depois do desaparecimento de Kristine. Ele acreditava que aquilo faria mais mal do que bem, como se estivessem reabrindo uma ferida que estava

começando a cicatrizar, e deixou aquilo bem claro para Steen na época. Nesse meio-tempo, a direção da escola declarou que os próprios alunos poderiam decidir se queriam participar ou não e mais ou menos todos os colegas de turma de Kristine apareceram.

— Não, está tudo bem. Estou de saída.

Quando Steen chega ao carro, o sinal toca. Ele fecha a porta e tenta se concentrar em encontrar o filho entre as crianças que estão saindo. Sabe que fez a coisa certa, mas ver Mathilde trouxe a visita da polícia de volta à sua mente e ele se lembra da última explicação do seu terapeuta: “o luto é o amor que ficou sem lar, e é necessário aprender a viver com o luto e continuar seguindo adiante”.

Ele ouve Gustav entrar no carro e se sentar ao seu lado, e ouve a explicação de que o professor de literatura os levou até a biblioteca e os fez pegar livros para ler no tempo livre e por isso ele se atrasou um pouco. Steen quer assentir, demonstrar compreensão, ligar o carro e ir embora, mas fica só ali parado, pois sabe que precisa voltar à escola. O sinal toca, e ele luta contra o impulso. Sabe que ceder vai levá-lo a ultrapassar o limite que definiu para si mesmo, mas se não fizer isso agora talvez nunca pergunte a Mathilde, e existe algo na pergunta que é realmente importante, que talvez importe mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— O que foi?

Steen abre a porta do carro.

— Só uma coisa que eu preciso fazer. Fica aqui.

— O que você vai fazer?

Steen bate a porta do carro e segue para a entrada principal, as folhas voando à sua volta.

— Que *porra* vocês estão fazendo? Eu exijo uma explicação — esbraveja Erik Sejer-Lassen.

Thulin pressiona o ícone de mensagens no Samsung Galaxy, passando pelas mensagens de texto enquanto Hess esvazia o conteúdo da bolsa de Sejer-Lassen em um dos sofás de couro branco que formam um pequeno lounge.

Estão no escritório do cara, no último andar do prédio. Enquanto a música da loja de departamentos e centenas de pessoas disputam um espaço nos andares inferiores, o andar mais próximo do céu é destinado aos escritórios da firma de investimento de Sejer-Lassen. Está começando a escurecer e, do outro lado da divisória de vidro entre a sala e o corredor, funcionários com expressões preocupadas se reúnem para observar o CEO, que momentos antes foi escoltado do elevador de forma bem óbvia.

— Vocês não têm o direito de fazer isso. O que estão fazendo com o meu celular?

Ignorando-o, Thulin desliga o telefone dele e olha para Hess, que está repassando o conteúdo da maleta.

— A mensagem não está aqui.

— Ele pode ter apagado. Estão dizendo que o sinal ainda está vindo daqui.

Hess pega uma sacola branca da 7-Eleven da bolsa enquanto Erik Sejer-Lassen dá um passo em direção a Thulin.

— Eu não fiz nada. Então ou vocês dão o fora ou me dizem...

— Qual o seu relacionamento com Laura Kjær?

— Quem?

— Laura Kjær. Trinta e sete anos, enfermeira de um consultório dentário. Você acabou de mandar uma mensagem para o celular dela.

— Eu nunca ouvi falar dela!

— O que você fez com seu outro celular?

— Eu só tenho um!

— O que tem no pacote?

Thulin se vira e vê que Hess tirou um envelope branco da bolsa masculina e o está apontando para Sejer-Lassen.

— Eu não faço ideia, acabei de pegar! Eu estava voltando de uma reunião e recebi uma mensagem de um entregador dizendo que tinha um pacote para mim na 7-Elev... Ei!

Hess deixa o pacote cair no sofá de couro branco. A abertura é grande o suficiente para que Thulin veja um saco plástico com manchas escuras e um celular Nokia antigo com a tela acesa. O Nokia está preso a uma forma estranha e cinzenta, e só quando Thulin reconhece o anel no dedo é que percebe que está olhando para a mão decepada de Laura Kjær.

Erik Sejer-Lassen observa aquela coisa.

— Mas que merda é *essa*?

Hess e Thulin trocam um olhar, e Hess se aproxima.

— Quero que você pense com muito cuidado. Laura Kjær...

— Olha, eu não sei de nada!

— Quem mandou o pacote?

— Eu já disse que acabei de pegar! Eu não sei...

— Onde você estava na noite da segunda-feira passada?

— Segunda à noite?

Thulin se desliga das vozes enquanto avalia o escritório do homem. Sabe instintivamente que aquela conversa é irrelevante. A confusão parece intencional. Como se alguém estivesse rindo deles enquanto ficam rodando feito insetos presos em uma garrafa, e ela tenta se concentrar no motivo de estarem lá, por que o lugar parece certo e, ao mesmo tempo, errado.

Alguém tinha deliberadamente mandado uma mensagem para atraí-los até ali. Alguém queria que eles seguissem o sinal do Nokia e encontrassem a mão direita de Laura Kjær no escritório de Erik Sejer-Lassen. Mas por quê? Não para ajudar, certamente, e pelo visto não porque Erik Sejer-Lassen pudesse lançar qualquer luz ao caso. Mesmo assim, por que levá-los diretamente para ele?

Os olhos de Thulin pousam em uma linda fotografia emoldurada de Erik Sejer-Lassen com a esposa e as filhas na prateleira atrás da mesa de trabalho, e ela percebe qual pode ser o aterrorizante motivo.

— Onde está sua esposa?

Diante da interrupção de Thulin, Hess e Erik Sejer-Lassen ficam em silêncio e se viram para ela.

— A sua esposa! Onde ela está agora?

Sejer-Lassen balança a cabeça, incrédulo, enquanto Hess olha de Thulin para a foto de família na prateleira. Ela percebe que ele captou seu pensamento. Sejer-Lassen encolhe os ombros e ri.

— E como é que eu vou saber? Em casa, provavelmente. Por quê?

A casa é uma das maiores em Klampenborg, e desde que Anne Sejer-Lassen, o marido e as duas filhas se mudaram, alguns meses antes, se tornou um hábito para ela terminar sua corrida no imponente portão eletrônico de metal e então caminhar o resto do caminho de cascalho até a porta da frente, recuperando o fôlego, deixando o ritmo do coração voltar ao normal. Mas não hoje. Depois que tomou coragem e ligou para Erik, correu para chegar em casa e continuou correndo sobre o cascalho, passando pelos arbustos recém-aparados, a fonte de alabastro e o Land Rover. Não se importa em fechar o portão, porque sabe que em um minuto vai passar por ele pela última vez na vida. Já ligou para a *au pair* e disse que ela mesma buscará Lina e Sofia na creche. Quando chega à porta, o cachorro pula e late, brincando com ela como sempre, mas Anne o acaricia distraidamente, pega a chave embaixo do vaso de pedra e destranca a porta.

A casa está escura e ela acende a luz antes de desarmar o sistema de segurança, ainda sem fôlego. Tira os tênis e sobe as escadas de forma decidida, com o cachorro a seguindo de perto. Sabe exatamente do que precisa, porque na sua cabeça já fez as malas muitas vezes. No quarto das crianças, no segundo andar, pega duas pilhas que já deixou prontas no fundo do armário, e no banheiro ela se lembra de pegar as escovas de dentes e os itens de higiene pessoal. Quando seu celular toca, ela vê o nome do marido brilhar na tela, mas não atende. Se for rápida, poderá ligar para ele depois dizendo que estava dirigindo e por isso não pôde atender. Além disso, ele provavelmente não vai descobrir o que está acontecendo até a manhã seguinte, quando perceber que ela não foi para a casa da mãe. Ela se apressa ainda mais, enfiando as roupas das meninas na bolsa preta de viagem no quarto principal, que já está cheia com roupas dela e três passaportes roxos. Então fecha a bolsa e desce correndo a escada, afastando-se ao

máximo da sala principal com suas janelas que vão do chão ao teto e têm vista para a floresta, antes de se lembrar, de repente, de que esqueceu uma coisa. Anne larga a bolsa no chão e deixa o celular em cima dela, então sobe correndo para o segundo andar. O quarto das crianças está escuro. Começa a procurar apressadamente embaixo das cobertas na cama, mas só quando olha para o peitoril da janela é que vê os dois indispensáveis ursinhos panda de pelúcia. Feliz por tê-los encontrado, ela desce às pressas a escada, lembrando-se de que tudo que precisa é pegar sua carteira e a chave do carro. As duas coisas estão na cozinha, esperando por ela na grande mesa rústica de madeira chinesa. Então, quando chega à sala, ela fica tensa.

No piso onde um pouco antes tinha colocado a bolsa de viagem, não há nada. Nem a bolsa, nem o celular. Só a luz azulada do refletor do jardim que brilha através das portas da varanda, iluminando o chão encerado de tábua corrida — e um bonequinho feito de castanhas. Por um instante, ela fica confusa. Talvez uma das meninas tenha feito o sr. Castanha junto com a *au pair*, e talvez Anne tenha largado a bolsa de viagem em outro lugar; mas uma fração de segundo depois, sabe que não é esse o caso.

— Olá...? Erik, é você?

A casa está em silêncio. Ninguém responde e, quando ela se volta para o cachorro, que começou a rosnar, os olhos dele estão fixos em algo atrás dela, na escuridão.

Kragh está resumindo a história da internet, desde Tim Berners-Lee até Bill Gates e Steve Jobs, quando a porta da sala se abre. De seu lugar, perto da janela, Mathilde se surpreende ao ver o pai de Kristine olhando da porta. Ele parece confuso quando se desculpa por interromper, como se tivesse acabado de perceber que não bateu.

— Preciso falar com Mathilde. É só um minuto.

Mathilde se levanta antes que o professor tenha a chance de responder. Percebe que ele não gostou da interrupção e ela sabe o motivo.

Quando sai para o corredor e fecha a porta, percebe que tem alguma coisa errada. Ela se lembra vividamente do dia, um ano antes, quando ele foi até sua casa para perguntar se ela sabia onde Kristine estava. Ela tentou ajudar, mas suas respostas só o deixaram mais nervoso, embora Steen tenha tentado se convencer de que Kristine provavelmente só tinha ido à casa de outro amigo.

É difícil para Mathilde superar o fato de Kristine não estar mais lá. Às vezes pensa nela e tudo parece apenas um longo pesadelo. Kristine só se mudou e está morando em outro lugar — é claro que ela e Mathilde vão rir juntas de novo um dia. Mas sempre que passa por Gustav na escola ou vê Rosa ou Steen, sabe que não é um pesadelo. Ela os conhece muito bem. Amava ir à casa deles e fica triste de ver como o luto os transformou. Quer ajudar como puder, mas agora que está sozinha com Steen, do lado de fora da sala de aula, sente um pouco de medo — ele está obviamente fora de si. Parece assustado e amedrontado, e ela sente um cheiro forte no seu hálito quando ele se desculpa e começa a explicar que precisa que ela conte sobre os srs. Castanha que ela e Kristine fizeram juntas no último outono.

— Sr. Castanha?

Mathilde não sabe o que esperava, mas a pergunta a deixa ainda

mais nervosa e, de início, ela nem entende sobre o que ele está falando.

— Você quer dizer como a gente fez os bonecos?

— Não. Quando vocês fizeram os bonecos, foi você ou foi ela que fez?

Por um momento, Mathilde não consegue lembrar, e ele lança um olhar agitado para ela.

— Eu preciso saber.

— Nós duas fizemos, eu acho.

— Você *acha*?

— Não, nós duas fizemos. Por quê?

— Então, *ela* os fez também? Tem certeza?

— Tenho. Nós fizemos juntas.

Percebe pela expressão no rosto dele que não é a resposta que ele esperava e, por alguma razão que não consegue definir, se sente culpada.

— A gente sempre ia até a casa de vocês e fazia os bonecos, e...

— É, eu sei. Depois o que vocês faziam com eles?

— A gente ia até a beira da estrada para vender junto com bolos e...

— Para quem?

— Eu não sei. Para qualquer um que quisesse comprar. Por que isso...

— Mas vocês só vendiam para pessoas que conheciam ou para outras pessoas também?

— Eu não sei...

— Você não lembra se havia outras pessoas?

— Mas eu não os conhecia...

— Então eram estranhos? Ou alguém que ela conhecia? Ou o quê?

— Eu não sei...

— Mathilde, isso pode ser importante...

— Steen, o que está acontecendo?

Kragh aparece na porta, mas o pai de Kristine lança um olhar cortante para ele.

— Nada. Só vai levar mais um...

— Venha comigo.

Kragh se coloca entre Mathilde e ele, tentando afastá-lo, mas Steen resiste.

— Se você tem alguma coisa importante para dizer a Mathilde, precisa fazer isso do jeito certo. Tudo isso é muito difícil para todo mundo, principalmente para você e sua família, mas para os colegas de Kristine também.

— São só algumas perguntas. Só vai levar um minuto.

— Eu quero saber do que se trata. Caso contrário, vou ter que pedir para você ir embora.

Todo o ar parece deixar o pai de Kristine enquanto Kragh o encara interrogativamente. Ele lança um olhar confuso para Mathilde e então para os outros alunos, que estão olhando pela porta aberta.

— Sinto muito. Eu não queria...

Steen hesita e se vira. Mathilde percebe com um sobressalto que Gustav está observando tudo do outro lado da área comum. Ele não diz nada, só fica olhando para o pai, e então se vira e vai embora. Steen começa a ir atrás do filho, e quase virou no corredor antes que Mathilde reaja.

— Espere!

Steen se vira devagar e ela se aproxima.

— Sinto muito não conseguir lembrar de tudo.

— Não tem importância. Desculpe.

— Mas agora que pensei melhor, eu lembrei que na verdade nós *não* fizemos nenhum sr. Castanha no ano passado.

O olhar dele estava fixo no chão, o corpo curvado como se estivesse carregando o peso do mundo nos ombros. Mas quando entende as palavras dela, Steen levanta a cabeça e seus olhares se encontram.

A sétima entrevista do dia acabou, e Rosa está passando pelo corredor com Engells quando seu celular toca. Ela vê o número do marido na tela enquanto veste o casaco, mas está sem tempo para conversar — o chefe de gabinete ainda tem que repassar os números do último relatório ministerial com ela.

Todas as entrevistas correram bem. Ela falou sobre a necessidade de todas as iniciativas e enfatizou que está muito otimista em relação ao trabalho com a coalizão. Tudo isso foi calculado para fazer Bukke entrar na linha. Ela tolerou as perguntas invasivas, embora tivessem drenado suas forças: “Como está sendo a volta ao trabalho?”, “Como isso tudo mudou sua vida?” e “Como se supera algo tão terrível?”. O mais estranho foi que a jornalista que fez essa última pergunta estava presumindo que ela tinha superado a perda da filha simplesmente porque tinha voltado ao seu cargo.

— Vamos logo! Se o ministro vai estar lá, temos que fazer isso no caminho.

Liu está esperando impacientemente o elevador e pega o relatório de Engells, que deseja boa sorte para Rosa com um tapinha no ombro.

— Onde está Vogel? — pergunta Rosa.

— Ele disse que vai nos encontrar mais tarde na entrada do estúdio do canal DR.

Eles aceitaram duas entrevistas ao vivo no noticiário da TV. A primeira será para o canal DR e a seguinte para o Canal Dois. A agenda está apertada. Elas entram no elevador que leva para a saída dos fundos, onde é mais fácil para o motorista pegá-las do que na entrada principal sempre congestionada. Liu pressiona o botão para o térreo.

— O primeiro-ministro já sabe sobre o desenvolvimento das coisas, mas Vogel disse que ainda não querem que você se desentenda com Bukke.

— Não vamos nos desentender, mas nós precisamos ter as rédeas da situação, não ele.

— Só estou repetindo o que Vogel disse. E é importante como você vai abordar o assunto agora. Os documentos são uma coisa...

— Eu sei o que estou fazendo, Liu.

— Eu sei, mas é ao vivo, e eles vão fazer perguntas sobre coisas além de política. Vogel me pediu para te preparar para isso e quer discutir suas respostas. Em outras palavras, eles vão fazer perguntas bastante invasivas, e Vogel não conseguiu nenhuma garantia.

— Eu tenho que lidar com isso. Se eu recuar agora, de que adianta? Onde está o carro?

Rosa sai do elevador e passa pelos seguranças da entrada dos fundos, com Liu logo atrás. Elas param na Admiralgade varrida pelo vento, mas o carro ministerial não está no lugar de sempre. Rosa percebe que Liu está surpresa, mas, como sempre, finge que está tudo sob controle.

— Espere um pouco, vou encontrar o motorista. Ele costuma parar na rua lateral na hora de descanso.

Liu segue pela rua de pedras, olhando para os lados enquanto pega o telefone na bolsa. O celular de Rosa toca de novo e ela atende enquanto segue Liu. O vento está frio e, quando passam por Boldhusgade, ela vê Christiansborg do outro lado do canal.

— Oi, amor. Eu não tenho muito tempo. Estou a caminho da DR e preciso me preparar para a entrevista.

A ligação está muito ruim e ela mal consegue escutá-lo. Sua voz parece abalada e confusa e no início ela só entende as palavras “importante” e “Mathilde”. Rosa repete o que acabou de dizer, tentando explicar que não está conseguindo ouvir, mas ele parece desesperado para contar alguma coisa. No arco que leva para um pequeno pátio, ela vê Liu parar e começar a falar agitadamente com o novo motorista, que por algum motivo não levou o carro até elas.

— Steen, não é um bom momento. Preciso desligar.

— Escute!

A conexão melhora de repente, e a voz de Steen está clara e inequívoca.

— Você disse para a polícia que elas fizeram bonequinhos de castanha. Será que não pode ter se confundido?

— Steen, eu realmente não posso conversar agora.

— Eu acabei de falar com Mathilde. Ela disse que elas *não* fizeram nenhum sr. Castanha no ano passado. Que fizeram animais e aranhas e todo tipo de coisa, mas nenhum sr. Castanha. Então como a impressão digital dela foi parar lá? Você está entendendo o que estou dizendo?

Rosa para. A ligação começou a falhar novamente.

— Alô? Steen?

Ela sente um nó na barriga, mas a ligação está tão ruim que logo segue um longo bipe indicando o fim do sinal. Rosa vai até Liu, que está olhando para alguma coisa no pátio. Liu só ergue o olhar quando o motorista cutuca seu braço e faz um gesto em direção a Rosa.

— Venha, vamos pegar um táxi.

— Eu preciso ligar para Steen. Por que não podemos ir com o carro?

— Eu explico no caminho.

— Não, o que aconteceu?

— Venha, precisamos correr!

Mas já é tarde demais. Rosa vê o carro ministerial. O para-brisa está estilhaçado. Letras grandes e amorfas cobrem o capô. Parecem ter sido escritas com sangue. Ela se retesa diante do choque que sente ao ler a palavra ASSASSINA.

Liu a pega pelo braço e a tira dali.

— Já disse para ele ligar para a equipe de segurança. Precisamos ir agora.

A silhueta da floresta se avulta na escuridão diante deles, e Thulin quase não consegue desacelerar a tempo quando Hess aponta para o número da rua. Ela vira para entrar pelo portão de uma casa palaciana em Klampenborg, tão rápido que o carro derrapa no cascalho. Então dirige direto para a porta da frente, mas antes de o carro parar completamente Hess abre a porta e desce. Para seu alívio, ela vê que a patrulha local já está estacionada do lado de fora, e, enquanto sobe correndo os degraus da entrada, um dos policiais já está descendo as escadas do segundo andar.

— Já vasculhamos a casa. Algo aconteceu na sala principal.

— Thulin!

Ela corre para a sala, onde a primeira coisa que vê são as manchas de sangue na parede e o cachorro, caído morto no chão, com a cabeça para trás. Alguns móveis estão virados, uma das janelas está quebrada, e há sangue na porta e no chão, onde dois ursinhos panda de pelúcia caíram. Uma bolsa de viagem está escondida atrás da porta e há um telefone celular no chão ao lado.

— Leve alguns policiais com cães farejadores para a floresta agora!

— Hess está abrindo a porta para a varanda enquanto dá as ordens para o policial, que assente, aturdido, e tateia pelo próprio telefone.

Uma cadeira de jardim está prendendo a porta, mas Hess dá um chute e a derruba, e Thulin o segue de perto enquanto ele corre pelo gramado em direção à floresta.

Anne Sejer-Lassen corre desesperadamente pela escuridão, enquanto galhos de árvores batem no seu rosto. Ela sente os espinhos e as raízes cortarem seus pés, mas continua correndo, obrigando-se a seguir em frente conforme suas pernas se enchem de ácido láctico e as câibras têm início. A cada instante tem a esperança de reconhecer algum detalhe da floresta que lhe é tão familiar, mas não há nada além do escuro, do som da própria respiração e dos galhos estalando e traindo sua localização.

Por fim ela para ao lado de uma grande árvore. Encosta-se contra o tronco frio e úmido e tenta prender a respiração, ouvindo os sons da floresta. O coração parece prestes a explodir, e ela está quase chorando. Muito ao longe, acha que ouve vozes, mas não sabe se localizar. Sabe que está correndo há muito tempo e tenta perceber se seu perseguidor está atrás dela. Está perdida, mas olha para trás e não vê a luz de nenhuma lanterna, nenhum barulho, nenhum movimento na escuridão, e aquilo *tem* que significar que conseguiu escapar.

À sua frente, bem longe entre as árvores, vê uma luz se movendo em um arco lento e Anne logo acha que consegue ouvir um motor distante. De repente, sabe onde está. O fecho de luz só pode ser do farol de um carro dirigindo pela viela que começa no desvio para o rio. Contrai os músculos, reúne coragem e começa a correr. Está a uns cento e trinta metros da viela, mas sabe exatamente onde há uma curva acentuada, que vai fazer com que saia bem na frente do carro. Só mais quarenta e cinco metros e então vai começar a gritar. Só trinta agora e, mesmo que o carro esteja em movimento, o motorista vai conseguir ouvir sua voz, e o seu perseguidor vai ter que desistir.

O golpe a atinge de frente. Algo se enterra na sua bochecha, algo cortante, e ela percebe na hora que ele devia estar parado bem à sua frente, esperando que reagisse à luz. Ela sente o chão da floresta sob o

corpo enquanto o gosto metálico de sangue enche sua boca. Tenta ficar de joelhos, mas então recebe outro golpe no rosto e cai de quatro antes de começar a soluçar.

— Você está bem, Anne?

A voz está sussurrando bem perto do seu ouvido, mas, antes que consiga responder, uma chuva de golpes cai sobre ela. Nos segundos entre cada um deles, ouve a própria voz perguntar por quê. Por que ela, o que tinha feito de errado? Então a voz finalmente conta, e ela desiste de lutar. Uma bota força seu braço contra o chão, e ela sente a lâmina afiada contra o pulso. Implora e suplica pela própria vida, não por ela, mas pelas filhas. Por um momento, a figura parece considerar o pedido, então Anne sente algo tocar seu rosto.

A luz da lanterna de Thulin passeia por entre árvores molhadas, saltando por raízes e galhos, e ela grita o nome da mulher na escuridão. À sua frente e um pouco mais para a esquerda, Thulin ouve Hess fazendo o mesmo e vê o brilho da lanterna dele sempre avançando. Já tinham corrido bastante, vários quilômetros, e Thulin está prestes a gritar de novo quando sente uma dor no pé. Ele se prendeu a uma raiz e ela é arremessada ao chão. A escuridão a envolve enquanto tateia desesperadamente em busca da lanterna, que deve ter apagado. Fica de joelhos e começa a tatear no mato baixo e úmido, procurando na área próxima. Então, de repente, nota a figura e congela. Está totalmente imóvel, observando-a do outro lado da clareira, a menos de vinte metros, e quase oculta pela escuridão.

— Hess!

Seu grito ecoa pela floresta, e Thulin tira a arma do coldre enquanto Hess corre para ela com a lanterna. Quando a alcança, Thulin está apontando a arma para a figura e ele guia a lanterna na mesma direção, ofegante.

Anne Sejer-Lassen está pendurada em um pequeno grupamento de árvores. Dois galhos se encaixam embaixo dos braços, mantendo o corpo espancado de pé. Os pés descalços pairam sobre a terra e a cabeça está caída sobre o peito fazendo com que o cabelo comprido e esvoaçante cubra seu rosto. Quando Thulin se aproxima, percebe o que tinha achado estranho: os braços de Anne Sejer-Lassen estão curtos demais. Ambas as mãos foram decepadas. E então ela vê. O sr. Castanha sobre o ombro esquerdo da mulher. Ele parece sorrir para Thulin.

TERÇA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO

Está caindo um dilúvio. Fileiras compridas de policiais com roupas escuras vasculham a floresta, as lanternas apontando para o chão, enquanto um helicóptero sobrevoa a copa das árvores com as luzes de busca acesas. Hess e os outros estão trabalhando há quase sete horas e já passa da meia-noite. Três gerentes de operações mapearam a área, dividindo a floresta em cinco zonas, e cada qual será examinada por uma equipe com potentes lanternas Maglite e cães farejadores.

Todas as entradas e saídas foram fechadas assim que o corpo de Anne Sejer-Lassen foi encontrado, e eles bloquearam vários pontos da estrada, pararam carros e interrogaram pessoas, mas Hess teme que tudo seja inútil. Chegaram tarde demais e ainda estão para trás. A chuva começou logo depois que chegaram à floresta, e qualquer evidência que o assassino possa ter deixado — pegadas, marcas de pneus ou qualquer coisa — será apagada. Parece que eles estão perseguindo um fantasma que conta com o apoio do deus da chuva. Hess pensa no corpo de Anne Sejer-Lassen, pensa no bonequinho no seu ombro e se sente um espectador insatisfeito tentando escapar enquanto uma apresentação bizarra se desdobra diante dos seus olhos.

Suas roupas estão encharcadas, e Hess anda com dificuldade pela parte norte da floresta, descendo por uma das trilhas principais que os gerentes de operações traçaram para ele. Um policial mais novo sai da formação para dar uma mijada atrás de uma árvore e Hess chama sua atenção: ele deveria sair da área de busca para fazer isso. O policial corre de volta ao grupo e Hess se arrepende da explosão. Sabe que está enferrujado. O corpo fora de forma e os pensamentos agitados e anuviados. Faz muito tempo desde a última vez que trabalhou em um caso como esse; na verdade, nunca trabalhou em um caso assim e, nesse momento, deveria estar assistindo a um jogo de futebol em uma TV de tela plana na merda do seu apartamentinho em Haia ou a

caminho de alguma missão irrelevante em algum país europeu, mas em vez disso está perambulando na floresta ao norte de Copenhague, onde está chovendo canivetes, fazendo com que tudo se grude ao chão.

Hess encontra o caminho de volta ao local onde o corpo foi achado, os pesados refletores iluminando o bosque e lançando sombras atrás dos técnicos da equipe forense que se espalham por entre as árvores. O corpo de Anne Sejer-Lassen foi tirado da árvore várias horas antes e levado para ser examinado pelo médico-legista, mas ele está procurando por Thulin. Ele a vê voltando da parte oeste da floresta, o cabelo despenteado e encharcado. Ela limpa marcas de lama no rosto enquanto termina uma ligação. Ao notar a presença de Hess, meneia a cabeça, indicando que não encontraram nada na sua área de busca.

— Mas eu acabei de falar com Genz.

Quando Genz apareceu na floresta, depois da descoberta do corpo de Anne Sejer-Lassen, Hess o chamou em um canto e pediu para ele levar o sr. Castanha direto para o laboratório. Hess olha para Thulin através do véu da chuva e sabe o resultado do exame antes que ela diga qualquer coisa.

A manhã já está na metade, e da janela do centro de comando da força-tarefa, no segundo andar da delegacia, Nylander vê os abutres da liberdade de expressão com seus telefones, câmeras e microfones cercando a entrada do pátio principal. Apesar das repetidas orientações da gerência para todos na força, ele sempre percebe que o sistema é tão à prova de vazamentos quanto uma peneira, e hoje não é exceção. Apenas doze horas desde que o corpo foi encontrado e a imprensa já começou a fazer especulações sobre uma conexão com o assassinato de Laura Kjær em Husum, com base, aparentemente, em “fontes anônimas da polícia”. Então, como se não bastasse ser cercado pela imprensa, Nylander também teve que atender a ligação do comissário adjunto, embora tenha conseguido se esquivar da conversa dizendo que logo retornaria para ele. O que importa agora é a investigação, e ele se vira impacientemente para Thulin, que está no meio de uma apresentação de atualização para os detetives do caso.

A maioria trabalhou a noite inteira e não dormiu quase nada, mas, considerando a seriedade da situação, eles não têm a menor dificuldade de prestar atenção ao resumo de Thulin.

A noite de Nylander também foi longa. A ligação sobre a morte de Anne Sejer-Lassen chegou durante o jantar com a Sociedade de Gestão Estratégica em um restaurante em Bredgade. A reunião estava cheia de figurões e era uma grande oportunidade para fazer network, mas, quando recebeu a ligação, ele abandonou o jantar antes mesmo de terminar o *tiramisù*.

Tecnicamente, Nylander não precisa ir pessoalmente a cenas de crime. Tem policiais para isso, mas ele, por princípio, costuma ir assim mesmo. É importante dar o bom exemplo — e administrar com rédeas curtas. Quando se deixam as coisas correr soltas demais, se criam chances para um possível ataque no futuro, e Nylander é esperto

demais para isso. Já viu inúmeros chefes e servidores públicos serem pegos com a calça arriada e arruinarem suas carreiras porque o poder subiu à cabeça, tornando-os arrogantes. No caso de Laura Kjær, porém, ele não foi à cena do crime por causa da reunião orçamentária, então, quando recebeu a ligação de Thulin sobre a impressão digital, aquilo pareceu um castigo.

Na noite anterior, Nylander saiu do restaurante imediatamente, sem se aborrecer. De qualquer forma, quando chegavam à sobremesa, os figurões não raro já estavam mais do que bêbados e começavam a se gabar. Nylander sabe que provavelmente vai superar muitos deles, mas para fazer isso precisa estar com a cabeça fresca e se manter a par de tudo, para o caso de um alerta começar a piscar, como aconteceu na noite passada. Desde sua ida à cena do crime na floresta, está criando vários cenários na cabeça, mas ainda não conseguiu definir uma estratégia pelo simples motivo de que tudo aquilo é completamente incompreensível. Procurou Genz, o chefe do Departamento Forense, pessoalmente naquela manhã, na esperança de que ele dissesse que a impressão digital era um erro, mas não teve tanta sorte. Genz explicou que havia pontos de comparação suficientes em ambos os casos para justificar uma correspondência com Kristine Hartung, e agora a única coisa que Nylander sabe com certeza é que precisa lidar com muito cuidado com tudo aquilo se quiser se manter longe de ataques.

— ... e ambas as vítimas tinham quase quarenta anos e foram surpreendidas dentro de casa. De acordo com o relatório preliminar do médico-legista, as mulheres foram atacadas e assassinadas por um golpe em um dos olhos que perfurou o cérebro. No caso da primeira vítima, a mão direita foi serrada, ao passo que, na segunda, ambas as mãos foram amputadas. E as duas estavam vivas quando a amputação ocorreu.

Os detetives reunidos estão olhando para as fotos do corpo das vítimas que Thulin passou, e alguns novatos franzem a testa ou viram o rosto. Nylander já viu as fotos, mas elas não o afetaram. Quando começou a trabalhar como policial, sentia-se desconcertado por permanecer impassível diante de todo tipo de atrocidades, mas agora

considera isso uma vantagem.

— O que sabemos sobre a arma do crime? — pergunta ele, interrompendo a apresentação de Thulin, irritado.

— Nada conclusivo. Algum tipo de porrete encimado com uma bola metálica cravejada com espinhos pequenos. Não é um mangual, mas o princípio é o mesmo. Se estiver falando sobre as amputações, estamos procurando uma serra movida a bateria com uma lâmina circular adiamantada ou similar. Os exames preliminares indicam que a mesma ferramenta foi usada em ambas as...

— E a mensagem enviada para o celular de Laura Kjær? Descobriram quem enviou?

— A mensagem foi enviada de um antigo aparelho Nokia com um cartão pré-pago e não registrado que pode ser comprado em qualquer lugar. O telefone foi preso à mão direita de Laura Kjær e não trouxe nenhuma pista. Não há nenhum outro dado nele, exceto a mensagem enviada, e de acordo com Genz o número de série foi apagado usando uma solda.

— E quanto à empresa de entrega que transportou o pacote, o que vocês estavam rastreando pelo sinal do telefone? Eles não deveriam ter informações sobre o remetente?

— Eles têm. O problema é que Laura Kjær está listada como a remetente.

— Como?

— O departamento de atendimento aos clientes diz que uma pessoa ligou por volta da hora do almoço de ontem e pediu um entregador para buscar um pacote de Laura Kjær na porta do número sete da rua Cedervænget, em Husum. Esse é o endereço de Laura Kjær. Quando o entregador chegou, logo depois da uma da tarde, o pacote estava lá junto com o pagamento pelo serviço. Ele foi até a loja de departamento e entrou na lanchonete 7-Eleven que fica no térreo, que é o local que a empresa de Sejer-Lassen usa para entregas. Isso foi tudo que o entregador pôde nos dizer, e só encontramos no pacote as impressões digitais dele, as do atendente da 7-Eleven e as do próprio Sejer-Lassen.

— Mas e a pessoa que ligou para eles?

— O atendente não lembrou nem se a ligação tinha sido feita por um homem ou uma mulher.

— E a rua Cedervænget? Ninguém viu quem deixou o pacote lá?

Thulin nega com a cabeça.

— O nosso primeiro suspeito foi o namorado de Laura, Hans Henrik Hauge, mas ele tem um álibi. O legista diz que Anne Sejer-Lassen foi assassinada por volta das seis da tarde e, de acordo com a advogada de Hauge, ele estava no estacionamento do escritório dela nesse horário, discutindo se deveriam dar queixa sobre a nossa recusa em permitir que ele volte para casa.

— Então não temos porra nenhuma? Nenhuma testemunha? Nenhuma ligação? Nada?

— Ainda não. E não parece ter nenhuma conexão entre as vítimas. Elas moravam em lugares completamente diferentes, frequentavam círculos sociais completamente diferentes e aparentemente não tinham nada em comum, a não ser os dois srs. Castanha com a impressão digital, então vamos começar...

— Que impressão digital?

Nylander lança um olhar para Jansen, que fez a pergunta. Como sempre, está sentado ao lado do seu fiel escudeiro, Martin Ricks. Nylander sente o olhar de Thulin: ele disse a ela que queria dar aquela informação pessoalmente.

— Alguém colocou um sr. Castanha próximo às vítimas. E, de acordo com a datiloscopia, a impressão digital encontrada nos dois bonecos corresponde à de Kristine Hartung.

A voz de Nylander está deliberadamente seca e destituída de dramaticidade e, por um instante, ninguém diz nada. Então Tim Jansen e uns outros dois começam a falar agitadamente. A surpresa deles logo se espalha, transformando-se em incredulidade confusa, até que Nylander volta a falar.

— Ouçam bem. O Departamento Forense ainda está fazendo diversos testes, então não quero ninguém aqui tirando conclusões apressadas até sabermos mais. Até agora não sabemos nada. Talvez as impressões digitais não sejam relevantes, então, se essa informação vazar, eu vou me certificar pessoalmente que a pessoa nunca mais

volte a trabalhar. Está claro?

Nylander havia ponderado sobre a melhor forma de agir naquela situação. Dois assassinatos não resolvidos são coisa suficiente para lidar no momento. Eles podem até ter sido cometidos pela mesma pessoa — embora Nylander tenha um pouco de dificuldade para aceitar a ideia. E, enquanto houver um traço de incerteza sobre a impressão digital, ele não quer aquilo desviando o foco. O caso Hartung foi uma de suas melhores conquistas. Em determinado momento, chegou a acreditar que aquilo destruiria sua carreira, mas depois veio a solução e a prisão de Linus Bekker.

— Mas você precisa reabrir o caso Hartung.

Nylander e os outros procuram de onde vem a voz e seus olhos pousam no cara da Europol. Até então Hess se manteve mudo e invisível, concentrado nas fotografias que estavam sendo passadas pela sala. Ainda está com as mesmas roupas que usou na floresta e seu cabelo está sujo e oleoso, mas, embora pareça que dormiu na floresta por uma semana, ele está alerta e tranquilo.

— Uma impressão digital até poderia ser uma coincidência, mas duas, não. E se elas são, *de fato*, de Kristine Hartung, a investigação anterior sobre o seu desaparecimento pode ter chegado à conclusão errada.

— Mas que porra é essa?

Tim Jansen se vira e olha diretamente para Hess, como se tivesse sido solicitado a entregar o seu salário.

— Jansen, pode deixar. Eu cuido disso.

Nylander percebe para onde as coisas estão caminhando, e isso é exatamente o que queria evitar, mas Hess fala antes que ele tenha a chance de continuar.

— Eu sei tanto quanto você. Mas o corpo de Kristine Hartung nunca foi encontrado, e os testes que o Departamento Forense conduziu na época claramente não foram o suficiente para determinar sua morte acima de qualquer dúvida. Agora apareceram essas impressões digitais, e só estou dizendo que isso levanta algumas perguntas.

— Não, não é isso que você está dizendo, Hess. Você está dizendo que talvez a gente não tenha feito o nosso trabalho direito.

— Não é nada pessoal. Mas duas mulheres foram assassinadas e, se você quer impedir que isso aconteça de novo, nós precisamos...

— Eu não estou levando para o lado pessoal. E tenho certeza de que os trezentos outros policiais que ajudaram a resolver o caso também não vão levar. Mas é meio engraçado recebermos esse tipo de crítica do cara que só está aqui porque foi expulso de Haia, você não acha?

Alguns dos colegas de Jansen debocham. Mas Nylander olha para Hess sem expressão. Ele registrou o que Hess disse e parou de ouvir o resto.

— Mas o que você quer dizer com “se você quer impedir que isso aconteça de novo”?

A relações-públicas da delegacia está ansiosa para ajudá-lo a traçar um curso de ação, mas Nylander a interrompe e diz que ele mesmo vai resolver tudo. Normalmente, teria dado atenção a ela porque a mulher o atrai desde que começou a trabalhar e a andar pelo departamento dando bons conselhos. Mas agora, quando desce para o pátio, quer usar o resto do caminho para colocar os pensamentos em ordem antes de enfrentar a imprensa, e o diploma dela de Estudos da Mídia — provavelmente três anos de café com leite e sexo casual — não vai ajudá-lo. Não depois da desconcertante reunião que acabou de ter com Hess e Thulin no seu escritório.

Antes de Nylander sair para o pátio interno, ele é informado que a ministra Rosa Hartung encontrou uma brecha na agenda e está a caminho da delegacia. Nylander dá instruções estritas de que ela e o marido devem usar a entrada dos fundos e não falar com ninguém além dele.

Foi Hess quem sugeriu que ele, Nylander e Thulin se reunissem rapidamente no escritório dele depois da reunião para continuarem a conversa em particular. Hess então colocou fotos da cena do crime de Laura Kjær e de Anne Sejer-Lassen na mesa de Nylander.

— A primeira vítima está sem uma das mãos. A outra, sem as duas. É possível que o assassino pretendesse mutilar ainda mais Anne Sejer-Lassen, se não tivéssemos atrapalhado seus planos, mas e se ele tiver posicionado intencionalmente as vítimas para que as encontrássemos daquele jeito?

— Não estou entendendo. Fala logo. Eu não tenho o dia todo — respondeu Nylander.

Thulin, que obviamente tinha falado em particular com Hess antes da reunião, mostrou a ele duas fotos em close dos srs. Castanha que Nylander já tinha visto.

— Um sr. Castanha consiste em uma castanha para a cabeça e outra para o corpo. A cabeça tem olhos, que são feitos com um furador ou algum outro instrumento afiado, e o corpo tem quatro varetas, que são os braços e as pernas. Mas o sr. Castanha não tem mãos nem pés.

Nylander ficou em silêncio, olhando para os srs. Castanha e seus braços cortados. Por um instante, sentiu como se estivesse no jardim de infância, sem saber se ria ou chorava.

— Você está dizendo o que eu estou pensando?

Era uma ideia nojenta. Era quase preciso ser um doente para cogitar uma coisa daquelas, mas de repente Nylander percebeu o que Hess queria dizer durante a reunião sobre tentar evitar que aquilo voltasse a acontecer. Nenhum deles respondeu, mas a ideia de que o assassino podia estar fazendo o próprio boneco com carne e osso era difícil de afastar.

Hess insistiu na necessidade de reabrir o caso Hartung. Ele ficou dizendo “vocês” ao se referir ao caso — “vocês precisam fazer” e “vocês têm que considerar a possibilidade que...”, até que Nylander esclareceu duas coisas. Primeira: Hess agora era um membro do departamento e estava exatamente na mesma posição que os outros investigadores, e, até onde ele sabia, não tinha ninguém mexendo os pauzinhos para levá-lo de volta para Haia. Na verdade, era o contrário. Segunda: reabrir o caso Hartung estava fora de questão. Não importava o que aquela impressão digital significasse, o caso Hartung estava fechado. Eles tinham uma confissão, tinham convicção, e nem mesmo Deus faria com que ele recomeçasse aquilo tudo de novo. Por aquele mesmo motivo, Nylander tomou a decisão de conduzir ele mesmo a conversa com a família Hartung para informar sobre a nova impressão digital. A descoberta não deveria ser supervalorizada e os serviços de inteligência tinham informado que a ministra teve uma semana difícil — ela estava sofrendo assédio de uma ou mais pessoas, sendo o ataque mais recente o para-brisa quebrado do carro ministerial com uma mensagem escrita com sangue de algum animal.

Nylander não achou necessário envolver Hess e Thulin naquilo e pediu para Hess sair para poder conversar a sós com a detetive.

Perguntou diretamente se ela achava que Hess estava pronto para lidar com o caso. De um antigo arquivo pessoal, ele já sabia o motivo trágico que tinha feito com que Hess deixasse o departamento, e, embora o homem tivesse muita experiência na Europol, ele também tinha sérias questões com autoridade, o que, diante dos fatos, parecia indicar que seus melhores dias haviam ficado para trás.

Embora estivesse claro que Thulin não gostava do cara, ela respondeu que sim, então Nylander lhe disse que queria que os dois continuassem no caso — com a condição de que, se houvesse qualquer sinal de problemas com Hess, queria ser informado imediatamente. É claro que Nylander acrescentou um comentário dizendo que a recomendação para o NC3 teria que esperar até as coisas se acalmarem, e ele sabia que Thulin ia entender o recado — que a lealdade era uma condição para a recomendação.

Ao sair da delegacia, Nylander se aproxima dos abutres, que estão espalhados por lá na esperança de alguém cair de uma janela. Foi ideia dele encontrá-los ali fora em vez de marcar uma coletiva, porque assim será muito mais fácil encerrar o assunto e voltar para sua sala. Mesmo assim, quando os flashes começaram a pipocar, sente o próprio rosto assumir uma expressão familiar e percebe que sentiu falta da atenção. É isso que ele faz melhor. Claro, o dele está na reta, mas existe muita coisa a se ganhar. Nos próximos dias, ele ainda será a pessoa com quem todo mundo quer falar e, considerando a notoriedade do caso, talvez essa seja a oportunidade que está procurando. Se tudo sair bem, talvez seja útil ter Mark Hess na manga.

O som de duas meninas chorando no andar de cima preenche cada canto da casa enorme. Até mesmo na cozinha, onde Erik Sejer-Lassen está sentado à imponente mesa de madeira chinesa, ainda com o terno que estava usando quando a mão de Laura Kjær foi encontrada no seu escritório, no dia anterior. Está claro para Hess, sentado ao lado dele, que o cara nem foi para a cama. Os olhos estão vermelhos e inchados, a camisa, amarrotada e suja. Há brinquedos espalhados pelo chão, e o fogão atrás dele está cheio de panelas e frigideiras sujas. Hess percebe que Thulin está tentando chamar a atenção do homem, do outro lado da mesa, sem sucesso.

— Por favor, dê mais uma olhada na fotografia. Tem certeza de que sua esposa não conhecia esta mulher?

Sejer-Lassen olha para a fotografia de Laura Kjær, mas seu olhar parece distante.

— E esta aqui? A ministra do Bem-Estar Social, Rosa Hartung. A sua esposa a conhecia ou falava sobre ela? Ou vocês dois a conheciam ou...

Mas Sejer-Lassen apenas nega com a cabeça, de forma apática, diante da foto de Rosa Hartung que Thulin deslizou pela mesa. Hess percebe que Thulin está tentando conter a irritação e compreende. É a segunda vez em uma semana que ela tem que se sentar cara a cara com um viúvo que parece totalmente inútil quando confrontado com suas perguntas.

— Sr. Sejer-Lassen, nós precisamos da sua ajuda. O senhor precisa pensar em alguma coisa. Ela tinha inimigos? Ela tinha medo de alguma coisa? Ou ela estava...

— Mas eu não sei mais nada. Ela não tinha inimigos. Ela só se interessava pelas crianças e pela casa...

Thulin respira fundo e continua fazendo perguntas, mas Hess sente

que Sejer-Lassen está dizendo a verdade. Ele tenta ignorar o som das crianças chorando e se arrepende de não ter simplesmente dito para Nylander, mais cedo na delegacia, que aquilo não era problema dele. Mas não tinha mais como voltar atrás: acordou naquela manhã depois de três horas de sono com a imagem do sr. Castanha e membros decepados na retina. O zelador apareceu momentos depois com uma reclamação — ele deixou os pincéis de tinta e cera para o piso espalhados pelo corredor —, mas Hess não tinha tempo para lidar com aquilo.

A caminho da delegacia, telefonou para Haia, fazendo um esforço para se desculpar por ter perdido a reunião por telefone com Freimann, da qual tinha se esquecido completamente na tarde do dia anterior. A frieza da secretária foi inconfundível. Hess desistiu de tentar explicar o motivo e, em vez disso, se apressou pela plataforma movimentada do trem para que tivesse tempo de olhar as fotografias do corpo de Anne Sejer-Lassen com mais atenção. Decidiu que ia parar de se preocupar se conseguisse encontrar marcas de corte em outros lugares além dos pulsos. Se houvesse diversas outras marcas concretas de amputação deixadas pela ferramenta usada para decepar as mãos dela, então ele provavelmente não teria motivos para investigar o pensamento doentio que tomou sua mente naquela manhã. Mas não havia indicações de que o assassino tivesse tentado amputar qualquer outra parte do corpo de Anne Sejer-Lassen. Hess tinha até telefonado para o médico-legista para se certificar disso: em ambas as mortes, a ferramenta foi usada única e exclusivamente para amputar as mãos, confirmando os temores de Hess e deixando-o extremamente preocupado. Não sabia se estava certo ao prever mais vítimas, mas sua preocupação não parava de aumentar. Em um cenário ideal, gostaria de fazer uma pausa e mergulhar de cabeça no caso de Kristine Hartung antes de se comprometer com uma nova linha de investigação, mas Nylander se manteve firme, então ele e Thulin foram para a casa de Sejer-Lassen, onde não conseguiram nada.

Passaram duas horas vasculhando a mansão e o terreno. A primeira coisa que descobriram foi que as câmeras do circuito interno de segurança que davam para a floresta tinham sido desativadas. Do

momento em que Anne Sejer-Lassen voltou da corrida e desligou o alarme, qualquer um poderia ter subido pela cerca e invadido a casa sem ser visto. Os vizinhos não viram nada, o que era completamente crível, já que as casas imensas ao longo da rua eram bem espaçadas entre si, tanto que os corretores de imóveis poderiam descrevê-las de forma sincera e sem o exagero usual como “isoladas”.

Enquanto Genz e os técnicos forenses se concentraram em analisar os jardins, a sala e o hall de entrada em busca de provas, Thulin e Hess subiram para inspecionar os quartos, gavetas e armários, esperando encontrar alguma informação sobre a vida de Anne Sejer-Lassen. Havia nove aposentos no segundo andar, contando a sala da hidromassagem e o closet. Hess não era especialista em artigos de luxo, mas só a TV de tela plana no quarto parecia ser o suficiente para ocupar um depósito em alguns apartamentos de Odin. Não havia cortinas nem venezianas cobrindo as magníficas e grandes janelas, o que era uma demonstração de bom gosto. No entanto, em pé no meio do quarto, não conseguiu evitar o pensamento de que o assassino podia muito bem ter usado isso para espionar Anne Sejer-Lassen e sua rotina noturna do jardim mal iluminado, onde novamente a chuva caía.

Nos outros cômodos do segundo andar, a decoração e os objetos também foram escolhidos com cuidado: o closet de Anne Sejer-Lassen era muito bem organizado com fileiras de sapatos de salto alto, vestidos e calças recém-passadas, tudo pendurado em cabides idênticos de madeira, enquanto as meias e peças de lingerie estavam arrumadas em gavetas igualmente imaculadas. A suíte do quarto parecia saída diretamente de um hotel cinco estrelas, com duas pias, uma banheira enorme de revestimento italiano, além de sauna e hidromassagem. No quarto das crianças, um mural enorme e colorido com os animais selvagens de Hans Scherfig envolvia as duas caminhas, que ficavam abaixo de um céu estrelado pintado no teto, completo com planetas e foguetes espaciais.

Não importava onde procurassem, não havia nada para explicar por que alguém teria surpreendido Anne Sejer-Lassen em casa, perseguido a vítima pela floresta e cortado suas mãos.

Então eles se concentraram em interrogar Erik Sejer-Lassen, que lhes contou como ele e Anne tinham se conhecido no colégio, na Ordrup High School, e como, assim que concluíram os estudos na Faculdade de Administração de Copenhagen, comemoraram se casando e partindo para uma viagem ao redor do mundo, antes de irem morar primeiro na Nova Zelândia e depois em Singapura. Erik fez alguns investimentos lucrativos em algumas empresas de biotecnologia, enquanto o maior desejo de Anne era ter filhos e constituir família. Eles então tiveram duas filhas e, quando a mais velha chegou à idade escolar, voltaram para a Dinamarca, primeiro para um apartamento alugado em um dos novos prédios de Islands Brygge, onde moraram até comprarem a casa em Klampenborg, próxima ao bairro onde Erik morava quando criança. Hess ficou com a impressão de que a família vivia com os ganhos de Erik e, embora Anne tivesse estudado para ser decoradora de interiores, sua principal preocupação era ser mãe, dona de casa e organizar encontros de amigos, na maioria os de Erik.

Uma detetive também foi enviada para Helsingør, onde a mãe de Anne Sejer-Lassen morava, e, pelo resumo que ela passou da conversa, Hess descobriu que ela vinha de uma família pobre, que perdeu o pai cedo e que desde jovem tinha se concentrado em formar uma família. A mãe, com voz embargada e lágrimas nos olhos, revelou que não teve tanto contato com a filha e com as netas quanto esperava, depois que elas voltaram da Ásia, e atribuía isso ao fato de Erik não gostar muito dela. Não que Anne tivesse dito alguma coisa, mas ela só via a filha e as netas quando Erik estava no trabalho ou nas raras ocasiões em que a filha levava as meninas até lá para dar um oi. A impressão da mãe era de que a balança de poder no relacionamento era muito desigual, mas Anne sempre defendia o marido e se recusava a deixá-lo. Ficou claro para a mulher que deveria manter sua opinião para si mesma se quisesse continuar vendo a filha. Algo que, depois dos eventos do dia anterior, nunca mais aconteceria.

O relógio digital de um dos grandes fornos Smeg avança mais um minuto e Hess se obriga a ouvir as perguntas de Thulin em vez do choro no andar de cima.

— Mas a sua esposa arrumou uma mala. Ela estava de saída e avisou para a *au pair* que ia pessoalmente buscar as crianças, então para onde ela estava indo?

— Eu já disse. Ela ia visitar a mãe. Elas iam passar a noite lá.

— Não é o que parece. Ela colocou os passaportes na bolsa e tinha roupa suficiente para uma viagem de uma semana. Então o que ela ia fazer? Por que ela queria ir embora?

— Ela não queria ir embora.

— Acho que era exatamente o que ela queria, e as pessoas não fogem assim sem um bom motivo. Então ou você me conta ou eu vou conseguir um mandato para ter acesso às suas ligações e suas atividades on-line para ver se encontro alguma coisa.

Erik Sejer-Lassen parece prestes a perder a paciência.

— Minha esposa e eu temos um ótimo relacionamento. Mas nós... eu... também tenho meus problemas.

— Que tipo de problemas?

— Eu tive alguns casos. Nada importante, mas... Talvez ela tenha descoberto alguma coisa.

— Casos, você disse. Com quem?

— Diversas pessoas.

— Quem? Como? Mulheres? Homens?

— Mulheres. Coisa casual. Só pessoas que eu conheci ou trocava mensagens on-line. Não significaram nada.

— Então por que você fez isso?

Sejer-Lassen hesita.

— Eu não sei. Às vezes a vida não funciona do jeito que você espera.

— Como assim?

Sejer-Lassen está olhando para o vazio. Hess não poderia concordar mais com a última afirmação. Ainda assim ele não consegue evitar se perguntar o que um homem como Sejer-Lassen esperava da vida além de uma esposa troféu, uma família e uma casa que valia mais de trinta e cinco milhões de coroas.

— Como e quando sua esposa poderia ter descoberto sobre isso? — insiste Thulin.

— Eu não sei, mas você perguntou se...

— Sr. Sejer-Lassen, nós examinamos o telefone da sua esposa, os e-mails e as contas nas mídias sociais. Se ela tivesse descoberto sobre seus casos, faria sentido que contasse para alguém sobre a sua infidelidade. Para você, para a mãe dela ou para um amigo. Mas ela não falou sobre nada assim.

— Bem...

— Portanto provavelmente esse não era o motivo para ela estar fugindo. Então, vou perguntar novamente: por que a sua esposa queria deixá-lo? Por que ela fez uma mala e...

— *Eu não sei!* Você me perguntou um motivo, e esse é o único que consigo imaginar, porra!

A princípio parece a Hess que a explosão de Erik Sejer-Lassen é um pouco exagerada. Por outro lado, o cara mal se mantém de pé. O dia foi longo, e Hess não vê motivo para continuar o interrogatório, então ele interrompe a parceira:

— Obrigado, vamos parar por aqui. Se você se lembrar de mais alguma coisa, entre em contato imediatamente, está bem?

Sejer-Lassen assente com gratidão, e, embora Hess tenha se virado para pegar o casaco, sente que Thulin não está nem um pouco satisfeita com a interrupção. Por sorte, uma voz evita qualquer comentário.

— Posso levar as meninas para tomar um sorvete?

A *au pair* desceu com as duas meninas que agora estão usando roupas de sair. Hess e Thulin já a interrogaram. Ela não viu Anne desde o dia anterior, quando foi almoçar na igreja evangélica filipina e depois recebeu uma ligação da mulher informando que ela mesma ia buscar as meninas. Deu para perceber que ela tem grande respeito pela família Sejer-Lassen e principalmente pela polícia, e Hess imagina que seus documentos de imigração não devem estar totalmente em ordem. A menina mais nova está no seu colo e a mais velha segura sua mão. As duas estão com os olhos vermelhos e o rosto marcado por lágrimas, e Erik Sejer-Lassen, que já está de pé e caminhando até elas, responde:

— Boa ideia, Judith. Obrigado.

Sejer-Lassen acaricia o cabelo de uma das filhas e dá um sorriso forçado para a outra, enquanto os quatro caminham em direção à passagem da cozinha.

— Quando eu quiser terminar um interrogatório, faço isso sozinha.

Thulin está diante de Hess, em uma posição em que ele não tem como evitar os olhos castanhos dela.

— A gente estava com ele na hora em que Anne Sejer-Lassen estava sendo atacada, então não tem como ele ser o assassino.

— Estamos procurando por um fator comum entre esses dois assassinatos. Uma vítima trocou a fechadura e a outra estava tentando fugir...

— Eu não estou procurando um ponto em comum. Estou procurando um assassino.

Hess tenta seguir para a sala para ouvir o relatório dos técnicos forenses, mas Thulin entra novamente na sua frente.

— Vamos resolver a questão agora. Você tem algum problema com isso? Com nós dois trabalhando juntos?

— Não, eu não tenho nenhum problema. Mas vamos dividir as coisas para não terminarmos em um cabo de guerra feito dois idiotas.

— Estou interrompendo?

A porta de correr cor de creme se abre e Genz aparece com sua roupa de proteção branca e uma pasta na mão.

— Estamos guardando tudo para ir embora. Não quero decepcionar ninguém, mas parece não ter nenhuma pista, assim como aconteceu com Laura Kjær. O mais interessante são as marcas de sangue nas frestas do piso do vestíbulo. Mas elas são antigas e não são do mesmo tipo sanguíneo de Anne Sejer-Lassen, então estou presumindo que não sejam relevantes.

No corredor, atrás de Genz, eles veem traços de luminol brilhando em verde sob a luz fosforescente, enquanto um técnico tira fotos com uma câmera.

— Por que tem marcas de sangue velhas no piso do vestíbulo? — pergunta Thulin a Sejer-Lassen, que voltou da cozinha e começa a arrumar de forma meio apática os brinquedos das meninas.

— Se for perto da escada, pode ser sangue da Sofia, a nossa filha

mais velha. Ela caiu e quebrou o nariz e a clavícula uns meses atrás, passou um tempo no hospital.

— Pode ser isso, então. E ah, Hess, o comitê de organização de festas do departamento mandou agradecer pelo porco.

Genz volta para junto dos outros homens vestidos de branco, fechando a porta de correr atrás de si. Uma ideia ocorre a Hess, e ele olha para Erik Sejer-Lassen com interesse renovado, mas Thulin é mais rápida.

— Em que hospital Sofia ficou internada?

— No Rigshospital. Só por uns dois dias.

— Em que ala do Rigshospital?

Dessa vez, Hess é quem faz a pergunta. Fica evidente que o fato de ambos os detetives demonstrarem interesse no assunto deixa Sejer-Lassen desnorteado, e ele para no meio do aposento com um triciclo na mão.

— Na pediatria. Eu acho. Mas foi Anne quem resolveu a maior parte das coisas e foi à clínica. Por quê?

Nenhum dos dois responde. Thulin sai pela porta, e Hess sabe que ela não vai deixá-lo dirigir dessa vez também.

Ninguém que esteja visitando a ala pediátrica do Rigshospital em Blegdamsvej deixa de parar para admirar o mural contendo os inúmeros desenhos coloridos, grandes e pequenos, pendurados no corredor. Hess não é exceção. É tanto sofrimento e gosto pela vida em um só lugar que ele não consegue afastar os olhos da parede, enquanto Thulin segue até a recepção para anunciar sua chegada.

A menção de Sejer-Lassen à internação da filha no Rigshospital fez os dois se lembrarem da carta pendurada no quadro de avisos na cozinha de Laura Kjær sobre o checkup do filho. No caminho para a cidade, Hess telefonou para lá e eles confirmaram que tanto o filho de Laura Kjær quanto a filha mais velha de Anne Sejer-Lassen tinham sido pacientes ali, mas a enfermeira com quem conversou não foi capaz de dar mais informações úteis, quanto mais dizer se a estadia das crianças foi na mesma época. Então eles foram ao hospital, principalmente porque era o único fato em comum que tinham para investigar, e também porque o Rigshospital ficava no caminho de volta para a delegacia. Já que o dia não tinha resultado em nada de útil, parecia a coisa certa a fazer. Além disso, ficaram sabendo por Nylander que Rosa Hartung e seu marido não puderam contribuir com nada novo sobre Anne Sejer-Lassen, o que não ajudou a melhorar o clima entre eles.

Hess observa Thulin voltar da recepção, mas ela evita olhar para ele e segue para a garrafa térmica com café para os visitantes.

— Estão tentando entrar em contato com o clínico geral responsável. De acordo com os arquivos, ele cuidou dos casos das duas crianças.

— Então nós vamos conversar com ele agora?

— Eu não sei. Se você quiser fazer outra coisa, por mim tudo bem.

Hess não responde e em vez disso começa a olhar à volta com

impaciência. Há crianças doentes e precisando de ajuda por todos os lados. Crianças com rostos lanhados, braços em tipoias, pernas engessadas. Crianças carecas, crianças em cadeiras de rodas e crianças andando por ali empurrando o suporte de soro. Bem no meio, está a sala de atividades, cercada com paredes de vidro e uma porta azul decorada com balões e galhos outonais. O som de crianças cantando atrai Hess para a porta, que está encostada. Lá dentro, algumas das mais velhas estão desenhando em um canto, enquanto as menores formam um semicírculo, sentadas em banquinhos coloridos de plástico do outro lado. Estão cantando viradas para uma mulher que segura uma imagem com um desenho fofo de uma maçã vermelha.

Sr. Maçã, onde está? Sr. Maçã, o que tem para me dar? Aqui estou, aqui estou, tenho maçãs para daaar...

A mulher assente de forma encorajadora para as crianças e, depois que cantam a última palavra, alongando a sílaba final bem alto, ela coloca o desenho da maçã na mesa e pega o desenho de uma castanha.

— Bem alto agora!

Sr. Castanha, onde está? Sr. Castanha, o que tem para me dar? Aqui estou, aqui estou, tenho castanhas para dar...

As palavras provocam um frio na espinha de Hess. E ao se afastar da porta percebe que Thulin está olhando para ele.

— Vocês são os pais de Oskar? Vieram buscar o exame de raio X?

Uma enfermeira se aproxima deles e Thulin, que acabou de tomar um gole do café, engasga e começa a tossir.

— Não, não somos nós — responde Hess. — Nós somos da polícia e queremos falar com o clínico geral.

— Acho que ele ainda está fazendo a ronda.

A enfermeira é bonita. Olhos escuros brilhantes e cabelo castanho comprido preso em um rabo de cavalo. Deve ter uns trinta anos, mas algum tipo de seriedade contida em seu rosto faz com que pareça mais velha.

— Vamos ter que interromper. Por favor, avise que estamos com pressa.

O clínico geral Hussein Majid pede que eles se sentem na sala dos funcionários, entre xícaras brancas de café, iPads gordurosos, adoçantes, jornais matinais manchados e jalecos pendurados no encosto das cadeiras. Ele é da altura de Hess, está na casa dos quarenta anos, bem-arrumado, usando um jaleco desabotoado com o estetoscópio no pescoço e óculos de armação preta. Uma aliança de ouro indica que é casado, mas essa não é a impressão quando troca um aperto de mão com Thulin. O aperto rápido que ele dá na mão de Hess rapidamente se transforma em um sorriso e um longo olhar quando volta sua atenção para a detetive. Por um momento, o fato de o médico achar Thulin atraente pega Hess de surpresa, porque ele mesmo nunca olhou para a parceira daquela forma. Até agora, ele só a achou irritante, mas, de má vontade, é obrigado a admitir que entende por que o olhar discreto do médico segue sua cintura fina e seu corpo torneado quando ela se vira para encontrar uma cadeira. Por um segundo, Hess se pergunta se Majid também olhou para Laura Kjær e Anne Sejer-Lassen daquele modo quando elas apareceram no hospital com os filhos doentes.

— Estou no meio da minha ronda, mas, se for rápido, ficarei feliz em ajudar, é claro.

— É gentil da sua parte. Obrigada — responde Thulin.

Majid coloca dois prontuários e seu telefone celular em cima da mesa enquanto se oferece para pegar uma xícara de café para ela, que aceita com um ar insinuante. Parece que Thulin se esqueceu do motivo da visita, mas Hess engole a irritação e se inclina para a frente.

— Como falamos, temos algumas perguntas sobre Magnus Kjær e Sofia Sejer-Lassen e gostaríamos que o senhor nos dissesse exatamente o que sabe.

Lançando um olhar para Hess, Hussein Majid responde com uma

autoridade natural e uma amabilidade que ele só pode presumir que seja por causa de Thulin.

— Claro. As duas crianças realmente foram tratadas aqui, embora por motivos completamente diferentes. Posso perguntar primeiro o motivo das perguntas?

— Não.

— Tudo bem. Não importa.

O médico lança um olhar expressivo para Thulin, que encolhe os ombros como se estivesse se desculpando pela falta de educação de Hess, que segue em frente com as perguntas.

— Eles vieram aqui para qual tratamento?

Majid coloca a mão no prontuário das crianças, mas não faz qualquer movimento para abri-los.

— Magnus Kjær chegou aqui por causa de um longo tratamento que começou há aproximadamente um ano. O departamento de pediatria e a equipe de apoio trabalham em parceria para encaminhar os pacientes para os departamentos relevantes. Então ele foi examinado e avaliado e recebeu o diagnóstico de transtorno do espectro autista pelo nosso departamento de neurologia. Sofia Sejer-Lassen, por outro lado, foi hospitalizada por causa de um acidente doméstico, alguns meses atrás. Logo teve alta. Um caso relativamente simples, embora ela tenha tido que passar por algumas sessões de reabilitação depois, que foram realizadas no nosso departamento de fisioterapia.

— Então as duas crianças estiveram na ala pediátrica — insistiu Hess. — Você sabe se elas se conheceram? Se os pais se conheceram?

— Claro que eu não posso ter certeza disso, mas é improvável que tenham interagido, considerando os diferentes diagnósticos.

— Quem as trouxe ao hospital?

— Se não me falha a memória, em ambos os casos foi a mãe, mas se quiser saber com certeza é melhor perguntar diretamente para elas.

— Mas estou perguntando a você.

— Sim, e eu acabei de responder.

Majid dá um sorriso agradável. Hess percebe que o médico tem uma inteligência acima da média e se pergunta se o homem já não sabe que Hess não pode perguntar às mães.

— Foi você quem teve contato com as mães enquanto os filhos estavam aqui?

É Thulin quem faz a pergunta inocente, e o clínico geral parece satisfeito por responder diretamente para ela.

— Eu tenho contato com muitos pais e mães, mas sim, elas estão incluídas. É uma parte importante do trabalho fazer com que as mães e os pais sintam que estão em mãos competentes. Essa confiança pode ser crucial durante o tratamento e beneficia todos os envolvidos. Principalmente os pacientes.

O médico sorri para Thulin e dá uma piscadinha atrevida, como se estivesse vendendo a ela uma viagem romântica para as Maldivas. Thulin retribui o sorriso.

— Então poderíamos dizer que você conhecia as mães muito bem.

— Muito bem?

Majid parece um pouco confuso, mas ainda está sorrindo para ela. A pergunta também pega Hess de surpresa, mas aparentemente Thulin só está começando.

— Isso. Você as via em particular? Você se apaixonou por elas, ou foi só sexo?

Majid tenta se manter impassível, mas hesita.

— Desculpe, acho que não entendi direito.

— Você me ouviu muito bem. Responda à pergunta.

— Por que você está perguntando isso? Do que se trata?

— Neste momento, é só uma pergunta, e é muito importante que você nos diga a verdade.

— Posso responder bem rápido. Estamos funcionando dez por cento acima da nossa capacidade. Isso significa que eu tenho poucos e preciosos momentos com cada criança durante a minha ronda. Então não passo muito tempo com as mães, nem com os pais, nem com policiais, mas com as crianças.

— Mas você acabou de dizer que é importante ter um relacionamento próximo com as mães.

— Não, não foi isso que eu disse, e eu não gosto do que você está insinuando.

— Eu não estou insinuando nada. Insinuar foi o que você acabou de

fazer quando piscou para mim e falou sobre confiança, mas a minha pergunta, sem qualquer insinuação, é se você foi para a cama com alguma delas.

Majid dá um sorriso incrédulo e nega com a cabeça.

— Então nos diga que impressão você teve das mãos.

— Elas pareciam preocupadas com os filhos, como todos os pais que vêm aqui. Mas se esse é o tipo de pergunta que vocês têm para mim, eu tenho outras coisas para fazer.

Hussein Majid faz um gesto para se levantar, mas Hess, que se juntou à discussão, desliza um jornal manchado de café em direção ao médico.

— Você não vai sair. Estamos aqui por motivos que você já deve saber. E, por enquanto, você é o único fator em comum na nossa investigação.

— Mas eu *não tenho* mais nada a dizer. Eu me lembro melhor da mãe de Magnus Kjær porque o tratamento dele foi mais longo. Tentamos vários diagnósticos na neurologia, e a mãe ficou muito frustrada porque nada estava ajudando, então, de repente, ela simplesmente parou de trazê-lo. Isso é tudo que eu sei.

— Ela parou de vir porque você deu em cima dela ou...

— Eu não dei em cima dela! Ela ligou e disse que o Conselho Tutelar tinha entrado em contato sobre o filho, então ela queria se concentrar nisso. Achei que voltaria, mas ela nunca mais apareceu.

— Mas Laura Kjær devotava todo seu tempo para o tratamento do filho, então deve ter tido um bom motivo para não querer mais vê-lo, certo?

— Não era *a mim* que ela não queria ver. Isso não tem nada a ver *comigo*! Como eu já disse, tem a ver com alguma notificação do Conselho Tutelar.

— Que tipo de notificação? — insiste Hess, mas naquele momento a jovem enfermeira aparece na porta e olha para o médico.

— Desculpe interromper, mas precisamos de uma resposta para o quarto nove. Eles estão esperando pelo paciente na sala de operações.

— Já estou indo. Já acabamos aqui.

— Eu perguntei que tipo de notificação.

Hussein Majid se levanta e rapidamente recolhe suas coisas da mesa.

— Eu não sei de nada. Eu só ouvi isso da mãe. Parece que alguém entrou em contato com o Conselho Tutelar e fez uma denúncia dizendo que ela não cuidava bem do filho.

— O que você quer dizer? Acusaram ela de quê?

— Não faço ideia. Ela parecia chocada e um assistente social ligou um tempo depois pedindo uma declaração sobre o menino, que nós demos. Sobre o tratamento, quero dizer. Agora eu tenho que ir. Obrigado.

— E você tem certeza de que não a procurou para tentar reconfortá-la? — tenta Thulin mais uma vez, levantando-se e bloqueando a passagem dele.

— Sim, eu tenho certeza! Agora se me derem licença...

Hess se levanta também.

— Laura Kjær disse quem a denunciou?

— Não. Até onde sei, foi uma denúncia anônima.

Hussein Majid passa por Thulin com suas pastas e, enquanto ele se afasta pelo corredor, Hess consegue ouvir as crianças cantando de novo.

O assistente social Henning Loeb tinha acabado de almoçar no restaurante do porão da prefeitura quando recebeu a ligação. A manhã tinha sido uma provação. Pegou chuva enquanto pedalava para o trabalho e, quando finalmente chegou ao bicicletário nos fundos do prédio, suas roupas e sapatos estavam completamente encharcados. Mesmo assim, seu chefe — o diretor do Centro de Serviços Sociais da Infância e Adolescência — lhe pediu que participasse de uma reunião emergencial com uma família afegã e seu advogado, que estavam tentando reverter a decisão do Conselho Tutelar de tirar a guarda da filha deles.

Henning Loeb conhece o caso de trás para a frente, já que ele mesmo recomendou que a criança fosse afastada dos pais. Ainda assim, tinham lhe solicitado que perdesse uma hora e meia sentado ouvindo as asneiras e as reclamações. Hoje em dia, a maioria dos casos de perda de guarda são contra famílias de imigrantes e, nesse caso, é necessária a participação de um intérprete na reunião. O que, é claro, fez tudo demorar ainda mais. Francamente, a reunião foi uma tremenda perda de tempo. O caso já estava resolvido: o pai imigrante fora violento com a filha de treze anos repetidas vezes porque ela tinha um namorado dinamarquês. Em uma sociedade democrática, porém, até mesmo um troglodita como aquele tinha direitos, então permitiram que ele fosse ouvido. Enquanto os argumentos eram apresentados de um lado e do outro da mesa, Henning — ainda molhado e com frio — ficou vendo a vida passar pela janela da prefeitura.

Depois, embora ainda estivesse pegajoso por causa da chuva, teve que se concentrar nos seus casos, contando minutos no relógio da mente

porque já estava com o trabalho do dia atrasado. Faltava apenas uma entrevista para ele ser transferido para um setor mais bem organizado e com cheiro mais agradável, no departamento de Administração de Tecnologia e Ambiente, no segundo andar, e ela deveria acontecer naquela tarde. Se conseguisse adiantar o trabalho, teria tempo para se preparar, e, caso se saísse bem na entrevista, logo poderia pular daquele barco antes que ele afundasse sob o peso de todos os passageiros incestuosos e/ou psicóticos que subiam a bordo vindo das margens sociais. Parecia apenas justo que pudesse fazer sugestões sobre renovação urbana e melhorias nos parques municipais em um escritório com uma vista decente da estagiária ruiva, aluna de arquitetura, que usava minissaias e estava sempre com um sorriso caloroso no rosto, não importava o que acontecesse. Ela merecia um homem de verdade. Não seria necessariamente Henning que faria as honras, é claro, mas vê-la todos os dias e ter suas fantasias — isso ninguém poderia tirar dele.

Em segundos, Henning se arrepende de ter atendido o telefone porque não consegue se livrar do detetive. Ele fala daquele jeito que Henning mais odeia: com autoridade e usando o imperativo, e logo deixa bem claro que precisa da informação *imediatamente*. Não é daqui a pouco e definitivamente não é um pouco mais tarde. Então Henning tem que parar tudo que está fazendo e correr para o computador do seu escritório.

— Preciso de tudo que você tem sobre o caso de um garoto chamado Magnus Kjær.

O detetive informa o número de identidade do garoto e Henning liga o computador enquanto explica que é o responsável por literalmente centenas de casos, então obviamente ele não consegue se lembrar de todos de cabeça, na hipótese de o investigador estar com alguma dúvida.

— Só me diga o que está no arquivo.

Henning passa os olhos pela tela, enrolando um pouco. Acontece que é um dos seus casos, por sorte um que pode ser facilmente resumido.

— Você está certo, esse é um dos nossos casos. Houve uma denúncia

anônima, feita por e-mail, sobre a mãe do garoto, Laura Kjær, que, de acordo com o e-mail, não tinha capacidade para cuidar do filho. Nós investigamos e descobrimos que a alegação era improcedente, então não há muito mais que eu possa...

— Eu quero ouvir tudo sobre o caso. Agora.

Henning disfarça um suspiro. Aquilo pode demorar, então ele pega o ritmo e informa ao detetive a versão mais curta que consegue enquanto passa pelo arquivo.

— O e-mail chegou há uns três meses através do programa de denúncias anônimas, que foi implantado pela ministra do Bem-Estar Social nas unidades do Conselho Tutelar espalhadas pelo país para que pessoas possam ligar ou enviar e-mails anônimos para denunciar crianças que estejam sofrendo algum tipo de abuso. Então não temos como saber quem fez essa denúncia em particular. Basicamente, ela diz que o garoto deveria ser tirado dos cuidados da mãe o mais rápido possível porque ela era, e eu estou citando exatamente como diz o e-mail, “uma puta egoísta”. Também havia algumas coisas sobre ela só pensar em abrir as pernas enquanto fechava os olhos para os problemas do garoto, mesmo que ela, abre aspas, “devesse estar atenta”. Fecha aspas. De acordo com o e-mail, nós encontraríamos provas na casa.

— E o que vocês encontraram lá?

— Nada. Seguimos todo o protocolo e tivemos muito trabalho para acompanhar as alegações de negligência, então conversamos com o garoto introvertido e com os pais chocados. A mãe e o padrasto, eu acho. Mas não havia nada de suspeito e infelizmente esse tipo de trote vingativo não é incomum.

— Eu gostaria de ver o e-mail. Você pode enviar uma cópia?

Henning estava esperando por aquela pergunta.

— Claro que posso. Assim que você me mostrar um mandado. Então, se é só isso...

— Mas não tinha nenhuma informação sobre o remetente?

— Não. É isso que “anônimo” significa. Como eu disse...

— E por que você chamou a denúncia de vingativa?

— Bem, porque não encontramos nada e porque é para se vingar

que as pessoas usam o esquema de denúncias anônimas. Pode perguntar no departamento fiscal. São os políticos que encorajam esse tipo de coisa. As pessoas fazem fofoca por nada. Ninguém para pra pensar que existe alguém que realmente vai ter que dedicar tempo e recursos para investigar a merda que escrevem e mandam. De qualquer forma, se é só isso...

— Na verdade, tem mais uma coisa, aproveitando que estou falando com você. Eu gostaria de verificar se você recebeu alguma coisa sobre outras duas crianças.

O detetive informa mais dois números de identidade, dessa vez sobre duas meninas, Lina e Sofia Sejer-Lassen. A família agora mora em Klampenborg, mas o cara sabe que moravam em Brygee — na jurisdição de Copenhague — até recentemente, e é sobre esse período que ele quer saber. Irritado, Henning consulta novamente o computador, dando uma olhada no relógio. Ainda vai dar tempo de se preparar, se ele conseguir acelerar as coisas. O computador finalmente responde e ele dá uma olhada nas observações enquanto o detetive repete os números. Está prestes a dizer que se lembra do caso, que foi dele também, mas então percebe algo na tela que não tinha notado antes. Ele rola pelo arquivo rapidamente e então volta para o de Magnus Kjær para confirmar um pressentimento e verificar as palavras usadas no e-mail anônimo. Henning Loeb vê algo que não compreende de todo, mas que o deixa cauteloso.

— Não. Sinto muito. Não tem nada aqui sobre elas. Não que eu esteja vendo.

— Tem certeza?

— O sistema não reconhece esses números de identidade. Tem mais alguma coisa? Eu estou realmente ocupado.

Henning Loeb sente a boca amargar. Para se prevenir, manda um e-mail para o departamento de TI informando que o sistema caiu e que não conseguiu ajudar a polícia com uma solicitação em particular. Não que ele ache que aquilo vá ser relevante, mas nunca se sabe. Henning só está a uma entrevista de subir na hierarquia e fugir de toda aquela merda. Para bem, bem longe. Até o segundo andar, no departamento de Tecnologia e Desenvolvimento — talvez se ele usar

as cartas certas até consiga enfiar o pau na ruivinha.

Já escureceu no bairro residencial de Husum. Os postes estão acesos ao longo das vias adequadas para crianças, com seu limite de velocidade e quebra-molas, e os caminhos para a entrada das casas estão banhados pela luz de cozinhas fervilhando de atividade enquanto as famílias preparam o jantar e conversam sobre mais um dia tedioso. Quando Thulin salta da viatura na Cedervænget, sente cheiro de almôndega frita saindo pelo exaustor de uma casa vizinha da família Kjær. Apenas a casa modernista com sua garagem de metal e a caixa de correio que indica o número sete se mantém na escuridão, parecendo abandonada e triste.

Thulin escuta os últimos comentários enfadados de Nylander ao telefone antes de correr atrás de Hess na chuva até a porta da frente.

— Você está com a chave? — pergunta Hess, estendendo a mão.

Os dois chegam à entrada com a barreira de fita preta e amarela que lacra a porta e a cena do crime. Thulin pega a chave no bolso.

— Você disse que o Conselho Tutelar investigou o caso depois de uma denúncia anônima contra Laura Kjær, mas que não descobriu nenhum motivo para acreditar nas acusações?

— Isso. Chega pra lá. Você está na luz.

Hess pega a chave e está tentando enfiá-la na fechadura só com a luz fraca do poste.

— Então o que estamos fazendo aqui?

— Já disse. Eu só quero dar uma olhada na casa.

— Eu já vi a casa. Várias vezes.

Quando Thulin falou com Nylander, momentos antes, ele estava muito insatisfeito com os resultados do dia — ou com a falta de resultados, mais precisamente — e não entendia por que eles estavam voltando para Cedervænget. Nem Thulin. O álibi de Hans Henrik Hauge para a hora do assassinato de Anne Sejer-Lassen era um revés,

mas já aceitou o fato. No entanto, ali está ela novamente, olhando para a casa sombria onde tudo começou.

Hess lhe contou sobre a conversa com o assistente social da prefeitura, para quem ligou a caminho do estacionamento depois de terem interrogado o médico. Sentada no carro, do lado de fora do Rigshospital, com a chuva castigando o para-brisa, ela ouviu tudo sobre o e-mail anônimo que acusava Laura Kjær de ser uma péssima mãe e dizia que ela deveria perder a guarda do filho. O Conselho Tutelar investigou o caso e concluiu que a denúncia era infundada. Foi considerado um trote, e o interesse de Thulin acabou por aí. Era esquisito que Laura só tivesse contado isso para o médico no Rigshospital, mas, por outro lado, era compreensível também: o filho dela tinha transtorno do espectro autista, de acordo com os médicos, e seu comportamento — conforme descrito pela escola, por exemplo — poderia facilmente gerar algum mal-entendido sobre a mãe não ser capaz de tomar conta dele. E isso poderia facilmente ter induzido alguém a fazer uma denúncia. Além disso, é claro, Laura não teria como saber se um dos seus amigos era o remetente da tal denúncia anônima, ou alguém do trabalho ou da escola. Então, levando tudo isso em conta, não era tão estranho que ela tivesse mantido a discrição em relação ao assunto. Laura Kjær parecia ter feito tudo que uma mãe poderia fazer para ajudar o filho e, embora Thulin não goste de Hans Henrik Hauge, é obrigada a admitir que ele parece ter dado muito apoio a ela. Então o que deveriam fazer com a informação sobre a denúncia? O assistente social também negou haver algum relatório sobre Anne Sejer-Lassen; desse modo, não havia um fato em comum para investigarem.

Mesmo assim, Hess quis ir à casa de Laura Kjær e, durante o caminho, Thulin se arrependeu de não ter tirado o homem do caso quando teve a chance. Ela não está ignorando a previsão de Hess de que o assassino está apenas começando, e sentiu instintivamente a ameaça enquanto estava na floresta, perto do corpo de Anne Sejer-Lassen. No entanto, as abordagens investigativas dos dois eram completamente diferentes. Thulin também não gosta muito da ideia de bancar a informante de Nylander, a dedo-duro, caso Hess se desvie do

caminho e comece a meter o nariz no caso Hartung. Nem mesmo como condição para conseguir uma recomendação para o NC3.

— Estamos investigando um duplo homicídio, e você mesmo disse que outros podem estar prestes a acontecer. Então não estou entendendo por que estamos perdendo tempo em uma casa que já passou pelo pente-fino dos técnicos forenses!

— Você não precisa entrar. Na verdade, seria bom se você pudesse perguntar para os vizinhos se eles sabem alguma coisa sobre a denúncia ou quem poderia ter enviado. Assim a gente se adianta, não acha?

— E por que queremos saber disso?

A fita da barreira se solta quando Hess abre a porta e entra na casa. Ele fecha a passagem enquanto a chuva aumenta, fazendo Thulin correr para a primeira vizinha.

O silêncio é a primeira coisa que Hess nota ao fechar a porta. Seus olhos procuram se ajustar à escuridão. Depois de tentar acender as luzes em três interruptores diferentes, ele imagina que a companhia elétrica deve ter cortado o fornecimento. A casa está em nome de Laura Kjær, sua morte foi registrada, e o desmantelamento da vida humana segue seu curso.

Hess pega sua lanterna e passa pelo corredor, avançando pela casa. A ligação para o assistente social do caso o deixou incomodado. A verdade é que Hess não sabe o que aquilo significa. Nem se significa alguma coisa. Só sabe que precisa dar uma olhada na casa de novo. Além disso, o interrogatório do clínico geral do Rigshospital foi bom. Por um momento, achou que tinham encontrado o lugar certo e a pessoa certa. Ambas as vítimas tinham interagido com o médico, e seu instinto lhe dizia que as crianças eram o fator comum. Mas então o médico mencionou a denúncia.

É um tiro no escuro vasculhar a casa novamente. Tudo já foi visto e revisto várias vezes por diversas equipes de investigadores e técnicos. Além disso, a denúncia aconteceu três meses antes, então se houvesse alguma coisa para ser encontrada provavelmente já teria desaparecido a essa altura. Mas alguém fez uma denúncia contra Laura Kjær — alguém com interesse suficiente para escrever um e-mail cheio de ódio recomendando que o filho fosse tirado dela —, e Hess espera que a casa possa lhe dar algumas respostas. Enquanto caminha pelo corredor ele percebe que ainda há evidências do trabalho da equipe forense. Traços do pó branco para pegar impressões digitais nas maçanetas e batentes e marcadores numerados em vários objetos. Objetos que poderiam ou não ser usados se e quando fossem feitas acusações formais relativas ao assassinato de Laura Kjær. Hess passa por todos os aposentos e termina, por fim, em um pequeno quarto de hóspedes que

evidentemente é usado como escritório. Está assustadoramente vazio agora; a mesa está sem o computador, ainda em posse da polícia. Ele abre os armários e gavetas, lê anotações aleatórias e vasculha pedaços de papel, então vai para o banheiro e, por último, para a cozinha, onde repete o processo, sem encontrar nada de interessante. Enquanto a chuva castiga o telhado, Hess volta pelo longo corredor até o quarto principal, onde a cama ainda está desarrumada e o abajur, caído no chão. Acabou de abrir a gaveta de lingerie de Laura Kjær quando ouve um barulho na porta da frente e Thulin reaparece.

— Nenhum dos vizinhos sabe de nada. Ninguém ouviu falar sobre a denúncia. Só repetiram que a mãe e o padrasto eram muito carinhosos com o garoto.

Hess abre um outro armário e fica remexendo lá.

— Estou indo embora. Ainda tenho que checar os antecedentes do médico e o que Sejer-Lassen disse sobre os casos. Leve a chave de volta quando terminar.

— Tranquilo. Tchau.

Thulin bate a porta da casa com um pouco mais de força do que o necessário. Correndo pela chuva, precisa desviar de um ciclista com roupa escura antes de chegar ao carro. Suas roupas então ensopadas depois de ficar andando pela vizinhança, fazendo perguntas. Hess vai ter que andar até a estação se quiser voltar para a cidade, mas isso é problema dele. O dia foi um fiasco. Eles ainda não têm nenhuma pista e parece que a chuva pesada está levando tudo embora enquanto ficam correndo em círculos sem conseguir absolutamente nada.

Thulin liga o motor, engata a marcha do carro e sai suavemente para a estrada. Precisa passar ao grupo todas as informações que recebeu naquele dia, mas tudo que quer realmente é voltar para a delegacia e ler os arquivos do caso. Começar do zero, repassar tudo de novo, até encontrar uma conexão. Talvez entrar em contato novamente com Hans Henrik Hauge e Erik Sejer-Lassen e perguntar a eles sobre Hussein Majid, que conhecia ambas as vítimas. Thulin está saindo de Cedervænget para pegar a estrada principal quando algo no espelho retrovisor chama sua atenção e a faz frear.

Ela mal consegue distinguir o carro parado a uns cinquenta metros. Está sob grandes abetos no fim da rua que se une a Cedervænget, quase invisível entre as árvores e as cercas vivas, além das quais fica o parquinho. Thulin engata a marcha a ré e segue até parar ao lado do veículo. É um carro preto. Sem traços distintivos, dentro ou fora. Mas a fumaça discreta que está saindo do capô mostra que o motor ainda está quente: o carro deve ter parado ali apenas alguns momentos antes. Thulin olha em volta. Qualquer pessoa que tenha algo para fazer em um bairro residencial para em frente à casa que está visitando. Aquele carro, porém, está parado em um nicho um pouco antes de uma rua sem saída. Por um momento, ela pensa em procurar a placa do carro no sistema. Mas seu celular toca e ela vê na tela que é

Le. Thulin se dá conta de que se esqueceu completamente de que deveria pegá-la na casa do avô, então atende a ligação e vai embora.

O quarto de Magnus Kjær é simples em comparação ao luxo do quarto das filhas de Sejer-Lassen, mas mesmo ao brilho fraco da lanterna Hess percebe que é aconchegante. Há um tapete grosso, cortinas verdes, um lustre de papel pendendo do teto. Pôsteres do Pato Donald e do Mickey enfeitam as paredes, e há um monte de bonecos de plástico nas prateleiras, criaturas de contos de fadas em que o bem luta contra o mal. Sobre a mesa há um porta-lápis com canetinhas e lápis coloridos e a estante ao lado deixa bem claro que Magnus Kjær se interessa por xadrez. Hess pega alguns livros e os folheia sem saber muito bem o motivo. Ali parece um lugar seguro, talvez o melhor de toda a casa.

Seus olhos pousam na cama, e um velho hábito o faz se ajoelhar e iluminar embaixo dela, embora saiba que os colegas já olharam ali. Tem alguma coisa presa entre a cama e a parede, mas quando tenta puxá-la vê que é só um livro sobre o jogo *League of Legends*. Sente um peso na consciência. Não cumpriu a promessa de voltar ao hospital.

Hess coloca o livro no lugar e começa a se arrepender por não ter aproveitado a carona de Thulin para a cidade. Por um tempo, a informação sobre a denúncia anônima pareceu lançar uma nova luz ao caso, mas agora está se sentindo um completo idiota, porque terá que voltar na chuva para o centro da cidade ou pelo menos até a estação mais próxima ou até encontrar um táxi. De repente ele se sente tão cansado que por uns segundos se pergunta se pode tirar uma soneca na cama do garoto, que parece ser um lugar calmo e confortável, ou se deve seguir direto para a delegacia e contar alguma mentira para Nylander sobre precisar voltar para Haia naquela noite. Ou ele pode simplesmente dizer a verdade, claro. Que não está nem um pouco a fim de trabalhar naquele caso. Que Kristine Hartung e as impressões digitais e nada daquilo têm nada a ver com ele. Que provavelmente foi

apenas a falta de sono despertando todas as teorias horríveis sobre membros amputados e bonecos do sr. Castanha. Com um pouco de sorte, Hess talvez ainda consiga pegar o voo das oito e quarenta e cinco e ir se ajoelhar diante de Freimann o mais tardar na manhã seguinte — naquele instante essa lhe parece uma ótima ideia.

Hess lança um último olhar pela janela, para o jardim e o parquinho onde Laura Kjær foi encontrada, e é quando vê, meio oculta pela cortina verde, uma pilha de folhas A4 com desenhos infantis que antes estavam presos na parede. O primeiro é o desenho de uma casa, que Magnus deve ter feito alguns anos antes. Os traços são bem simples. Nove ou dez linhas representando uma casa com uma porta e o sol brilhando. Hess vira a folha e há outro desenho de uma casa, dessa vez pintada de branco, e com traços um pouco mais exatos e detalhados. A casa de Cedervænget, percebe. O terceiro desenho tem o mesmo tema: a casa branca, o sol e a garagem. Assim como o quarto e o quinto. Magnus está claramente ficando mais velho e desenhando melhor. Por algum motivo, Hess fica impressionado e sorri. Até chegar ao último. O tema é o mesmo. Casa, sol, garagem. Mas, dessa vez, há algo de errado. A garagem está desproporcionalmente enorme, muito maior do que a casa. Ela ultrapassa o telhado da casa e suas paredes são grossas e escuras, com uma simetria incômoda.

Hess bate a porta da varanda atrás de si. O ar está gelado e ele vê sua respiração formando fumaça na chuva enquanto ilumina o caminho de pedras no jardim atrás da casa. Quando vira a esquina, ele se vê diante da garagem. O cheiro de almôndegas perfuma o ar, sumindo apenas quando ele abre a porta. Está prestes a entrar quando se dá conta de que, embora a porta estivesse lacrada, não ouviu o som peculiar da fita se rasgando. Afasta o pensamento e fecha a porta atrás de si.

A garagem é espaçosa, com cerca de vinte metros quadrados e pé-direito alto. Construída com material novo, com estrutura e paredes de metal. Hess se lembra de ter visto esse modelo nos catálogos da loja de material de construção. É grande o suficiente para caber mais do que apenas um carro. Dezenas de caixas de plástico transparente ocupam o piso de concreto. Algumas têm rodinhas e outras estão empilhadas ao longo da parede, formando torres. Hess se lembra das próprias posses, ainda guardadas em caixas de papelão e sacolas plásticas em um armazém em Amager, agora pelo quinto ano consecutivo. Enquanto a chuva cai no telhado, Hess passa pelas torres de plástico e avança pela garagem, mas, até onde pode ver com o feixe da lanterna, não há nada de mais nas caixas. Apenas roupas, cobertores, brinquedos velhos, utensílios de cozinha, pratos e tigelas, tudo muito bem organizado. Ao longo de uma das paredes, há uma fileira de ferramentas de jardinagem dispostas de forma impressionante em ganchos de alumínio, interrompida por uma prateleira alta de aço alinhada com latas de tinta e suprimentos de jardinagem. E nada mais. Só uma garagem. O desenho de Magnus chamou sua atenção, mas, agora que Hess está ali, ele percebe que aquilo não passa de mais uma evidência de que Magnus Kjær é uma criança com sérios distúrbios.

Hess se vira, irritado, e está prestes a voltar para a porta quando nota que pisou em algo que cede ao seu pé, apenas uma fração acima do piso de concreto. Não é muito, apenas alguns milímetros talvez. Iluminando o chão, Hess percebe que está sobre um tapete retangular de borracha de um metro por meio metro, estendido em frente às prateleiras de aço, como se o objetivo fosse proporcionar uma superfície confortável de trabalho. Não se pensaria duas vezes naquilo — a não ser que, como Hess, se estivesse procurando uma agulha no palheiro. Ele dá um passo atrás e puxa o tapete. Mas este não cede. Hess só consegue tatear com a ponta dos dedos por dois ou três centímetros abaixo dele e, conforme continua tateando, sente uma fresta que segue pelo piso de concreto. Pegando uma chave de fenda em uma das prateleiras, ele segura a lanterna entre os dentes, enfia a chave de fenda embaixo do tapete e na fresta e então empurra. O pedaço do chão e o tapete colado levantam um pouco, o suficiente para que Hess enfie os dedos embaixo e abra o que parece ser uma escotilha.

Ele olha incredulamente para a escotilha e para o retângulo preto no chão de concreto. Por baixo há uma alça que permite que ela seja fechada por dentro. Hess tira a lanterna da boca e ilumina o buraco. O feixe clareia alguns metros abaixo, mas tudo que ele vê é algum tipo de piso no fim da escada montada na parede interna. Hess se senta no piso de concreto, coloca a lanterna de volta na boca e começa a descer. Não sabe o que vai encontrar, mas a inquietação aumenta a cada degrau. O cheiro é peculiar, uma mistura estranha de materiais de construção e algo perfumado. Só quando sente o chão firme sob seus pés é que ele solta a escada e ilumina o ambiente à sua volta.

O aposento não é grande, mas é maior do que Hess esperava. O espaço tem aproximadamente doze metros quadrados e altura suficiente para ele ficar em pé sem ter que abaixar a cabeça. Há tomadas ao longo do rodapé, paredes de concreto branco e um piso laminado xadrez novinho em folha. A princípio, não há nada de assustador no aposento, a não ser sua existência. Alguém tirou as medidas, cavou o espaço, comprou o material, montou e instalou tudo e escondeu aquilo com uma escotilha à prova de som. Embora Hess a

tenha deixado aberta, o som da chuva e da realidade acima já desapareceram completamente. Só então ele percebe que parte de sua mente temia encontrar os membros de Kristine Hartung ali, mas, para seu alívio, o lugar está praticamente vazio. Uma bonita mesinha de centro branca está posicionada no meio do lugar e, sobre ela, um estranho abajur de três pernas. Há um armário grande e branco encostado em uma das paredes, com uma toalha pendurada no puxador. No extremo oposto do aposento, um tipo de tapeçaria avermelhada foi pendurada na parede acima de uma cama arrumada com lençóis brancos. A lanterna começa a piscar. Hess precisa sacudi-la para voltar a funcionar. Quando se aproxima da cama, nota que o abajur aponta para ela, mas é a caixa de papelão que chama sua atenção. Hess se ajoelha e usa a lanterna para iluminar o conteúdo. Está completamente bagunçada, como se os objetos tivessem sido atirados lá dentro com pressa. Hidratantes e velas perfumadas, uma garrafa térmica, um copo sujo e um cadeado, cabos e equipamentos de Wi-Fi, muitos equipamentos de Wi-Fi, e um laptop MacBook Air que ainda está conectado a um cabo, que cruza o piso laminado até o abajur sobre a mesa de centro. É nesse momento que Hess percebe que aquilo não é um abajur. É uma câmera, montada em um tripé, e as lentes apontam diretamente para a cama.

Hess sente uma onda de náusea e começa a se levantar. Quer sair dali, escapar daquele buraco e sair para a chuva, mas algo chama sua atenção. Pegadas molhadas do outro lado da mesinha de centro. Poderiam ser dele, mas não são. Algo sai de dentro do armário atrás dele e o ataca com grande velocidade e força. Ele é atingido na parte de trás da cabeça, um golpe seguido por vários outros. A lanterna cai da sua mão, e ele vê um caleidoscópio de luzes dançantes no teto enquanto os golpes martelam sua cabeça e sua boca se enche de sangue.

Hess cai na mesa de centro, rolando. Ainda está grogue enquanto dá chutes às cegas no escuro, atingindo seu atacante antes de tropeçar na cama e bater com o maxilar na cabeceira. A dor sobe pelo crânio. Seu ouvido começa a zumbir e ele se apoia desajeitadamente no colchão, tentando recuperar o equilíbrio. Então ouve o barulho de alguém remexendo na caixa de papelão e de pés correndo em direção à escada, e sabe que precisa voltar a si. Ele se levanta, mas não enxerga nada. Tateando no escuro com as mãos estendidas, tenta se lembrar de onde fica a escada, passa os dedos pela parede áspera de concreto e finalmente sente um degrau na mão esquerda. Os movimentos apressados acima de sua cabeça denunciam seu atacante, e ele obriga seus pés e suas mãos a se lembrarem de como subir. Quase no topo, estende a mão e agarra um tornozelo, fazendo o atacante tropeçar lá em cima e cair contra as caixas de plástico. O homem começa a chutar, mas Hess continua segurando firme. Está tentando subir o resto da escada quando nota o Macbook Air caído no piso de concreto. Então um calcanhar o atinge duas vezes no rosto. Ele sente o peso do homem; com velocidade surpreendente, seu atacante acerta um joelho no pescoço de Hess, pressionando seu rosto ao chão. Hess tenta se contorcer, mas seu corpo ainda está dentro do buraco e ele luta para respirar. Seus pés balançam, como se estivesse pendurado em uma forca. E sente que o atacante está tentando pegar a chave de fenda que ele foi idiota o bastante para deixar no chão. Sabe que está prestes a desmaiar — a visão já está ficando turva —, e é quando ouve uma voz. A voz de Thulin. Ela está gritando seu nome, talvez da rua ou de dentro da casa, mesmo assim, não importa o quanto tente, não consegue responder. Está preso contra o piso frio de uma garagem nos confins de Husum com uns cem quilos sobre o pescoço, e o peso não cede. Seus braços tateiam, quando, de repente, ele sente algo com a

mão direita. Algo frio — algo feito de aço. Não consegue pegar e usar como arma, então apenas puxa com toda sua força. O aço cede, provocando um barulho alto das latas de tinta caindo pelo chão à volta.

Thulin está parada na entrada da varanda, olhando através da chuva para o jardim silencioso. Já chamou Hess um monte de vezes. Primeiro dentro da casa e depois do lado de fora, e cada vez que não ouve uma resposta sente-se mais idiota. Não importa que ela tenha dado meia-volta assim que percebeu de quem deveria ser o carro preto — o que mais a incomoda é o fato de Hess nem ter se importado de trancar a porta da frente quando saiu.

Está prestes a sair de novo quando, de repente, ouve um estrondo vindo da garagem. Ela dá um passo e chama Hess outra vez. Por um momento, imagina que ele deve estar bisbilhotando por lá aleatoriamente, mas então vê uma figura escura sair da garagem e desaparecer pela chuva em direção ao jardim dos fundos. Em menos de três passos, ela está no jardim, com a arma em punho. A figura passa por entre as árvores no fundo e depois pelo parquinho, e, embora a detetive corra o mais rápido que consegue, ele já sumiu de vista quando ela alcança a casa de boneca. Thulin já está completamente encharcada e sem fôlego quando o som do trem a faz se virar. A figura pulou a barragem e está correndo pelos trilhos. Thulin a segue, o trem de carga perigosamente em seu encalço.

Com a buzina tocando, o trem passa a toda velocidade, obrigando Thulin a se jogar na grama. A figura olha para trás bem na hora que o trem vai fazer a curva para trocar de trilhos. Thulin se vira e corre na direção oposta, rumo ao fim dos vagões, esperando cruzar os trilhos e continuar a perseguição. Mas a fila é interminável e, por fim, ela para. No vão entre os vagões, ela vê a expressão frenética no rosto de Hans Henrik Hauge olhando para ela antes de desaparecer entre as árvores.

Viaturas policiais com sirenes piscando bloqueiam o pequeno quintal de ambos os lados, e os primeiros e ávidos repórteres criminais já começaram a chegar. Alguns trouxeram fotógrafos e vans com equipamento de filmagem e estão gravando material para usar no próximo noticiário, mesmo sabendo que não vão receber nenhuma informação da polícia além do que conseguirem ver atrás da fita de isolamento. Um grupo de moradores também se juntou ali e, pela segunda vez em menos de uma semana, estão olhando, boquiabertos, para a casa número sete. Não acontece muita coisa no bairro além das festas na rua e da separação de lixo reciclável, pensa Thulin, imaginando que vai levar muitos anos até que os eventos daquela semana sejam esquecidos.

Ela saiu da casa para ligar e dar boa-noite para Le, que ficou mais do que feliz em dormir de novo no avô, mas quase não consegue se concentrar na conversa e, enquanto Le tagarela sobre um novo aplicativo e se pode marcar de brincar com Ramazan, ela repassa na mente tudo que aconteceu naquela noite. Ao seguir para a estrada que a levaria de volta à cidade, percebeu que o carro preto poderia ser o Mazda de Hauge. Foi por isso que voltou. Mas Hauge escapou e, depois de persegui-lo, Thulin encontrou Hess caído no chão de concreto da garagem. O colega ainda estava abalado e ferido, mas não tanto que não pudesse voltar imediatamente a atenção para o MacBook, que Hauge evidentemente tinha tentado levar. Ela chamou a equipe forense, ligou para Nylander para atualizá-lo sobre os acontecimentos e emitiu uma ordem de prisão para Hans Henrik Hauge — até o momento sem resultado.

Agora a propriedade está fervilhando de técnicos com seus trajes forenses brancos, dessa vez do lado de fora da garagem. Eles trouxeram o próprio gerador de energia e acenderam refletores. Uma

tenda branca foi montada na entrada e a maioria das caixas de plástico na garagem foi trazida para fora para facilitar o acesso ao abrigo subterrâneo. Thulin termina a conversa com a filha e entra na garagem bem na hora que Genz está subindo pela escada com sua câmera. Ele parece cansado, mas puxa a máscara e começa a falar de suas descobertas.

— O material usado lá embaixo indica que o aposento foi construído mais ou menos na mesma época que a nova garagem. Não deve ter precisado escavar muito, então Hauge pode ter usado a mesma escavadeira que alugou para fazer a fundação da garagem. Não levaria mais do que uns dois dias, então ele pode ter dado um jeito de não ser incomodado durante esse tempo. O aposento é todo à prova de som, quando a escotilha está fechada, o que eu só posso deduzir que seja proposital.

Thulin ouve em silêncio, enquanto Genz continua. Alguns dos brinquedos de Magnus Kjær foram encontrados lá, junto com cremes, garrafas de refrigerante, velas perfumadas e outros objetos. O aposento tem energia elétrica e Wi-Fi. Até o momento, o exame do local revelou impressões digitais apenas do garoto e de Hauge. Para Thulin, tudo aquilo é incompreensível. Antes, ela só tinha lido sobre esse tipo de caso ou visto notícias na televisão — Josef Fritzl, Marc Dutroux, ou qualquer que fosse o nome daqueles psicopatas —, e percebe que até hoje tudo aquilo parecia muito longe da sua realidade.

— Por que Wi-Fi?

— Não sabemos ainda. Parece que Hauge veio aqui para se livrar de algumas coisas, mas obviamente não sabemos do quê. Por outro lado, encontramos algumas senhas em um caderno na caixa de papelão. Parece que ele estava usando um sistema ponto a ponto. Talvez para algum tipo de streaming.

— Mas o que ele estava transmitindo?

— Hess e o pessoal do TI estão tentando abrir o Mac, mas a senha é difícil, então parece que vamos ter que levá-lo para o departamento para descobrir.

Thulin pega um par de luvas descartáveis das mãos de Genz e tenta

passar por ele, mas Genz coloca a mão em seu ombro.

— Talvez seja melhor deixar o pessoal de TI cuidar disso. Eles vão ligar assim que terminarem e informar tudo que descobriram.

Thulin vê naqueles olhos escuros que ele tem boas intenções, quer preservá-la, mas ela desce pelo buraco mesmo assim.

Thulin solta o degrau acima dela, pousando os pés no piso laminado, e se vira para o quarto subterrâneo, que agora está fortemente iluminado. Dois técnicos estão conversando baixinho com Hess enquanto olham para o MacBook e o equipamento de Wi-Fi, que estão montados na mesinha de centro.

— Tentaram usar o modo de recuperação? — pergunta Thulin.

Hess se vira para ela. Um dos olhos está inchado, os nós dos dedos cobertos com gaze, e ele segura um rolo de papel-toalha ensanguentado atrás da cabeça.

— Sim, mas eles disseram que ele usou o FileVault para criptografar o disco rígido, então não conseguem abrir aqui.

— Com licença. Eu faço isso.

— Eles disseram que é melhor se...

— Se vocês fizerem errado, podem acabar apagando algum material do programa.

Hess a encara, se afasta do MacBook e faz um sinal para os técnicos o seguirem.

Não demora muito. Thulin conhece todos os sistemas operacionais e leva menos de dois minutos digitando com as luvas de látex para redefinir o código de acesso de Hauge e conseguir acessar o computador. Na área de trabalho, ela vê um plano de fundo com diversos personagens da Disney: Pateta, Pato Donald, Mickey. No lado esquerdo da tela tem umas doze ou treze pastas, cada qual com o nome de um mês.

— Tente a mais recente.

Thulin já clicou nela, “Setembro”. Uma nova janela se abre e eles têm a opção de cinco ícones, cada qual com um botão de “Play”. Thulin escolhe aleatoriamente um deles e assiste ao vídeo exibido. Depois de trinta segundos, percebe que deveria ter seguido o conselho

de Genz quando uma onda de náusea faz o seu estômago queimar.

Até agora o noticiário do rádio só fala conjecturas, se repetindo o tempo todo, e anunciando a busca por Hauge. Quando a música pop que segue as notícias é uma ode alegre ao sexo anal, Thulin desiste do rádio e o desliga. Não está a fim de conversar, então fica satisfeita por Hess estar ocupado em uma ligação.

De Husum eles seguiram para a ala do Glostrup Hospital, onde Magnus Kjær ainda está internado. Na sala de funcionários, explicaram a situação para a médica, e Thulin achou reconfortante o fato de ela parecer realmente chocada e preocupada com o garoto. Ela logo deu ordens de que Hauge não podia, em hipótese alguma, ter permissão de se aproximar de Magnus, se aparecesse por lá. O que era altamente improvável, uma vez que ele agora era um fugitivo procurado pela polícia. Felizmente, a médica disse que o garoto estava muito bem, considerando as circunstâncias, mas ainda assim Thulin e Hess foram ao quarto dele antes de irem embora. Magnus estava dormindo, e eles pararam por um momento para olhar pela janela retangular na porta.

Por catorze ou quinze meses, o garoto foi repetidamente torturado, enquanto todos os médicos descreviam suas dificuldades com contato humano como transtorno do espectro autista. Até onde Thulin sabia, ele era um menino como qualquer outro da sua idade até a morte do pai, quando sua mãe começou a sair com Hauge. Ele deve tê-la escolhido no site de encontros justamente porque seu perfil revelava que tinha um filho pequeno. O que a tornava um problema aos olhos de alguns homens foi justamente o motivo de Hauge querê-la. Thulin já sabia, pelo histórico do perfil de Hauge, que ele trocava mensagens principalmente com mães solteiras, mas não tinha pensado muito no assunto até então. Parecia apenas que ele queria encontrar uma mulher mais ou menos da mesma idade que ele.

O vídeo que Thulin viu no MacBook de Hauge deixou claro que ele coagiu o menino a manter segredo. Sentado no colchão do quarto com a tapeçaria surrealista avermelhada ao fundo, perguntou a Magnus, em um tom bastante didático, se ele não queria ver a mãe feliz, como ela tinha sido antes da morte do pai, em vez de triste. Então, em uma voz ainda leve e natural, acrescentou que claro que Magnus não ia querer que ele a machucasse, não é mesmo?

Magnus não resistiu ao estupro que se seguiu, e Thulin não quis assistir àquilo. Mas foi o que aconteceu, e ela sabia, pelo registro de transmissão do I2P de Hauge, que a sessão foi compartilhada ou transferida on-line. Com exceção da conversa inicial, é claro, ou de imagens em que o rosto de Hauge aparecia. E não foi apenas uma vez. Longe disso.

Laura Kjær não devia saber do abuso que o filho estava sofrendo, mas a denúncia anônima ao Conselho Tutelar pode ter servido como alerta. Ela refutou as acusações de maus-tratos, mas talvez tenha ficado preocupada. Talvez a suspeita tenha começado a crescer, porque a época da denúncia coincidia exatamente com sua relutância em sair de casa a não ser que o filho estivesse com ela ou na escola. Talvez, no fim das contas, ela realmente tivesse medo de Hauge e por isso trocou as fechaduras quando ele estava na feira de negócios. Não que aquilo tenha feito muita diferença, infelizmente.

— Obrigado, tchau — diz Hess, e desliga. — Parece que só vamos conseguir falar com o assistente social do caso, ou qualquer outra pessoa na prefeitura que possa nos dar mais informações, amanhã de manhã.

— Você acha que o assassino pode ser a pessoa que fez a denúncia anônima?

— Acho que sim. Vale a pena verificar.

— Por que você não acha que Hauge é o assassino?

Thulin já sabe a resposta, mas não consegue resistir a fazê-la, e Hess pondera sobre o assunto.

— Temos evidências suficientes que indicam que foi a mesma pessoa que cometeu ambos os assassinatos. Hauge podia ter motivos para matar Laura Kjær, mas não para matar Anne Sejer-Lassen. E ele

ainda tem um álibi para o segundo crime. Pelo material que vimos no quarto subterrâneo, sabemos que Hauge é um pedófilo. Ele sente prazer em abusar sexualmente de crianças. Não necessariamente em violência, amputação ou assassinato de mulheres.

Thulin não responde. Toda sua raiva está concentrada em Hauge e gostaria de poder dedicar todo o seu tempo a encontrá-lo.

— Você está bem?

Ela sente o olhar de Hess avaliando seu rosto, mas não quer mais falar sobre Hauge e as imagens que encontraram no computador dele.

— Acho que eu é que devia te perguntar isso.

Hess a encara um pouco perplexo, e, embora Thulin mantenha os olhos fixos na estrada, aponta para o sangue escorrendo pela orelha dele. Hess o seca com um pedaço de papel-toalha enquanto ela vira em direção ao seu prédio. De repente uma pergunta lhe vem à mente.

— Mas como a pessoa que fez a denúncia poderia saber que Magnus estava sofrendo abuso quando ninguém mais sabia?

— Não sei.

— E se essa pessoa sabia sobre o abuso, talvez soubesse que a mãe não tinha ideia do que estava acontecendo. Então por que matá-la e não o próprio Hauge?

— Eu também não sei. Mas se você quer seguir por essa hipótese, talvez essa seja a resposta: talvez, aos olhos do denunciante, fosse obrigação dela, como mãe, saber de uma coisa dessas. Talvez pelo fato de ela não ter reagido à denúncia. Não rápido o bastante, pelo menos.

— Tem muitos “talvez” nessa história.

— Com certeza. Principalmente considerando que o assistente social disse que não houve nenhuma denúncia parecida sobre Anne Sejer-Lassen. Tudo se encaixa perfeitamente — responde Hess com ironia, enquanto olha a tela do celular e rejeita a ligação que está recebendo.

Thulin estaciona o carro e desliga o motor.

— Por outro lado, Anne Sejer-Lassen estava fugindo de casa com uma mala e as filhas. Agora que sabemos o que realmente estava acontecendo com Magnus Kjær, talvez seja uma boa ideia verificar se o acidente da filha mais velha foi realmente acidente ou algo mais.

Hess olha para ela, e Thulin percebe que ele entendeu exatamente o

que ela quis dizer. Ele não responde de imediato, e ela sente que sua fala já fez a mente dele correr em novas direções.

— Achei que você tinha dito que eram muitos “talvez”.

— Talvez não sejam.

Depois do que encontraram na garagem da casa de Laura Kjær, parece errado sorrir, mas Thulin não consegue evitar. O humor a distrai um pouco daquelas coisas incompreensíveis e, ao mesmo tempo, ela sente que pode estar no caminho certo. Uma batida na janela a faz olhar para fora, e ela vê Sebastian ao lado da porta, sorrindo. Está de terno e com um *trench coat*. Em uma das mãos, segura um buquê de flores enroladas em papel celofane amarrado com um laço, e na outra, uma garrafa de vinho.

Thulin abre o notebook na mesa da sala e começa a examinar o material colhido pelos outros investigadores da equipe naquele dia, concentrando-se em tudo que tenha a ver com Erik Sejer-Lassen. Sebastian já foi embora, que era o que ela queria, mas o encontro poderia ter sido melhor.

— É isso que acontece quando você não me atende ou retorna as minhas ligações. Corre o risco que eu apareça do nada — brincou ele quando chegaram ao apartamento.

Ao acender a luz da cozinha, Thulin ficou chocada com a bagunça. As roupas molhadas que usou na busca na floresta em Klampenborg ainda estavam emboladas em um canto e na mesa havia uma tigela com crostas do que tinha sobrado do iogurte do café da manhã.

— Como você sabia que eu estava chegando em casa?

— Resolvi arriscar e dei sorte.

O encontro na rua foi constrangedor, e ela ainda estava irritada por não ter notado o Mercedes cinza-chumbo de Sebastian na porta de casa antes que ele batesse no vidro. Ela desceu do carro e Hess também saiu para assumir a direção. Tinham combinado que ele podia usar o carro para voltar para casa. Por um momento, ele e Sebastian ficaram se olhando e trocaram um cumprimento de cabeça — Sebastian animado e Hess mais reservado — antes de Thulin seguir para a porta. Foi uma bobagem, mas ainda assim ela ficou irritada por Hess conhecer Sebastian e vislumbrar um fragmento da sua vida pessoal. Ou será que sua irritação era com Sebastian? Às vezes ele parecia uma criatura de outro planeta; mas normalmente gostava disso nele.

— Olha, eu realmente tenho muito trabalho para fazer.

— Aquele é o seu novo parceiro? O cara que chutaram da Europol?

— Como você sabe que ele é da Europol?

— Ah, eu almocei com um sujeito que trabalha na promotoria. Ele comentou que um cara tinha feito uma merda em Haia e acabou sendo mandado de volta para a Homicídios. Então eu juntei dois e dois, já que você contou que tinha um novato idiota que não fazia nada. Como está indo com o caso?

Thulin se arrependeu imediatamente de ter falado sobre Hess quando Sebastian ligou algumas vezes, na semana anterior. Não tiveram tempo de se encontrar, por causa da investigação, e Thulin mencionou que o novo parceiro não estava ajudando muito. O que não parecia mais uma avaliação justa.

— Vi no noticiário que aconteceu alguma coisa na primeira cena do crime. É por isso que ele estava com cara de quem foi atropelado?

Sebastian se aproximou dela, e Thulin se afastou.

— Você precisa ir. Eu tenho um monte de coisas para ler.

Sebastian tentou acariciá-la e ela o rejeitou. Ele tentou de novo, dizendo que estava com saudade, que a queria, chegou a lembrá-la de que a filha não estava em casa, então poderiam transar onde quisessem, inclusive na mesa da cozinha.

— Por que não? Isso tem a ver com Le? Como ela está?

Mas Thulin não estava com ânimo para falar da filha, então pediu de novo para ele ir embora.

— O que foi, então? Você decide quando e como e eu não posso falar nada?

— Sempre foi assim. Se não acha bom, podemos terminar.

— Você conheceu alguém mais divertido?

— Não. Mas se conhecer, pode deixar que eu aviso. Obrigada pelas flores.

Sebastian riu, mas foi difícil botá-lo para fora, e ela presumiu que devia ser raro alguém mandá-lo embora depois de ele aparecer com flores e vinho. E talvez seja estranho o fato de *ela* ter mandado. Então Thulin promete a si mesma que vai ligar para ele amanhã.

Ela come metade de uma maçã em frente ao notebook antes de seu celular tocar. É Hess. Depois da conversa no carro, concordaram em verificar o acidente da filha de Sejer-Lassen, então não é estranho que ele esteja ligando. O estranho é ele perguntar delicadamente se está

atrapalhando.

— Não, tudo bem. O que foi?

— Você estava certa. Acabei de falar com uma pessoa no pronto-socorro do Rigshospital. Além do episódio com o nariz e a clavícula quebrada, que levou a menina mais velha a ser internada, as duas filhas de Sejer-Lassen tiveram que passar por tratamentos depois de acidentes em casa quando moravam em Islands Brygge e em Klampenborg. Não há qualquer indicação de abuso sexual, mas é possível que elas sofressem algum tipo de violência doméstica. Talvez só de um jeito diferente de Magnus.

— Quantos acidentes?

— Não recebi o número total ainda. Mas são acidentes *demais*.

Thulin ouve a pesquisa dele. Quando Hess termina de descrever os relatórios médicos, ela sente a náusea que sentiu no quarto subterrâneo voltar. Mal ouve quando ele sugere que comecem o dia seguinte com uma visita ao Conselho Tutelar local de Gentofte.

— A casa de Sejer-Lassen em Klampenborg está na jurisdição do Conselho Tutelar de Gentofte, e, se houver alguma denúncia anônima sobre Anne Sejer-Lassen na caixa de e-mail deles, vamos saber que estamos no caminho certo.

Ele termina a conversa de forma surpreendente:

— A propósito, obrigado por ter voltado à casa. Acho que ainda não agradei.

— Tranquilo. Até amanhã — diz ela antes de desligar.

Depois disso, Thulin tem dificuldade para recuperar a compostura. Então decide pegar alguma coisa para se distrair, dessa vez um Red Bull, para não correr o risco de dormir. Quando se levanta, olha pela janela.

Do quarto andar, Thulin geralmente consegue ver bem além dos telhados e torres da cidade, quase até os lagos. Mas o andaime no prédio em frente, que foi montado no mês anterior, bloqueia a maior parte da vista. Quando está ventando, como esta noite, o vento faz a lona voar e o andaime geme e range nas juntas metálicas como se ameaçasse desmoronar. Mas é uma pessoa que atrai o olhar de Thulin. Será que tem realmente alguém ali? Atrás da lona e do passadiço, bem

em frente ao seu apartamento, ela pensa ver a silhueta de alguém. Por um momento, parece que a pessoa está olhando diretamente para ela. De repente, a lembrança de alguém a observando do outro lado da rua quando deixou a filha na escola passa pela mente de Thulin. Ela fica alerta e seu instinto diz que é a mesma pessoa. Mas quando o vento sopra novamente na lona, levantando-a, a forma é encoberta. Quando a lona volta ao lugar, a silhueta desapareceu. Thulin apaga a luz e fecha o notebook. Fica parada na escuridão da sala por muito tempo, enquanto olha para o andaime, tentando se lembrar de respirar.

SEXTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO

É bem cedo, mas Erik Sejer-Lassen não sabe que horas são. Seu TAG Heuer de quarenta e cinco mil euros está trancado em um cofre no segundo andar da delegacia de polícia desde a noite anterior, acompanhado do cinto e dos cadarços do sapato. Erik está sentado em uma cela no porão e, quando a pesada porta de metal se abre, um policial avisa que ele será interrogado novamente. Ele se levanta, passa pela porta e sobe a escada espiral em direção à luz do dia e à civilização, então se prepara para descontar toda sua raiva.

A polícia apareceu sem avisar, na noite anterior. Ele estava conversando com as meninas chorosas em suas camas quando a *au pair* o chamou até a porta, onde dois policiais estavam esperando para interrogá-lo. Erik argumentou que não podia sair de casa naquele momento, mas os policiais não lhe deram opção, e ele ficou puto da vida ao ver que eles tinham trazido a sogra para cuidar das crianças. Eles não se falavam desde a morte de Anne, pois Erik sabia que ela faria perguntas preocupadas sobre as netas e ofereceria uma ajuda que ele não queria. Mas então ali estava ela, na sua porta, junto com os policiais, quase como uma conspiradora, olhando-o com olhos tímidos como se *ele* fosse o assassino de sua filha. Enquanto Erik era acompanhado até a viatura, ela entrou na casa e as meninas correram e se agarraram às suas pernas.

Na delegacia, foi interrogado, sem explicação, sobre os acidentes e ferimentos frequentes das meninas. Erik não estava entendendo nada. Certamente não via a relevância daquilo e berrou que queria falar com o superior deles ou ser levado para casa imediatamente. Em vez disso, foi mantido sob custódia por “ocultar informações sobre o assassinato de Anne Sejer-Lassen” e teve que suportar quando foi enjaulado em uma cela no porão como se não passasse de um delinquente qualquer.

A primeira vez que Erik Sejer-Lassen bateu na esposa foi na noite de

núpcias. Eles mal tinham passado pela porta da suíte do hotel D'Angleterre antes que ele agarrasse a noiva pelo braço e a arrastasse pelos cômodos, sacudindo-a e sibilando palavras de ódio. O casamento tinha sido luxuoso, tudo pago pela família dele, inclusive o chef de renome internacional, o jantar de doze pratos exóticos, os salões do Castelo de Havreholm e todas as outras contas, porque a família de Anne era pobre como ratos de igreja. Mas como Anne agradecia? Ficando de conversinha com um dos colegas mais antigos dele, do colégio interno. Aquilo tinha sido uma humilhação tão grande para Erik que ele mal conteve a fúria até partirem para o hotel e ficarem a sós. Anne, chorando, se defendeu dizendo que só tinha conversado com o amigo dele para ser simpática, mas em um acesso de violência Erik rasgou completamente o vestido dela, enquanto batia e estuprava sua esposa. No dia seguinte, pediu perdão pelo comportamento, insistindo que a amava profundamente. No café da manhã, os outros convidados acharam que o rosto corado dela se devia à paixão da noite de núpcias. Aquele provavelmente foi o instante em que tudo começou, o ódio que sentia por ela — porque Anne tinha aceitado, porque ainda o olhava com adoração, piscando aqueles cílios longos.

Os anos em que moraram em Singapura foram os mais felizes. Ele era um astro em ascensão, fazendo alguns investimentos inteligentes em empresas de biotecnologia, e os dois foram aceitos na rica comunidade de expatriados ingleses e americanos. Só perdia a paciência com ela algumas vezes, em geral porque Anne não atingia os padrões de lealdade que ele definia, que incluíam contar tudo o que fazia. Em troca, ele adoçava o casamento com viagens às Maldivas e caminhadas pelas montanhas do Nepal. Com a chegada das filhas, porém, tudo mudou. A princípio, ele foi absolutamente contra o maior desejo de Anne, mas aos poucos começou a enxergar uma atração patriarcal na reprodução, sobre a qual se falava muito em várias reuniões de gerenciamento nas empresas de biotecnologia. Ficou chateado ao descobrir que a qualidade do seu esperma era tão ruim que foram obrigados a procurar uma clínica de fertilidade — sugestão de Anne. Na verdade, ele a tinha espancado na cobertura por sugerir isso. Nove meses depois, não sentiu qualquer felicidade no nascimento

da filha, no Raffles Hospital, mas presumiu que um dia fosse sentir. Só que não. Nem quando a segunda filha nasceu. *Definitivamente* não quando a segunda filha nasceu. Os médicos tiveram que abrir Anne para tirar Lina e a esposa ficou tão mal que foram obrigados a fazer uma pausa nos planos de terem um garoto, como Erik queria — e na vida sexual deles.

Durante os anos que permaneceram em Singapura, ele encontrou consolo em diversos casos e no fato de que seus instintos para os negócios continuavam intactos, mas, como Anne queria que as filhas frequentassem a escola na Dinamarca, eles voltaram da Ásia e se mudaram para um apartamento luxuoso em Islands Brygge, onde moraram por um ano até a casa de Klampenborg ficar pronta. O restrito mundo social de Copenhague era claustrofóbico e obviamente exigia uma adaptação radical da atmosfera internacional e da liberdade com as quais ele estava acostumado em Singapura. Logo estava se encontrando com velhos amigos na rua Bredgade, os quais ele desprezava, considerando-os pequenos idiotas — com todos aqueles símbolos de status e esposas troféus, vangloriando-se de suas casas e seus filhos. Para aumentar ainda mais seu desgosto, percebeu que as filhas estavam virando uma cópia de Anne, clones grosseiros e deselegantes, cujos comentários inocentes demonstravam o mesmo jeito frouxo da mãe. Pior ainda: elas demonstravam a mesma ausência de fibra da mulher com quem se casara.

Uma noite, na hora de dormir, elas estavam chorando histericamente por causa de alguma bobagem, e como Anne e a *au pair* tinham saído, ele teve que lidar com os dois estorvos. No final, deu um tapa em cada uma e o choro parou. Algumas semanas depois, a filha mais velha não conseguia manter a comida no prato, apesar de ter sido ensinada e avisada, então ele bateu nela com tanta força que ela voou da cadeira. No pronto-socorro, onde a menina recebeu tratamento para uma concussão, ele deixou bem claro para Judith que ela devia manter o bico calado se não quisesse acabar no próximo voo de volta para os arrozais do seu país. Quando Anne voltou correndo da visita que estava fazendo à mãe, Erik ficou surpreso de ver como foi fácil inventar uma história sobre a falta de jeito da garota e, apesar

da inteligência limitada, a criança sabia que era melhor não contar a verdade para a mãe.

Ocorreram muitos “acidentes” em Islands Brygge, talvez acidentes *demais*, mas aquilo ajudou. Às vezes, Anne o olhava com desconfiança, mas nunca fez perguntas — pelo menos não até um assistente social do Conselho Tutelar local aparecer de repente, pouco antes de eles se mudarem. O conselho recebeu uma denúncia anônima dizendo que as meninas estavam sofrendo violência doméstica, e, por um tempo, Erik foi obrigado a aturá-lo xeretando a vida deles. Com a ajuda dos advogados, porém, ele mandou o cara embora e deixou bem claro que era melhor não voltar, e Erik prometeu se controlar mais no futuro. Pelo menos até descobrir quem se atreveu a fazer a denúncia.

Depois disso, Anne perguntou diretamente pela primeira vez se ele era responsável pelos acidentes. Erik negou, claro, mas, depois de se mudarem para Klampenborg e do episódio na escada, ela deixou de acreditar nele. Anne chorou e começou a se culpar, dizendo que queria o divórcio. Naturalmente, ele estava preparado para aquilo. Se ela desse início a um processo de divórcio, ele colocaria todos os seus advogados em cima dela e se certificaria que nunca mais voltasse a ver as filhas. Anos antes, Anne tinha assinado um contrato pós-nupcial que garantia que Erik ficaria com tudo. Então a opção dela era viver de assistência social no sofá da casa da mãe, se não estivesse satisfeita com a prisão dourada em Klampenborg.

O clima nunca mais voltou a ser bom, mas ele pensou que Anne tinha desistido, até que a polícia o informou que ela não estava indo visitar a mãe — que, na verdade, estava fugindo. Planejava deixá-lo, fazê-lo de idiota, mas então, como em um passe de mágica, ela foi tirada da jogada.

Erik ainda não compreende essa parte, mas isso lhe dá uma sensação de justiça. O relacionamento com as filhas, que são agora exclusivamente dele, ficará mais fácil, já que não precisa se preocupar com a opinião de mais ninguém.

Erik Sejer-Lassen entra na sala de interrogatório da Divisão de Crimes Hediondos bem confiante. Os detetives presentes são os mesmos de antes. O cara com olhos de cores diferentes e a baixinha de

olhos amendoados. Em outro contexto, ele treparia com ela de um jeito que a detetive jamais esqueceria. Os dois estão com caras péssimas. Cansados e desgastados, principalmente o cara, cujo tom amarelado e azulado do rosto mostra que levou uma surra. Erik sente na hora que pode atropelá-los. Decide que vai ser bem direto porque eles não têm merda nenhuma contra ele.

— Erik Sejer-Lassen, conversamos novamente com sua *au pair* e dessa vez ela nos deu detalhes de como viu você bater nas suas filhas em pelo menos quatro ocasiões.

— Não faço ideia do que vocês estão falando. Se Judith está dizendo que eu encostei um dedo nas meninas, ela está mentindo.

Erik imagina que vão discutir um pouco, mas os dois idiotas não dão a mínima para o que ele disse.

— Nós *sabemos* que ela está dizendo a verdade. Também conversamos com outras duas *au pairs* filipinas que você contratou enquanto morava em Singapura. As três estão contando a mesma história, mesmo sem se conhecer. A promotoria vai entrar com um processo de violência doméstica, usando como base os incidentes descritos em sete relatórios hospitalares desde que você voltou para a Dinamarca.

O cara continua falando enquanto Sejer-Lassen sente o peso dos olhos frios da mulher sobre ele.

— Por enquanto, pedimos a prorrogação da sua prisão por mais quarenta e oito horas. Você tem direito a um advogado, e, se não puder arcar com os custos, o estado providenciará um. Até o resultado do julgamento, o serviço social cuidará dos interesses de suas filhas em conjunto com a avó, que já se ofereceu para ser a guardiã delas. Se você for condenado, será julgado se poderá manter seus direitos parentais e se terá autorização de ver as crianças durante visitas supervisionadas.

Todos os sons desaparecem. Por um momento, Erik Sejer-Lassen fita o nada. Então baixa o olhar. Espalhados na mesa estão os relatórios hospitalares com a descrição dos médicos e imagens de raio-x dos ferimentos das filhas e, de repente, as coisas parecem bem ruins. Ao longe, a Olhos Amendoados diz que Judith também contou que

receberam a visita de um assistente social depois de uma denúncia anônima pouco antes de se mudarem de Islands Brygge. É sobre isso que querem conversar nesse interrogatório, antes de passarem o caso para outra pessoa.

— Você sabe quem foi que fez a denúncia?

— Faz ideia de quem pode ter sido?

— Quem, além da *au pair*, sabia que você batia nas crianças?

O detetive com o rosto inchado e manchas azuis e amareladas enfatiza a importância da resposta, mas Erik Sejer-Lassen não consegue dizer mais nada. Fica apenas olhando as imagens. Pouco depois, ele é levado embora e, quando a porta da cela se fecha atrás dele, se encolhe, sentindo falta de suas meninas pela primeira vez na vida.

Hess sente que a cabeça está prestes a explodir e se arrepende de não ter ficado no vento frio do lado de fora dos muros da prefeitura. A dormência que acometeu sua cabeça depois da briga com Hauge foi substituída no decorrer da semana por uma dor persistente. Para piorar, Hauge ainda não foi encontrado e ele foi obrigado a participar do interrogatório de Erik Sejer-Lassen na delegacia, antes de correr para a prefeitura para interrogar Henning Loeb e seu chefe, com quem está sentado agora em um escritório abafado demais no Centro de Serviços Sociais da Infância e Adolescência. A atmosfera pesada e o painel de mogno na parede não criam um ambiente exatamente amigável para crianças.

O assistente social está ocupado demais tentando salvar a própria pele, provavelmente por causa da presença do diretor do departamento, que está batendo os dedos nervosamente no braço da cadeira.

— Como eu disse, o sistema caiu. Foi por isso que eu não consegui ajudar.

— Não foi o que você me disse quando conversamos na terça-feira. Você me disse que não tinha nenhum relatório sobre as filhas de Anne Sejer-Lassen, quando na verdade tinha.

— Acho que eu disse que o sistema não me mostrou nada.

— Não, não foi isso. Eu informei o número de identidade das meninas e você disse...

— O.k., olha. Talvez eu não me lembre exatamente das palavras...

— Por que você não me falou a verdade?

— Bem, não foi minha intenção esconder nada...

Henning Loeb continua se contorcendo na cadeira, lançando olhares apreensivos para seu chefe pelo canto dos olhos, e Hess se xinga por não ter ido até lá falar com o cara dias antes, logo que pensou nisso.

A suspeita em relação à pessoa que fez a denúncia anônima no caso de Laura Kjær foi desconsiderada depois do que encontraram no quarto subterrâneo na garagem, porque aparentemente não havia uma denúncia correspondente no caso de Anne Sejer-Lassen. Hess já tinha a declaração do assistente social dizendo que a prefeitura não recebeu nada do tipo enquanto a família morava em Islands Brygge, então ele e Thulin tinham se concentrado no Conselho Tutelar de Gentofte, responsável pela área de Klampenborg.

Lá, foram informados de que não tinham conhecimento de nenhum relatório sobre Anne Sejer-Lassen, então a teoria de que ambos os assassinatos podiam estar conectados por violência contra crianças começou a ruir. Ninguém no círculo de amizades da família Sejer-Lassen achava que os machucados das meninas fossem qualquer outra coisa senão acidentes. As respostas da *au pair* foram mais hesitantes, mas só no final da tarde anterior — depois que Hess e Thulin lhe asseguraram que a protegeriam da ira do patrão — foi que ela começou a chorar e por fim desabafou. Ela também contou sobre o assistente social do Conselho Tutelar de Copenhague que apareceu no antigo endereço de Islands Brygge — ele fez algumas perguntas por causa de uma denúncia anônima acusando Anne de não tomar conta das filhas direito. Hess ficou com raiva de si mesmo ao perceber o tempo precioso que tinham perdido.

Ele não ficou com uma boa impressão do assistente social depois da conversa por telefone, e isso não mudou muito durante o interrogatório. Teve que conduzi-lo sozinho porque Thulin e os técnicos de TI tinham começado a vasculhar os computadores do departamento em busca de pistas digitais do denunciante.

O assistente social continuava defendendo sua mentira como um “erro técnico”, mas ao ler os dois e-mails anônimos, um contra Laura Kjær e o outro contra Anne Sejer-Lassen, Hess formou outra teoria sobre o motivo de Loeb ter sido tão evasivo ao telefone.

A denúncia a respeito de Anne foi recebida pelo serviço de denúncias anônimas aproximadamente uma semana depois da denúncia de Laura e pouco antes de a família Sejer-Lassen se mudar para Klampenborg. Ela é incomumente prolixa, ocupando quase uma

folha A4 inteira. Em síntese, exige que as filhas de Anne Sejer-Lassen, Lina e Sofia, sejam tiradas de seus cuidados porque as meninas são vítimas de violência. Mas o e-mail é errante, quase sem sinais de pontuação, escrito como um único fluxo de pensamento, em total contraste com a mensagem sucinta, fria e direta sobre Laura Kjær. Anne é descrita como uma socialite cabeça de vento que está mais preocupada consigo mesma do que com as meninas, uma mulher obcecada com dinheiro e luxo. E diz que qualquer pessoa que analise os exames médicos realizados em vários hospitais percebe que as meninas devem ser retiradas da família. O tamanho e o estilo de fonte das mensagens também são completamente diferentes, mas, ao ler uma depois da outra, chama a atenção o uso das expressões “puta egoísta” e “devia estar atenta”. Várias vezes, na verdade, no caso de Anne Sejer-Lassen, o que sugere que os remetentes são a mesma pessoa e que as diferenças foram criadas para confundir. Hess imagina que foi isso que provocou a inquietação de Henning Loeb, fazendo com que mentisse sobre as meninas da família Sejer-Lassen.

Loeb está se escondendo atrás das regras, defendendo como lidou com os casos: tudo foi feito seguindo à risca o protocolo, e os pais negaram ter qualquer conhecimento sobre violência. Ele repete isso como se fosse esperado que os pais mostrassem todas as cartas assim que o Conselho Tutelar batesse à porta deles.

— Mas a investigação policial trouxe outras informações sobre esses casos. Naturalmente vamos recomendar uma revisão completa e imediata de todo o departamento — intervém o chefe.

O assistente social fica em silêncio ao ouvir o comentário e durante todas as afirmações subsequentes do chefe. Hess sente a pele da cabeça comichando. Percebe que devia ter pedido para ser examinado quando foi ao pronto-socorro na terça-feira, mas em vez disso voltou para Odin e sua bagunça de materiais de pintura. Dormiu pensando no homem que estava esperando por Thulin com flores e vinho. Por algum motivo, o fato de ter sido surpreendido o deixou irritado — é claro que havia alguém esperando por ela no fim do expediente. Não que fosse da conta dele.

No dia seguinte, acordou com a dor de cabeça mais excruciante do

mundo e, assim que abriu os olhos, seu celular tocou. Era François, que não entendia por que Hess não tinha se esforçado mais para falar com Freimann depois da reunião por telefone. Ele não queria mais o emprego de volta? Que porra estava pensando? Hess disse que retornaria a ligação e desligou. O intrometido paquistanês do 34C pareceu adivinhar que ele acordou, porque ele logo estava à porta, olhando para a desordem lá dentro enquanto informava que o corretor tinha feito uma visita infrutífera no dia anterior.

— E quanto às latas de tinta e à cera de chão no corredor? Você precisa pensar nos outros moradores, sabe?

Hess fez várias promessas vagas, mas não manteve a palavra; ele e Thulin ficaram ocupados demais dando corda para Sejer-Lassen se enforcar.

— Mas o que você pode me contar sobre a pessoa que fez a denúncia? Descobriram alguma coisa nessas visitas que alegam ter feito? — insiste Hess.

— Nós *fizemos* as visitas e investigamos. Não é uma *alegação*. Mas como eu disse...

— Pare com isso. O garoto estava sendo estuprado em um quarto subterrâneo e as duas garotas já tinham passado por tantos tratamentos médicos que dá para farejar a história a quilômetros, mas claro que você deve ter um motivo bom pra caralho pra nada disso ter sido descoberto. O que eu quero descobrir é se você sabe alguma coisa sobre a pessoa que denunciou.

— Eu não sei mais nada. E não estou gostando do seu tom. Como disse...

— Tudo bem. Vamos fazer uma pausa — interrompe Nylander, que acaba de chegar.

Ele para na porta do escritório e, com um gesto de cabeça, deixa claro para Hess que quer conversar. Hess fica satisfeito por sair da sala abafada e seguir para a escadaria, onde pessoas passam por eles lançando olhares curiosos.

— Não é seu trabalho avaliar como o Conselho Tutelar investiga os casos.

— Então vou tentar pegar mais leve.

— Onde está Thulin?

— Aqui do lado. Ela e o pessoal de TI estão tentando rastrear os e-mails de denúncia.

— Então nós estamos achando que pode ser o assassino?

Hess tenta ignorar a pontada de irritação ao ouvir o chefe usar o pronome “nós”. Freimann fala da mesma forma, e Hess se pergunta se ele e Nylander fizeram o mesmo curso de gestão.

— Sim, por aí. Quando podemos falar com Rosa Hartung?

— Sobre o quê?

— Bem, sobre...

— Nós já conversamos com a ministra. Ela não conhece nem Laura Kjær nem Anne Sejer-Lassen.

— Mas o fato de nós dois estarmos aqui significa que precisamos falar com ela de novo. As duas vítimas foram denunciadas anonimamente para que os filhos fossem entregues à custódia do estado. Ou talvez esse não seja nem de longe o objetivo do assassino. Talvez ele só esteja apontando para um sistema que não funciona, mas de qualquer forma é preciso ser muito imbecil para não ver que isso pode ter alguma coisa a ver com Rosa Hartung. Afinal de contas, ela é a ministra do Bem-Estar Social, e quanto mais se pensa nisso, mais significativo é o fato de os assassinatos terem começado mais ou menos na mesma época que ela voltou ao trabalho.

— Hess, você está fazendo um bom trabalho. E eu normalmente não pego no pé das pessoas por causa de problemas de reputação. Mas parece que você acabou de me chamar de imbecil.

— Então você me interpretou mal, é claro. A questão é que quando se acrescenta o fato de que as impressões digitais nos dois bonecos encontrados nas cenas dos crimes são da filha de Rosa Hartung...

— Ouça bem. O seu chefe em Haia pediu uma avaliação da sua competência profissional e naturalmente eu quero te ajudar a voltar para os trilhos. Mas isso significa que você precisa se concentrar no que é importante. Nós não vamos falar com Rosa Hartung de novo porque isso não é relevante. Entendido?

A informação sobre o seu chefe em Haia deixa Hess surpreso. Por um momento, surpreso demais para responder. Nylander olha para

Thulin que acaba de sair da sala de computadores do departamento.

— E aí?

— As denúncias vieram do mesmo servidor na Ucrânia, mas os administradores de lá não costumam colaborar com as autoridades. Na verdade, é o oposto. Talvez a gente consiga um endereço IP em algumas semanas, mas até lá não vai adiantar mais nada.

— Ajuda em alguma coisa se eu perguntar para o ministro da Justiça se ele está disposto a entrar em contato com seu colega na Ucrânia?

— Duvido muito. Mesmo que eles queiram ajudar, vai levar um tempo que nós não temos.

— Nem me fale. Foram apenas sete dias entre a primeira morte e a segunda. Se o assassino for tão louco quanto vocês dizem, não podemos ficar aqui parados.

— Não precisamos ficar. As duas mensagens chegaram ao Conselho Tutelar pelo programa de denúncias anônimas, certo? O primeiro chegou há três meses, o segundo, duas semanas depois. Se presumirmos que ambos vieram do assassino, e que ele vai atacar de novo...

— Então ele já mandou uma mensagem anônima sobre a próxima vítima.

— Exatamente. Só tem um problema. Eles disseram que o esquema de denúncias anônimas recebe uma média de cinco mensagens por semana direcionadas ao Centro de Serviços Sociais da Infância e Adolescência. Isso dá um total anual de duzentas e sessenta mensagens. Nem todas são sobre questões de guarda das crianças, mas elas não são classificadas, então não sabemos com quantas mensagens estamos lidando.

Nylander assente.

— Vou falar com o diretor do departamento. Eles têm bons motivos para nos ajudar. Do que você precisa?

— Hess?

A cabeça dele está latejando e a notícia sobre a aliança entre Nylander e Freimann não ajuda em nada. Hess tenta pensar claramente para responder a Thulin.

— Denúncias anônimas sobre negligência e violência contra crianças nos últimos seis meses. Principalmente contra mães entre vinte e cinquenta anos, em que o denunciante peça que a guarda legal seja tirada delas. Casos que *já* foram avaliados, mas em que não foram encontrados motivos para intervenção.

O chefe do departamento aparece na porta e olha com ansiedade para eles. Nylander aproveita a oportunidade para dizer do que precisam.

— Mas esses casos não são arquivados em um lugar só. Vai levar tempo para encontrar todos — responde ele.

Nylander olha para Hess, que começou a caminhar de volta para a saleta abafada.

— Então é melhor você colocar todo mundo para trabalhar. Temos muita coisa para resolver, então precisamos disso em uma hora.

Acabou que muitas denúncias anônimas sobre mulheres com filhos eram feitas ao Conselho Tutelar de Copenhague. À medida que a equipe designada traz as pastas vermelhas dos casos, formando uma pilha que não para de crescer, Hess começa a se questionar se aquele é mesmo o melhor plano. Mas depois da conversa com Nylander não há muito mais a fazer além de escolher um lugar e começar a trabalhar. Enquanto Thulin prefere ler os casos no seu notebook Acer, no escritório amplo e sem divisórias, Hess se acomoda na sala de reuniões, virando páginas, algumas das quais ainda quentes da impressora.

Seu método é simples: abre o arquivo e dá uma lida na mensagem anônima. Se não parecer relevante, a pasta é colocada na pilha à esquerda; se parecer — se exigir uma atenção maior —, o arquivo vai para a pilha da direita.

Logo fica nítido que é um processo complexo de classificação, mais difícil do que imaginou de início. Todos os arquivos estão repletos do mesmo ódio contra as mães que ele reconhece das acusações contra Laura Kjær e Anne Sejer-Lassen. As mensagens foram escritas com fúria, algumas com pistas óbvias de serem de um ex-marido, uma tia ou uma avó que queria listar os defeitos da mãe anonimamente. Mas Hess não consegue ter certeza na maioria das vezes, e a pilha à direita não para de crescer. Os próprios e-mails são uma leitura assustadora. A maioria é evidência clara da guerra civil no meio da qual as crianças estavam presas — e talvez ainda estejam, porque todos os casos que Hess solicitou são os que tiveram as acusações consideradas improcedentes. O departamento, no entanto, foi obrigado a investigar, e embora aquilo não absolva a responsabilidade de Henning Loeb, Hess agora compreende melhor o ceticismo do assistente social. Em geral, as denúncias são motivadas por coisas que vão muito além do

bem-estar das crianças.

Quando Hess chega a quarenta e poucas denúncias anônimas dos últimos seis meses que sugerem uma intervenção, já está de saco cheio. Está levando muito mais tempo do que previa, quase duas horas, principalmente porque tem que procurar o arquivo original do caso para fazer a comparação. Pior ainda, em tese, o assassino pode ter escrito a maioria delas. E nenhuma apresentava as expressões “puta egoísta” ou “devia estar atenta”.

Um funcionário explica que não há mais casos atendendo aos critérios solicitados por Hess, então ele começa a rever a pilha. Quando termina a segunda rodada, já está escurecendo do lado de fora das janelas adornadas da prefeitura. Ainda não são nem quatro e meia da tarde, mas os postes na Andersen Boulevard já iluminam a escuridão, como finas árvores ao longo dos jardins da Tivoli. Dessa vez, Hess consegue, com dificuldade, chegar a sete denúncias — mas está longe de ter certeza de que alguma é a correta. Em todas, o remetente insiste veementemente que as autoridades devem tirar da mãe a guarda das crianças. São todas muito diferentes entre si. Algumas denúncias são curtas, outras, longas. Em um dos casos, analisando melhor, ele chega à conclusão de que a mensagem deve ter sido enviada por alguém da família, enquanto outro parece ser de um professor, porque contém informações de uma reunião escolar.

As cinco últimas, porém, ele não consegue decifrar. Descarta uma por usar linguagem antiquada, como se tivesse sido escrita por um dos avós, e outra porque está cheia de erros de ortografia. Isso o deixa com três: uma gambiana que o remetente acusa de explorar os filhos, colocando-os para trabalhar. Uma mãe deficiente física acusada de negligenciar os filhos porque é viciada. Uma mãe desempregada acusada de ter relações sexuais com o próprio filho.

Todas as três são acusações assustadoras, e Hess se dá conta de que se alguma das denúncias foi escrita pelo assassino, então provavelmente é verdadeira. Foi assim nos casos de Laura Kjær e Anne Sejer-Lassen.

— Conseguiu alguma coisa? — pergunta Thulin, entrando na sala carregando seu Acer.

— Não muito.

— Tem três casos que se sobressaem. A mãe gambiana, a deficiente e a desempregada.

— Também acho.

Hess não fica surpreso por Thulin ter escolhido as mesmas denúncias que ele. Na verdade, começa a se perguntar se ela não resolveria o caso melhor sozinha.

— Acho que a gente deve investigar mais a fundo. Talvez todos os três.

Thulin lhe lança um olhar impaciente. Hess está com dor de cabeça. Alguma coisa naquilo tudo parece totalmente sem sentido, mas ele não consegue descobrir o que é. Está escurecendo, e sabe que terão que tomar uma decisão se quiserem algum resultado naquele dia.

— O assassino deve presumir que, em algum momento, vamos descobrir que as vítimas foram denunciadas ao Conselho Tutelar. Certo ou errado? — pergunta Hess.

— Certo. Talvez seja inclusive parte do objetivo. Que a gente descubra. Mas ele não tem como saber *quando* vamos descobrir.

— Então o assassino sabe que em algum ponto nós vamos ler as denúncias sobre Laura Kjær e Anne Sejer-Lassen. Certo ou errado?

— Isso não é um quizz. Se não tivermos uma pista, vai ser mais útil ir questionar os vizinhos de novo.

Mas Hess continua, tentando manter a linha de raciocínio.

— Então, se você é o assassino e escreveu as duas primeiras mensagens e sabe que nós vamos encontrá-las e nos sentirmos muito experts, como você escreveria a terceira?

Hess percebe que ela entendeu a pergunta. Os olhos de Thulin passam dele para a tela do computador em seus braços.

— No geral, as mensagens não são muito legíveis. Mas se considerarmos a ideia de que ele está tentando deliberadamente nos enganar, então tem duas que chamam mais a atenção. A que está cheia de erros de ortografia e a que foi escrita daquele jeito antiquado.

— Qual é a mais idiota? — pergunta Hess.

Os olhos de Thulin passeiam pela tela enquanto Hess procura as pastas na pilha sobre a mesa e as abre. Dessa vez, quando lê a

denúncia com erros de ortografia, sente os instintos se eriçarem. Talvez seja sua imaginação. Talvez não. Thulin vira a tela para Hess, e ele concorda. Foi a mesma que escolheu. A denúncia é contra Jessie Kvium. Uma mãe de vinte e cinco anos. Moradora do conjunto habitacional Urbanplan.

Jessie Kvium se afasta com a filha de seis anos, mas o jovem professor paquistanês de olhos gentis a alcança no corredor antes que ela vire para a saída.

— Jessie, posso falar com você um instante?

Antes mesmo que possa dizer o clássico “ah, infelizmente estamos atrasadas para a aula de dança”, percebe pela expressão determinada do rosto dele que não vai escapar. Sempre tenta evitá-lo — ele é sempre tão bom em fazê-la se sentir culpada —, mas agora realmente precisa usar seu charme para escapar. Ela pisca timidamente e afasta o cabelo do rosto com as unhas recém-pintadas para que ele veja como está bonita. Ficou no cabeleireiro por duas horas. Foi no salão paquistanês em Amager Boulevard, mas pelo menos eles cobram barato e fazem a maquiagem e as unhas se você esperar um pouco, como ela fez hoje. Está usando uma saia amarela nova, apertada, uma compra recente na H&M do centro da cidade por apenas setenta e nove coroas — em parte por ser uma peça fina de verão que estava em liquidação e em parte porque conseguiu mostrar para a vendedora que a costura estava se desfazendo. O que não faz a menor diferença para ela.

Mas o sorriso e as piscadinhas charmosas não fazem nenhum efeito. A princípio acha que vai levar outro sermão sobre pegar a filha em um horário perigosamente próximo do final das atividades da escola, perto da hora de fechamento, às cinco, então já traz uma resposta rápida sobre como as pessoas ainda têm direito de receber alguma coisa em troca do pagamento de seus impostos. Hoje, porém, Ali — esse provavelmente é o nome dele — pergunta por que Olívia não está usando roupas de chuva e galochas.

— Os sapatos dela são ótimos, claro, mas ela diz que fica com frio quando eles ficam molhados e talvez não sejam tão práticos para o

outono.

O professor olha discretamente para os tênis furados de Olívia, e Jessie sente vontade de gritar que não tem quinhentas coroas dando sopa para comprar esse tipo de coisa no momento, e que se tivesse preferiria tirar a filha de uma escola na qual metade da turma fala árabe e cada palavra precisa ser traduzida por três intérpretes diferentes na reunião de pais. Não que ela vá a essas reuniões, mas foi o que ouviu falar.

Infelizmente, há outros professores por perto, então Jessie escolhe o plano B.

— Ah, mas é claro que *temos* capas de chuva e galocha. Só esquecemos no chalé de férias, mas vamos nos lembrar de trazer da próxima vez.

Mentira deslavada, é claro, do início ao fim. Não há capas de chuva, galochas e, certamente, não há um chalé, mas a meia garrafa de vinho branco que ela tomou em Urbanplan antes de se vestir e ir até ali ajuda as palavras a saírem, como sempre.

— Certo, então está tudo bem. E como vão as coisas com Olívia em casa?

Jessie percebe o olhar dos outros professores enquanto explica como tudo está indo maravilhosamente bem. Ali baixa a voz e diz que está um pouco preocupado, porque não tem visto um avanço muito grande no relacionamento de Olívia com as outras crianças. Ele teme que ela esteja isolada demais, então acha que seria bom marcarem uma conversa, e Jessie se apressa a aceitar com o mesmo tom amigável, como se ele tivesse acabado de lhes oferecer entradas grátis para algum parque temático com todas as despesas pagas.

Depois, sentada no pequeno Toyota Aygo enquanto a filha veste a roupa de balé no banco de trás e ela fuma um cigarro pela janela aberta, Jessie diz para Olívia que o professor estava certo no que disse, e que elas logo vão comprar uma capa de chuva para ela.

— Mas é importante que você faça uma forcinha e brinque mais com as outras crianças, está bem?

— Meu pé está doendo.

— Vai passar quando você tiver se aquecido. É importante ir a todas

as aulas, querida.

A academia de dança fica no último andar do Amager Shopping Center, e elas chegam dois minutos antes do início da aula. Têm que subir correndo as escadas do estacionamento, e é claro que todas as outras princesinhas já estão posicionadas no piso caro de tábua corrida em suas roupas caras da moda. Olívia está usando a roupinha lilás comprada no supermercado, a mesma que usou no ano anterior e, apesar de estar um pouco apertada nos ombros, ainda serve. Jessie tira o casaco da filha e a manda para a aula, onde a professora a cumprimenta com um sorriso gentil. Todas as mães estão encostadas contra uma parede, uma fila de escrotas metidas à besta que ficam conversando sobre bem-estar, viagens de outono para Grã-Canária e como as filhas estão se saindo na escola. Ela sorri e as cumprimenta educadamente, embora deseje que todas queimem no inferno.

Enquanto as meninas começam a dançar, ela olha impacientemente ao redor, ajustando a saia, mas ele ainda não chegou e, por um momento, sente-se exposta entre as mães, decepcionada. Tinha certeza de que ele viria, e o fato de não estar ali faz com que se sinta insegura sobre o relacionamento. Fica constrangida na companhia das outras mulheres e, embora tivesse planejado ficar em silêncio, começa a falar nervosamente:

— Nossa, elas estão tão lindas hoje, essas princesinhas. Não acredito que só estão dançando há um ano.

A cada palavra se sente mais engolida pelos olhares de pena. Então finalmente a porta se abre e ele entra acompanhado pela filha, que corre para se juntar às outras meninas. Ele olha para Jessie e para as outras mães e dá um aceno educado e um sorriso fácil, e ela sente o coração disparar. Ele se move de modo confiante e está balançando casualmente a chave do Audi que ela já conhece tão bem. Enquanto ele troca algumas palavras com as outras mães e as faz rir, Jessie percebe que ele nem olhou direito para ela. Está ignorando sua presença, mesmo que esteja bem ao lado dele, como um cachorrinho com o rabo abanando, e isso a faz falar de repente que, ah, ela tem algo que gostaria de discutir com ele. Algo importante sobre a “cultura

da sala de aula” na escola — uma expressão que acabou de ouvir da boca de uma das mães. Ele parece surpreso, mas, antes que tenha chance de responder, ela vai em direção à saída. Quando lança um olhar por sobre o ombro, percebe, satisfeita, que seria estranho demais se ele recusasse o convite para falar sobre algo tão importante, então ele pede licença e a segue.

Quando termina de descer a escada e empurra a porta pesada para entrar no corredor abaixo da academia, ouve os passos dele atrás de si. Jessie decide parar e esperar, mas assim que vê o rosto dele percebe que está zangado.

— Qual a porra do seu problema? Será que não entendeu que terminamos? Você tem que me deixar em paz, caramba!

Ela o agarra, abre o zíper da calça dele, enfia a mão lá dentro e logo encontra o que está procurando. Ele até tenta empurrá-la, mas ela se mantém firme e logo está com ele enfiado na boca e a resistência se transforma em gemidos sufocados. Quando ele está prestes a gozar, ela se vira de costas e se apoia em uma lixeira. Jessie tenta erguer a saia, mas ele é mais rápido e puxa a nova saia amarela. Ela ouve o tecido rasgar. Ao senti-lo dentro, empina a bunda para que ele não consiga resistir e, em segundos, ele goza, contraindo os músculos e ofegando. Jessie se vira e beija os lábios inertes dele, segurando seu membro úmido, mas ele recua um passo, como se ela tivesse acabado de lhe dar um choque, e dá um tapa na cara dela.

Surpresa demais para falar, Jessie sente o calor se espalhar pelo rosto enquanto ele fecha a calça.

— Essa foi a última vez. Eu não sinto absolutamente porra nenhuma por você. Absolutamente nada, e eu nunca vou deixar a minha família. Está entendendo?

Ela ouve os passos dele e a porta pesada batendo. Sozinha, com o rosto queimando, ainda o sente no meio das pernas, mas agora de um jeito que a deixa envergonhada. Em uma placa de metal na parede, vê o seu reflexo distorcido enquanto tenta ajeitar a roupa, mas a saia está rasgada. O rasgo é bem na frente, então ela é obrigada a abotoar o casaco comprido para escondê-lo. Secando o rosto, ela ouve a música alegre na academia acima e se recompõe. Volta pelo mesmo caminho,

mas agora a porta da escada está trancada. Ela empurra em vão e, quando tenta pedir ajuda, tudo que ouve é o som fraco da música.

Decide pegar outro caminho, seguindo um longo corredor cheio de canos de aquecimento onde nunca esteve. Um pouco mais à frente, vê uma bifurcação, e o primeiro caminho que escolhe acaba em um beco sem saída. Jessie tenta outra porta: também está trancada. Volta pelo corredor dos canos, mas não andou nem vinte metros quando ouve um barulho atrás dela.

— Oi? Tem alguém aí?

Por um momento, tenta se convencer de que é ele, que ele voltou para pedir desculpas, mas o silêncio lhe diz outra coisa. Desconcertada, ela segue caminho. Logo começa a correr. Passa por um corredor atrás do outro e acha que consegue ouvir passos atrás de si. Dessa vez, ela não chama. Empurra porta por porta e, quando uma finalmente se abre, ela corre escada acima. Pensa ouvir quando a passagem no andar de baixo se abre e, ao chegar ao andar que leva ao shopping, Jessie empurra a porta com tanta força que ela bate na parede.

Jessie Kvium corre até o último andar, onde as famílias estão empurrando carrinhos de compras ao som das ofertas de outono. Virando-se para entrar na academia, vê uma mulher e um homem alto com o rosto machucado conversando com uma das mães, que aponta para ela.

— Mas é ela ou não?

— Não temos certeza. Ela sentiu que estava sendo seguida no shopping. O problema é que não se mostrou muito disposta a ajudar. Ou talvez não saiba de nada.

É Thulin quem responde a Nylander, enquanto Hess fica olhando para a sala de interrogatório pelo espelho unilateral; o revestimento em um dos lados faz com que seja possível ver Jessie Kvium sem que ela o veja. Hess pode não ter certeza, mas sua intuição lhe diz que ela está escondendo o tipo de segredo que interessa ao assassino. Fora isso, ela é bem diferente das outras vítimas. A impressão de Hess é que Laura Kjær e Anne Sejer-Lassen eram mais burguesas e preocupadas em manter as aparências, ao passo que Jessie Kvium parece ser indisciplinada e briguenta. Por outro lado, é exatamente isso que a torna um alvo bem claro. Jessie Kvium se destacava entre centenas de mulheres, atraía ao mesmo tempo que intimidava os homens. Nesse momento, a mulher está discutindo acaloradamente com o coitado do policial de guarda na porta, esforçando-se para passar por ele, e Hess está feliz por ter baixado o som do alto-falante na parede. Do lado de fora, já escureceu completamente e, por um segundo, Hess pensa que seria ótimo baixar o volume da voz de Nylander também.

— Mas se ela não pode ajudar, talvez vocês tenham escolhido a mulher errada, não?

— Ou talvez ela só esteja abalada e, nesse caso, a gente precisa de mais tempo.

— Mais tempo?

Nylander parece pensar nas palavras de Thulin, e toda experiência que Hess já teve na vida ao lidar com chefes de polícia lhe diz o que virá em seguida.

Thulin e Hess tinham seguido direto da prefeitura para Urbanplan, onde tocaram a campainha da casa de Jessie Kvium. Ninguém atendeu. A mulher também não atendia o telefone. O arquivo do caso não mencionava parentes, apenas o telefone do assistente social que mantinha contato semanal — era para verificação, estritamente falando — com a mãe e a filha. A assistente social explicou ao telefone que elas tinham concordado que a filha faria aulas de dança às sextas-feiras, às cinco e quinze, na academia que ficava no último andar do Amager Shopping Center.

Assim que encontraram Jessie Kvium, perceberam que havia algo de errado. A mulher disse que sentiu que alguém a estava seguindo quando desceu até o carro. Eles imediatamente revistaram as escadas, os corredores e o porão, mas não encontraram nada suspeito. Não havia câmeras de segurança nos corredores e o estacionamento estava lotado com pessoas fazendo as compras de fim de semana.

Durante a conversa na delegacia, Jessie Kvium começou a ficar cada vez mais agressiva. Cheirava a vinho e, quando pediram para ela tirar o casaco, viram que a saia estava rasgada. A mulher disse que tinha ficado presa na porta do carro e exigiu saber por que estava em uma delegacia. Tentaram explicar a situação para ela, mas Jessie não tinha nenhuma informação útil. Nunca tinha sentido que estava sendo seguida antes e não tinha dúvidas de quem fizera a denúncia anônima ao Conselho Tutelar dois meses antes, acusando-a de bater e negligenciar Olívia.

— Uma daquelas enxeridas da escola, claro. Elas estão sempre julgando os outros, porque têm medo que seus maridos velhos e imundos comecem a achar que a grama é mais verde do lado de cá. Mas ela nem sabia escrever direito.

— Jessie, nós não acreditamos que a denúncia tenha sido enviada por uma das mães da escola. Quem mais poderia ter sido?

Mas Jessie estava inflexível: sabia que tinha sido uma delas. Para sua satisfação, o Conselho Tutelar acabou acreditando, embora tenha sido obviamente “um saco ter alguém metendo a porra do bedelho na sua vida o tempo todo”.

— Jessie, é extremamente importante que você seja sincera agora.

Para o seu próprio bem. Nós não estamos acusando você de nada, mas se há alguma verdade na denúncia, então a pessoa que escreveu pode ter planos para machucar você.

— Quem vocês pensam que são?

Jessie Kvium reagiu com muita raiva. Ninguém tinha o direito de chamá-la de péssima mãe. Ela cuidava da filha sem ajuda do pai, que não pagava uma coroa sequer havia anos com a desculpa de que estava preso em Nyborg por tráfico de drogas.

— Se vocês duvidam, podem perguntar à própria Olívia como ela está!

Hess e Thulin não tinham nenhuma intenção de fazer aquilo. A menina de seis anos, ainda com a roupa de balé, estava sentada na lanchonete com um refrigerante e um sanduíche, assistindo a desenhos animados com uma policial, achando que a mãe estava resolvendo alguma coisa com o carro. As roupas dela eram puídas e furadas e talvez fosse um pouco magra e desarrumada, mas era impossível dizer se a menina estava sofrendo maus-tratos. Considerando as circunstâncias, não era muito surpreendente que ela fosse introvertida, e pareceria um tipo de *bullying* se comesçassem a fazer perguntas sobre como a mãe a tratava.

Eles conseguem ouvir Jessie Kvium gritar mais um monte de palavrões na sala de interrogatório, dizendo ao guarda que quer permissão para ir embora, mas o som da voz dela é abafado por Nylander.

— *Não temos* mais tempo. Vocês disseram que esse era o passo que devíamos tomar, então agora é melhor usá-lo ou escolher outra direção.

— Talvez a investigação fosse mais rápida se pudéssemos conduzir os interrogatórios necessários.

— Você está se referindo a Rosa Hartung de novo?

— Só estou dizendo que não temos autorização para falar com ela.

— Quantas vezes eu preciso repetir?

— Eu não sei. Parei de contar. Mas não parece que está funcionando.

— Escutem! Acho que tem outro jeito.

Hess e Nylander param de discutir e olham para Thulin.

— Se nós realmente acreditamos que Jessie Kvium pode ser a próxima vítima, então só precisamos deixar que ela volte para a sua rotina enquanto ficamos de olho e esperamos o assassino aparecer.

Nylander olha para ela e nega com a cabeça.

— Nem pensar. Depois de dois assassinatos, eu não vou de jeito nenhum mandar Jessie Kvium de volta às ruas enquanto ficamos sentados esperando um psicopata aparecer.

— Eu não estou falando de Jessie. Estou falando de mim.

Hess olha para Thulin, surpreso. Ela tem no máximo um metro e setenta de altura. Uma coisinha frágil que parece poder ser carregada por um vento mais forte, mas basta olhar nos olhos dela para que se comece a duvidar da própria força.

— Tenho mais ou menos a mesma altura, a mesma cor de cabelo e praticamente o mesmo corpo que Jessie Kvium. Se conseguirmos encontrar uma boneca para servir como a filha, acho que podemos enganar o assassino.

Nylander a encara com interesse.

— Quando você está pensando em fazer isso?

— O mais rápido possível. Para que o assassino não comece a se perguntar onde Jessie está. Se ela é o alvo, ele conhece a rotina dela. Hess, o que você acha?

A sugestão de Thulin é uma solução simples. Ele geralmente é a favor das soluções simples, mas não gosta dessa. Há muitas coisas que eles não sabem. Até agora, o assassino estava sempre um passo à frente deles, e em um estalar de dedos eles acham que podem virar a mesa?

— Vamos interrogar Jessie Kvium mais uma vez. Talvez...

A porta se abre. Tim Jansen aparece, arrancando um olhar exasperado de Nylander.

— Agora não, Jansen!

— Tem que ser agora. Ou talvez seja melhor só colocar no noticiário.

— Por quê?

Jansen fixa o olhar em Hess.

— Porque alguém não manteve o bico calado sobre a digital de Kristine Hartung. A informação está em todos os canais. Estão dizendo que o caso Hartung talvez não tenha sido resolvido, no fim das contas.

As panelas estão fervendo no pequeno fogão a gás do apartamento em Vesterbro, e Thulin aumenta o volume da TV para superar o som do exaustor e da campainha.

— Vá lá abrir a porta para o vovô.

— Abre você.

— Me ajuda, vai. Estou ocupada com a comida.

Le segue relutante para a porta da frente, segurando seu inseparável iPad. Já discutiram por causa disso, mas Thulin não tem energia para lidar com isso agora. A mídia realmente colocou as mãos na informação sobre as digitais de Kristine Hartung nos srs. Castanha encontrados junto aos corpos de Laura Kjær e de Anne Sejer-Lassen. Até onde Thulin conseguiu ver em uma busca rápida na internet, a notícia inicial surgiu no final daquela tarde em um dos dois maiores tabloides, mas o jornal rival seguiu tão depressa que era difícil saber se tinha recebido a informação de uma fonte diferente ou se estava simplesmente reescrevendo o primeiro artigo. A manchete — KRISTINE HARTUNG AINDA ESTÁ VIVA? — correu como rastilho de pólvora de uma mídia para outra, confirmando que os tabloides só repetem sempre o mesmo conteúdo. “Fontes anônimas na polícia” afirmaram que talvez houvesse uma conexão entre os dois assassinatos e o caso de Kristine Hartung depois que suas impressões digitais foram misteriosamente encontradas nos srs. Castanha, lançando dúvidas sobre a morte da garota. Tecnicamente era uma versão simplificada da verdade, embora Nylander e outros policiais mais velhos tenham negado qualquer especulação sobre isso. A reviravolta foi tão sensacional que se tornou a matéria mais importante do dia, e se Thulin se esqueceu de como também ficou surpresa quando a impressão digital foi encontrada, definitivamente ela lembra agora. Todos os tipos de teoria e conjecturas foram levantadas e um dos jornais on-line chamou o

assassino de “sr. Castanha”. Aquele era obviamente apenas o início de uma avalanche de notícias. Thulin entendeu perfeitamente bem por que Nylander os abandonou imediatamente para focar em encontros estratégicos e lidar com a imprensa.

Enquanto isso, ela mergulhou nos preparativos para a operação em Urbanplan daquela noite. Embora Hess tenha sido contra a tentativa de prepararem uma armadilha para o assassino, Nylander acabou por aprovar a ideia. Jessie Kvium recebeu com uma frustração incrédula a notícia de que ela e a filha não teriam autorização para voltar para casa, mas seus argumentos foram todos descartados. Escovas de dentes e outras coisas de que precisassem seriam providenciadas, e elas teriam que se preparar para dormir por algumas noites sob forte vigilância em um chalé em Valby, que era oferecido pela prefeitura para famílias de baixa renda. Jessie Kvium e sua filha conheciam bem o programa, já tendo passado uma semana das férias de verão por lá.

Jessie acabou colaborando e respondendo a perguntas sobre sua rotina, e, à medida que as questões começaram a ser mais insistentes e detalhadas, ela se deu conta de que todo o papo sobre ameaças era sério. Foi a própria Thulin, junto com Hess, que a interrogou, absorvendo o máximo de informações para que soubessem exatamente como Jessie se comportaria quando chegasse ao condomínio no seu carro, que a polícia também usaria como parte da operação.

Thulin estava disposta a ir para Urbanplan imediatamente, mas no fim das contas a rotina de Jessie era um pouco diferente. Toda sexta-feira à noite depois da aula de balé da filha, ela seguia direto para uma reunião dos Alcoólicos Anônimos em Christianshavns Torv. Essa era uma exigência do Conselho Tutelar; ela deveria frequentar as reuniões das sete às nove da noite se quisesse continuar recebendo pensões da assistência social. A filha geralmente tirava um cochilo em um banco no corredor, até Jessie terminar e levá-la para o carro. Mas já que tinha passado das sete horas, ficou decidido que Thulin só ia começar a viver como Jessie depois da reunião dos AA.

Enquanto a força-tarefa e o comando passavam tempo estudando as plantas baixas do local e as rotas de acesso e saída de Urbanplan, Thulin foi pegar a filha na casa de Ramazan e voltou para a própria

casa para preparar um macarrão até a hora de o avô assumir as pontas. Le tinha ficado frustrada porque Thulin não teria tempo naquela noite para ajudá-la a subir de nível no *League of Legends*, e ela foi obrigada a admitir mais uma vez que passava tempo demais longe de casa.

— Venha logo, hora de comer! Se o vovô ainda não jantou, vocês podem jantar juntos.

A filha volta da sala com um ar triunfante no rosto.

— Não é o vovô. É um cara do seu trabalho. Com o rosto e a cabeça machucados e olhos de cores diferentes. Ele disse que *vai adorar* me ajudar a passar para o próximo nível.

Thulin não tinha planejado desperdiçar tempo jantando, mas o fato de Hess ter aparecido mudou as coisas.

— Eu vim mais cedo porque me deram algumas plantas de Urbanplan e dos apartamentos. Você precisa estar atualizada antes de irmos.

— Mas primeiro você tem que *me* ajudar — intervém Le, antes que Thulin tenha a chance de responder. — Qual é o seu nome?

— Mark. Só que, como eu disse, hoje não tenho tempo para ajudar com o jogo. Mas vou adorar fazer isso uma outra hora.

— Você tem que jantar agora, Le — acrescenta Thulin rapidamente.

— Então o Mark pode jantar com a gente. Vem, Mark. Assim você vai poder me explicar tudinho. O namorado da minha mãe não pode jantar com a gente, mas você não é namorado dela, então *you* pode.

Le desaparece na cozinha. Parece muito estranho retirar o convite da filha, então Thulin dá um passo hesitante para o lado e faz um gesto para Hess entrar.

Na cozinha, ele se senta ao lado de Le, que troca o iPad por um laptop enquanto Thulin pega três pratos. Com o charme e a magnanimidade de uma princesa, Le toma posse da atenção do convidado. No início, sua simpatia provavelmente é só para implicar com Thulin, mas, à medida que Hess dá mais explicações sobre o jogo — a fonte do seu conhecimento ainda é desconhecida —, a menina fica cada vez mais envolvida pelos conselhos dele sobre como chegar ao tão sonhado nível seis.

— Você conhece o Park Su? Ele é famoso no mundo todo!

— Park Su? — pergunta Hess.

Logo um pôster e um boneco de plástico do adolescente coreano são colocados na mesa. Eles começam a jantar e a conversa evolui para outros jogos que Thulin nem sabia que a filha conhecia, mas Hess só

conhece *League of Legends* e nunca tentou jogar outros. Para a filha, é como ter um aprendiz. Ela explica tudo para ele em um fluxo rápido de palavras e, quando o assunto acaba, exhibe a gaiola do papagaio — que logo terá um amigo, então elas vão poder colocar mais nomes na árvore da família.

— Ramazan tem quinze nomes na árvore dele, mas eu só tenho três. Cinco, se contar o papagaio e o hamster. Mamãe acha que não devo colocar os namorados dela lá, então é por isso que não tenho mais, senão eu teria um monte.

Nesse ponto, Thulin diz que é hora de a filha tentar alcançar o nível seis e, depois de mais alguns conselhos de Hess, Le finalmente se acomoda no sofá e parte para a guerra.

— Garota esperta.

Thulin assente, preparando-se para as perguntas de praxe sobre o pai da menina, a família e toda a situação, que ela não tem o menor interesse em responder. Em vez disso, Hess pega o casaco que está pendurado nas costas da cadeira, tira um maço de papéis do bolso e os espalha pela mesa.

— Aqui, vamos dar uma olhada nisso. Repassar o plano.

Hess é detalhista, e Thulin ouve atentamente enquanto segue seus dedos, que traçam a planta dos andares, das escadas e das áreas externas do condomínio.

— Todo o complexo vai estar sob vigilância, mas a uma distância adequada para que a força-tarefa não espante o assassino. Se é que ele vai aparecer.

Ele também menciona a boneca, que vai estar enrolada em uma coberta para que Thulin possa fingir que está carregando a menina adormecida para casa. Ela faz alguns comentários sobre a equipe de vigilância, pois se preocupa que levistem as suspeitas do assassino, mas Hess insiste que isso é necessário.

— Não podemos correr nenhum risco. Se Jessie Kvium é a próxima vítima, então é muito provável que ele esteja altamente familiarizado com Urbanplan, e temos que estar na cena para podermos intervir rapidamente. Se houver qualquer perigo, você precisa nos informar na hora. E pode desistir a qualquer momento, se preferir que outra pessoa

faça isso.

— Por que eu desistiria?

— Porque não é exatamente algo sem riscos.

Thulin olha nos olhos azul e verde e, se não o conhecesse, diria que o cara está preocupado com ela.

— Tudo bem. Não tenho problemas com isso.

— É essa menina que você está tentando encontrar?

Le saiu da sala sem que notassem, entrando na cozinha para pegar um copo d'água. Ela está olhando para o iPad de Thulin, apoiado na mesa da cozinha, exibindo o início de um noticiário que também tem Kristine Hartung como assunto principal, e o apresentador está revelando informações sobre o passado e o presente do caso.

— Você não pode assistir isso. Não é para criança.

Thulin se levanta e apaga rapidamente a tela. Já explicou para a filha que terá que trabalhar até tarde e, quando a menina insistiu em saber o motivo, Thulin disse que era porque iam procurar uma pessoa. Não mencionou nada sobre o assassino, então Le presumiu que fosse Kristine Hartung.

— O que aconteceu com ela?

— Le, volta para a sala, vai jogar.

— Ela morreu?

A pergunta é feita de um jeito direto e inocente, como se estivesse querendo saber se há dinossauros vivendo na ilha Bornholm. No entanto, por trás da pergunta há um tom de preocupação que faz com que Thulin prometa a si mesma que vai se lembrar de desligar o noticiário quando Le estiver por perto.

— Eu não sei, Le. Quero dizer...

Thulin não sabe o que responder. Tem armadilhas em qualquer resposta, não importa qual.

— Ninguém sabe de verdade. Talvez ela só tenha se perdido. Algumas vezes a pessoa se perde e não consegue encontrar o caminho de volta para casa. Mas se ela tiver se perdido, então a gente vai encontrá-la.

É Hess quem responde. É uma boa resposta, e os olhos de Le voltam a brilhar.

— Eu nunca me perdi. Seus filhos já se perderam?

— Eu não tenho filhos.

— Por que não?

Thulin vê Hess sorrir para a menina, mas dessa vez ele não responde. A campainha toca e a espera termina.

Urbanplan é um conjunto habitacional que fica em West Amager, a apenas três quilômetros da prefeitura, no centro de Copenhague. Os blocos foram construídos na década de 1960 para compensar a falta de apartamentos, mas algo deu errado, e por muitos anos durante o início da década de 2000 o lugar entrou para a lista dos guetos do governo. A prefeitura ainda não resolveu os problemas e, como no caso de Odin, a presença de policiais dinamarqueses brancos chamava muita atenção, mesmo que estivessem à paisana. Desse modo, os policiais com aparência mais étnica foram designados para a maioria dos postos de observação visíveis — incluindo alguns carros no estacionamento escuro à esquerda do bloco onde Hess está.

O relógio já marca quase uma hora da manhã no apartamento vazio do primeiro andar. Está vazio e à venda, então a polícia decidiu usá-lo para a operação. As luzes estão apagadas e da janela da pequena cozinha Hess consegue ver toda a propriedade claramente através da escuridão do lado de fora, com as árvores praticamente sem folhas, a área de recreação, a entrada iluminada que leva às escadas e ao elevador do bloco de Jessie Kvium. Embora a equipe de vigilância pareça estar no lugar certo, Hess está nervoso. Há quatro pontos de acesso ao bloco de Jessie Kvium, e todos podem ser vistos por ele ou pelos policiais posicionados em volta do prédio, então conseguem manter uma vigilância constante das pessoas que entram e saem. Atiradores de elite com habilidade suficiente para acertar uma moeda de um centavo a quase duzentos metros de distância estão nos telhados. E a apenas dois minutos de distância está o ônibus da força-tarefa pronto para entrar em ação se forem chamados pelo walkie-talkie. Mesmo assim, Hess sente que não é o suficiente.

A chegada de Thulin foi perfeita. Hess reconheceu o pequeno Toyota Aygo assim que saiu da rua e entrou no estacionamento,

parando na vaga escolhida, onde um carro não identificado da polícia estava minutos antes.

Thulin usava o chapéu de Jessie Kvium, suas roupas e casaco. Só a saia foi trocada por uma amarela parecida e, à distância, não havia nada que pudesse indicar que ela não era a mulher que fingia ser. Thulin pegou a boneca enrolada em uma coberta no banco de trás — fingindo dificuldade, apoiando o peso na porta do carro — e a carregou com o mesmo tipo de exasperação que Jessie Kvium teria demonstrado. Hess observou enquanto ela desaparecia pela escada, onde a luz se acendeu. O que não tinham previsto era que o elevador estava sendo usado e demorou um tempão para chegar, mas Thulin simplesmente subiu pela escada até o terceiro andar, fingindo até que a menina estava cada vez mais pesada sempre que chegava a um andar.

Alguns moradores passaram por ela no caminho oposto, mas pareceram não notar nada. Por fim, ela sumiu de vista, e Hess prendeu a respiração até a luz do apartamento com a pequena varanda ser acesa.

Agora haviam se passado três horas e nada tinha acontecido. Mais cedo o lugar estava movimentado — pessoas voltando tarde do trabalho ou conversando enquanto folhas secas voavam —, e, no bloco à direita, uma festinha começou no salão de festas no porão. O som de música indiana se elevou entre os blocos por muito tempo, mas a festa foi morrendo, enquanto as luzes dos apartamentos iam se apagando uma após a outra.

A luz do apartamento de Jessie Kvium ainda está acesa, mas Hess sabe que logo ela vai ser apagada: faz parte da rotina de Jessie ir dormir a essa hora, pelo menos nas raras ocasiões em que fica em casa nas noites de sexta-feira.

— Onze-sete falando. Já contei para vocês a história da freira e os sete policiais da Europol? Câmbio.

— Não. Pode contar, onze-sete. Estamos na escuta.

É Tim Jansen, entretendo os colegas pelo walkie-talkie enquanto dá uma alfinetada em Hess, que não pode vê-lo do seu posto perto da janela da cozinha, mas sabe que ele está em um carro não muito longe

da entrada oeste, com um dos policiais mais novos de origem étnica. Embora não aprove que o rádio seja usado para piadas, Hess deixa passar. Na reunião de equipe na delegacia, antes de ir para a casa de Thulin, Jansen já demonstrou suas dúvidas em relação à operação, porque Hess não foi capaz de dizer com certeza se Jessie Kvium realmente estava em perigo. Ficou claro que ele suspeitava que tinha sido Hess a vaziar a informação sobre o caso Hartung para a imprensa, e aquele tipo de coisa não passava sem punição. Durante vários dias, Hess sentiu o olhar de Jansen nas suas costas sempre que estava na delegacia, mas, depois da explosão da mídia mais cedo naquela noite, vários outros colegas o olhavam com desconfiança. Chegava a ser ridículo. Quando a imprensa começava a xeretar casos de assassinato, as coisas raramente acabavam bem, então Hess estava acostumado a manter os jornalistas bem longe. Na verdade, aquele vazamento de informações o irritava profundamente — se é que de fato houve algum *vazamento*. O assassino obviamente sabia sobre as impressões digitais, e ocorreu a Hess que era provável que ele se divertisse muito ao ver o departamento transformado em uma piada. Ele pensa que precisa se lembrar de investigar as fontes dos jornais e pega o walkie-talkie quando Jansen começa a contar outra piada.

— Onze-sete, suspenda o contato de rádio que não seja relevante para a operação.

— Ou você vai fazer o quê, sete-três? Vai ligar para os tabloides?

Seguem-se risos, até que o líder da força-tarefa intervém e pede silêncio. Hess espia pela janela. A luz do apartamento de Jessie Kvium está apagada.

Thulin se mantém longe das grandes janelas escuras, mas às vezes passa de um quarto para outro, para que o assassino saiba que ela — ou Jessie Kvium — está em casa. Presumindo que o assassino esteja observando, é claro.

A pequena encenação no estacionamento funcionou bem. A boneca tinha o tamanho certo, e o cabelo artificial preto ficou praticamente escondido pela coberta. A questão com o elevador foi um problema, mas ela julgou que Jessie era uma impaciente por natureza e teria mesmo preferido subir a escada. Ao subir, passou por um jovem casal, mas eles mal olharam para ela, e Thulin abriu a porta do apartamento com a chave de Jessie e a trancou assim que entrou.

Embora nunca tenha estado ali antes, conhece bem o layout do apartamento e levou a boneca direto para o quarto, onde a colocou na cama. O cômodo contava com a cama dela e a da filha. As janelas não tinham cortina e davam vista para outro bloco de apartamentos. Thulin sabia que Hess estava em algum lugar atrás das janelas escuras do primeiro andar, mas não tinha ideia quem poderia ver nos andares superiores, então trocou a roupa da boneca e a colocou embaixo das cobertas, como se estivesse colocando Le para dormir. Pareceu um paradoxo que estivesse dando boa-noite para uma boneca, como policial, em vez de colocar a própria filha na cama. Mas aquele não era o momento para pensar naquilo. Depois foi para a sala e ligou a TV, seguindo a rotina de Jessie, antes de se acomodar na poltrona de costas para a janela e avaliar o apartamento.

A última pessoa que esteve ali foi a própria Jessie, e ela claramente não se incomoda com a limpeza. O lugar está uma zona. Há dezenas de garrafas de vinho vazias, pratos de comida, caixas de pizza, louça suja... Não há muitos brinquedos. Embora não possa ter certeza se Jessie realmente é negligente com a filha, aquele lugar não parece

muito atraente para uma criança. O que fez Thulin se lembrar da própria infância, mas, como não gosta de pensar naquilo, ela voltou a atenção para a TV.

O caso de Kristine Hartung ainda era o principal assunto, e tudo estava sendo reapresentado considerando que o caso talvez não estivesse resolvido, no fim das contas. Segundo o jornal, Rosa Hartung tinha se recusado a dar qualquer declaração. Thulin sentia pena da ministra e de sua família, confrontada mais uma vez com o passado que queria superar, quando a avalanche chegou a outro clímax:

— Continue assistindo, pois em breve estaremos com Steen Hartung, pai de Kristine Hartung, como convidado do *Jornal da Noite*.

Steen Hartung deu uma longa entrevista na qual deixou claro que acreditava que a filha talvez ainda estivesse viva. Ele implorou que as pessoas procurassem a polícia se soubessem de qualquer coisa, e também fez um apelo direto para “a pessoa que pegou Kristine”, implorando que a devolvesse sã e salva.

— Sentimos muito a falta dela... Ela é apenas uma criança e precisa da mãe e do pai.

Thulin entendia por que ele estava fazendo aquilo, mas não tinha certeza se ajudaria na investigação. O ministro da Justiça e Nylander, também entrevistados, aceitaram o desafio e se distanciaram totalmente de quaisquer especulações. Nylander em particular pareceu bem duro, quase zangado com a mídia, mas também demonstrava um tipo de satisfação que a fez suspeitar que ele estava gostando da atenção. No meio de tudo aquilo, recebeu uma mensagem de Genz, que perguntou que porra estava acontecendo — os jornalistas tinham começado a ligar para *ele*. Thulin respondeu que era essencial que ele não desse nenhuma declaração. Ele brincou dizendo que prometia não dizer nada se ela aceitasse uma corrida de quinze quilômetros na manhã seguinte, mas ela não respondeu.

Toda a agitação da mídia finalmente chegou ao fim por volta da meia-noite, seguida por reprises tediosas de diversos programas de TV. O otimismo e a tensão que sentia quando dirigiu até ali começam a dar lugar à dúvida. Como podem ter certeza de que a próxima vítima será Jessie Kvium? Como podem ter certeza de que o assassino tentará

alguma coisa? Quando ouve Tim Jansen começar a matar o tempo com piadas idiotas pelo walkie-talkie, ela meio que compreende. O cara é um idiota, claro, mas se cometeram um erro, isso os atrasa muito na investigação. Thulin verifica a hora no seu relógio, então se levanta para apagar a luz da sala, como combinaram. Antes que ela se sente novamente, Hess liga.

— Tudo bem?

— Tudo.

Thulin sente que ele está tentando ficar calmo. Conversam um pouco sobre a situação e, embora Hess não diga nada, ela percebe que ele está em estado de atenção total. Mais do que ela, pelo menos.

— Não ligue para Jansen — diz, de repente.

— Valeu. Eu não ligo.

— Ele fica se exibindo por causa do caso Hartung desde que eu comecei a trabalhar na delegacia. Quando você, e agora a imprensa, começou a questionar a investigação, foi como se tivesse acertado um tiro no peito dele.

— Parece algo que você gostaria de ter feito.

Thulin sorri. Está prestes a responder quando a voz de Hess muda.

— Tem alguma coisa acontecendo. Ligue o rádio.

— O que houve?

— Ligue. Agora.

A ligação é cortada.

Quando Thulin larga o telefone, de repente se dá conta de quão sozinha está.

Hess se retesa diante da janela. Sabe que não é possível vê-lo pelo lado de fora, mas ainda assim não move um músculo sequer. A uns noventa metros, perto da entrada do bloco de concreto do apartamento de Kvium, ele acabou de ver um jovem casal com um bebê em um canguru abrir a porta do bicicletário e desaparecer lá dentro. A porta hidráulica se fecha bem lentamente atrás deles, e Hess nota um movimento nas sombras do prédio adjacente. Por um segundo, acha que talvez seja só o vento nas árvores, mas então vê de novo. Uma figura começa a correr e desaparece lá dentro pouco antes de a porta se fechar completamente. Hess pega o walkie-talkie.

— O nosso convidado talvez tenha chegado. Porta leste, câmbio.

— Nós vimos. Câmbio.

Hess sabe o que tem lá, mesmo que nunca tenha estado no local. A entrada leva a um grande bicicletário no porão, por debaixo do bloco de apartamentos, onde há escadas e elevadores com acesso aos andares superiores.

Ele deixa o apartamento no primeiro piso e vai para a escadaria, fechando a porta atrás de si. Em vez de seguir para a saída principal e área externa, ele desce até o porão. Deixa a luz apagada, mas está com a lanterna. Ao chegar lá, sabe exatamente para onde ir porque estudou as plantas. Segurando a lanterna, ele se apressa pelo corredor que leva diretamente para o bloco de Jessie Kvium. Não são nem cinquenta metros e, quando se aproxima da pesada porta de metal que leva ao bloco de Kvium, ouve pelo walkie-talkie que o elevador está sendo usado pelo casal com o canguru.

— A pessoa não identificada deve estar nas escadas, mas como não acendeu a luz, não temos como ter certeza. Câmbio.

— Vamos começar a busca de baixo para cima. Agora.

— Mas a gente nem sabe se...

— Vamos começar agora. Fim de papo.

Hess desliga o walkie-talkie. Tem alguma coisa errada. A pessoa deve ter chegado a pé pelo gramado não iluminado e isso não parece bem pensado. Passa pela mente de Hess que não ficaria surpreso se o assassino entrasse usando o telhado ou um bueiro como ponto de acesso. Qualquer coisa que não fosse a porta principal. Ele tira a trava de segurança da arma e, quando a porta de metal termina de se fechar, ele já está no primeiro lance de escada.

Thulin está olhando pela janela. Já se passaram oito ou nove minutos desde que o visitante foi anunciado. Ela não enxerga nada lá fora e percebe como o conjunto habitacional é silencioso. A música parou e ela só ouve o som do vento. Não tinha feito objeções de ficar no apartamento quando planejaram os detalhes da operação, mas agora parece uma ideia idiota. Ela nunca foi muito boa em esperar. Além disso, não há porta de serviço — nenhuma rota de fuga, se for necessário. Então, quando ouve baterem à porta, fica aliviada. Deve ser Hess ou um dos outros vindo ajudá-la.

Ao espiar pelo olho-mágico, porém, encontra o corredor escuro e vazio. Não há ninguém à vista, a não ser o extintor de incêndio no recesso em frente ao apartamento. Por um instante, imagina que talvez tenha se enganado. Mas ela ouviu baterem. Thulin solta a trava de segurança da arma e se prepara. Abre a corrente da porta, gira a chave para a esquerda e sai para o corredor com a arma em punho.

Alguns interruptores brilham fracamente, mas ela não toca neles. A escuridão faz com que se sinta segura. Todos os apartamentos parecem estar trancados no amplo corredor de piso de linóleo, e, à medida que seus olhos se acostumam com a claridade, consegue enxergar até a parede, de um lado, e até a escada e o elevador, do outro, mas tudo está vazio ali. Não há ninguém no corredor.

De dentro do apartamento, ela ouve o walkie-talkie estalar. Alguém está chamando seu nome impacientemente, e ela volta para a porta, mas quando está prestes a entrar alguém sai do recesso ao lado do extintor de incêndio. Estava agachado, esperando pelo momento certo, e Thulin sente o peso da pessoa empurrá-la porta adentro e jogá-la no chão, então ouve a voz sussurrar no seu ouvido:

— Sua filha da puta, entregue a porra das fotos ou eu te mato.

Antes que o homem consiga dizer outra palavra, Thulin quebra o

nariz dele com dois golpes certos do cotovelo. Por um segundo, ele fica sentado no escuro, completamente confuso. O homem mal sabe o que o atingiu quando Thulin o golpeia novamente, e ele desmorona no chão.

Quando Hess chega ao apartamento de Jessie, a porta está aberta, e, no momento em que entra correndo, seguido de perto por dois outros policiais, ele consegue ouvir o homem gritando de dor. Ele acende a luz. No chão, entre roupas sujas e caixas de pizza, há um cara com nariz ensanguentado e os braços presos atrás do corpo. Thulin está sentada em cima dele, segurando seus pulsos entre as escápulas enquanto o algema.

— Mas que merda é essa? Me solta!

Quando ela termina, os dois policiais levantam o homem que ainda está com os braços dobrados, fazendo com que grite ainda mais.

Ele parece ter cerca de quarenta anos. Musculoso, com uma pinta de vendedor, o cabelo penteado para trás e uma aliança de casamento. Está usando apenas uma camiseta e calça de moletom por baixo do casaco, como se tivesse acabado de sair da cama. O nariz está quebrado e inchado e, como foi virado para o chão, seu rosto está cheio de sangue.

— Nikolaj Møller. Mantuavej, número setenta e seis, Copenhagen S.

Thulin lê em voz alta o cartão de plano de saúde que estava guardado, junto com cartões de crédito e fotos de família, na carteira que Thulin encontrou no bolso dele, assim como um celular e uma chave de carro com o logo da Audi.

— O que está acontecendo? Eu não fiz nada!

— O que você está fazendo aqui? Eu perguntei o que você *está fazendo* aqui.

Thulin dá um passo em direção ao homem e o obriga a olhar para ela, para que possa ver seus olhos. Ele ainda está chocado e claramente surpreso por ver uma estranha vestida como Jessie Kvium.

— Eu só queria conversar com Jessie. Ela me mandou uma mensagem me dizendo para vir!

— Isso é mentira. O que você está fazendo aqui? Hein?

— Eu não fiz nada, pelo amor de Deus. É ela que está me chantageando.

— Me mostra a mensagem. Agora.

Hess pega o celular da mão de Thulin e entrega para o homem. Os policiais o soltam e, com dedos ensanguentados, ele digita a senha do telefone.

— Rápido! — exclama Hess, com impaciência. Sabe intuitivamente que aquela é a resposta para as suas preocupações, mas não sabe como nem por quê. — Mostre logo!

Hess arranca o telefone da mão do cara e olha para a tela.

Não há informações do celular que enviou a mensagem — apenas a palavra “desconhecido” — e o conteúdo é bem direto:

“Venha aqui agora. Ou vou mandar as fotos para a sua esposa”.

Hess vê uma imagem anexa e toca na tela para ampliá-la. A foto foi tirada de uns três ou quatro metros de distância, e Hess reconhece a lixeira do beco abaixo do estúdio de dança, no shopping onde encontraram Jessie Kvium. Duas pessoas estão agarradas e é bem óbvio o que estão fazendo. A pessoa da frente é Jessie, usando a mesma roupa que Thulin está vestindo, e atrás dela está Nikolaj Møller com a calça embolada em volta dos tornozelos.

Mil pensamentos explodem na cabeça de Hess.

— Quando foi que você recebeu esta mensagem?

— Vocês têm que me soltar. Eu não fiz nada!

— *Quando?!*

— Meia hora atrás. Eu quero saber que *merda* é essa.

Por um momento, Hess encara o homem. Então o solta e sai pela porta.

Hammock Gardens, em Valby, tem mais de cem terrenos e cabanas e está fechado para o inverno. É no verão que se torna um dos oásis mais animados da cidade, mas, quando o outono chega, as casinhas de madeira e seus jardins são trancados e deixados de lado até a primavera. Só uma casa, no coração daqueles jardins escuros, está com as luzes acesas — a casa que pertence à prefeitura de Copenhague.

Está tarde, mas Jessie Kvium ainda está acordada. Lá fora, o vento faz as árvores e as folhas farfalharem e, às vezes, parece que o telhado que cobre a casa de dois cômodos vai sair voando. O cheiro da casa é diferente de quando foram lá no verão, e da cama, no quarto escuro onde está deitada com a filha adormecida, consegue ver a luz da sala pela fresta abaixo da porta. Ainda acha difícil acreditar que há dois policiais sentados do lado de fora, protegendo a ela e à filha. Jessie acaricia o rosto de Olívia. Raramente faz isso e, embora esteja à beira das lágrimas, em um momento de clareza percebe que a menina é a única coisa significativa na merda da sua vida, e também compreende que precisa abrir mão dela, se quiser que as coisas melhorem.

O dia foi dramático. Primeiro a cena com Nikolaj, que a humilhou no shopping. Então a fuga pelos corredores, o interrogatório na delegacia e, finalmente, a ida para um loteamento deserto. Embora Jessie tenha proclamado firmemente a própria inocência, ficou abalada pelas acusações durante a entrevista. As acusações de que bate e negligencia a filha, como informava a denúncia anônima. Ou talvez não tenham sido as acusações. Ela já as ouviu, é claro; ficou mais chocada pela seriedade que as acompanhou. Os detetives são diferentes dos assistentes sociais do Conselho Tutelar. É como se soubessem o que realmente aconteceu. Ela teve um ataque, esperneou e gritou, do jeito que imagina que uma mãe injustiçada faria, mas, por

mais veemente que fossem suas mentiras, eles não acreditaram. E, embora ela não entenda bem por que ela e a filha precisam ficar escondidas e sob proteção em uma cabana úmida e fria, sabe que a culpa é toda dela. Como sempre.

Logo que ficaram sozinhas no quarto, pensou que poderia tentar se recompor. Mudar do dia para a noite. Parar de ir a festas e beber, parar de se degradar em tentativas eternas de fazer alguém morder a isca, de se sentir amada. Ela já apagou as informações de contato de Nikolaj do telefone, para não cair na tentação de ligar para ele. Mas será que vai adiantar? Será que logo não virão outros? Houve muitos antes dele, homens e mulheres, e agora a sua merda de vida tinha virado a vida de Olívia também, que era obrigada a lidar com tudo aquilo. Lidar com dias longos em instituições, com a solidão dos parquinhos, com noites de loucura em bares e até mesmo manhãs com estranhos que Jessie levava para casa para deixar que fizessem de tudo com ela, desde que adoçassem um pouco a sua vida. Ela odiou a filha e bateu nela. Às vezes apenas a pensão de auxílio para crianças paga pela prefeitura a impede de abandonar Olívia.

Mas, não importa o quanto se arrependa disso, e não importa o quanto queira mudar as coisas, Jessie sabe muito bem que não vai conseguir fazer isso sozinha.

Ela se levanta devagar da cama, com cuidado para não acordar a menina. O chão está gelado sob os pés descalços, mas ela para por tempo suficiente para arrumar as cobertas em volta da filha antes de ir até a porta.

A barriga do detetive Martin Ricks ronca enquanto ele passa por páginas de mulheres peladas no site Pornhub. Está há doze anos na polícia, e sempre acha um tédio quando é designado para uma missão como a dessa noite, mas Pornhub, Bet368 e sushi estão entre algumas das coisas que amenizam a espera. Ele continua passando por fileiras intermináveis de imagens pornográficas, mas dessa vez não importa a quantidade de peitos siliconados, saltos altos e cordas, nada consegue aplacar a raiva que sente do babaca do Hess e da explosão da mídia sobre o caso Hartung.

Martin Ricks é o braço direito de Jansen desde que foi transferido da Divisão de Homicídios da delegacia de Bellahøj, seis anos antes. No início, não gostou do cara alto e arrogante de olhar intenso. Jansen sempre tem uma piada e uma resposta na ponta da língua, e Ricks, que nunca foi muito bom com as palavras, o colocou na mesma classe em que colocava todos os idiotas, desde a época da escola, que o achavam burro. Até ter a chance de quebrar a cara deles, é claro. Mas não foi assim com Jansen. O experiente detetive viu algo mais na sua rabugice e na sua desconfiança geral nas pessoas e no mundo. Nos primeiros seis meses, passaram tempo em carros, salas de interrogatório, reuniões estratégicas, vestiários e bares e, quando o período oficial de orientação de Ricks acabou, eles disseram que gostariam de continuar trabalhando juntos. Agora, depois de seis anos, se conhecem profundamente, e não é exagero dizer que, apesar do vaivém de chefes, eles atingiram um patamar que ninguém ousaria desafiar. Pelo menos não até aquele babaca aparecer, algumas semanas antes.

Hess não é confiável. Ele pode ter sido gente boa um dia, há muito tempo, quando trabalhava no departamento, mas agora é farinha do mesmo saco elitista e arrogante de toda a Europol. Ricks se lembra de

que ele era um solitário, tranquilo e metido à besta, e que tinha sido ótimo se livrar dele. Mas agora a Europol parece ter se cansado de Hess e, em vez de fazer alguma coisa de útil, o cara começou a questionar a investigação que era o maior feito dele e de Jansen até então.

Ricks ainda se recorda muito bem daqueles dias de outubro do ano anterior. A pressão era enorme. Ele e Jansen trabalharam dia e noite e foram eles que interrogaram Linus Bekker com base na denúncia anônima — foram eles que deram início às buscas. Ao se sentar para interrogar Bekker de novo, vários dias depois, Ricks sentiu que aquela vez seria especial. Eles tinham todas as cartas na mão. Evidências que poderiam esfregar na cara do sujeito. Obviamente, no final, ele não teve opção a não ser confessar. O alívio foi enorme, e comemoraram a vitória bebendo até cair e jogando sinuca em um bar em Vesterbro até altas horas. Era verdade que nunca tinham encontrado o corpo da menina, mas aquilo era só um detalhe.

E agora Ricks está com as bolas congelando naquela casa de loteamento em Valby, tomando conta daquela mãe solteira bêbada — tudo por causa de Hess e daquela piranha da Thulin. Enquanto o resto da equipe, incluindo Jansen, está em Urbanplan, onde toda a ação está acontecendo, ele está preso ali. Na melhor das hipóteses, vai ser liberado às seis da manhã.

De repente, a porta do quarto se abre. É a mulher de quem precisa tomar conta, usando apenas uma camiseta. Ricks larga o telefone com a tela para baixo. Por um momento, ela olha em volta, surpresa.

— Onde está o outro policial?

— Ele não é policial. É detetive.

— Onde está o outro detetive?

Embora aquilo não seja da conta dela, Ricks explica que ele foi comprar sushi em Valby Langgade.

— Por que está perguntando?

— Nada demais. Eu só quero falar com um dos detetives que me interrogaram hoje.

— Sobre o quê? Pode conversar comigo.

Embora a mãe beberona esteja atrás do sofá, Ricks percebe que ela

tem uma bunda decente. Por um momento, ele se pergunta se tem uma chance — se dá tempo para uma rapidinha no sofá antes de o colega chegar com o sushi. Essa é uma das muitas fantasias de Ricks. Sexo com uma testemunha sob sua proteção. Mas essa fantasia em particular ele ainda não realizou.

— Queria contar a verdade para eles. E queria conversar com alguém sobre colocar a minha filha em um lar decente, sob os cuidados de uma boa família, até eu conseguir me reerguer.

A resposta decepciona Martin Ricks. Ele responde secamente que ela vai ter que esperar. O departamento de assistência social ainda não abriu. “A verdade”, por outro lado, ele gostaria de ouvir, mas, antes de abrir a boca, seu telefone toca.

— É o Hess. Tudo bem por aí?

Hess está sem fôlego e parece que está batendo a porta enquanto alguém liga o carro. Martin Ricks se esforça para soar arrogante.

— E por que não estaria tudo bem? E com vocês aí?

Mas Ricks não ouve a resposta porque, nesse instante, o alarme de um carro dispara no loteamento.

A sirene alta toca enfurecida e sem parar, e Ricks se vira para olhar o carro estacionado do lado de fora. As luzes iluminam a escuridão de outono como uma roda-gigante em um parque de diversões.

Ricks fica desconcertado. Até onde pode ver, não há ninguém perto do carro. Ele ainda está ao telefone e, quando diz para o babaca do Hess que o alarme do carro disparou, percebe que o tom de voz dele fica alerta.

— Fique dentro de casa. Estamos a caminho.

— Por que vocês estão a caminho? O que está acontecendo?

— Fique dentro de casa e proteja Jessie Kvium. Você me entendeu?

Martin Ricks hesita por um momento. Então encerra a ligação, de forma que o único som que ouve é o do alarme. Se Hess realmente acha que vai obedecer às ordens dele, está muito enganado.

— O que está acontecendo?

Agora a mãe bebum parece preocupada.

— Nada. Volte para o quarto e vá dormir.

A resposta não a convence, mas, antes que ela possa retrucar, eles

ouvem a menina chorando no quarto e Jessie volta correndo.

Ricks enfia o celular no bolso, tira o revólver do coldre. Ele não é burro e percebeu pela conversa que a situação se inverteu. Talvez aquela seja sua única chance de calar a boca de todo mundo. A de Hess, a de Thulin e, principalmente, do próprio sr. Castanha, como a mídia começou a chamar o assassino. Logo a força-tarefa entrará pelos portões, mas agora o palco está vazio, pronto para ele ser o astro.

Ricks pega as chaves no bolso do casaco e destranca a porta. Com a arma em punho, desce pelo jardim como se estivesse desfilando pelo tapete vermelho.

Olívia não está totalmente desperta, embora esteja sentada na cama, encostada na parede de madeira.

— O que houve, mamãe?

— Nada, meu amor. Só volte a dormir.

Jessie vai até a cama e se senta, acariciando o cabelo da filha.

— Mas eu não consigo dormir com todo esse barulho — sussurra a filha, apoiando-se no ombro da mãe bem na hora que o alarme é desligado.

— Pronto. Parou. Pode voltar a dormir, querida.

Um instante depois, Olívia adormece, e, enquanto Jessie olha para ela, pensa que conversar com o policial ajudou. Não é o suficiente, claro, e ela desejava ter falado mais, ter desabafado. Mas o alarme do carro mudou as coisas. Ela sentiu um medo que nunca tinha sentido e, agora que a sirene parou e ela consegue ouvir o telefone do policial tocando no jardim, se sente boba. Até que percebe que ele não está atendendo. Ela presta atenção, mas o toque parou. Então começa novamente, mas de novo ninguém atende.

Do lado de fora, o vento sopra no cabelo de Jessie. Ela está de sapato, mas faz muito frio e ela se arrepende por não ter se enrolado em um cobertor antes de sair. Consegue ouvir o telefone tocando em algum lugar perto do carro, mas não vê o policial.

— Oi? Cadê você?

Ninguém responde. Hesitante, Jessie se aproxima do carro, que está parado no cascalho do lado de fora do portão. Se ela der mais um passo, vai alcançar o chão de cascalho e enxergar toda a lateral do carro e provavelmente o celular também, que está tocando bem perto. Mas então ela se lembra do que os detetives disseram durante o

interrogatório e do perigo que eles descreveram. No jardim, por entre as árvores e os arbustos sem folhas, a ameaça se agita e sobe por suas pernas nuas, e ela se vira e volta correndo para a casa, subindo os degraus de madeira e passando pela porta que bate atrás de si.

Pela conversa do detetive ao telefone, pouco antes, sabe que a ajuda está a caminho e diz para si mesma que não deve entrar em pânico. Tranca a porta e arrasta uma cômoda de gavetas até ela. Então corre até a cozinha e o banheiro e confere se todas as portas e janelas estão trancadas. Na cozinha, ela pega uma faca comprida e afiada. Não consegue enxergar nada pela janela que dá para o jardim dos fundos, mas de repente se dá conta de que as luzes estão acesas. Se há alguém lá fora — e, a essa altura, ela não tem a menor dúvida disso —, vai conseguir ver cada movimento dela. Jessie volta correndo à sala e, depois de algumas tentativas para achar o interruptor certo, consegue apagar as luzes.

Fica imóvel, com os olhos fixos no jardim da frente. Nada. Apenas o vento tentando derrubar a porta. Ela está em pé diante do radiador elétrico, que percebe que desligou acidentalmente enquanto procurava o interruptor para apagar as luzes. Jessie se abaixa e o liga novamente. O radiador começa a zunir e a luz avermelhada e fraca que ele emite faz com que perceba de repente a pequena figura sentada na cadeira antes ocupada pelo detetive.

Por alguns instantes, ela não sabe o que é. Mas então se dá conta. Embora o sr. Castanha tenha uma aparência bastante inocente, com seus bracinhos de palito de fósforo erguidos, como em uma prece, ele a apavora: ela sabe na hora que aquilo não estava ali minutos antes, quando saiu para procurar o detetive. Quando ergue a cabeça de novo, é como se algo na escuridão ganhasse vida em frente a ela, e, juntando todas as suas forças, ela começa a dar golpes de faca no ar.

A viatura passa acelerada pelo portão do loteamento de Hammock Gardens e segue pelo caminho de cascalho. Está um breu no meio das casinhas e jardins e só a luz dos faróis permite que eles vejam uma placa de carro. Thulin corre até o veículo policial não identificado e Hess salta atrás dela.

Duas caixas de sushi estão caídas no chão e um jovem policial está inclinado sobre um corpo. Ele vê Hess e pede ajuda, usando as duas mãos para tentar conter o sangue jorrando do profundo corte no pescoço de Martin Ricks, que está entrando em convulsão com o olhar fixo nas árvores acima da sua cabeça. Hess segue para a cabana. A porta está fechada. Ele a arromba, empurrando a cômoda para fora do caminho. Está tudo escuro na sala, mas ele saca a arma quando consegue ver que há cadeiras e mesas reviradas e que houve uma briga. No quarto, a filha de Jessie Kvium está encolhida na cama, confusa e chorando. Jessie não está ali e Thulin aponta a porta escancarada da cozinha.

O jardim dos fundos é uma descida e, com três passos, eles estão no gramado atrás da casa. Hess e Thulin passam por uma grande macieira, mas não há ninguém à vista quando chegam à cerca que separa o jardim do terreno vizinho. A fileira de jardins se estende por toda a rua, e só quando se viram para voltar para casa é que eles a veem. Os galhos mais baixos da macieira não são galhos, e sim as pernas nuas de Jessie Kvium. Seu corpo foi sentado em um ponto onde o tronco se divide em dois, montada no galho mais grosso de modo que as pernas caiam para os lados em um ângulo nada natural. A cabeça está inclinada, os braços sem vida apoiados nos galhos como se estivessem apontando para o céu.

— Mamãe?

Eles ouvem a voz confusa ecoar no vento e veem a silhueta da

menina que saiu no frio. Mas Hess não consegue se mexer, e é Thulin que sobe pelo jardim e leva a menina de volta para a casa enquanto ele continua perto da macieira. Embora esteja escuro, percebe que os dois braços estão curtos demais. Assim como uma das pernas. E quando chega mais perto, consegue ver o sr. Castanha com os bracinhos de palito de fósforo estendidos: está enfiado na boca aberta de Jessie.

TERÇA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO

Thulin corre por entre os blocos, na chuva, procurando por placas que indiquem o caminho. Os pés estão encharcados e, quando finalmente vê a placa para o apartamento 37C, ela aponta para o lado oposto.

É de manhãzinha e ela acabou de deixar a filha na escola. Só se passaram alguns dias desde a tocaia no apartamento de Urbanplan. Ela não sabia que Hess também morava em um conjunto habitacional, mas por algum motivo isso não a surpreende. Mulheres com *niqabs* e lenços na cabeça a olham de modo amigável, mas atento, e deixam bem claro que ela está chamando atenção ao passar correndo. E mais uma vez Thulin sente raiva por Hess estar incomunicável agora que a merda toda explodiu.

Por quase quatro dias, a mídia armou um circo, fazendo a cobertura completa das cenas do crime, de Christiansborg, da delegacia e do escritório do médico-legista. Traçaram o perfil de todas as vítimas e de Martin Ricks, que morreu na frente da casa em Hammock Gardens. Os repórteres entrevistaram testemunhas, vizinhos e parentes — pediram opinião de especialistas e dos especialistas que discordavam deles, houve declarações da polícia, principalmente de Nylander, que foi chamado várias vezes para falar na frente das câmeras e dos microfones, em geral fazendo declarações combinadas com o ministro da Justiça. Além disso, há as histórias sobre Rosa Hartung, que perdeu a filha e agora tem que sofrer a indignidade de saber que o caso talvez não tenha sido elucidado. Então, quando os editores perceberam que estavam ficando repetitivos, começam a tentar prever quando o próximo crime horrendo aconteceria.

Hess e Thulin não tiveram muitas horas de sono desde sexta-feira. O choque dos assassinatos em Hammock Gardens deu muito trabalho:

interrogatórios infundáveis, ligações, coleta de dados em Urbanplan e na associação de donos de loteamentos, investigações para descobrir a situação familiar e romântica de Jessie Kvium. A filha de seis anos — que felizmente não viu a mãe morta — foi levada para um hospital para ser examinada, e os médicos descobriram diversos sinais de negligência, má nutrição e maus-tratos físicos. Um psicólogo conversou com ela, concentrando-se apenas no luto pela morte da mãe, e ficou muito impressionado com a capacidade da menina de traduzir os sentimentos em palavras. Uma boa coisa, no meio de tudo aquilo, foi o fato de ela ter sido acolhida pelos avós, que vieram de Esbjerg, e eles pareciam felizes com isso, embora tenham que esperar para saber se poderão ter a guarda definitiva. Thulin intercedeu a fim de manter a menina e os avós longe da mídia, que, de qualquer forma, está muito mais interessada em dar as últimas notícias sobre o sr. Castanha.

Ela simplesmente odeia quando a imprensa cria um mito em torno de assassinos. Principalmente porque ela tem certeza de que nesse caso o assassino *quer* provocar medo e talvez se sinta estimulado com toda a atenção. Mas é difícil conter a onda de notícias, considerando que os exames forenses e os incontáveis interrogatórios não deram em nada. Genz e sua equipe estão trabalhando dia e noite, mas até o momento sem resultados viáveis. Eles não conseguiram rastrear a mensagem enviada para o telefone de Nikolaj Møller, e nenhuma testemunha tem ideia de quem podia estar vigiando Jessie Kvium — nem em Urbanplan nem naquele dia no shopping, mesmo que tenham voltado uma segunda vez para ver as imagens das câmeras de segurança. Assim como no caso de Laura Kjær e Anne Sejer-Lassen, o assassino desapareceu sem deixar nenhuma pista.

De acordo com o médico-legista, Jessie Kvium morreu por volta de uma e vinte da madrugada. As amputações foram feitas com o mesmo instrumento usado nas outras vítimas, e ela estava viva na hora, com certeza pelo menos durante a amputação das mãos. Parece que a impressão digital encontrada no sr. Castanha enfiado na boca de Kvium também é de Kristine Hartung. E todos concordam que as denúncias anônimas foram escritas pela mesma pessoa. Mas o

Conselho Tutelar e os diversos assistentes sociais não foram de muita ajuda, e os três e-mails e seu caminho tortuoso por um labirinto de servidores não ofereceu nenhuma pista sobre o verdadeiro remetente. A situação era tão desesperadora que Nylander designou policiais para proteger uma lista de algumas mulheres acusadas pelo programa de denúncias anônimas da prefeitura e pôs o departamento em alerta máximo.

A atmosfera na delegacia foi profundamente afetada pela situação. Martin Ricks talvez não fosse o cara mais esperto, mas depois de seis anos de serviço na Divisão de Homicídios, com apenas algumas poucas faltas, ele já era parte tão permanente do departamento quanto a estrela dourada acima da entrada principal. Ele também tinha uma noiva, o que foi uma surpresa para a maioria dos seus colegas. Ao meio-dia do dia anterior eles fizeram um minuto de silêncio na delegacia, mas não foi tão silencioso. Colegas de trabalho choraram, e a investigação assumiu o tom de urgência que sempre surge quando um policial é morto em serviço.

Para Hess e Thulin, a grande pergunta sem resposta é como o assassino conseguiu enganá-los naquela noite. Eles ficaram de tocaia em Urbanplan, mas o assassino descobriu. De que forma, exatamente, Thulin ainda não sabe, mas é a *única* explicação. Então ele foi para o esconderijo em Hammock Gardens, o que só faria sentido se ele já soubesse que Jessie Kvium e a filha tinham passado uma semana lá no verão e que podiam ter sido levadas para o local de novo. A mensagem foi enviada para Nikolaj Møller antes do assassinato — precisamente às 00h37 — de algum lugar dentro de Hammock Gardens, usando um celular pré-pago, e essa é a parte mais assustadora. O assassino teve a presença de espírito de atrair um marido assustado e infiel para Urbanplan e direto para os braços da polícia, e isso diz a Thulin que ele quer fazer com que se sintam idiotas e ridículos. Exatamente como fez quando enviou uma mensagem para o telefone de Laura Kjær depois de sua morte. Esse fato, junto com todo o trabalho investigativo infrutífero, significa que não é surpresa nenhuma que tudo tenha acabado em um confronto com Nylander na noite anterior.

— Mas de que porra você tem tanto medo?! Por que não podemos conversar com Rosa Hartung?

Hess voltou a insistir que os assassinatos tinham alguma ligação com o caso da filha da ministra.

— Não faz o menor sentido investigar um e não o outro. Três bonecos srs. Castanha com a impressão digital de Kristine Hartung deixam isso bem claro. E não é só isso. Primeiro tivemos apenas uma das mãos amputadas, depois duas, e agora duas mãos e um dos pés. O que você acha que o assassino tem em mente para o próximo ataque? Não dá pra ser mais óbvio! Rosa Hartung é a chave ou é o alvo.

Mas Nylander continuou calmo e se manteve firme. Já tinham conversado uma vez com a ministra e ela tem muita coisa para fazer.

— Muita coisa? Com certeza nada mais importante do que isso, não é?

— Calma aí, Hess.

— Só estou fazendo uma pergunta.

— De acordo com os serviços de inteligência, nas duas últimas semanas a ministra está sofrendo ataques e ameaças de algum desconhecido.

— O quê?

— E você não achou relevante nos informar sobre isso? — perguntou Thulin, indignada.

— Não. Não é possível que tenha a ver com os assassinatos! De acordo com a Inteligência, a ameaça mais recente foi o para-brisas do carro ministerial estilhaçado, no dia 12 de outubro. O mesmo período em que o assassino devia estar ocupado com Anne Sejer-Lassen.

A reunião terminou de forma amarga. Tanto Hess quanto Nylander saíram pisando duro, e Thulin tentou ignorar a sensação de que todas as rachaduras que estavam surgindo no departamento eram sintomáticas do estado da investigação.

Pelo menos agora ela está protegida da chuva, sob uma passagem coberta, caminhando em direção ao apartamento 37C no final do corredor. Há uma bagunça de latas de tinta, verniz e removedor empilhadas de ambos os lados da porta, e no meio há uma máquina

grande que Thulin presume ser uma lixadeira. Ela bate impacientemente, mas, é claro, não há resposta.

— Foi para você que ele ligou para falar do piso?

Thulin olha o paquistanês baixinho que acaba de chegar, um menininho moreno atrás das suas pernas. O homem usa uma capa de chuva laranja-vibrante, mas as luvas de jardinagem e os sacos de lixo indicam que ele provavelmente está só catando as folhas caídas pelo terreno do conjunto habitacional.

— Isso é bom, desde que você seja profissional. O cara não leva o menor jeito, mas acha que é o próprio Bob, o Construtor, e não é. Você conhece Bob, o Construtor?

— Conheço...

— É muito bom que ele esteja vendendo. Esse lugar não é para ele. Mas se quer se livrar do apartamento, precisa melhorá-lo um pouco. Eu não me importo de pintar as paredes e o teto, já que o cara não consegue diferenciar uma espátula de um pincel, mas não vou polir o chão. E não quero que ele destrua tudo fazendo sozinho.

— Eu também não planejo fazer.

Thulin mostra o distintivo para se livrar do homem, mas ele continua ali enquanto ela bate novamente.

— Então você não vai ficar com o apartamento? De volta à estaca zero.

— Não vou. Você sabe se o Bob, o Construtor, está em casa?

— Pode entrar para ver. Ele nunca tranca a porta.

O paquistanês passa na frente de Thulin e dá um empurrãozinho na porta, que está grudenta.

— Isso também é um problema. Quem é que sai e deixa a porta destrancada neste lugar? Eu já expliquei tudinho, mas ele diz que não tem nada para ser roubado, então não tem problema, mas *Allahu Akbar!*

O homem se cala. Thulin entende o motivo. Não tem muita coisa para se ver na sala, que está com cheiro forte de tinta fresca. Uma mesa, alguns maços de cigarro, um celular, algumas caixas de comida, alguns pincéis e latas de tinta no piso coberto com jornal. Evidentemente não é um lugar em que Hess passa muito tempo. Por

algum motivo, Thulin pensa que o apartamento dele em Haia, ou seja lá onde ele mora, provavelmente não é muito melhor. Mesmo assim, não é o interior que chama sua atenção — são as paredes.

Anotações em pequenos pedaços de papel, fotos e recortes de jornal estão pendurados por todos os lados e, entre eles, palavras e letras estão rabiscadas diretamente na parede. Como uma grande e intrincada teia de aranha, todo o material se espalha por duas das paredes recém-pintadas, e uma caneta vermelha liga diversos itens com traços e marcações. Nitidamente, tudo começou em um canto, com o assassinato de Laura Kjær, então passou a se expandir com os outros assassinatos, incluindo o de Martin Ricks. Ao longo das paredes foram rabiscados diversas linhas e desenhos de bonecos de castanha, além de nomes de pessoas e das cenas dos crimes, cada qual ilustrada com fotografias. Os retalhos na parede incluem recibos amassados ou papelão arrancado de caixas de pizza, mas ele evidentemente ficou sem material. Na parte inferior, há um recorte de jornal sobre Rosa Hartung e a data da abertura do parlamento, à qual Hess acrescentou uma linha que leva até o assassinato de Laura Kjær e, a partir daí, a miríade de linhas se multiplica em incalculáveis conexões, chegando a uma coluna separada, na qual está escrito “Christiansborg: ameaças, assédio, inteligência”. Bem acima está um jornal antigo com uma foto de Kristine Hartung, de doze anos, ao lado de um painel desenhado a caneta dentro do qual está escrito em letra de forma: “LINUS BEKKER”. E ali também há observações escritas nas paredes. A maior parte está ilegível, e Hess deve ter se esforçado para escrever lá em cima, mesmo usando a escada.

Thulin fica boquiaberta diante da gigantesca teia de aranha, sem saber ao certo como se sentir. Quando Hess foi embora, na noite anterior, estava retraído e taciturno, e, quando não conseguiu falar com ele nessa manhã, ela não soube o que pensar. A julgar pelas paredes, ele não desistiu. Por outro lado, há um pouco de loucura em tudo aquilo. Ele provavelmente começou tentando obter uma visão geral e coerente, mas não foi o que conseguiu. Até mesmo um criptógrafo ou um matemático vencedor do Nobel teria dificuldade para decifrar qualquer coisa daquela teia além do fato de que o

criador dela está beirando a obsessão ou até mesmo algum distúrbio mental.

O homenzinho ao seu lado solta uma torrente de xingamentos em paquistanês quando vê as paredes, e a situação não melhora quando Hess surge na porta. Ele está completamente sem fôlego e encharcado por causa da chuva, usando apenas um camiseta preta, short e tênis de corrida. Sua respiração e seu corpo estão formando nuvens de fumaça no ar frio da manhã. Ele parece muito musculoso e forte, mas está claramente fora de forma.

— O que você tem na cabeça? A gente acabou de pintar tudo isso!

— A gente pinta de novo. Você disse que precisa de duas demãos.

Thulin olha para Hess, que está apoiado na porta com a mão esquerda, e nota que ele está segurando uma carteira enrolada em plástico na outra.

— *Já tinha* duas demãos. Tinha até três!

O garotinho de olhos escuros fica cansado de esperar o pai e o paquistanês é relutantemente arrastado para o corredor. Thulin lança um olhar rápido para Hess, antes de sair também.

— Vou esperar no carro. Nylander quer conversar. Nós vamos interrogar Rosa Hartung daqui a uma hora.

— Estou interrompendo?

Tim Jansen para à porta; está com olheiras profundas e olhar distante. Nylander sente o cheiro de bebida velha.

— Não. Pode entrar.

Atrás de Jansen, o departamento está atarefado, e Nylander já recusou os pedidos dele para continuar no caso depois do funeral do dia anterior, então não é por isso que está cedendo seu tempo. Mas Hess e Thulin acabaram de sair de sua sala, e Jansen não retribuiu o cumprimento deles: ficou só olhando para a frente, como se não tivesse ouvido. E isso, entre outros motivos, parece o suficiente para Nylander convidá-lo para entrar.

Não tinha perdido tempo para dar o recado a Thulin e Hess: entrara em contato com o Ministério do Bem-Estar Social naquela manhã, e a ministra Rosa Hartung informou, por meio de seu assessor, Frederick Vogel, que ficaria feliz em ajudar com todas as informações que pudesse.

— Mas a ministra não é suspeita e sua credibilidade não está sendo questionada, então uma condição é que esse encontro seja uma conversa e não um interrogatório.

Nylander apostava que Vogel não aprovava a situação e que tinha aconselhado a ministra a evitar a “conversa”, então ela deve ter insistido pessoalmente em ajudar. Apesar da notícia, Hess, que Nylander detesta cada vez mais, continuou plantado ali.

— Isso significa que você vai reabrir o caso do desaparecimento de Kristine Hartung?

Nylander não deixou de notar que Hess disse “desaparecimento” e não “assassinato”.

— Não. Isso não está aberto para discussões. Se não consegue entender, pode voltar para Urbanplan e continuar batendo na porta

dos vizinhos.

Na noite anterior, Nylander estava bem inclinado a adiar a conversa com Rosa Hartung mais uma vez, mas àquela altura a pressão no departamento estava enorme. A visão que teve ao chegar em Hammock Gardens parecia saída diretamente de um pesadelo, e o assassinato de Ricks tornou a investigação pessoal para muitos dos seus policiais. Uma vida era uma vida, e não deveria existir diferença entre o assassinato de um policial e de qualquer outra pessoa, mas um ataque a sangue-frio ao detetive de trinta e nove anos — que, de acordo com o médico-legista, foi atacado por trás e teve a carótida cortada — reverberava alto no DNA de qualquer pessoa que já usou um distintivo.

Às sete da manhã, Nylander foi chamado a dar uma atualização do caso em uma reunião administrativa emergencial. Em tese, foi fácil explicar sobre o estado de alerta máximo e as diversas linhas de investigação, muitas das quais bastante promissoras. No entanto, embora não tenha mencionado o nome de Kristine Hartung nenhuma vez, a sombra dela esteve presente durante toda a apresentação. Era como se eles só estivessem esperando-o passar por toda a explicação para chegar ao verdadeiro objetivo: as porras das impressões digitais nos bonecos sr. Castanha.

— Considerando tudo que aconteceu, foi levantada alguma dúvida sobre a solução do caso de Kristine Hartung? — O comissário adjunto fez a pergunta de forma diplomática, mesmo assim não deixou de ser um insulto.

Pelo menos foi como Nylander considerou. Foi o ponto crucial da conversa, e Nylander sentiu os olhos de todos sobre ele. Nenhum dos chefes na sala queria estar no lugar dele — a pergunta em si era um campo minado, mais perigosa do que qualquer estrada no Oriente Médio —, mas Nylander respondeu. Assumiu aquilo sozinho, não havia nada no caso Hartung que sugerisse que não tinha sido resolvido. A investigação foi completa, todas as possibilidades exploradas, até que, por fim, as provas foram levadas ao tribunal e o culpado foi condenado e sentenciado.

Por outro lado, era verdade que algumas impressões digitais

ligeiramente borradas nos três bonecos encontrados junto às vítimas tinham sido identificadas como sendo de Kristine Hartung. Isso podia significar qualquer coisa. Podia ser um tipo de assinatura, um modo de criticar a ministra e os conselheiros tutelares e, por esse motivo, a ministra obviamente deveria ser mantida sob proteção. E os bonecos sr. Castanha *podiam* ter sido vendidos por Kristine Hartung antes de sua morte. Até o momento, tudo estava no ar — a não ser pelo fato de que não havia qualquer indício de que a menina ainda estivesse viva. Para manter os chefes sob controle, Nylander chegou a sugerir que a intenção do assassino era justamente plantar sementes de dúvida e incerteza, então, como bons profissionais, eles deveriam se concentrar nos fatos e na realidade.

— Mas, pelo que me contaram, nem todos os seus detetives compartilham dessa opinião.

— Então você está mal informado. Talvez haja alguém com a imaginação um pouco solta demais. Mas isso não é estranho, considerando que a pessoa em questão não fez parte da grande investigação que conduzimos no ano passado.

— E de quem estamos falando aqui, afinal? — perguntou um inspetor de polícia.

O assistente de Nylander explicou, lealmente, que estavam falando de Mark Hess, o oficial de ligação que teve problemas em Haia e foi transferido para cá para ficar na geladeira até seu futuro ser decidido. Nylander sentiu a desaprovação dos outros, que não ficavam muito felizes com um oficial de ligação azedando ainda mais o relacionamento com a Europol. Achou que a discussão estivesse encerrada, mas então o comissário adjunto interveio, dizendo que se lembrava muito bem de Hess e que sabia que ele não era nenhum idiota. Hess talvez fosse pouco ortodoxo, mas foi um dos melhores detetives que o departamento já teve.

— Mas estou ouvindo você dizer que acha que ele está errado. É bom saber, principalmente considerando que ouvi o ministro da Justiça no rádio menos de uma hora atrás afirmando que não há qualquer motivo para recomençar a investigar o caso de Kristine Hartung. Por outro lado, temos quatro assassinatos nas mãos, e um

assassino de policial para pegar, então é crucial que a gente faça alguma coisa *agora*. Porque seria um tiro no pé se houver alguma coisa que estamos adiando por estarmos ocupados demais tentando salvar a própria pele.

Nylander negou que estivesse tentando fazer isso, mas a dúvida pairou sobre a mesa de mogno em Parade Hall. Por sorte, teve a presença de espírito de acrescentar que ia solicitar uma conversa mais detalhada com a ministra Rosa Hartung naquele dia mesmo. Só para verificar mais uma vez se ela ou sua equipe tinham mais informações que pudessem levar à prisão do assassino.

Nylander saiu de lá de cabeça erguida, sem revelar a preocupação que começou a surgir no fundo da sua mente: talvez *tivessem* cometido um erro no caso Hartung.

Ele já repassou todos os detalhes incontáveis vezes, e ainda não conseguiu detectar qual erro poderia ser. Ao mesmo tempo, sabe que pode dar adeus a uma carreira brilhante na delegacia ou em qualquer outro lugar na cidade, a não ser que consigam algum avanço no caso.

— Você tem que me colocar de volta no caso.

— Jansen, nós já conversamos sobre isso. Você não vai voltar. Vá para casa. Tire uma semana de descanso.

— Eu não quero voltar para casa. Eu quero ajudar.

— Não. Eu sei o que o Ricks significava para você.

Tim Jansen não se senta na cadeira Eames que Nylander oferece para ele. Em vez disso, continua de pé, seus olhos fixos nas colunas do pátio que vê pela janela.

— O que está rolando agora?

— Um monte de trabalho duro. Eu vou te contar assim que tivermos qualquer coisa.

— Então eles ainda não descobriram porra nenhuma? Hess e aquela piranha?

— Jansen, volte para casa. Você não está pensando direito. Vá para casa e durma.

— Tudo isso é culpa do Hess. Você sabe, não é?

— A morte de Ricks é culpa única e exclusivamente do assassino. Fui eu que aprovei a operação, não foi Hess. Então, se quer ficar

irritado com alguém, que seja comigo.

— Ricks nunca teria saído sozinho da casa se não fosse por causa do Hess. Foi Hess que fez ele fazer isso.

— Não estou entendendo.

A princípio, Jansen não responde.

— Nós ficamos praticamente três semanas sem dormir... Demos duro no caso, até finalmente conseguirmos provas e aquela confissão, mas então esse imbecil chega de Haia e começa a espalhar boatos de que forjamos tudo...

Jansen pronuncia as palavras devagar, e seus olhos estão perdidos.

— Mas vocês não fizeram isso. O caso foi resolvido. Vocês não forjaram nada. Forjaram?

Novamente, Jansen não responde, mas seu telefone toca e ele sai da sala para atender. Nylander observa enquanto ele se afasta. De repente, ele espera mais do que tudo que Hess e Thulin descubram alguma coisa na conversa com a ministra.

Os assessores da ministra do Bem-estar Social estão carregando caixas e colocando-as sobre a grande mesa oval branca no meio da sala de pé-direito alto.

— Acho que isso é tudo. Avise se precisar de mais alguma coisa — declara o chefe de gabinete antes de sair. — Boa sorte.

Por um instante as caixas ficam ali, banhadas de sol, partículas de poeira dançando acima delas, antes que as nuvens cinzentas cubram o céu novamente, deixando a iluminação a cargo dos postes da Poul Henningsen. Os detetives começam a pegar as pastas dentro delas. Para Hess, porém, a sensação de *déjà-vu* é paralisante. Há apenas alguns dias, ele estava em outra sala de reunião com outra pilha de pastas, e agora é como se o assassino tivesse lhe enviado mais um pesadelo kafkiano de novas pastas para ler. Quanto mais pastas Hess encontra, mais claramente percebe que deveria estar fazendo algo muito diferente. Fugir do óbvio e fazer algo imprevisível. Mas não sabe como.

Depositou todas as suas esperanças no interrogatório de Rosa Hartung. Depois de um papo irrelevante com seu assessor, Vogel, que fez questão de enfatizar que não se tratava de um interrogatório, mas sim de uma *conversa*, os três seguiram para o escritório da ministra, que os aguardava. Ela declarou que não sabia nada sobre as vítimas, embora tivessem repassado, detalhadamente, todas informações sobre cada uma. Para Hess, ficou claro que a ministra realmente estava tentando lembrar se já tinha cruzado com alguma das vítimas ou seus familiares antes, mas tudo indicava que não. Teve até que controlar a sensação de empatia que sentiu. No breve período desde que Hess a conheceu, Rosa Hartung, uma mulher bonita e inteligente que perdeu a filha, tinha emagrecido e envelhecido. Os olhos estavam confusos, vulneráveis, como algum animal acuado, e, enquanto passava por

fotografias e documentos, Hess via as mãos esguias tremerem, mesmo que ela se esforçasse para controlá-las.

Ainda assim, manteve o tom objetivo. Tinha certeza de que Rosa Hartung era a chave. As mulheres assassinadas tinham algo em comum. Nos três casos, as crianças tinham sofrido maus-tratos e abusos terríveis. Em todos os casos, o assassino tinha enviado uma denúncia anônima recomendando que fossem tiradas de casa e em todos os casos o sistema tinha, erroneamente, inocentado as famílias em relação às suspeitas e falhado ao não agir. Como eles tinham encontrado bonecos sr. Castanha com as impressões digitais de Kristine Hartung junto com todas as vítimas, a probabilidade era de que o assassino quisesse responsabilizá-la. Então, os casos *tinham* que significar alguma coisa para a ministra.

— Mas não significam nada. Sinto muito, mas eu não sei de nada.

— E quanto às ameaças que a senhora tem recebido? Pelo que sei, a senhora recebeu um e-mail desagradável e alguém pichou a palavra “assassina” no seu carro oficial. Consegue pensar em alguém que poderia ter feito isso? Ou por quê?

— A equipe de inteligência me perguntou a mesma coisa, mas não consigo pensar em ninguém...

Hess deliberadamente evitou ligar as ameaças aos assassinatos, porque se o carro tinha sido vandalizado no mesmo horário que Anne Sejer-Lassen foi atacada, então as duas coisas tinham que ser independentes. A não ser que estivesse lidando com *duas* pessoas, mas até agora não havia nada para sugerir isso. Thulin perdeu a paciência.

— Mas com certeza a senhora deve saber do que se trata. A senhora obviamente não é popular em todos os cantos e deve saber se fez alguma coisa que possa ter despertado o desejo de vingança de alguém.

O assessor da ministra, Vogel, protestou diante do tom duro, mas Rosa Hartung continuou insistindo em tentar ajudar. Ela só não sabia como. Era de conhecimento geral que sempre tinha se dedicado ao máximo às crianças e adolescentes, recomendando a retirada da criança em casos de abuso. Esse foi um dos motivos da implantação do sistema de denúncia anônima como o que tinham na capital. As

necessidades das crianças eram sua principal plataforma, e a primeira coisa que fez ao ser nomeada ministra foi encorajar o Conselho Tutelar a ser mais proativo nesse sentido. Depois de alguns casos particularmente desagradáveis de negligência, entre certas câmaras municipais de Jutland, a necessidade ficou mais aparente — mas ficou claro que ela poderia ter opositores, não apenas nos diferentes centros do Conselho Tutelar, como também nas famílias que começaram a sentir as restrições governamentais.

— Mas pode haver alguém que ache que a senhora decepcionou as crianças, não é? — insistiu Thulin.

— Não. Não consigo imaginar uma coisa dessas.

— Por que não? Como ministra, deve ser muito fácil se distrair com...

— Porque eu não sou assim. Não que seja da sua conta, mas eu fui adotada, então sei o que está em jogo e eu *não decepciono* crianças.

A raiva brilhou nos olhos de Rosa Hartung quando ela colocou Thulin em seu devido lugar e, embora Hess tenha ficado muito satisfeito pela detetive ter feito as perguntas, de repente entendeu por que Hartung era tão popular. Depois de alguns anos difíceis como ministra, ela ainda possuía a sinceridade que todos os políticos tentavam demonstrar na frente das câmeras, mas que no caso dela era instintivo.

— E os bonecos do sr. Castanha? Consegue pensar em algum motivo por que alguém ia querer te confrontar com uma coisa dessas ou com castanhas no geral?

A assinatura do assassino era bem incomum, e se Hess estivesse certo em relação a Rosa Hartung ser a chave, esperava que ela conseguisse dar alguma resposta.

— Não. Sinto muito. Só que Kristine tinha uma barraca no outono. Quando elas se sentavam à mesa, ela e Mathilde, e... mas eu já falei sobre isso.

A ministra estava tentando controlar as lágrimas, e Vogel procurou encerrar a conversa, mas Thulin protestou, dizendo que ainda precisavam da ajuda dela. Já que a ministra tinha encorajado que mais crianças fossem tiradas de casa por meio do Conselho Tutelar,

Thulin e Hess gostariam de ver os casos em que isso aconteceu durante o seu mandato. O assassino podia ser alguém envolvido, talvez ávido por se vingar da ministra e do sistema que ela representa e, com um sinal de Rosa Hartung, Vogel seguiu para falar com o chefe de gabinete, para que ele atendesse ao pedido. Hess e Thulin se levantaram e agradeceram à ministra pelo tempo, quando de repente ela os surpreendeu com uma questão:

— Antes de irem, gostaria de saber se existe uma chance de a minha filha estar viva.

Os dois ficaram sem saber o que responder. Aquela era uma pergunta bem óbvia, mas não tinham se preparado. Por fim, Hess ouviu a própria voz respondendo:

— O caso da sua filha foi resolvido. Um homem confessou e foi condenado.

— Mas as impressões digitais... Três?

— Se o assassino não gosta da senhora por qualquer motivo, a coisa mais cruel que poderia fazer seria criar uma falsa esperança.

— Mas você não tem certeza disso. Não tem como saber.

— Como eu disse...

— Eu faço qualquer coisa que você disser. Mas você precisa encontrá-la.

— Não podemos fazer isso. Como eu disse...

Rosa Hartung não disse mais nada, ficou apenas olhando para eles com olhos brilhantes até voltar a si e Vogel chegar para buscá-la. Hess e Thulin foram levados até uma sala de reuniões, e Nylander logo mandou dez detetives para ajudá-los a analisar todos os casos.

Thulin entra com mais uma caixa, que coloca na mesa.

— Havia mais uma. Eu vou ficar na sala aqui do lado lendo no meu laptop. Vamos lá!

O otimismo que Hess sentiu quando recebeu permissão para falar com a ministra se dissipou. Mesmo assim, eles se acomodam lá e começam a ler. Resmas de infâncias terríveis, abuso emocional, intervenções do Conselho Tutelar e fracasso. Provavelmente o assassino quer confrontar a polícia e as autoridades com tudo aquilo. Hess percebe que dormiu muito pouco. Sua mente está distraída, um

turbilhão de pensamentos passa por sua cabeça, e ele tem dificuldade para se concentrar. Será que o assassino está entre as partes prejudicadas nos processos que estão empilhados naquela mesa? Parece lógico, mas será que o assassino é lógico? Ele deve ter planejado com muita antecedência e sabia muito bem que eles iam acabar estudando precisamente aqueles casos, então por que arriscar atraí-los na própria direção? E por que fazer srs. Castanha? Por que cortar as mãos e os pés? Por que odiar as mães em vez dos pais? E onde está Kristine Hartung?

Hess confere para ver se a carteira de plástico ainda está no seu bolso antes de se encaminhar para a porta.

— Thulin, vem comigo. Diga para o pessoal ligar se encontrarem alguma pista.

— Por quê? Aonde nós vamos?

— De volta ao começo.

Hess desaparece pela porta sem esperar para ver se Thulin o segue. A caminho da saída, vê Frederik Vogel, que dá um aceno de despedida e fecha a porta do escritório da ministra.

— Por que estamos conversando sobre o caso Hartung, quando Nylander já disse que isso não é relevante?

— Não faço ideia. Se isso tem a ver com facões e amputações, estou fora, mas você pode perguntar para *ele*.

Thulin está de frente para Genz no laboratório dele. Ela faz um gesto irritado para Hess, que fecha a porta para que ninguém ouça o que estão falando. Eles seguiram direto do escritório da ministra e atravessaram a cidade até o prédio anguloso com baias de vidro e jalecos brancos. Durante o caminho, Hess pediu a Thulin para se certificar de que Genz estava lá, enquanto ele falava no próprio celular. Genz pareceu feliz por receber uma ligação de Thulin, principalmente por ser tão inesperada, mas talvez também tenha ficado decepcionado ao saber que era Hess que queria repassar alguns detalhes com ele. Thulin esperava que Genz estivesse ocupado demais, mas aparentemente uma reunião cancelada tinha deixado sua agenda livre. Agora Thulin se arrepende por ter ido. Estão diante da mesa onde viram a impressão digital de Kristine Hartung pela primeira vez, mas aquilo parece fazer muito tempo. Um soldador e diversos instrumentos por ali mostram a Thulin que Genz estava aquecendo plástico para testar sua flexibilidade, mas agora seus olhos azuis agradáveis e cautelosos estão colados em Hess, que se aproxima da mesa.

— Porque eu acredito que o caso Hartung é relevante. Mas nem eu nem Thulin estávamos aqui durante a investigação, então eu preciso de ajuda, e você é o único em quem confio. Se não quiser fazer isso, é só falar que a gente vai embora.

Genz sorri.

— Estou curioso. Desde que você não me peça para desmembrar outro porco, eu não vejo problemas. Do que você precisa?

— Da evidência contra Linus Bekker.

— Eu sabia.

Thulin se levanta da cadeira onde estava sentada, mas Hess segura a mão dela.

— Só escute o que eu tenho a dizer. Até agora nós só fizemos o que o assassino esperava. Precisamos encontrar algum atalho. Se for uma perda de tempo remexer no caso, então vamos resolver isso de uma vez por todas, e eu vou ficar de bico calado. Sobre Kristine Hartung também.

Hess solta a mão dela. Thulin fica de pé por um momento antes de voltar para a cadeira. Percebe que Genz notou que Hess segurou sua mão e, por algum motivo, sente-se constrangida por não ter se afastado na hora. Hess abre uma pasta grossa.

— Na tarde de 18 de outubro do ano passado, Kristine Hartung desapareceu a caminho de casa, quando voltava do treino de handebol. O desaparecimento foi rapidamente informado à polícia e a investigação começou a todo vapor quando sua bicicleta e sua bolsa foram encontradas na floresta, algumas horas depois. Eles procuraram por três semanas, mas ela parecia ter desaparecido no ar. Então receberam uma denúncia anônima, recomendando que investigassem um homem em especial, Linus Bekker, vinte e três anos, que morava em um apartamento no térreo em um condomínio de Bispebjerg. Tudo certo até aqui?

— Tudo. Eu estava presente na busca e a denúncia acabou sendo sólida.

Hess não faz comentários, em vez disso, volta a atenção para a pasta.

— Eles procuraram Linus Bekker e o interrogaram sobre Kristine Hartung, e fizeram uma busca, como você disse. O homem parecia suspeito. Não tinha emprego, estudos e nem vida social. Morava sozinho, passando o dia na frente do computador, e a maior parte da sua renda vinha de jogos de pôquer on-line. Ainda mais significativo foi o fato de ter cumprido uma sentença de três anos por ter estuprado uma mãe e sua filha adolescente em uma casa em Vanløse, que ele arrombou quando tinha dezoito anos. Bekker também tinha algumas

condenações por delitos menores, como comportamento indecente, e recebia tratamento para problemas psicológicos em uma clínica local, mas desde o início ele negou qualquer conhecimento sobre qualquer crime contra Kristine Hartung.

— Acho que ele chegou a dizer que estava normal de novo. Mas então abrimos o laptop dele, é claro. A equipe do departamento de TI abriu, quero dizer.

— Exatamente. Pelo que estou vendo aqui, Linus Bekker era um hacker de primeira. Aprendeu tudo sozinho e era bem persistente. Ironicamente, seu interesse em computadores surgiu durante um curso de TI que fez na prisão, e eles descobriram que nos últimos seis meses Bekker tinha conseguido invadir o sistema de arquivos digitais da polícia e tido acesso a fotos de pessoas mortas.

Thulin queria manter o silêncio para não desperdiçar ainda mais tempo, mas nesse ponto foi obrigada a corrigir Hess.

— Em termos técnicos, ele não invadiu. Ele só interceptou um *cookie* de login de um dos computadores ligados ao sistema e, como o sistema era antigo e com poucas medidas de segurança, conseguiu entrar ao reenviar o *cookie*. É ridículo que o sistema não tenha sido substituído há muito tempo.

— Bem, de qualquer maneira, Bekker teve acesso a centenas de fotografias de cenas de crime de muitos e muitos anos, e deve ter sido um choque quando isso foi descoberto.

— Não apenas um choque. Foi uma bomba nuclear — intervém Genz. — O cara conseguiu acessar algo que ninguém além de nós deveria acessar. Também descobrimos, analisando seus dados de usuário, que ele usou a brecha para acessar alguns dos piores assassinatos que poderia encontrar.

— Também percebi isso. Principalmente assassinatos de mulheres com motivação sexual. Mulheres que foram despidas e mutiladas pareciam estar entre suas favoritas, mas ele também entrou em crimes contra crianças, principalmente meninas menores de idade. Bekker confessou sentir impulsos sádicos e se excitar com aquelas fotos. Mesmo assim ele continuou negando ter tocado em Kristine Hartung e, até aquele ponto, não havia nada para sugerir o contrário. Certo?

— Certo. Até que analisamos um par de sapatos dele.

— Me conta sobre o sapato.

— É bem simples. Nós verificamos tudo que encontramos no apartamento, incluindo um par de tênis branco velho, que tinha sido colocado sobre um jornal dentro do armário. A análise do solo nos cadarços mostrou uma correspondência de cem por cento com o solo encontrado na região florestal onde a bicicleta e a bolsa de Kristine Hartung foram encontradas. Não havia dúvidas quanto a isso. Mas então ele começou a mentir, é claro.

— Quando você diz mentir, está se referindo à explicação dele sobre ter visitado aquele lugar na floresta?

— Exatamente. Pelo que entendi, ele disse que ia até as cenas de crime, como as que via nas fotos do arquivo, e quando soube do caso do desaparecimento de Kristine Hartung ele foi até lá. Você vai ter que perguntar para Tim Jansen ou um dos outros, mas acho que ele disse que ficou atrás da faixa da polícia com outros curiosos e que a cena o deixou excitado.

— Eu já vou voltar a esse ponto. Mas o fato é que o homem ainda insistia que não tinha matado Kristine Hartung. Ele tinha mais dificuldades para explicar seu comportamento e admitiu que tinha blecautes, o que condizia com seu diagnóstico de esquizofrenia paranoide, mas ele continuou negando o assassinato, mesmo depois que vocês encontraram a arma com o sangue de Kristine Hartung. O facão que foi descoberto em uma prateleira na garagem, ao lado do carro dele.

Hess procura um trecho no arquivo.

— Apenas quando foi interrogado por Jansen e Ricks e confrontado com as imagens da arma é que ele finalmente confessou. Estou sendo bem preciso?

— Eu não sei o que se passa nos interrogatórios, mas todo o resto parece correto.

— Tudo bem. Podemos ir agora? — Thulin está fulminando Hess com o olhar. — Eu não entendo o objetivo disso tudo. Essa porra toda é irrelevante. O cara é doido de pedra, então não faz o menor sentido ficarmos perdendo o nosso tempo precioso falando sobre ele enquanto

outro assassino está à solta.

— Não é que eu ache que Linus Bekker seja são. O problema é que eu acho que ele estava dizendo a verdade até o dia em que, de repente, confessou tudo.

— Ah, fala sério.

— Como assim? — Genz fica curioso e Hess bate com a mão na pasta.

— No ano anterior ao desaparecimento de Kristine Hartung, Linus Bekker foi pego duas vezes por comportamento indecente. A primeira vez no pátio dos fundos de um alojamento de estudantes em Odense, onde uma jovem tinha sido estuprada e assassinada pelo namorado, alguns anos antes. A segunda vez em Amager Common, onde dez anos antes uma mulher tinha sido assassinada por um taxista e jogada nos arbustos. Em ambos os casos, Bekker foi encontrado se masturbando em antigas cenas de crime e ele foi preso e recebeu sentenças curtas pelo comportamento indecente.

— E isso já te diz tudo?

— Não. Apenas me diz que é possível que Linus Bekker tenha decidido visitar o lugar onde Kristine Hartung desapareceu assim que ouviu a notícia. Pode ser incompreensível para outras pessoas, mas, para um homem com as inclinações dele, isso faz todo o sentido.

— Sim, com certeza, mas a questão é que ele não disse isso de cara. Uma pessoa inocente teria dito. Mas curiosamente, até analisarmos o ténis, ele não deu essa explicação.

— Não acho que isso seja tão estranho. Talvez ele achasse que vocês não encontrariam vestígios do solo, afinal já haviam se passado três semanas. E, como não conheço Linus Bekker pessoalmente, vou chutar que ele arriscou que não precisaria contar nada sobre seu impulso de visitar cenas de crime. Mas então ele foi confrontado com a análise do solo e foi obrigado a falar a verdade.

Thulin se levanta de novo.

— Estamos dando voltas aqui. Não vejo por que estamos presumindo que as desculpas esfarrapadas de um psicopata condenado são verdade, então eu vou voltar para o ministério.

— Porque Linus Bekker *estava* na floresta na hora que disse que

estava.

Hess pega uma carteira de plástico do bolso e tira uma pilha de papéis amassados. Antes de entregá-los para Thulin, ela nota que é a mesma carteira que viu na mão dele naquela manhã, quando Hess voltou da corrida.

— A Biblioteca Real mantém artigos e fotografias no arquivo digital e, entre as fotos tiradas na floresta naquela noite, eu encontrei esta aqui. A folha de cima mostra uma foto ilustrativa de um artigo publicado no dia seguinte ao desaparecimento da menina. As outras são closes.

Thulin olha para as páginas impressas. A de cima ela já viu. É quase icônica, porque é a reprodução de uma das primeiras fotos que se lembra da cobertura que a imprensa fez do caso. A imagem mostra parte da floresta, totalmente iluminada, com um monte de policiais e cães, presumivelmente conduzindo uma busca. Todos estão sérios, passando toda a gravidade da situação. Bem ao fundo, jornalistas, fotógrafos e outros curiosos estão atrás do isolamento da polícia e Thulin está prestes a protestar novamente que estão perdendo tempo. Então, na página seguinte, ela o vê. A imagem está granulada e pixelada, uma foto dos rostos, e Thulin percebe na hora que deve ser uma ampliação da multidão atrás do cordão de isolamento. Bem atrás, quase escondido sob os ombros dos outros curiosos, na terceira ou quarta fila, ela vê o rosto de Linus Bekker. A ampliação fez com que seus olhos pareçam buracos negros, mas os traços e o cabelo ralo e claro não deixam a menor sombra de dúvida.

— A minha pergunta obviamente é: como é possível que ele esteja parado ali quando, posteriormente, alegou estar dirigindo para o norte com o corpo de Kristine Hartung naquele exato momento, procurando um lugar para enterrá-la?

— Puta merda...

Genz pega as folhas da mão de Thulin, que ainda não sabe o que dizer.

— Por que você não disse nada antes? Por que não contou a Nylander?

— Eu precisava confirmar a hora da foto com o fotógrafo para me

certificar de que *definitivamente* foi tirada naquela noite e só consegui a confirmação a caminho daqui. Quanto ao Nylander, achei que talvez fosse melhor conversarmos primeiro.

— Mas isso não absolve Bekker. Teoricamente ele ainda poderia ter matado Kristine Hartung, escondido o corpo no carro, voltado para a floresta e observado a atividade policial antes de ir para o norte.

— Sim. Realmente já vimos esse tipo de comportamento antes. Mas, como eu disse, também não encontramos vestígios de pó de osso no facão. Se ele realmente a tivesse esquartejado, isso teria acontecido. O mistério começa a...

— Mas por que Linus Bekker confessaria um crime que não cometeu? Não faz nenhum sentido.

— Poderia ser por qualquer razão. Mas acho que devíamos fazer essa pergunta a ele. Sinceramente, acredito que o assassino no caso de Kristine Hartung é o mesmo que estamos perseguindo agora. E, com sorte, Linus Bekker pode ajudar.

São aproximadamente cem quilômetros até Slagelse, e segundo o GPS a viagem duraria cerca de uma hora e quinze. Mas quando Thulin pega a saída perto de Grønningen, onde o hospital psiquiátrico e a ala de segurança estão localizados, mal passou uma hora.

É bom sair um pouco da cidade e ver as plantações e florestas na paisagem de outono, com seus tons de vermelho, amarelo e marrom. Logo as cores desaparecerão e aquela época do outono em que tudo fica cinzento começará. Thulin tenta aproveitar a paisagem, embora os pensamentos ainda estejam no laboratório forense.

Hess explicou sua teoria enquanto conversavam com Genz. Se Linus Bekker era inocente de qualquer crime contra Kristine Hartung, então outra pessoa tinha deliberadamente lançado a suspeita sobre ele. Ele era um bode expiatório perfeito, com as condenações e os problemas psicológicos exatos para chamar a atenção da polícia assim que se tornasse um suspeito. Mas o assassino — e nesse ponto Hess não estava se referindo a Linus Bekker — devia ter planejado tudo aquilo com muita antecedência, provavelmente com o objetivo específico de fazer com que parecesse que Kristine Hartung estava morta e enterrada. A denúncia anônima sobre Linus Bekker que tinha levado à conclusão do caso agora parecia suspeita.

Primeiro Hess perguntou a Genz sobre a investigação da ligação telefônica que levou a polícia a chegar a Bekker. Genz foi imediatamente para o teclado para verificar os detalhes no relatório técnico. A denúncia anônima foi feita para um telefone fixo, na manhã de segunda-feira, mas infelizmente não para o número de emergência, que grava automaticamente todas as ligações, e sim diretamente para o escritório de Nylander. Isso em si não era necessariamente suspeito; afinal de contas, Nylander estava em todos os jornais da época, então talvez fizesse sentido que alguém seguindo o caso direcionasse a

denúncia para ele. A chamada aparentemente viera de um celular pré-pago não registrado, então foi impossível rastrear o informante. As pistas terminavam ali. De acordo com o relatório, a secretária que atendeu à ligação não conseguiu dar mais detalhes além de que “um homem dinamarquês” afirmou rapidamente que deveriam investigar Linus Bekker e fazer uma busca em sua casa na apuração do caso Hartung. O nome de Linus Bekker foi repetido e a ligação ficou muda.

Hess então pediu que Genz verificasse as evidências forenses novamente assim que fosse possível. No momento em que o foco da investigação passou a ser Bekker, outras pistas aparentemente irrelevantes podiam ter sido desconsideradas — e essas são as pistas que interessam a Hess agora. Levaria um tempo, mas Genz estava disposto a tentar. Ele só perguntou o que deveria dizer se alguém notasse que estava bisbilhotando os relatórios e a caixa de evidências do caso Hartung.

— Pode dizer que eu te pedi para fazer isso, assim você não vai ter problemas.

Por um momento, Thulin se perguntou o que deveria dizer. Não havia dúvidas de que esse desdobramento na investigação caía na pilha de coisas que Nylander não ia gostar e, se fossem pegos, poderia até afetar suas chances de transferência para o NC3. Mesmo assim, ela não conseguiu ligar para Nylander. Em vez disso, ligou para os detetives que estavam revisando os arquivos no ministério em busca de possíveis inimigos de Rosa Hartung. Nenhuma novidade em relação a isso, a não ser pelo fato de que a maioria dos casos envolvia uma enorme carga emocional e antipatia pelas autoridades. Então, quando Hess sugeriu que tentassem conversar com Linus Bekker, ela concordou. Ele telefonou para a ala de segurança da instituição psiquiátrica na qual o condenado cumpria sua pena. O psiquiatra estava em uma reunião, mas Hess deu a informação para o segundo no comando, explicando que estava a caminho e que chegariam dali a uma hora.

— Você realmente quer ir comigo? Se achar que isso pode comprometer a sua posição, não precisa.

— Tranquilo.

Thulin ainda tem dificuldade em acreditar que a visita será útil. Parece muito mais provável que Linus Bekker estivesse dizendo a verdade quando confessou o crime. Ele ainda poderia ter aparecido atrás do cordão de isolamento que a polícia estabeleceu na floresta. Até onde sabia, Tim Jansen e Martin Ricks não tinham medo de jogar duro — ou pior — para encorajar uma confissão, mas não importava o quanto tivessem sido duros com Linus Bekker, ele teve muitas chances de voltar atrás na confissão. Então por que seria falsa? Apesar dos supostos blecautes, Bekker se lembrou de uma série suficiente de eventos para fazer uma reconstituição de suas ações desde aquela tarde, quando estava passeando de carro e viu uma garota com uma bolsa esportiva, até mais tarde naquela mesma noite, quando se viu com um corpo na floresta, ao norte. Ele descreveu o estupro seguido de estrangulamento, descreveu que ficou dirigindo a esmo, sem saber o que fazer com o corpo. No seu depoimento no tribunal, chegou a pedir desculpas aos pais da garota.

Tinha que ser verdade; qualquer outra coisa não seria nada realista. Esse é o último pensamento de Thulin ao estacionar do lado de fora dos portões da unidade de segurança.

A recém-construída unidade de segurança, situada em um terreno quadrado perto do hospital psiquiátrico, é cercada por dois muros de seis metros de altura com uma trincheira profunda entre eles. O único ponto de acesso é pelo sul da construção, onde há um sistema de portões contíguo ao estacionamento. Hess e Thulin param em frente à câmera e ao alto-falante ao lado do pesado portão.

Diferentemente de Hess, Thulin nunca esteve em uma unidade de segurança antes, mas obviamente já ouviu falar do lugar. Essa é a maior instituição de psiquiatria forense do país, lar dos criminosos mais perigosos. Os trinta e tantos condenados ali receberam uma sentença especial, uma medida que o tribunal pode usar nos raros casos em que há motivo para se suspeitar que o criminoso constitui um perigo constante para os outros. Como o perigo se deve a uma doença mental, o condenado é levado para uma unidade psiquiátrica de segurança — uma mistura de hospital psiquiátrico e prisão de segurança máxima — e mantido lá durante a sua sentença indeterminada. Os internos, chamados de pacientes, incluem assassinos, pedófilos, estupradores em série e incendiários, e alguns deles, aqueles cuja doença é intratável, nunca voltarão a ser reintegrados à sociedade.

O portão eletrônico se abre, e Thulin segue Hess até um tipo de garagem vazia, onde há um guarda atrás de um vidro à prova de balas aguardando por eles. Atrás dele, veem outro guarda em frente a monitores de vigilância. *Muitos* monitores de segurança. Como solicitado, Thulin entrega o telefone, o cinto e os cadarços do sapato. No caso dela e de Hess, também precisam entregar as armas. Mas é o celular que mais a incomoda, porque agora não tem mais a chance de

entrar em contato com seus colegas no ministério, o que não tinha previsto. Ela passa por um detector de metais e é liberada sem mais revistas. Ela e Hess ficam esperando na garagem até que o outro portão se abra. Então avançam pelo complexo sistema de portões e que se abrem um por um e se fecham antes de o próximo abrir. Uma última pesada porta de metal se abre eletronicamente do outro lado do corredor, onde há um enfermeiro forte com um crachá bordado no qual se lê “Hansen”.

— Bem-vindos. Podem vir comigo, por favor.

Com seus corredores iluminados e uma vista agradável para o pátio, a primeira impressão é que a ala parece um moderno centro de treinamento. Só até se perceber que a maior parte da mobília está presa ao piso ou às paredes, claro. O som de chaves chacoalhando é onipresente, e o sistema de abrir e fechar portões continua, exatamente como em uma prisão comum. À medida que mergulham mais na instituição, eles veem alguns pacientes nos sofás e nas mesas de pingue-pongue ao longo do caminho. Homens com barba por fazer, alguns claramente medicados, a maioria usando chinelos. Os pacientes que Thulin vê estão com expressão triste. Eles mais parecem moradores de um asilo, mas Thulin reconhece alguns de fotos de jornais. Embora seus rostos pareçam velhos e vazios, ela sabe que carregam na consciência o peso de ter tirado vidas.

— Isso é muito perturbador. Não sei por que não fui informado antes.

O psiquiatra Weiland não está nada satisfeito com eles. Embora Hess tenha explicado a visita para seu substituto, ele agora tem que começar do princípio.

— Sinto muito, mas precisamos conversar com ele.

— Linus Bekker está fazendo progressos. Não pode ser confrontado com notícias sobre morte e violência. Esse é *exatamente* o tipo de coisa que pode provocar uma recaída. Ele é um dos nossos pacientes terminantemente proibidos de acessar qualquer meio de comunicação a não ser por uma hora diária de programas sobre a natureza.

— Só queremos fazer algumas perguntas sobre o que ele disse antes. É essencial que falemos com ele. Se o senhor não permitir o nosso

acesso, vamos ter que pedir um mandado, mas estamos correndo contra o tempo, qualquer atraso pode custar vidas.

Thulin percebe que o médico não está preparado para essa resposta. Por um segundo ele hesita, não querendo dar o braço a torcer.

— Esperem aqui. Se ele concordar, então tudo bem. Mas não vou obrigá-lo a nada.

Momentos depois, o médico volta, assente para Hess e diz que Linus Bekker concordou em falar com eles, antes de desaparecer. Hansen o encara e começa a explicar as medidas de segurança.

— Nenhum contato físico. Se houver qualquer indicação de que Bekker está ficando agitado, vocês têm que puxar a corda de emergência na sala de visitas. Vamos ficar do lado de fora para o caso de terem problemas, mas não é o que queremos. Está claro?

A sala de visitas tem aproximadamente cinco por três metros. As janelas grossas e reforçadas tornam desnecessário o uso de grades, oferecendo uma visão desobstruída de um pátio verdejante e de um muro de seis metros atrás dele. Quatro cadeiras de plástico estão meticulosamente arrumadas em volta de uma pequena mesa retangular, parafusada ao chão. Linus Bekker já está sentado em uma delas quando Hess e Thulin entram.

Ele é surpreendentemente baixo, menos de um metro e setenta. Um jovem praticamente careca. Um rosto infantil, mas com traços marcantes. Com a calça de moletom cinza e a camiseta branca, parece um ginasta.

— Posso me sentar perto da janela? É meu lugar favorito.

Bekker se levanta e olha para eles como um garoto nervoso.

— Sem problemas. Você pode escolher.

Hess se apresenta e depois a Thulin, que nota que ele está se esforçando para parecer amigável e digno de confiança. Ele conclui as apresentações agradecendo pelo tempo de Bekker.

— Tempo é uma coisa que não me falta aqui.

Bekker fala sem ironia e sem sorrir. Trata-se de uma simples afirmação e ele pisca com expressão inquieta. Quando Thulin se senta na cadeira presa ao chão em frente ao jovem, Hess começa a explicar que estão ali porque precisam da ajuda dele.

— Mas eu não sei onde está o corpo. Sinto muito mesmo, mas eu realmente não consigo me lembrar de nada além do que eu já falei.

— Não se preocupe com isso. Estamos aqui por outro motivo.

— Vocês trabalharam na investigação? Eu não me lembro de vocês.

Bekker parece um pouco assustado. Olhos ingênuos que não param de piscar, sentado com as costas eretas na cadeira, cutucando as cutículas que estão quebradiças e avermelhadas.

— Não, nós não investigamos esse caso.

Hess começa então a contar a mentira que escolheram. Ele mostra o seu distintivo da Europol e explica que é responsável por traçar perfis comportamentais e que trabalha em Haia. Ao mapear a personalidade e o comportamento de pessoas como Linus Bekker, um perfilador criminal ajuda a resolver crimes parecidos. Hess veio à Dinamarca para ajudar os colegas dinamarqueses, incluindo Thulin, a estabelecer um departamento semelhante. Escolheram alguns internos com quem conversar, para aprenderem sobre os padrões de reação que antecederam os crimes, e esperam que Bekker aceite fazer parte.

— Mas ninguém me avisou que vocês estavam vindo.

— Não. Parece que aconteceu algum erro. Você deveria ter sido informado bem antes para poder se preparar. Acho que houve algum desencontro de informações. Mas você decide se vai nos ajudar ou não. Se preferir, podemos ir embora.

Bekker olha pela janela e começa a cutucar a própria cutícula e, por um momento, Thulin tem certeza de que ele vai dizer que não.

— Tudo bem. Se é importante. Se isso vai ajudar outras pessoas...

— Exatamente. Muito obrigado. É muito gentil da sua parte.

Hess passa os minutos seguintes verificando vários fatos com Linus. Idade. Endereço. Estado civil. Escolaridade. Destro ou canhoto. Hospitalizações anteriores. Apenas perguntas inofensivas e irrelevantes para as quais eles têm a resposta, com o único objetivo de construir uma relação de confiança e fazer com que Bekker se sinta à vontade. Thulin é obrigada a admitir que Hess é muito bom nisso, e seu ceticismo em relação à história é infundado. Mas aquela encenação leva tempo e ela sente como se estivessem sentados no olho de um furacão, girando em torno de merdas sem sentido enquanto a tempestade violenta está do lado de fora. Por fim, Hess chega ao dia anterior ao assassinato.

— Você disse que esse dia estava meio indefinido para você. Que só se lembra de flashes.

— Isso. Eu tenho blecautes. A minha doença me deixou tonto e eu já estava sem dormir tinha uns dois dias. Tinha passado muito tempo com as fotos no arquivo.

— Me conte sobre como você começou a mexer no arquivo.

— Digamos que era um sonho de criança. Eu tinha todos aqueles impulsos... — Bekker para de falar, e Thulin imagina que parte do seu tratamento psicológico envolve controlar seu sadismo e obsessão pela morte — ... e por causa dos documentários sobre crimes, eu sabia que muitas fotos eram tiradas em cenas de crime. Eu só não sabia onde ficavam guardadas. Não até eu entrar no servidor do departamento forense. E o resto foi fácil.

Thulin pode confirmar isso. A única defesa para a ausência de segurança é que parecia impensável que alguém fosse invadir o arquivo digital de fotos de vítimas e cenas de crime. Até o momento que Linus Bekker quebrou a frágil segurança e conseguiu entrar.

— Alguém sabia que você tinha acesso?

— Não. Eu sabia que era errado. Mas... como eu disse...

— E o que as fotos despertavam em você?

— Eu realmente achava que as fotos... que elas me faziam bem. Porque daquele jeito, eu controlava os meus... impulsos. Mas hoje eu percebo que elas não eram boas. Elas me excitavam, faziam com que eu só pensasse naquilo. Eu me lembro de sentir que precisava respirar um ar puro e saí de carro. Mas depois disso, é difícil lembrar.

O olhar de arrependimento de Bekker passa por Thulin e, apesar da expressão infantil e inocente, ela sente um arrepio.

— Alguém mais sabia sobre esses blecautes, na época? Você contou para alguém sobre isso?

— Não. Eu não via ninguém na época. Eu praticamente só ficava em casa, só saía para ir às cenas.

— Que cenas?

— As cenas de crimes. Novas. Antigas. Em Odense, por exemplo, e Amager Common, onde fui preso. Mas também fui a outras.

— Você teve blecautes nessas ocasiões também?

— Talvez. Eu não lembro. Quero dizer, blecautes são assim.

— Do que mais você se lembra do dia do assassinato?

— Não muito. É difícil saber porque as coisas se misturam com o que descobri depois.

— Você consegue lembrar, por exemplo, se seguiu Kristine Hartung

pela floresta?

— Não. Não exatamente. Mas eu me lembro da floresta.

— Mas se você não se lembra dela, como sabe que foi você que a atacou e a matou?

Por um momento, Bekker demonstra espanto. A pergunta parece tê-lo surpreendido, como se tivesse aceitado a própria culpa há muito tempo.

— Porque... eles me contaram. E eles me ajudaram a lembrar de outras coisas.

— Quem?

— Bem, os policiais que me interrogaram. Eles descobriram coisas, sabe? Terra no meu tênis. Sangue no facão que usei para...

— Mas naquele ponto você ainda afirmava que não tinha feito nada. Você se lembra do facão?

— Não, não no início. Mas as coisas começaram a apontar nessa direção.

— Logo que o facão foi encontrado, você disse que nunca o tinha visto antes. Que alguém devia tê-lo colocado na prateleira da garagem ao lado do seu carro. Foi só em um interrogatório posterior que você confessou que o objeto era seu.

— Isso mesmo. Mas os médicos explicaram que é assim que a minha doença funciona. Se você é esquizofrênico paranoico, sua mente te prega peças e confunde a realidade.

— Então você não consegue pensar em ninguém que talvez o tenha colocado lá, se é que realmente foi colocado?

— Mas não foi... Fui eu que fiz aquilo. Acho que não estou me saindo bem com todas essas perguntas...

Linus Bekker lança um olhar incerto para a porta, mas Hess se inclina para ele e tenta olhar nos seus olhos.

— Linus, você está se saindo muito bem. Eu preciso saber se havia alguém próximo de você durante esse período. Alguém que soubesse como eram as coisas na sua vida. Alguém em quem você confiava, alguém que conhecia ou que conheceu, de repente on-line ou...

— Mas não tinha ninguém. Eu não estou entendendo o que você quer. Acho que eu quero voltar para o meu quarto agora.

— Não fique nervoso, Linus. Se você me ajudar, acho que podemos descobrir o que realmente aconteceu naquele dia. E exatamente o que aconteceu com Kristine Hartung.

Bekker, que estava quase se levantando, lança um olhar cético para Hess.

— Você acha mesmo?

— Acho. Eu tenho certeza. Você só precisa me contar com quem tinha contato.

Hess olha esperançoso para Linus Bekker. Por um momento, pela expressão infantil e tímida no rosto dele, parece que o convenceu. Mas então ele começa a rir.

Linus Bekker cai na gargalhada. Thulin e Hess observam incrédulos aquele homem baixinho que está tentando em vão segurar o riso. Quando ele começa a falar, é como se tivesse despido uma máscara, e não há mais o menor traço de incerteza nem nervosismo.

— Por que você simplesmente não pergunta o que quer saber? Esqueça todo o teatro e vá direto ao ponto.

— O que você quer dizer?

— O que você quer dizer? — repete Linus, imitando a voz de Hess, enquanto revira os olhos com um sorriso debochado. — Você está desesperado para saber por que eu confessei um crime que não cometi.

Thulin encara Linus Bekker. A transformação é surpreendente. O homem é completamente louco. Louco de pedra. E, por um momento, ela pensa em chamar o médico para que ele veja por si mesmo o progresso do paciente. Hess tenta manter a compostura.

— Tudo bem. Por que você confessou, então?

— Fala sério. Você é pago para isso. Eles realmente trouxeram alguém da Europol para arrancar essa merda de mim ou o distintivo que você me mostrou é falso?

— Linus, eu não estou entendendo. Mas se você não tinha nada a ver com Kristine Hartung, não é tarde demais para dizer. Podemos ajudá-lo a conseguir um novo julgamento.

— Mas eu não *preciso* de ajuda. Presumindo que ainda vivemos em um estado de direito, eu provavelmente vou voltar para casa em

breve, o mais tardar no Natal. Ou assim que o sr. Castanha tiver acabado de fazer sua colheita.

As palavras atingem Thulin como um soco. Hess, sentado rígido feito uma pedra, também parece ser atingido. Bekker sabe. Ele ri e, embora Thulin tente agir como se nada tivesse acontecido, é como se a noite tivesse descido sobre a sala.

— Sr. Castanha...?

— Isso mesmo que você ouviu. O sr. Castanha. O verdadeiro motivo de vocês terem vindo aqui. Nosso querido Hansen, o fortão, ele esquece que tem legendas na televisão da sala comunal. São só trinta e oito caracteres por linha, mas dá para entender o que está acontecendo. Por que vocês não apareceram antes? O chefe não quer que vocês revirem um caso fechado de maneira tão brilhante, não é?

— O que você sabe sobre o sr. Castanha?

— *Sr. Castanha, onde está? Sr. Castanha, o que tem para me dar?*

Bekker fica cantarolando com ar de deboche. Hess está perdendo a paciência.

— Eu perguntei o que você sabe.

— Tarde demais. Ele está muito à frente de vocês. É por isso que estão aqui, fazendo todas essas perguntas. Porque ele está acabando com vocês. Porque não sabem o que fazer.

— Você sabe quem ele é?

— Eu sei *o que* ele é. Ele é o mestre. Ele me tornou parte do plano. Caso contrário, eu jamais teria confessado.

— Diga quem ele é, Linus.

— Diga quem ele é, Linus — imita Bekker novamente.

— E a garota?

— E a garota?

— O que você sabe? Onde ela está? O que aconteceu com ela?!

— E isso realmente importa? Ela deve ter se divertido...

Linus Bekker está olhando para eles com ar inocente, então uma expressão obscena se espalha pelo seu rosto. Thulin não tem tempo para reagir quando Hess se levanta e avança no homem. Mas Bekker está preparado e no mesmo instante puxa a corda. O alarme soa com um volume ensurdecador; quase imediatamente a porta de metal é

escancarada e homens fortes entram. Linus Bekker se transforma novamente no homem com ar infantil e expressão amedrontada.

O portão está se abrindo devagar, mas Hess não consegue esperar. Enquanto Thulin pega seus pertences de volta com o guarda atrás do vidro à prova de balas, ela o vê se espremendo pela abertura parcial e se apressando para o estacionamento. Quando o segue, o ar frio e úmido parece libertador, e ela respira fundo para se livrar de Linus Bekker.

Eles foram expulsos de lá. Dr. Weiland exigiu uma explicação para o incidente na sala de visitas. Bekker foi bastante convincente. Temeroso e ansioso, ele se afastou de Hess e Thulin como se tivesse sofrido danos físicos ou psicológicos. Para o médico, ele disse que Hess o “agarrou” e ficou fazendo “perguntas estranhas sobre morte e assassinato”, e o médico ficou do lado dele. Não adiantou argumentar contra as acusações; Hess e Thulin não tinham achado necessário gravar a conversa e, de qualquer forma, o celular deles estava com os guardas. A visita à ala de segurança do hospital psiquiátrico foi uma catástrofe. Ouvir os recados deixados no celular não melhorou em nada o humor de Thulin. Enquanto estavam lá, seu telefone tocou sete vezes e, quando ouve o primeiro recado, ela começa a correr na chuva em direção ao carro.

— Temos que voltar para o ministério. Eles encontraram alguns casos que precisamos verificar.

Thulin chega ao carro e o destranca, mas Hess continua parado na chuva.

— O ministério não importa. O assassino não vai mexer em nenhum dos casos para os quais ele mesmo nos guiou. Você não ouviu o que o Bekker acabou de falar?

— Eu ouvi um psicopata falando besteira e você enlouquecendo. Nada mais.

Thulin abre a porta, entra e larga a arma de Hess e seus pertences

no banco do passageiro. Ela confere a hora no relógio do painel do carro e se dá conta de que vai ter que pedir para o avô tomar conta de Le de novo. Hess mal pisou no carro quando ela dá partida e sai.

— Bekker sabia que nós viríamos. Estava esperando por isso desde que foi condenado. Sabe quem estamos procurando — afirma Hess enquanto fecha a porta.

— Ele não sabe porra nenhuma. Linus Bekker é um criminoso pervertido que leu alguma coisa na legenda da televisão. Ele queria nos provocar e você caiu como um patinho. No que estava pensando?

— Ele sabe quem a levou.

— Merda nenhuma. Ele é culpado. O mundo todo sabe que a garota está morta e enterrada. Só você parece não acreditar nisso. Por que cargas d'água ele ia confessar a porra de um crime que não cometeu?

— Porque ele de repente percebeu *quem* cometeu. Alguém por quem estava disposto a assumir a culpa, porque, na cabeça doente dele, sentiu que tudo isso faz parte de um plano grandioso. Alguém que ele admira, alguém que ele tem como exemplo. Quem Linus Bekker consideraria um exemplo?

— Ninguém. O cara é louco de pedra. Ele só se interessa por morte e destruição.

— Exatamente. Alguém que seja perito no que Bekker mais valoriza. Ele deve ter visto alguma coisa no arquivo de fotos de cena de crime que invadiu.

Ela demora a entender do que ele está falando. Mas assim que entende, mete o pé no freio, quase causando um acidente com um enorme caminhão que desvia deles pela estrada açoitada pela chuva. Uma fileira de carros segue o caminhão, enquanto Thulin sente o olhar de Hess.

— Desculpe se eu passei dos limites. Aquilo foi errado. Mas se Linus Bekker está mentindo, isso significa que ninguém sabe o que aconteceu com Kristine Hartung. Nem mesmo se ela está realmente morta.

Thulin não responde. Acelera novamente enquanto liga para alguém. Hess tem razão. Por mais irritante que isso seja. Demora um pouco, mas Genz atende. A conexão está ruim e soa como se ele

estivesse em um carro também.

— Ei, por que eu não consegui falar com vocês? Como foi com Bekker?

— É por isso que estou ligando. Você tem acesso a todas as fotos de cenas de crime que ele viu? As fotos do arquivo que ele invadiu.

Genz parece surpreso.

— Acho que sim, mas vou ter que verificar. Por quê?

— Explico depois. Mas precisamos saber em quais fotos Bekker demonstrou mais interesse. Será que é possível rastrear quais eram as imagens favoritas dele? Fazer uma lista das mais clicadas? Além das que ele salvou no próprio computador, se tiver salvado. Achamos que pode ter uma pista importante aí, então precisamos disso o mais rápido possível. Só garanta que Nylander não saiba disso, está bem?

— Pode deixar comigo. Posso falar com um dos caras de TI quando eu voltar. Mas não é melhor esperar até sabermos se Jansen está certo?

— Jansen?

— Ele não ligou para vocês?

Thulin fica nervosa. Esqueceu completamente Jansen desde o breve encontro com ele naquela manhã, quando estavam saindo da sala de Nylander. Ele parecia um zumbi. Retraído e mudo. Ela ficou mais tranquila quando viu que Nylander ia conversar com ele e acabar mandando-o de volta para casa. Algo lhe diz que não foi isso que aconteceu.

— Por que Jansen teria nos ligado?

— Para falar sobre o endereço em Sydhavnen. Eu ouvi quando ele pediu apoio pelo rádio, há um tempinho. Falou que seu instinto lhe disse que os suspeitos estavam lá dentro.

— Suspeitos? Que suspeitos? Jansen não está no caso.

— Ah, tá. Parece que ele não sabe disso. Agora ele está invadindo uma casa onde acha que os assassinos estão reunidos.

No banco da frente da viatura, Tim Jansen confere os cartuchos no pente da arma e o coloca de volta na sua Heckler & Koch. O reforço vai levar pelo menos dez minutos para chegar, mas isso não é problema. Ele nunca teve a menor intenção de esperar por eles. O assassino de Ricks talvez esteja dentro da casa, e Jansen prefere fazer o confronto inicial e o interrogatório sozinho. Pelo menos agora as pessoas sabem onde ele está, para o caso de ter algum problema e, quando pedirem para explicar por que entrou sozinho, ele sempre pode alegar que não teve escolha, que a situação exigiu que entrasse antes da chegada do reforço.

Jansen sente o vento úmido no rosto quando sai do carro. O velho bairro industrial em Sydhavnen é uma mistura de armazéns enormes, prédios novos, ferros-velhos e uma meia dúzia de residências espremidas entre fábricas. Poeira e lixo voam pelo ar e não há carros na rua enquanto ele caminha em direção à casa.

A construção de dois andares poderia ser confundida com uma residência, mas, quando se aproxima, ele vê o que resta de uma placa em uma parede gasta anunciando que já foi um matadouro. A janela ao lado da porta está coberta por um material preto, bloqueando totalmente a visão da rua, então Jansen segue pela entrada de veículos e chega a um pátio. O grande prédio retangular nos fundos do terreno deve ser o antigo matadouro. Ao longo da lateral da construção há plataformas sob grandes portões usados para carga e descarga. Um pouco afastado, o abatedouro é circundado por um jardim com uma cerca quebrada e três ou quatro árvores frutíferas que parecem prestes a ser arrancadas pelo vento. Jansen segue em direção ao prédio e nota uma porta dos fundos. Não há nenhuma placa, mas tem um capacho e um vaso com um abeto plantado. Bate na porta com uma das mãos, enquanto a outra solta a trava de segurança da arma no bolso do

Para Jansen, os dias desde a morte de Martin Ricks parecem irreais. A sensação de irrealidade começou quando viu o corpo do parceiro no meio das luzes da ambulância e dos latidos dos cachorros da polícia que faziam buscas nos loteamentos de Hammock Gardens. Ao chegar de Urbanplan, ele não sabia de nada sobre o amigo e então, de repente, se viu olhando para algo incompreensível. Primeiro achou que aquela figura pálida não podia ser seu parceiro. Que a morte não podia ter reduzido Ricks àquele corpo inerte aos seus pés. Mas foi exatamente assim. E embora nas horas que se seguiram Jansen tivesse quase esperado que Ricks aparecesse para brigar com alguém por tê-lo deixado largado sobre o cascalho por tanto tempo, isso não aconteceu.

Viraram parceiros quase por acaso, mas como Jansen bem lembrava, estavam em sintonia desde o primeiro dia. Ricks possuía exatamente as qualidades que o tornavam um parceiro suportável. Não era particularmente inteligente, nem respondão — na verdade, ele não falava muito —, no entanto, era extremamente obstinado e leal quando você o conquistava. Além disso, Ricks nutria uma desconfiança saudável em relação a quase tudo e todos, provavelmente por ter sido tão sacaneado quando era criança, e Jansen rapidamente percebeu como poderia aproveitar todo o potencial do cara. Se ele era a cabeça, então Ricks era o corpo, e eles logo passaram a compartilhar uma aversão natural pelos chefes e pelos advogados, porque essas pessoas não sabiam nada sobre o trabalho policial. Juntos eles prenderam tantos motoqueiros, paquistaneses, maridos abusivos, estupradores e assassinos que deviam ter recebido uma chuva de promoções e medalhas até se aposentarem. Mas não era assim que a sociedade funcionava. As bênçãos do mundo não eram distribuídas de forma justa. Eles costumavam conversar sobre isso, comemorando seus feitos nos bares e boates até estarem bêbados ou acabarem em um pequeno bordel em Ydre Østerbro.

Tudo isso acabou. O único agradecimento que Ricks ia receber era o nome gravado ao lado de outros no memorial da delegacia. Jansen

não é um cara sentimental, mas, quando chegou ao trabalho na manhã do dia anterior, sentiu o peso de caminhar pelo pátio colunado sabendo daquilo. Ficou em casa por dois dias. Na noite do assassinato, estava chocado demais para ajudar de qualquer forma além de informar à noiva de Ricks o que tinha acontecido e, mais tarde naquela noite, sua esposa acordou e o encontrou apático, sentado na sala totalmente escura, em Vanløse. No dia seguinte, sua família foi a uma festa de aniversário, enquanto ele ficou em casa montando uma estante de livros no quarto do filho. Mas as instruções eram incompreensíveis e, por volta das dez e meia da manhã, Jansen começou a beber vinho branco. Quando a esposa chegou em casa com os filhos naquela tarde, ele tinha cambaleado até o barracão do jardim, tomando vodca com Red Bull, e quando acordou no chão soube que precisava voltar logo ao trabalho.

Segunda-feira foi seu primeiro dia de volta. A delegacia estava fervilhando de atividade e objetivo, e as pessoas o cumprimentaram com um aceno compassivo. Nylander se recusou a permitir que continuasse no caso, é claro. Então ele juntou alguns colegas no vestiário e deixou claro que, assim que recebessem qualquer informação importante sobre o assassino, queria ser informado. Alguns pareceram não concordar, mas outros compartilhavam sua opinião: que Ricks tinha morrido porque Hess e Thulin não estavam prontos para lidar com aquilo. Além disso, um deles era responsável por vaziar a informação para a imprensa. Provavelmente Hess. E as constantes dúvidas que ele levantava em relação ao caso Hartung eram um tapa ainda maior na cara, agora que Ricks tinha sido assassinado.

Infelizmente, as coisas ainda estavam paradas quando seus colegas foram enviados para o ministério naquela manhã. Jansen não tinha nada de importante para fazer, então seguiu até o subúrbio de Greve, comprou seis latinhas de cerveja em um quiosque no caminho e tomou algumas antes de bater na porta do pequeno apartamento perto da estação de metrô onde Ricks morara. A noiva dele estava em lágrimas. Ele foi convidado a entrar e tinha acabado de aceitar uma xícara de chá quando um dos detetives ligou do ministério. Tinham algumas

teorias — pessoas que possuíam bons motivos para odiar o Estado, o sistema, o Ministério do Bem-Estar Social e o mundo como um todo. Jansen ficou ouvindo as opções e um dos casos pareceu oferecer um motivo mais forte. Depois de se certificar de que Thulin e Hess não tinham sido informados, desligou, pediu licença para a noiva de Ricks e seguiu direto para o endereço de Sydhavnen.

— Quem é? — respondeu uma voz atrás da porta.

— Polícia. Abra!

Jansen bate impacientemente, a mão segurando a arma no bolso. A porta se abre e um rosto enrugado, com expressão preocupada, aparece. Jansen esconde a surpresa. É uma velha e ele sente o cheiro de cigarro e comida estragada vindo de dentro da casa.

— Preciso falar com Benedikte Skans e Asger Neergaard — diz Jansen, repetindo os nomes que seus colegas no ministério passaram, mas a velha nega com a cabeça.

— Eles não moram mais aqui. Se mudaram há uns seis meses.

— Mudaram? Para onde?

— Sei lá. Eles não disseram. Do que se trata?

— Você mora aqui sozinha?

— Moro, sim. Mas não me lembro de ter deixado você usar esse tom comigo.

Jansen hesita por um momento. Não esperava uma coisa dessas. A velha começa a tossir e se enrola mais no casaco contra o frio que vem da rua.

— Tem mais alguma coisa em que eu possa ajudar?

— Deixa pra lá. Sinto muito por incomodar.

— Adeus, então.

Jansen se afasta e a velha fecha a porta. Por alguns segundos ele não tem certeza do que fazer. A resposta da mulher o pegou desprevenido. Está prestes a voltar para o calor do carro e ligar para os colegas no ministério quando seu olhar é atraído por um movimento na janela do segundo andar. Ele se dá conta de que está olhando para um móbile pendurado no teto. Um móbile de passarinhos, do tipo que se pendura acima de um berço, e Jansen sabe

imediatamente que aquilo não deveria estar ali se a velha estivesse dizendo a verdade sobre Benedikte Skans e Asger Neergaard terem se mudado.

Bate novamente, com mais força dessa vez. Quando a velha finalmente abre a porta, ele a empurra para passar, entrando na casa e sacando a arma. A mulher grita em protesto. Ele segue resolutos pelo corredor, entra na cozinha e caminha até a sala que fora a loja. Depois de se assegurar que está vazia, vai para as escadas que a velha tenta bloquear com o próprio corpo.

— Saia do caminho!

— Não há nada lá em cima. Você não pode...

— Cale a boca e saia da minha frente!

Jansen grita e a empurra, subindo a escada com a mulher choramingando atrás dele. Com a arma em riste e o dedo no gatilho, vai abrindo todas as portas. As duas primeiras são quartos normais, mas a última é um quarto de bebê.

O móvel está pendurado em cima do berço, mas não há ninguém ali e, por um instante, Jansen acha que cometeu um erro. Então nota uma parede atrás da porta e sabe imediatamente que descobriu quem matou Martin Ricks.

Já escureceu e, a essa hora, os últimos carros normalmente estão partindo de Sydhavnen, deixando as ruas desertas. Mas não hoje. Do lado de fora da casa desmantelada que outrora abrigava o maior matadouro de Copenhague, as ruas estão cheias de policiais e técnicos forenses, andando de um lado para outro com suas pranchetas. Os carros formaram uma fila e os potentes refletores iluminam todas as janelas na frente da construção. Do quarto no primeiro andar, Hess ouve a senhora chorando de vez em quando enquanto é interrogada — e o som se mistura com instruções bruscas, passos, mensagens de rádio crepitantes —, mas principalmente a conversa de Thulin e Jansen perto da porta.

— Mas quem foi que lhe deu a pista para vir até aqui?

— E quem disse que alguém me deu alguma coisa? Talvez eu só estivesse dando uma volta.

— E por que você não ligou?

— Para você e Hess? Por que eu faria isso?

A foto deve ter uns dois anos, mais ou menos. O vidro está sujo, mas tem uma moldura bonita com detalhes pretos na beirada. Ela foi colocada sobre o travesseiro, dentro do berço branco, ao lado de uma chupeta e um cacho fino de cabelo claro. A jovem mãe na foto está ao lado de uma incubadora, segurando um bebê enrolado em um cobertor e sorrindo para a câmera. É uma expressão forçada, evidenciando cansaço e um esforço enorme, e, como a jovem ainda está usando a veste amarrotada do hospital, Hess imagina que a foto tenha sido tirada logo depois do parto. O sorriso não chega aos olhos da garota. Há um quê de fragilidade, alguma coisa irreal na sua expressão, como se alguém tivesse colocado o bebê no seu colo e ela estivesse tentando representar um papel para o qual não está preparada.

Não há a menor dúvida de que Benedikte Skans, na fotografia, é a mesma enfermeira bonita e de rosto sério que ele e Thulin conheceram na ala pediátrica do Rigshospital quando foram interrogar Hussein Majid sobre Magnus Kjær e Sofia Sejer-Lassen. Desde que a foto foi tirada, o cabelo cresceu, o rosto ficou envelhecido e o sorriso desapareceu. Mas é ela, e Hess se esforça para desvendar a conexão.

Desde que ele e Thulin saíram da ala de segurança do hospital psiquiátrico, a conversa com Linus Bekker pesava dentro dele, como um câncer se espalhando. Toda a sua atenção e energia giravam em torno da possibilidade de identificarem o assassino através de imagens no arquivo que Bekker invadiu, mas então as notícias começaram a chegar. Primeiro, na conversa com Genz, e depois com um dos detetives que deixaram no ministério, que tinha corrido para Sydhavnen depois da ligação de Jansen, pedindo reforços. Não precisava de muita imaginação para deduzir que Jansen recebeu a pista de um dos detetives que estavam analisando os arquivos no ministério, mas naquele momento esse detalhe parece irrelevante diante da descoberta sobre Benedikte Skans e seu namorado.

— O que descobrimos?

Nylander acaba de chegar, e Jansen parece aliviado pela interrupção.

— O contrato de aluguel foi feito em nome de Benedikte Skans. Uma enfermeira de vinte e oito anos que trabalha no Rigshospital. O filho dela com o namorado foi retirado de casa pelo Conselho Tutelar de Copenhague há dezoito meses. A criança foi mandada para uma família de acolhimento e Benedikte Skans entrou com um processo. Também procurou a imprensa e atacou o Ministério do Bem-Estar Social por encorajar os Conselhos Tutelares a tirarem crianças de suas famílias.

— Rosa Hartung.

— Exatamente. A mídia adorou isso, até se dar conta de que o Conselho Tutelar teve bons motivos para retirar a criança, e o caso foi esquecido. Mas não por Benedikte Skans e o namorado, porque logo depois o filho deles morreu. Skans foi trancafiada em um hospital psiquiátrico e só saiu em abril deste ano. Ela conseguiu o emprego de

volta e se mudou para cá com o namorado, mas, como podem ver nessa parede, nunca se esqueceram do acontecido.

Hess está ocupado observando a parede e não presta atenção. Conhece a maioria das informações pelo arquivo do Conselho Tutelar de Copenhague, que um dos detetives trouxe do ministério. Benedikte Skans desperdiçou a juventude em noites regadas a drogas, em Tingbjerg, e em um treinamento incompleto em uma boutique de roupas. Então, aos vinte e um anos, foi aceita na faculdade de enfermagem em Copenhague. Ela concluiu o curso com boas notas e isso foi mais ou menos na mesma época que conheceu o namorado, Asger Neergaard, que estava alguns anos à frente dela na escola que frequentaram em Tingbjerg. Nesse intervalo, Neergaard entrou para o Exército em Slagelse e foi enviado em uma missão no Afeganistão. Juntos eles criaram um lar no prédio dilapidado do antigo matadouro. Benedikte Skans conseguiu emprego como enfermeira na ala pediátrica do Rigshospital, enquanto ela e o namorado tentavam ter o próprio filho. De acordo com as observações do assistente social, quando Benedikte engravidou, começou a demonstrar sinais de ansiedade e questões de autoestima. Aos vinte e seis anos, deu à luz um menino prematuro, com apenas sete meses de gestação, o que causou uma psicose puerperal. Ao que tudo indica, o pai não foi de muita ajuda. O assistente social considerou o pai de vinte e oito anos um soldado imaturo e introspectivo, às vezes agressivo, se Benedikte Skans o irritasse. O Conselho Tutelar se esforçou para oferecer suporte através de diversos programas, mas depois de seis meses os problemas psicológicos de Benedikte Skans só tinham piorado, e ela foi diagnosticada com transtorno bipolar. Quando não conseguiram contato com a família por algumas semanas, o Conselho Tutelar procurou a polícia, que fez uma busca — o que se provou a decisão certa. O menino de sete meses foi encontrado inconsciente no berço, com o corpo todo sujo de fezes e vômito, e havia sinais preocupantes de subnutrição. No hospital, os médicos descobriram que ele tinha asma e alergias alimentares, que transformaram os pedacinhos de chocolate com nozes que eles lhe davam em um verdadeiro perigo.

Embora a intervenção provavelmente tenha salvado a vida do

menino, aquilo despertou toda a fúria de Benedikte Skans. Foi entrevistada várias vezes, expressando toda sua indignação diante da forma como ela e sua família foram tratadas: “Se eu sou uma péssima mãe, então existem muitas como eu”, dizia uma das manchetes de jornal colocada no arquivo do caso. Como o Conselho Tutelar não tornou pública a negligência que a criança sofreu, deve ter parecido que o caso de Skans era bom — mas então Rosa Hartung foi a público, lembrando tanto a imprensa quanto os Conselhos Tutelares de que, para o bem das crianças, o parágrafo quarenta e dois da legislação vigente deveria ser interpretado da forma mais rigorosa possível. A mídia se calou. Logo em seguida o menino faleceu por causa de uma doença pulmonar aguda, apenas dois meses depois de ter sido tirado de casa. Benedikte Skans reagiu de forma violenta com o assistente social que foi lhe dar a notícia, e suas consultas com psiquiatras se transformaram em uma longa internação em Sankt Hans, em Roskilde. Ela recebeu alta em abril e voltou ao antigo emprego no Rigshospital como uma experiência.

Hess estremece diante da ideia, porque a parede atrás da porta deixa bem claro que a mulher não é nem um pouco sã.

— Na minha opinião, ela e o namorado estão nisso juntos — continua Jansen, dirigindo-se a Nylander. — Eles obviamente se sentiram injustiçados e bolaram um plano para debochar da ministra e ridicularizá-la ao expor o sistema e punir mulheres que não estavam tomando conta dos filhos. Como você pode ver, não resta dúvidas de quem é o alvo.

Jansen não está errado quanto a isso. Enquanto um lado do quarto é um mausoléu para a criança morta, o outro lado revela uma obsessão patológica com Rosa Hartung. Da esquerda para a direita, há recortes de manchetes e fotos de jornal sobre o desaparecimento de sua filha, incluindo fotos da própria ministra enlutada, tiradas por paparazzi. Palavras como “Esquartejada e enterrada” ou “Estuprada antes de ser esquartejada” estão coladas de forma debochada ao lado de uma foto de Rosa Hartung toda de preto e chorando na cerimônia memorial. Há várias manchetes sobre a ministra, por exemplo, “Rosa Hartung arrasada” ou “Abatida pelo luto”, mas os recortes dão um salto no

tempo e, mais para a direita da parede, há novas fotos, provavelmente de três ou quatro meses atrás, com manchetes como “Hartung está de volta”. Em um artigo colado na parede, há um círculo desenhado em volta do retorno da ministra na primeira terça-feira de outubro e, ao lado, uma folha A4 com várias selfies de sua filha assim como as palavras “Bem-vinda de volta. Você vai morrer, sua piranha”.

Bem mais preocupante, porém, é o fato de que os recortes dão lugar a outra série de imagens. Fotografias reveladas por filme, evidentemente tiradas em algum momento depois do fim de setembro, antes do outono. São fotos da casa da ministra tiradas de vários ângulos, do marido, do filho, de um ginásio esportivo, do carro oficial, do escritório no ministério em Christiansborg, assim como diversas impressões feitas do Google Maps mostrando as rotas no centro da cidade.

O material é devastador e derruba por terra o frágil castelo de cartas que Hess estava começando a formar desde que saiu do hospital psiquiátrico. Será que a visita a Linus Bekker foi uma perda de tempo? Por mais que tente, não consegue mais reconstruir sua linha de pensamento — mas não é só isso que o incomoda. Existe claramente outra ameaça. Algo mais próximo, que exige atenção *imediate*, bem quando acham que o caso está sob controle, então Hess continua analisando a parede, enquanto Nylander faz mais perguntas a Jansen.

— E onde está o casal agora?

— Ninguém vê a mulher no Rigshospital desde que ela ligou para avisar que estava doente, há alguns dias, e não sabemos onde está o namorado também. Temos poucas informações sobre ele. Não são casados, então tudo está no nome de Benedikte Skans, mas já solicitamos os documentos dele ao Exército. O Departamento de Inteligência já foi informado do que descobrimos?

— Ah, sim. A ministra está segura. Quem é a mulher lá em baixo?

— É a mãe de Asger Neergaard. Parece que ela também mora aqui. Ela diz que não sabe onde eles estão, mas ainda não terminamos de interrogá-la.

— Mas nós acreditamos que esse jovem casal seja responsável pelos assassinatos?

Hess ouve Thulin falar antes que Jansen possa responder, e é quando percebe vários alfinetes na parede. Alguns pedaços de papel ainda estão presos embaixo de um ou dois, como se as fotos tivessem sido arrancadas com pressa.

— Nós ainda não sabemos. Antes de tirarmos conclusões, precisamos....

— Do que mais você precisa? Meu Deus, basta ter olhos para ver! — exclama Jansen.

— Exatamente! Aqui tem muito material sobre Rosa Hartung, mas nada sobre as mulheres assassinadas. Se esse casal é responsável pelas mortes, então deveria haver algum sinal aqui, mas não tem nada.

— Mas a mulher trabalhou como enfermeira em uma ala onde pode ter conhecido pelo menos duas das vítimas e seus filhos. E você acha isso irrelevante?

— Não, eu não acho que seja irrelevante. Obviamente precisamos prendê-los e interrogá-los, mas isso não vai ser muito fácil agora que você anunciou com letreiros neon que estamos esperando por eles!

Hess ainda não consegue encontrar a foto que devia estar pendurada na parede e, ao fundo, ouve Nylander intervir.

— Pelo que parece, Jansen agiu de forma correta, Thulin. Segundo o médico psiquiatra que foi muito gentil ao me ligar alguns minutos atrás, você e Hess estavam muito ocupados assediando Linus Bekker... Apesar de eu ter ordenado especificamente que não fizessem isso. Vocês têm alguma explicação?

Hess sabe que chegou a hora de defender Thulin, mas em vez disso ele se vira para Jansen.

— Jansen, será que a mulher tirou alguma coisa daqui antes de você entrar?

— Mas que porra vocês queriam com Linus Bekker?

A discussão continua atrás dele enquanto Hess tenta pensar em onde esconderia algo, se a polícia estivesse batendo na porta. Quando arrasta uma cômoda da parede, uma fotografia amassada cai no chão e ele se apressa para pegá-la.

O jovem alto e com postura reta, que Hess imagina ser Asger Neergaard, está ao lado de um carro segurando um chaveiro. Usa um

terno escuro e o carro preto brilha sob o sol como se tivesse acabado de ser lavado e polido. O terno e o carro caro são um enorme contraste com o velho matadouro, caindo aos pedaços, ao fundo. A princípio, Hess não compreende por que a mãe de Asger Neergaard teria tentado se livrar daquela foto específica, mas seus olhos voltam para o carro e, quando ele retorna ao mural e o compara com o carro oficial de Rosa Hartung, não lhe resta nenhuma dúvida: o carro dela é idêntico ao da foto. No entanto, antes que Hess tenha a chance de dizer qualquer coisa, Genz enfia a cabeça pela porta, vestido com o macacão branco de sempre.

— Desculpe interromper. Nós acabamos de fazer uma busca no antigo abatedouro e vocês precisam ver uma coisa. Parece que um dos quartos foi usado para manter alguém preso por muito tempo.

Já é fim de tarde e a E20 a sudoeste de Copenhague está congestionada. Asger buzina para tentar conseguir passagem pela pista externa, mas a fileira de idiotas na frente insiste em dirigir devagar por causa da chuva, e ele começa a ficar impaciente. O carro oficial da ministra é um Audi A8 3.0, e essa é a primeira vez que ele tem a chance de usar toda a potência do motor. Não se importa em atrair a atenção, tudo que interessa agora é fugir. A merda toda explodiu e Asger sabe que é só uma questão de tempo até que a polícia descubra que ele e Benedikte estão por trás de tudo — se é que já não descobriram.

Tudo estava saindo exatamente como o planejado até trinta e cinco minutos atrás. Ele criou um álibi ao seguir o bastardinho até a aula de tênis e dar um oi para o gerente, que ficava sempre andando por lá antes do treino, para verificar as redes. Então se despediu e dirigiu até os fundos do ginásio, estacionando entre as árvores antes de entrar pela porta lateral que tinha deixado encostada ao seguir o garoto para dentro mais cedo. O ginásio estava bem vazio àquela altura, então foi fácil entrar no vestiário sem ser notado. O menino estava distraído se trocando e nem percebeu nada. Mas bem quando Asger estava pronto, de luvas e balaclava, pegando o clorofórmio, ouviu passos. O gerente estava entrando e, embora Asger tenha conseguido tirar a máscara rapidamente, foi estranho quando Gustav o viu lá. O gerente, por outro lado, pareceu aliviado.

— Ah, aqui está você. O Departamento de Inteligência está no telefone. Eles me pediram para encontrar o Gustav porque não conseguiam falar com você, mas agora você mesmo pode falar com eles.

Ele entregou o telefone para Asger. Um dos guarda-costas arrogantes de Hartung ordenou que levasse Gustav imediatamente até

a mãe, no ministério, onde surgiu uma emergência. A polícia havia descoberto o endereço de alguns suspeitos do assassinato, um matadouro abandonado em Sydhavnen. Asger sentiu um aperto na garganta. Ocorreu-lhe, então, que a polícia ainda não sabia que era *Asger* que procuravam. Ele levou uma bronca por não ter atendido o telefone e saiu do ginásio com o bastardinho. O gerente os acompanhou com o olhar, então ele teve que colocar Gustav no carro, embora nada disso importasse agora. O ministério era o último lugar para onde iria.

— Por que estamos indo por esse caminho? Esse não é o caminho para...

— Cale a porra da boca e me dê a merda do seu celular.

O garoto no banco de trás parece surpreso demais para reagir.

— Eu mandei me dar a porra do celular! Você é surdo?

Gustav obedece e Asger pega o telefone, abre a janela, o joga para fora do carro e ouve quando se espatifa contra o asfalto molhado. Asger percebe que o garoto fica assustado, mas não se importa. A única coisa que o preocupa é para onde ele e Benedikte devem ir agora, porque em nenhum momento chegaram a planejar uma rota de fuga ou algo do tipo. Asger pensou que já teriam desaparecido quando a polícia comesse a suspeitar de alguma coisa, mas as coisas claramente não saíram como o planejado. Sua cabeça está zunindo com o pânico, mas sabe que Benedikte vai perdoá-lo. Afinal, não foi por culpa dele que o plano deu errado. Ela vai entender e, desde que continuem juntos, tudo vai ficar bem.

Asger se sente assim desde que olhou nos olhos escuros dela pela primeira vez. Eles se conheceram na velha escola em Tingbjerg, onde cursaram o ensino médio. Ele estava algumas séries à frente e era apaixonado por ela desde então. Eles matavam aula, se embebedavam, fumavam e mandavam o mundo se foder. Benedikte foi a primeira garota com quem ele transou. Só que, quando foi expulso da escola por causa de todas as brigas e acabou em uma instituição para menores infratores em South Jutland, o relacionamento esfriou. Quase dez anos depois, ele a reencontrou em uma comunidade hippie em Christiania, aonde ela foi com uma de suas amigas enfermeiras, e no

dia seguinte conversaram sobre morar juntos.

Asger adora quando ela se aninha em seus braços e se sente protegida por ele, embora, no fundo, ela fosse muito mais forte. O tempo que passou no Exército foi bom, mas, depois de duas missões no Afeganistão dirigindo veículos de patrulha e caminhões de suprimento, ele saiu. Estava começando a sofrer ataques de pânico e costumava acordar molhado de suor, sentindo-se fraco. Mas Benedikte pegava sua mão e a segurava até ele se acalmar. Até a próxima vez, pelo menos. Quando chegava dos plantões, ela sempre contava a ele sobre as crianças de quem cuidava e, um dia, disse que queria uma família também. Asger viu no seu rosto o quanto aquilo significava para ela. Eles logo encontraram um lugar barato e grande, em um antigo matadouro — ninguém mais queria morar ali —, e quando Benedikte engravidou eles se certificaram de que Asger registrasse residência no endereço de um antigo amigo do Exército. Desse modo, ela seria elegível para a pensão governamental para mães solo da qual precisavam.

Asger não entendeu muito bem o que aconteceu com ela depois que o bebê nasceu, e começou a achar que devia ser culpa do filho. Terem tirado a criança deles foi um choque, claro, mas ele nunca chegou a se apegar ao menino de verdade. Depois do nascimento, Asger trabalhou muito como construtor de andaimes para levar dinheiro para casa, e, na opinião dele, Benedikte era uma boa mãe — certamente melhor que a dele, que estava sempre se enfiando em sua casa ou pedindo dinheiro para comprar bebida. Benedikte contratou advogados, procurou a imprensa e canais de TV, reclamando de Rosa Hartung, aquela imbecil filha da puta, mas não conseguiram nada, e ela explicou para ele, com lágrimas nos olhos, que os jornalistas não queriam mais ajudar. Logo depois, o garoto morreu por causa de alguma coisa no pulmão, e aquilo mudou tudo. Benedikte acabou sendo internada à força por ter dado um ataque com alguém do Departamento de Assistência Social. Todos os dias depois do trabalho, Asger ia até Roskilde visitá-la na ala psiquiátrica. No início, ela estava tão medicada que nem tinha expressões faciais, e uma médica lhe deu explicações longas e incompreensíveis que o fez querer jogá-la contra

a parede. Embora Asger fosse meio lento nisso, começou a ler jornais e revistas em voz alta para Benedikte. Ao voltar para casa sozinho todas as noites, ele se sentia solitário e impotente. Às vezes precisava encher a cara para conseguir dormir em frente à TV, mas quando a filha da ministra desapareceu, no último outono, eles começaram a fazer progressos.

O fato de a ministra ter perdido um dos filhos foi um grande conforto para Benedikte. Certa tarde em que foi vê-la depois do trabalho, ela colocou o jornal em uma cadeira para que ele lesse para ela. Foi o dia em que o caso foi resolvido e fechado. Aos poucos, os artigos começaram a desaparecer, mas Benedikte voltou a sorrir, e, quando o inverno chegou e o lago congelou atrás do hospital, eles começaram a fazer longas caminhadas. No início da primavera, quando Asger achou que já tinham deixado tudo aquilo para trás, os jornais anunciaram que Hartung voltaria a trabalhar depois das férias de verão. A notícia dizia que ela estava ansiosa para isso. Benedikte tinha segurado a mão de Asger com força, e ele soube que faria qualquer coisa que ela pedisse, desde que ela continuasse segurando sua mão.

Começaram a planejar tudo assim que Benedikte recebeu alta. A primeira ideia foi mandar ameaças anônimas por e-mail para a ministra, invadir sua casa e quebrar tudo, talvez até atropelá-la e deixá-la caída na rua. Mas quando Benedikte entrou no site dela para procurar o endereço de e-mail, apareceu um anúncio dizendo que a ministra estava procurando um novo motorista e o plano começou a ficar mais concreto.

Benedikte inscreveu Asger como candidato à vaga e, não muito tempo depois, ele foi chamado para uma entrevista com algum assistente, no ministério. Ficou óbvio que os idiotas não faziam ideia da sua ligação com Benedikte e da disputa midiática com o ministério, provavelmente porque seu endereço continuava diferente do dela. Na entrevista, eles enfatizaram que Asger tinha um excelente histórico militar, era flexível e não tinha obrigações familiares, e depois ele teve uma conversa casual com um agente de inteligência que deveria fazer a triagem dos candidatos. Quando conseguiu o emprego, ele e

Benedikte comemoraram fazendo uma colagem de fotos do Facebook da filha de Hartung para escrever um e-mail de boas-vindas para a ministra no seu primeiro dia de trabalho.

No dia que Asger começou a trabalhar, ele se encontrou com Rosa Hartung pela primeira vez. Ele a pegou na casa luxuosa em Østerbro e ficou recebendo ordens do assessor, Vogel, o tipo de babaca arrogante de quem Asger tinha vontade de quebrar a cara. Não muito depois, eles quebraram o para-brisa do carro oficial e espalharam sangue de alguns ratos que mataram no antigo abatedouro. Também inventaram vários outros ataques, quando, de repente, todos aqueles assassinatos estranhos e bonecos do sr. Castanha com misteriosas impressões digitais começaram a aparecer e arrastaram Rosa Hartung para as investigações. Nada daquilo o incomodou — nem a Benedikte —, mas então veio a bomba: a filha de Rosa Hartung, que todo o mundo acreditava estar morta, talvez não tivesse morrido, no fim das contas.

Aquilo os estimulou, mas agora Rosa Hartung estava sendo protegida por agentes do Departamento de Inteligência. Ficou impossível até mesmo para Asger colocar as mãos nela, então Benedikte começou a fazer perguntas sobre o bastardinho. Ele aceitou mudar de foco e achou que valeria ainda mais a pena pegar o garoto. Imaginou que a polícia podia acreditar que tinha sido o assassino a sequestrar Gustav, e agora, enquanto liga a seta e sai da estrada, não consegue deixar de pensar na ironia de que ele e Benedikte estivessem sendo procurados por crimes sobre os quais não sabiam nada.

A chuva está castigando o para-brisa e a última luz do dia já sumiu quando ele chega ao acostamento. Mais adiante, vê a van que alugaram naquela manhã, mas para deliberadamente a uns vinte metros e desliga o motor. Asger pega algumas coisas no porta-luvas e se vira rapidamente para o garoto.

— Você vai ficar aqui até alguém vir buscá-lo. Fica aqui. Entendeu?

O garoto concorda timidamente com a cabeça. Asger sai do carro, bate a porta e corre até Benedikte, que saiu da van e está esperando por ele na chuva, apesar de estar usando apenas um casaco fino de moletom.

Ela não parece nada feliz. Deve ter percebido que as coisas não

saíram como o planejado, e Asger explica para ela, sem fôlego, o que aconteceu.

— Temos duas escolhas, amor. Ou a gente some daqui, ou seguimos direto para a delegacia e explicamos tudo antes que as coisas piorem ainda mais. O que você quer fazer?

Mas Benedikte não responde. Nem mesmo quando ele abre a porta e estende a mão, pedindo a chave. Ela está parada na chuva, olhando para algum ponto atrás dele, com uma expressão séria que sumiu com o seu sorriso e sua gargalhada por tempo demais. Quando Asger olha por sobre o ombro, percebe que ela está encarando o rosto assustado do bastardinho contra a janela escura do carro oficial. De repente, Asger sabe que ela não vai mudar de ideia.

Rosa deixa o escritório do primeiro-ministro, seguindo o agente de inteligência pela escada, enquanto tenta em vão falar com Steen no celular. Mal pode esperar para falar com o marido — sabe que ele vai compartilhar da sensação de agitação que está sentindo agora. Momentos antes, o agente interrompeu sua reunião para informá-la de que a polícia tinha acabado de fazer uma busca e encontrado o que eles acreditavam ser o esconderijo dos assassinos. Rosa tentou conter suas emoções por muito tempo, mas, depois que Steen lhe fez ver que as impressões digitais encontradas nas castanhas tinham que significar alguma coisa, ela começou a nutrir esperanças. A descoberta da polícia pode ser a reviravolta que estavam esperando, mas ainda assim alguma coisa a deixa ansiosa e inquieta.

Quando Rosa chega à saída para a Prins Jørgens Gård, geralmente reservada para o escritório do primeiro-ministro, vários agentes estão esperando por ela. Eles a protegem enquanto a acompanham até um carro escuro e, depois que dirigem os noventa metros até o Ministério do Bem-Estar Social, repetem o procedimento quando ela sai do carro para a entrada principal.

Rosa ignora as perguntas dos jornalistas que estão acampados na porta do prédio e, quando entra e passa pela segurança, encontra Liu perto do elevador, esperando para subir com ela até o escritório. Desde que a mídia ficou sabendo das notícias sensacionalistas sobre Kristine, tentaram diversas abordagens, embora ela não tenha a menor intenção de fazer declarações. A princípio, ficou exasperada e zangada com Steen quando ele entrou em um frenesi sobre a banquinha de Kristine e sua amiga Mathilde, sobre bonecos de sr. Castanha ou de animais. Ela sabia que Steen bebia, e que se esforçava todos os dias para parecer forte, mas na realidade talvez fosse ainda mais frágil do que ela. Eles discutiram sobre o significado das digitais nas primeiras

cenas de crime — se eram importantes, se Mathilde e Kristine tinham feito ou não algum sr. Castanha no ano anterior —, mas então percebeu que ela podia dizer qualquer coisa e mesmo assim Steen não ia voltar atrás. Talvez ninguém mais estivesse do lado dele, em casa ou na polícia, mas ele convenceu Rosa. Não porque ela acredite na explicação dele, mas porque acredita *nele*, porque quer acreditar. Steen não é mais aquela sombra de si mesmo, como nos últimos meses, e quando ela perguntou, com voz trêmula, se ele realmente acreditava que a filha pudesse estar viva, ele assentiu e segurou suas mãos, e ela começou a chorar. Fizeram amor pela primeira vez em seis meses, e Steen lhe contou sobre seu plano. Ela o apoiou sem saber se realmente conseguiria seguir adiante, mas então, na noite de sexta-feira, ele anunciou no noticiário sua crença de que Kristine ainda estava viva. Exatamente como no ano anterior, ele encorajou as pessoas a darem informações, pediu para o sequestrador soltar Kristine. Rosa tentou assistir à reportagem com Gustav, preparando o terreno da melhor forma possível. Mas o filho ficou muito zangado, ele não entendia. E Rosa compreendia a sua confusão e relutância. Quase se arrependeu da decisão. Mais tarde naquela mesma noite, Rosa e Steen receberam a informação de que outro boneco sr. Castanha com a impressão digital de Kristine tinha sido deixado em uma cena de crime — o terceiro —, e a notícia lhes deu esperança, mesmo que o chefe da Divisão de Homicídios e os dois detetives que conversaram com ela mais cedo insistissem que não devia ter nenhuma.

Por outro lado, todas as mensagens bem-intencionadas que receberam das pessoas que viram Steen na TV foram inúteis. A investigação pessoal que Steen começou a fazer sobre o dia do desaparecimento de Kristine também não produziu nenhum resultado. No fim de semana, ele começou a reconstituir os vários caminhos que Kristine poderia ter pegado para voltar para casa depois do treino no ginásio esportivo, esperando descobrir novas possibilidades ou testemunhas que ajudassem a resolver aquele quebra-cabeça. Como arquiteto, ele tinha acesso a plantas de sistemas de esgoto, túneis e subestações elétricas, que talvez tivessem sido usados para tirar

Kristine de vista rapidamente. Era como procurar uma agulha no palheiro, mas Rosa ficou emocionada ao ver a dedicação dele à tarefa. Então não via a hora de contar para ele como sua reunião foi interrompida momentos antes, uma reunião desagradável, diga-se de passagem, que começou quando o primeiro-ministro a cumprimentou na porta.

— Entre, Rosa. Como vai?

Ele lhe deu um abraço.

— Não estou lá grandes coisas, mas obrigada. Já tentei marcar outra reunião com Gert Bukke diversas vezes, mas ele não retorna as minhas ligações. Então acho que devemos começar as negociações com o outro lado o mais rápido possível.

— Eu não estava me referindo a Bukke. Nesse momento está bem claro que ele não está disposto a conversar com a gente. Eu estava me referindo a você e ao Steen.

Rosa tinha presumido que eles esperavam um relatório sobre o atraso nas negociações do orçamento, mas o ministro da Justiça também estava lá e a pauta parecia ser bem diferente.

— Por favor, não me leve a mal. Nós entendemos a sua posição, mas, como sabe, o governo já está um pouco arranhado este ano, e a situação atual certamente não ajuda muito. As aparições de Steen na mídia são uma crítica velada ao trabalho do ministro da Justiça, que já explicou várias vezes que o trágico caso de Kristine foi extensamente investigado, que nenhuma pedra deixou de ser revirada e que tudo foi feito para ajudá-la. E você mesma já expressou sua gratidão por isso, mas agora dúvidas muito sérias estão sendo levantadas em relação à credibilidade dele.

— Eu diria que é a credibilidade de *todo* o governo — interveio o ministro da Justiça. — Meu gabinete está recebendo uma chuva de ligações dia e noite. Jornalistas estão fazendo requisições baseadas na liberdade de informação, a oposição quer que o caso seja reaberto, e houve até algumas ligações para me arrastar para uma reunião oficial a fim de discutir isso. Por mim, tudo bem, mas esta manhã o próprio primeiro-ministro recebeu uma solicitação para comentar o caso.

— É claro que eu não tenho a menor intenção de fazer isso, mas a

pressão é inquestionável.

— E o que vocês querem que eu faça?

— Eu gostaria que você se alinhasse oficialmente com o ministro da Justiça. Distancie-se um pouco do que Steen está dizendo. Eu entendo que vai ser difícil, mas preciso que você esteja à altura da confiança que depus em você ao permitir que voltasse ao ministério.

Rosa ficou indignada. Insistiu que havia *sim* incertezas em relação ao caso. O primeiro-ministro tentou encontrar um meio-termo, mas o ministro da Justiça pareceu cada vez mais frustrado antes de serem interrompidos. Rosa não se importou. Por ela, os dois podiam ir para o inferno. Deixa uma mensagem de voz rápida na caixa-postal do celular de Steen enquanto ela e Liu entram no escritório.

— Como foi com o primeiro-ministro? — pergunta Vogel.

— Não importa. O que você sabe?

Vogel, dois agentes da inteligência, Engells e alguns outros colegas estão reunidos em volta da mesa, e ela se senta enquanto eles resumem a situação. Dez minutos antes, o Serviço de Inteligência informou ao ministério o nome de uma pessoa que aluga uma propriedade em Sydhavnen, e Engells imediatamente localizou o arquivo do caso contra Benedikte Skans. Eles repassam tudo para ela, embora Rosa lembre bem agora, e Engells e Vogel se superam nas especulações sobre o que pode estar acontecendo. Um dos agentes recebe uma ligação e sai da sala para atender. Rosa ouve o outro agente lhe perguntar se ela se lembra de qualquer contato recente com Benedikte Skans — ou seu namorado. Eles ainda não conseguiram uma foto dele, mas muitas fotos de Benedikte Skans saíram na imprensa.

— Esta aqui é ela.

Rosa identifica a jovem de olhos escuros e furiosos. É a garota que quase a derrubou com um esbarrão uma semana atrás no hall de entrada. Ela estava com um colete e um casaco vermelho com capuz, e o esbarrão aconteceu no mesmo dia que alguém escreveu com sangue no seu carro.

— Eu posso confirmar isso. Eu a vi também.

Os agentes anotam o que Vogel diz, e Engells continua lendo o

arquivo do caso: o filho de Benedikte Skans foi tirado pelo Conselho Tutelar, mas, tragicamente, o menino veio a falecer na casa da família de acolhimento e, de repente, Rosa percebe por que está tão preocupada.

— Por que Gustav ainda não chegou?

Vogel pega a mão dela.

— O motorista já está a caminho. Está tudo bem, Rosa.

— O que mais você lembra sobre Benedikte Skans? Ela estava com alguém naquele dia em Christiansborg? — insiste o agente.

Mas a sensação de preocupação persiste. Por algum motivo, Rosa se lembra de que o motorista perguntou ontem se era ele ou Steen que levaria Gustav à aula de tênis. Mas é o som da voz de Engells que a faz se empertigar.

— Parece que não temos muitas informações sobre o namorado. O pai do menino. A não ser que ele serviu no Exército e foi mandado para o Afeganistão para trabalhar como motorista. O nome dele é Asger Neergaard...

Vogel também congela e eles trocam um olhar.

— Asger Neergaard?

— É...

Rosa pega o seu celular na hora e verifica o aplicativo, enquanto Vogel se levanta com um salto e sua cadeira cai. É um aplicativo de segurança, “Ache meus filhos”, que ela e Steen instalaram no celular de Gustav no ano anterior para que o telefone do filho fosse sempre localizável. Mas o mapa GPS está em branco. O celular dele não está emitindo sinal. Antes que ela possa dizer qualquer coisa, o agente de inteligência volta para a sala, guardando o celular. No momento que vê o rosto dele, ela sente o chão sumir debaixo dos seus pés — exatamente como no dia do desaparecimento de Kristine.

Hess percebe de repente que já não está prestando atenção há vários minutos. Está sentado à esquerda de Thulin na longa mesa na sala de operações, os olhos fixos apaticamente na janela com vista para o pátio, que agora está coberto pela escuridão. À sua volta, um monte de vozes estressadas e nervosas, lembrando a todos da gravidade da situação. Ele já esteve ali antes. Não importa o local do mundo, a história é sempre a mesma quando se trata do sequestro de uma criança. A não ser pelo fato de que as coisas ficam um pouco mais intensas quando a vítima é o filho de uma política proeminente.

O carro oficial de Hartung foi encontrado abandonado há exatamente cinco horas no acostamento de uma estrada a sudoeste de Copenhague. Não havia rastros do garoto, nem de Benedikte Skans ou Asger Neergaard. Os sequestradores não fizeram nenhuma exigência. Encontrar o carro vazio deu início a uma das maiores buscas da história da Dinamarca. Fronteiras, aeroportos, estações de trem, pontes, estações de balsa e toda a costa, tudo está sendo patrulhado e observado, e Hess sente que toda a frota de viaturas da polícia está nas ruas, em vigilância. O Departamento de Inteligência e a Polícia de Copenhague estão compartilhando o controle de operações e até mesmo membros da Força Civil de Defesa foram arrancados de seus jantares para mergulharem nas sombras do outono. Colegas na Noruega, Suécia e Alemanha foram avisados, assim como a Interpol e a Europol, mas Hess não espera que eles façam parte das buscas. Se as autoridades internacionais entrarem em contato será porque existem indicações de que os sequestradores cruzaram várias fronteiras, e se isso acontecer, as chances de encontrarem Gustav Hartung ficam drasticamente reduzidas. Principalmente de encontrá-lo com vida. A regra de ouro nos casos de sequestro é que as chances são bem maiores de encontrar a vítima nas primeiras vinte e quatro horas,

quando o rastro ainda está fresco. E a cada dia que passa, as chances ficam menores, e Hess sabe bem que as estatísticas de Haia se baseiam em casos reais. Ele tenta pensar em qualquer coisa que não seja o outro caso de sequestro em que trabalhou, alguns anos antes, no qual houve a necessidade da colaboração da polícia francesa e alemã. Um menino de dois anos desapareceu em Karlsruhe, e o sequestrador exigiu, em francês, um resgate de dois milhões de euros do pai, um gerente de banco alemão. Hess estava presente na troca, mas ninguém apareceu para pegar o dinheiro no lugar combinado e, um mês depois, o garoto foi encontrado em um bueiro a menos de quinhentos metros da casa do banqueiro. O legista revelou que o crânio do menino estava quebrado, provavelmente porque o sequestrador o deixou cair enquanto fugia da área, no mesmo dia do sequestro. Eles nunca encontraram o assassino.

As circunstâncias do desaparecimento de Gustav Hartung felizmente são diferentes e ainda há espaço para otimismo. Os detetives estão agora interrogando colegas de Asger Neergaard no ministério e em Christiansborg, enquanto outros estão fazendo o mesmo em relação a Benedikte Skans, no Rigshospital. Até o momento, ninguém sabe dizer para onde o casal pode ter fugido com o garoto, mas é cedo demais para descartar a possibilidade de que tenham fugido. O noticiário está cheio de imagens de Gustav Hartung, o que dificultará muito para os sequestradores viajarem com o garoto. Isso é bom e ruim. Bom porque a maioria das pessoas logo vai conseguir reconhecer Gustav Hartung e informar às autoridades se o virem. Ruim porque isso põe uma enorme pressão nos sequestradores, e sempre existe a chance de eles tomarem uma decisão fatal no calor do momento. A questão foi discutida entre os policiais sêniores e agentes de inteligência, mas no fim das contas foi irrelevante. A família Hartung insistiu em fazer o alerta sobre o garoto, acabando com a discussão. Hess compreende completamente a decisão. Um ano atrás, a família passou por um pesadelo do qual mal tinham acordado, e agora um novo pesadelo está começando. Nenhuma possibilidade podia ser deixada de lado. Ao seu lado, ouve a voz impaciente de Thulin se dirigindo a Genz, que está no meio da atualização das descobertas do Departamento Forense pelo viva-voz

do celular de Nylander, em cima da mesa.

— Alguma novidade em relação ao celular deles?

— Não. Nem Benedikte Skans nem Asger Neergaard ligaram o telefone desde as 4h17 desta tarde, o que imagino que seja a hora do sequestro. É possível que estejam usando telefones não registrados, mas não podemos...

— E os iPads e notebooks da casa deles? Tinha pelo menos um iPad e um notebook Lenovo lá, e talvez haja algum recibo de passagens aéreas, balsas, trens. Ou cobranças de cartão de crédito?

— Como eu disse, ainda não encontramos nada de útil. Vai levar um tempo até eu conseguir acessar os arquivos apagados do Lenovo, porque foi danificado e...

— Então você ainda não verificou porra nenhuma. Genz, não temos tempo para isso! Se existem arquivos apagados no Lenovo, tudo que você precisa fazer é passá-lo pelo programa de recuperação de dados. Pelo amor de Deus!

— Thulin, Genz sabe o que está fazendo. Genz, entre em contato assim que descobrir alguma coisa.

— Claro. Vou voltar ao trabalho.

Nylander desliga e coloca o celular no bolso. Thulin se levanta e parece um boxeador cuja entrada no ringue foi vetada.

— Mais alguma coisa? Vamos prosseguir — continua Nylander.

Jansen empurra um bloco pela mesa.

— Conversei com a psiquiatra no hospital em Roskilde. Ela não disse nada que nos ajude agora, mas não há dúvida de que Benedikte Skans perdeu uns parafusos com a morte do filho. Uma das médicas afirma que a mulher se recuperou completamente durante a internação, mas não descarta a possibilidade de comportamento violento. Que ótimo, valeu. Isso é tão reconfortante quando você pensa que Skans trabalha na ala pediátrica de um hospital.

— Então não fazem ideia de onde ela pode estar. E Asger Neergaard?

— Ex-soldado, trinta anos, foi enviado para o Afeganistão duas vezes como motorista nos grupos de batalha sete e onze. Suas avaliações são decentes, mas, quando começamos a fazer perguntas

para seus antigos colegas de alojamento, alguns falaram que ele deixou o Exército por motivos que vão um pouco além de ter enchido o saco.

— Desembuche logo.

— Alguns disseram que ele tinha tremores e evitava contato com os outros. Seu temperamento começou a ficar difícil e agressivo e ele passou a exibir alguns sinais de transtorno do estresse pós-traumático, embora nunca tenha recebido nenhum tratamento para isso. Eu não consigo entender como o Departamento de Inteligência o aprovou para ser motorista oficial da ministra, e imagino que algumas cabeças vão rolar por lá.

— Mas ninguém com quem você falou sabe onde ele pode estar?

— Não. Nem a mãe. Pelo menos ela diz que não.

— Então podemos terminar por aqui e continuar trabalhando. Ainda não temos nenhuma pista, e isso não é nada bom. Não há dúvidas quanto ao motivo no caso Hartung, então precisamos concentrar nossas energias em encontrar o garoto. Por enquanto, vamos nos desviar da investigação dos quatro assassinatos que eles cometeram, até o garoto estar são e salvo.

— *Se eles cometeram os assassinatos* — diz Hess, e é a primeira vez que fala na reunião. Nylander olha para ele como se houvesse um estranho na porta, querendo entrar. Hess continua, antes que seja impedido: — Até agora não há nada de concreto na propriedade do casal que indique qualquer envolvimento com os assassinatos. Eles mandaram ameaças de morte para Rosa Hartung e planejaram e executaram o sequestro do filho dela. Mas não há nada lá sobre as três mulheres assassinadas, e Asger Neergaard tem álibi para pelo menos um dos assassinatos. De acordo com os relatórios do Departamento de Inteligência, enquanto Anne Sejer-Lassen estava sendo assassinada, ele estava na companhia de Rosa Hartung e sua secretária no pátio perto do ministério.

— Mas Benedikte Skans não estava.

— Não, mas isso não significa necessariamente que ela tenha matado Anne Sejer-Lassen. De qualquer forma, qual teria sido o motivo?

— Eu não quero mais ouvir nenhuma defesa sobre sua visita a Linus Bekker. Benedikte Skans e Asger Neergaard são os principais suspeitos. Ponto final. Nós vamos discutir a visita de vocês depois.

— Mas eu não estou tentando defender...

— Hess, se você e Thulin tivessem usado melhor seu tempo, dedicando-se aos arquivos no ministério, talvez tivessem chegado a Skans e Neergaard mais cedo e, nesse caso, o sequestro de Gustav Hartung nem teria chegado a acontecer! Vocês estão entendendo aonde eu quero chegar?

Hess cala a boca. Ele estava pensando o mesmo e, por um momento, se sente culpado, mesmo sabendo que é injustificado. Nylander sai da sala, Jansen e os outros o seguem, enquanto Thulin pega o casaco na cadeira.

— Agora o que importa é encontrar o garoto. Se eles não são os assassinos, nós vamos descobrir quem foi.

Ela não espera uma resposta. Hess observa Thulin passar pelo corredor e espiar pelos painéis de vidro enquanto os outros detetives trabalham diligentemente com a energia e o propósito que tomam conta de todos quando o caso está chegando a sua conclusão. Mesmo assim, Hess não consegue compartilhar a sensação. Ele se sente como uma marionete com os fios presos ao teto, e, quando se levanta, é para sair e respirar um pouco de ar puro.

Asger não costuma se incomodar com a escuridão. Seus olhos se ajustam rapidamente, e, em geral, ele se sente calmo e controlado mesmo enquanto dirige em alta velocidade sob a chuva forte, como agora.

Foi no Afeganistão que começou a gostar de dirigir à noite. Quando tropas ou suprimentos precisavam ser transportados de um acampamento para outro, aquilo às vezes acontecia depois do pôr do sol, e, embora os colegas de Asger associassem aquele tipo de viagem a perigo, ele sempre pensou diferente. De qualquer forma, sempre adorou estar ao volante. Era como se sua mente se expandisse e seu campo de visão se transformasse com o ritmo das novas paisagens. Mas foi no Afeganistão que descobriu que gostava mais de dirigir durante a noite. Mesmo que houvesse menos coisas para ver. A escuridão parecia oferecer um manto de proteção, trazendo uma calma e um equilíbrio que ele não tinha em outros momentos. Mas não é o que está sentindo agora. A estrada escura é cercada por uma floresta densa dos dois lados, e, embora ele mal consiga enxergar, parece que o perigo está à espreita, pronto para saltar da escuridão e engoli-lo por inteiro. Sente a pele formigar e a pressão nos ouvidos aumenta, enquanto ele pisa no acelerador como se estivesse fugindo da própria sombra.

Havia bloqueios da polícia em todos os cantos, e eles tiveram que mudar várias vezes de direção. Primeiro seguiram para o porto em Gedser e depois para a balsa sueca em Helsingør, mas nas duas vezes foram ultrapassados por um monte de viaturas da polícia com sirenes ligadas, e não era difícil descobrir para onde estavam indo. Agora, Asger decidiu seguir para Sjællands Odde, onde as balsas saem pela ponta da península. A Ponte do Grande Belt parece óbvia demais e por isso está fora de questão, mas Asger espera que a balsa para Jutland

esteja sem policiamento, embora saiba que isso é bem improvável. Sua mente está fervilhando de pensamentos sobre o que deveriam fazer se a estrada estiver bloqueada também, mas não tem outra escolha. E Benedikte está sentada taciturna e calada ao seu lado.

Asger foi contra levar o merdinha com eles, mas ela não aceitou discutir o assunto. Ele entende. Se tivessem simplesmente desistido, tudo não passaria de uma farsa, e a filha da puta da ministra jamais entenderia o que tinha feito. Parece apenas justo que ela também sofra o que eles sofreram, e Asger não tem problemas na consciência por ter sequestrado o garoto, que devia agradecer à mãe por estar sendo jogado de um lado para o outro na traseira do carro.

Asger pisa no freio. Por um instante, parece que vai perder o controle da van, derrapando no asfalto molhado, até que consegue estabilizar o carro. Um pouco mais à frente, vê o brilho de luzes azuis entre as árvores e, embora não esteja vendo as viaturas de polícia, sabe que estão esperando em mais um bloqueio depois da próxima curva. Ele deixa o carro diminuir até parar no acostamento.

— Que porra estamos fazendo?

Benedikte não responde. Asger manobra o carro e volta para a estrada, enquanto enuncia suas opções.

Quando ela finalmente fala alguma coisa, não é o que ele esperava ouvir:

— Entre na floresta. Na próxima curva.

— Por quê? O que vamos fazer lá?

— Eu disse para virar na floresta.

Quando chegam à próxima saída, Asger obedece e entra na floresta, e logo estão passando por uma estradinha de cascalho esburacada e estreita. Então ele entende o que ela quer. É claro que Benedikte também percebeu que estão cercados, então agora vão fazer a única coisa racional que podem: dirigir pela floresta para o mais longe possível e encontrar um lugar onde possam esperar a tempestade passar. Asger é o soldado, então deveria ter pensado nisso antes, mas é sempre Benedikte que encontra uma saída. Depois de dirigir por três ou quatro minutos, antes que a floresta fique densa demais, ela pede abruptamente para que ele pare o carro.

— Não, ainda não. Precisamos avançar um pouco mais. Eles vão ver a gente se...

— Pare o carro. Pare agora!

Asger pisa no freio e o veículo para com um solavanco. Ele desliga o motor, mas deixa os faróis acesos. Benedikte fica imóvel por um tempo. Asger não consegue ver seu rosto, só ouve sua respiração e a chuva batendo no teto. Ela abre o porta-luvas e pega alguma coisa antes de abrir a porta da van.

— O que você está fazendo? Não podemos perder tempo aqui!

Benedikte bate a porta e, por um instante, Asger fica sentado na cabine da van, ouvindo o eco da própria voz. Com a luz dos faróis, vê quando ela cruza a frente do carro e, ao passar pela sua porta, ele instintivamente a abre e salta.

— O que você está fazendo?

Benedikte passa por ele, estendendo a mão para abrir a porta de correr do compartimento traseiro. Asger vê o brilho do objeto afiado que ela está segurando na mão direita e se lembra de que deixou sua faca militar no porta-luvas naquela manhã, ao pegar a van na Hertz. Percebe o que ela pretende fazer e, embora fique surpreso com a súbita percepção de que gosta do merdinha, ele agarra Benedikte. Então sente como ela é forte e o quanto quer seguir em frente.

— Me solta! Me solta agora, eu já disse!

Eles lutam na escuridão, e Asger sente a faca cortá-lo perto da virilha enquanto ela tenta se libertar.

— Ele é só um garoto! Ele não fez nada com a gente!

Devagar, consegue puxá-la para si. Os braços dela ficam moles e Benedikte começa a chorar. As lágrimas a dominam por completo, e Asger não sabe por quanto tempo ficam ali na floresta, mas parece uma eternidade. É o melhor momento deles em muito tempo, e Asger sabe que Benedikte sente o mesmo. As forças contra eles são grandes demais, mas ainda têm um ao outro. Não consegue ver o rosto dela, mas as lágrimas pararam de cair, e ele tira a faca de sua mão e a joga no chão.

— Vamos libertar o garoto. É mais fácil se formos só nós dois, e, assim que a polícia o encontrar, eles vão relaxar um pouco, o.k.? Está

bem?

Asger tem certeza de que vai dar tudo certo agora que sente o corpo dela junto ao dele. Acaricia o rosto de Benedikte e beija suas lágrimas, sentindo quando ela assente e soluça. Ela ainda está segurando sua mão, e, com a outra, ele faz menção de abrir a porta de correr. Se indicarem ao garoto para onde deve andar, ele vai chegar ao bloqueio policial em algumas horas, e isso dará a Asger e Benedikte o tempo de que precisam.

Um barulho faz Asger parar e olhar em volta, atentamente, na escuridão. O som distante de um motor. Ele olha para o lugar de onde vieram, ainda segurando a mão de Benedikte. A menos de cinquenta metros, vê um par de faróis reluzindo nas poças da estrada, e logo os dois estão iluminados e começam a piscar diante da luz forte. O carro para e, depois que o motorista os observa por um tempo, desliga o motor e os faróis.

A floresta está completamente escura agora. Milhares de pensamentos explodem na cabeça de Asger. Primeiro ele pensa que pode ser uma viatura policial sem identificação, mas a polícia não estaria tão calma em uma situação como aquela, então acha que pode ser um fazendeiro ou um guarda-florestal. Aí percebe que o único motivo por que alguém passaria àquela hora pela estradinha de cascalho seria para encontrá-los. Mas não há como alguém tê-los visto entrando na floresta, e ele se certificara havia muito tempo que seus telefones não pudessem ser rastreados.

Asger sente Benedikte ficar tensa ao seu lado e, quando ouve a porta do carro se abrir, sua pergunta soa na escuridão, sem resposta:

— Quem está aí?

Ao ouvir o som de passos se aproximando, percebe que logo vai descobrir e imediatamente se abaixa para pegar a faca no chão.

Thulin esvazia o lixo no piso da cozinha, em cima de duas folhas de jornal, pega um garfo na gaveta e começa a vasculhar. Está usando luvas de látex, e o cheiro de comida podre, guimbas de cigarro e enlatados é azedo e sobe pelas suas narinas enquanto abre os recibos imundos, esperando que revelem para onde o casal pode ter ido. Genz e os técnicos da equipe forense já reviraram o lugar todo, mas Thulin prefere conferir por si mesma. Só que não encontra nada. Apenas itens do dia a dia comprados no supermercado, assim como recibos de lavanderia, supostamente para as roupas que Asger Neergaard usava trabalhando para Rosa Hartung. Thulin deixa o lixo ali. Está na parte habitável do antigo matadouro e, exceto por ela e alguns policiais uniformizados vigiando o lugar de certa distância, está tudo vazio. Até agora é obrigada a admitir que Genz e a equipe fizeram um trabalho perfeito. Não há nada ali que indique que o jovem casal tem outro lugar para ficar, nem qualquer sinal de que tenham rotas de fuga ou esconderijos alternativos. Mais cedo, confirmaram que um dos armazéns frios do antigo abatedouro foi equipado com um colchão no chão, um cobertor, um penico e algumas revistinhas do Pato Donald — ficou claro que era ali que pretendiam manter Gustav Hartung.

Thulin estremece diante do pensamento. Mesmo assim, pelo que observa na casa, não há qualquer indicação de que estejam lidando com assassinos a sangue-frio. Não da maneira que ela imagina, pelo menos. Ficou claro que Asger Neergaard mora ali e não no quatinho que supostamente aluga de um colega, e é bastante óbvio que ele gosta de mangás japoneses com mulheres peladas. Mas essa foi a coisa mais estranha que ela encontrou entre seus pertences. Diante disso, parece um indicativo maior de caráter o fato de ele gostar de seriados de comédia dos anos setenta e antigos filmes dinamarqueses estrelados por Dirgh Passer e Ove Sprogøe — o melhor que se pode dizer sobre

eles é que foram gravados em uma época ensolarada em campos verdejantes com bandeiras dinamarquesas flamulando ao vento. Asger os assistia em um aparelho de DVD enferrujado conectado a uma antiga televisão de tela plana, deitado em um sofá esfarrapado de couro; nada que gritasse psicopata ou insanidade para Thulin.

As evidências que encontraram sobre a personalidade de Benedikte, por outro lado, foram bem mais preocupantes. Havia livros sobre os poderes do Conselho Tutelar de tirar crianças dos pais, impressões de parágrafos da legislação do bem-estar social, que foram interpretadas e dissecadas, assim como periódicos jurídicos sobre assistência a menores de idade e assuntos semelhantes. Entre seus pertences, em várias gavetas na sala de estar, havia arquivos e pastas dedicados ao filhinho do casal, assim como a correspondência que tinha trocado com as autoridades e com seu defensor público. Em quase todas as páginas, Benedikte fez anotações à mão, algumas ilegíveis, mas todas terminando com vários pontos de interrogação e exclamação, e a raiva e a frustração por trás de tudo aquilo chegam a ser palpáveis. Também há álbuns de fotos de Benedikte na época da escola, um com uma foto dela com Asger Neergaard no gramado junto a uma estrada, assim como certificados e documentos do seu treinamento em enfermagem e diversos outros cursos sobre gestação e parto.

Quanto mais Thulin vê, mais difícil fica aceitar que o casal pode ser responsável pelos assassinatos que ela e Hess estão investigando. É muito difícil imaginar que teriam conseguido se safar durante semanas da vasta investigação, então ela chega à conclusão de que Hess está certo em se manter cético.

Depois de ver a parede do apartamento dele em Nørrebro, naquela manhã, ela começou a achar que Hess estava perdendo a cabeça. Que simplesmente não conseguia aceitar que a filha da ministra já estava morta havia muito tempo. Também não ajudou muito quando ele sugeriu aquelas visitas estranhas a Genz e à ala de segurança do hospital psiquiátrico. Ela tentou se lembrar de que não sabe muita coisa sobre Hess nem sobre seu passado, mas a viagem para interrogar Bekker a deixou com a pulga atrás da orelha, e agora Thulin está começando a considerar a ideia de falar com ele de novo, tentar

descobrir o que ele sabe sobre os assassinatos e sobre Kristine Hartung.

Nesse momento, porém, tudo que importa é Gustav Hartung, e quando Thulin acaba de remexer nas cômodas dos quartos, ela desce. Se for para o Departamento Forense agora, pode ajudar Genz com o notebook, que parece estar dando trabalho. Já virou no corredor ao fim da escada quando um barulho baixo a faz parar. O som de um alarme dispara em algum lugar do lado de fora da casa. O som é mais lento que um alarme de carro, mas tão insistente quanto. Virando-se e cortando caminho pela cozinha, Thulin chega ao corredor que leva ao abatedouro propriamente dito; ela abre a porta e o som fica mais alto. O grande corredor retangular está escuro, e ela para, sem saber ao certo onde estão os interruptores. De repente, se dá conta de que, se o casal não está por trás dos assassinatos, o verdadeiro assassino pode estar em algum lugar naquela escuridão. Tenta afastar o pensamento, não há motivo para crer que ele esteja ali agora. Mesmo assim, ela tira o revólver do coldre e solta a trava de segurança.

Usando a lanterna do celular, Thulin caminha pelo antigo abatedouro, seguindo o som, passando pelos armazéns frios, incluindo o que foi reservado para Gustav Hartung. Alguns estão completamente vazios, a não ser por ganchos para carne pendurados no teto, mas a maioria está cheia de caixas e velharias.

Ela para perto da porta do último armazém. O som está vindo lá de dentro e ela está a menos de dois passos quando percebe que Neergaard o estava usando como academia de ginástica. Com a luz fraca do celular, consegue enxergar pesos, uma barra de levantamento de peso, uma bicicleta ergométrica, um saco de areia que disputa o pouco espaço com coturnos enlameados e um uniforme camuflado imundo. O que lhe chama atenção, porém, é o fedor. Embora esteja em um antigo abatedouro, nenhuma das outras salas fede a carne podre, mas esta sim. O pensamento mal lhe passou pela mente quando nota um movimento no canto. Ela levanta o celular naquela direção e, embora os animais sejam banhados de luz branca, não reagem. Quatro ou cinco ratos estão roendo freneticamente o fundo de um frigobar, no canto, ao lado de algumas ferramentas de jardinagem e uma tábua de

passar roupa fechada. O display na frente do frigobar está piscando e tocando, provavelmente porque os ratos roeram a parte inferior da borracha de vedação da porta, fazendo com que ela se abrisse um pouco. Thulin se aproxima da geladeira, mas só quando cutuca os ratos com os pés é que eles fogem correndo por entre suas pernas. Eles param a pouca distância e ficam andando de um lado para outro, guinchando histericamente. Quando Thulin abre com cuidado a porta e olha o que tem na geladeira, leva a mão à boca para não vomitar.

— Mas você tem certeza *absoluta*? Benedikte Skans estava de plantão na noite de sexta-feira, de 16 para 17 de outubro?

— Sim. Cem por cento de certeza. A chefe de enfermagem na ala em que ela trabalha acabou de confirmar. Ela trabalhou no mesmo plantão.

Hess agradece ao detetive e desliga quando está chegando ao andar do gabinete de Rosa Hartung. Já são quase onze da noite e o escritório está cheio de tensão e nervosismo e telefones tocando. Alguns detetives ainda interrogam membros da equipe, duas funcionárias com olhos vermelhos estão falando com voz suave e fungando baixinho, e há embalagens de comida japonesa espalhadas pelas mesas, as quais ninguém teve tempo de abrir ainda.

— A ministra está na sala dela?

A secretária de aparência exausta assente para Hess, e ele segue para as portas de mogno enquanto decora a senha do iPad que pegou emprestado momentos antes, na sala de descanso do motorista, em Christiansborg.

Thulin estava certa quando disse que o filho da ministra era o mais importante agora, então Hess dirigiu da delegacia até o ministério para ajudar a encontrar informações sobre o comportamento do casal e possíveis esconderijos interrogando pessoas que lidavam todos os dias com Asger Neergaard. Porém, rapidamente ficou muito claro que ninguém sabia de nada. Os detetives já fizeram o trabalho e Hess não vai conseguir nada de novo falando com as mesmas pessoas. Neergaard não foi amigável com ninguém e certamente nunca falou sobre sua vida pessoal, o que fazia no tempo livre nem nada que fosse relevante. Em vez disso, Hess só ouve relatos sobre a personalidade dele. Algumas pessoas acharam o motorista estranho desde o início — esquisito, retraído e talvez até um pouco perigoso —, mas para Hess

esse tipo de depoimento tem todas as marcas de retrospecto. Há horas os canais de TV estão bombardeando a nação com a cobertura jornalística das buscas por Gustav Hartung, dando descrições dos supostos sequestradores, um dos quais — o que é bem sensacionalista — é o próprio motorista de Rosa Hartung. Se alguém duvidasse do potencial comercial da história, bastava olhar para o exército de vans de transmissão ao vivo e jornalistas reunidos na pequena praça diante do ministério, e o lado ruim disso tudo é que qualquer depoimento sobre a personalidade de Neergaard foi influenciado pela mídia. Hess, no entanto, acredita nas partes dos depoimentos que deixam bem claro que Neergaard era introvertido e simples, ficava sozinho e passava seus intervalos fumando ou conversando no telefone perto do canal — diferentemente dos colegas que preferiam o calor da sala de descanso dos motoristas.

Hess foi até lá e um motorista mais velho contou que teve que ajudar Asger várias vezes com o sistema de segurança da garagem onde os carros oficiais passavam a noite. Só isso já fazia com que fosse bastante improvável que ele e a namorada fossem capazes de planejar os assassinatos meticulosamente concebidos de Laura Kjær, Anne Sejer-Lassen e Jessie Kvium.

E ficou ainda mais improvável quando outro colega de Neergaard — o motorista do Ministério da Energia, se não lhe falha a memória — apresentou a Hess o calendário digital dos motoristas. As diversas atividades deles eram rastreadas pelo sistema, e era responsabilidade de todos os motoristas fazer uma anotação no registro digital de onde estavam e em que horário, assim como o que estavam fazendo. Os olhos de Hess logo acharam uma data específica no calendário de Asger Neergaard e, depois disso, ele voltou ao ministério. No caminho, ligou para um dos detetives e o mandou para o local de trabalho de Benedikte Skans, e era isso que queria discutir com Rosa Hartung.

Quando Hess entra no escritório, fica óbvio que ela está morrendo de preocupação com o filho. As mãos estão trêmulas e os olhos vermelhos e com uma expressão de medo. A maquiagem está toda borrada, embora ela tenha tentado limpar. O marido também está lá, envolvido em uma conversa telefônica. Parece prestes a desligar

quando vê Hess, mas o detetive nega com a cabeça, sinalizando que não tem notícias. Rosa Hartung e o marido optaram por ficar no ministério, em parte porque precisavam ser interrogados sobre Asger Neergaard e em parte porque a equipe de lá poderia ajudá-los a se manter a par da situação. Hess também acha que eles preferem não ficar sozinhos. Em casa, teriam que enfrentar os próprios medos, mas ali podem ao menos sentir que estão fazendo alguma coisa — questionando os detetives sobre os resultados de cada interrogatório logo depois de acontecerem.

Enquanto Steen Hartung continua sua conversa, Hess olha para a ministra e indica a mesa de reunião.

— Será que podemos nos sentar um pouco? Gostaria de fazer algumas perguntas e espero que a senhora possa responder. Seria de grande ajuda.

— Alguma notícia? O que está acontecendo agora?

— Infelizmente não tenho novidades. Mas todos os policiais e toda a frota da polícia estão nas ruas e todas as fronteiras estão sendo vigiadas.

Ele vê o medo nos olhos dela e percebe que Hartung sabe que o filho corre um perigo mortal. No entanto, precisa levar a conversa em direção à sua descoberta, então, no instante em que ela aceita que ele não tem novidades, Hess coloca o iPad na mesa.

— No dia 16 de outubro às 11h57 da noite, seu motorista Asger Neergaard escreveu no registro digital que chegou à Royal Library para pegá-la depois de um compromisso. Ele anotou que ficou esperando no hall de entrada até 00h43 e, depois, escreveu “Fim do dia. Voltando para casa”. Essa informação está correta? Ele esperou no hall de entrada e só deixou a senhora em casa nessa hora?

— Não entendo por que isso é importante. O que isso tem a ver com Gustav?

Hess não quer agitá-la ainda mais ao lembrar que aquela foi a noite do terceiro e quarto assassinatos. Se a informação no registro está correta, então Asger Neergaard não pode ter ido até o loteamento em Hammock Gardens a tempo de matar Jessie Kvium e Martin Ricks e amputar duas mãos e um pé antes que ele e Thulin chegassem. E

agora que Hess sabe que Benedikte Skans estava de plantão na ala pediátrica naquele dia, a pergunta é crucial.

— Não posso dizer por que essa informação é relevante agora, mas seria uma grande ajuda se a senhora conseguisse lembrar. Está correta a informação de que ele ficou aguardando pela senhora e que não a levou para casa até quinze para uma da manhã?

— Bem, eu não faço ideia de por que ele fez essa anotação nos registros. Eu não fui ao evento, então não estava lá.

— A senhora não estava lá?

Hess tenta esconder a decepção.

— Não. Frederik, Frederik Vogel, meu assessor, apresentou as minhas desculpas.

— A senhora tem certeza de que não estava lá? Asger Neergaard escreveu...

— Sim, tenho certeza. Eu e Frederik combinamos de ir a pé, porque não fica muito longe do ministério. Mas depois pensamos melhor. Foi na mesma noite em que o meu marido apareceu na TV, e Frederik achou que não teria problema cancelar, o que foi um alívio porque eu queria ir para casa ficar com Gustav...

— Mas se Vogel cancelou, por que o registro diz que o motorista...

— Eu não sei. Você vai ter que perguntar para Frederik.

— E onde ele está?

— Ele precisou dar uma saída. Deve voltar logo. Mas agora eu quero saber tudo que está sendo feito para encontrar o meu filho.

O espaçoso escritório de Frederik Vogel está escuro e vazio. Hess entra e fecha a porta. É um escritório legal. Em estilo lounge, aconchegante e bem diferente dos escritórios impessoais do ministério. Ele imagina que esse deve ser o tipo de ambiente casualmente luxuoso que as mulheres acham sexy. Abajures Verner Panton, tapetes escandinavos e sofás italianos baixos com muitas almofadas macias. Só falta um pouco de Marvin Gaye e, por um instante, Hess se pergunta se está com inveja porque jamais teria a energia de criar um ambiente como aquele.

Não é a primeira vez naquela noite que ele se pergunta onde Vogel

teve que ir. Sabe que os detetives já interrogaram o assessor de trinta e sete anos sobre Asger Neergaard, por volta das sete da noite, e que ele não conseguiu dar nenhuma informação a não ser demonstrar profundo choque. Mesmo assim, algumas horas depois, quando Hess chegou ao ministério, o assessor já tinha ido embora, aparentemente para resolver alguma coisa na cidade, de acordo com a secretária. O que parece muito sugestivo para Hess, considerando que sua ministra está enfrentando uma baita crise e sendo bombardeada pela imprensa.

Hess não sabe muita coisa sobre Vogel. Rosa Hartung disse que ele sempre lhe deu muito apoio. Que estudaram ciências políticas juntos em Copenhague por vários anos antes de seguirem caminhos diferentes, quando Vogel entrou para a faculdade de comunicação. Mantiveram contato e Vogel se tornou um amigo da família. Quando ela foi escolhida como ministra, ele foi a escolha óbvia como assessor. Ele deu muito apoio a ela e à família durante o difícil ano desde o desaparecimento de Kristine, e foi um fator importante para que tivesse coragem de voltar.

— O que ele disse sobre a expectativa que a senhora e seu marido têm de que a filha de vocês ainda esteja viva? — perguntou Hess.

— Frederik é muito protetor, então no início ele ficou muito preocupado. Com a minha situação como ministra. Mas agora ele está do nosso lado.

Hess bisbilhota um pouco, tentando obter uma impressão do homem cuja mesa está cheia de documentos sobre o antigo caso de Benedikte Skans, assim como observações escritas à mão sobre estratégias de imprensa, mas fora isso não contém nada de interessante. Pelo menos não até Hess esbarrar no mouse do MacBook sobre a mesa. O protetor de tela começa a mostrar imagens de Vogel em vários contextos profissionais: do lado de fora da sede da União Europeia em Bruxelas, apertando a mão do chanceler alemão no hall de entrada de Christiansborg, em Nova York diante do memorial do World Trade Center, com Rosa Hartung visitando um campo de ajuda infantil das Nações Unidas. Mas entre as fotos oficiais aparecem de repente fotos pessoais de Vogel e da família Hartung: em festas de aniversário, jogos de handebol e viagens ao Tivoli. Imagens tradicionais de família, nas

quais Vogel está incluído.

A princípio, Hess tenta se convencer de que é bom saber que sua ideia sobre uma víbora maquiavélica é infundada. Mas então percebe abruptamente o que lhe causou estranheza: Steen Hartung não está em nenhuma daquelas fotos. O marido da ministra não aparece em qualquer delas. Em vez disso, há selfies de Vogel com Rosa e as crianças ou apenas com Rosa, como se fossem um casal.

— A secretária da ministra disse que você queria falar comigo.

A porta se abre e Vogel encara Hess, ficando alerta quando seu olhar passa dele para a tela, que ainda ilumina o rosto do detetive. O casaco está molhado de chuva e o cabelo castanho está desgrenhado até ele passar as mãos por entre os fios para arrumá-los.

— Qual é a situação? Vocês já encontraram o motorista?

— Ainda não. Também não conseguimos encontrar o senhor.

— Eu estava em uma reunião na cidade. Estou tentando minimizar a exploração do caso pelos babacas da mídia. E a namorada do motorista? Vocês devem estar fazendo alguma coisa esse tempo todo.

— Estamos trabalhando nisso. Mas por ora preciso que o senhor me ajude com uma coisa.

— Eu não tenho tempo para mais nada. Seja rápido, por favor.

Hess nota que Vogel fecha o notebook com um gesto discreto e casual enquanto coloca o casaco no encosto da cadeira e tira o celular do bolso.

— Na sexta-feira, dia 16 de outubro, você desmarcou a presença da ministra de um evento na Royal Library. Vocês já tinham conversado algumas horas antes e ela contou que o marido ia aparecer na TV. Você disse que não haveria problema em cancelar.

— Deve ter sido isso mesmo. Só que a ministra não precisa da minha permissão para cancelar nenhum compromisso. Ela toma as próprias decisões.

— Mas imagino que ela geralmente peça seu conselho?

— Não sei bem como responder a essa pergunta. Por que você quer saber?

— Não importa. Mas foi o senhor que avisou que ela não iria?

— Eu liguei para o organizador e cancelei o compromisso em nome

da ministra.

— Você também avisou para Asger Neergaard que a ministra tinha cancelado e não precisaria ser levada para casa depois do evento?

— Sim, fui eu.

— No registro digital, há uma anotação de que ele estava trabalhando naquela noite. Que ficou aguardando no hall de entrada da Royal Library mais ou menos de meia-noite até quinze para uma da manhã, esperando o evento terminar para levá-la para casa.

— E por que alguém acreditaria em alguma coisa que *ele* escreveu? Talvez precisasse de um álibi para alguma outra coisa que estivesse fazendo. Tenho quase certeza de que avisei. De qualquer forma, será que isso não é uma perda de tempo, quando Gustav Hartung está desaparecido?

— Não é, não. Você avisou Asger Neergaard ou não?

— Como eu disse, tenho quase certeza de que avisei. Ou talvez tenha mandado outra pessoa avisar.

— Quem?

— De que importa?

— Então é possível que você *não* tenha avisado e ele *realmente* tenha ficado esperando no hall?

— Se essa conversa vai continuar seguindo essa linha, então eu realmente não tenho tempo para isso.

— O que você estava fazendo naquela noite?

Vogel estava seguindo para a porta, mas para e olha para Hess.

— Imagino que você deveria acompanhar a ministra ao evento na Royal Library, mas ao cancelar teve tempo para fazer outras coisas?

Uma sombra de deboche surge nos lábios de Vogel.

— Você não está insinuando o que eu acho que está...

— O que você acha que estou insinuando?

— Acho que você quer saber o que eu estava fazendo no horário específico em que um crime foi cometido em vez de se concentrar no sequestro do filho da ministra, mas eu certamente espero que esse não seja o caso.

Hess apenas o encara.

— Se você realmente quer saber, eu voltei para o meu apartamento,

assisti à entrevista de Steen Hartung e me preparei para o que viria em seguida. Estava sozinho, não tenho testemunhas e teria muito tempo para cometer um assassinato e fabricar bonequinhos sr. Castanha a noite inteira. É isso que você quer ouvir?

— E na noite de 6 de outubro? Ou 12 de outubro, por volta das seis horas?

— Acho melhor eu te contar isso durante um interrogatório formal, com a presença do meu advogado. Até lá, gostaria de voltar ao trabalho. E eu acho que você deve voltar ao seu.

Vogel se despede de Hess, que não quer liberá-lo ainda, mas então seu celular toca e o assessor sai pela porta. É Nylander ligando. Ele decide explicar sua descoberta e a suspeita sobre Vogel, mas Nylander não lhe dá tempo.

— Diga para todo mundo suspender a investigação no ministério e em Christiansborg.

— Por quê?

— Porque Genz acabou de localizar Skans e Neergaard. Estou indo para lá agora com a força-tarefa.

— Indo para onde?

— Oeste de Holbæk, algum lugar na floresta. Genz conseguiu abrir o Lenovo e encontrou uma nota fiscal da Hertz referente ao aluguel de uma van. Ele ligou para a empresa e parece que eles alugaram a van na estação Vesterport esta manhã e Genz conseguiu localizá-la. Todos os carros da concessionária têm rastreadores como proteção contra roubos. Avise todo mundo, depois volte para a delegacia e faça um relatório...

— Mas e...

Nylander desliga. Frustrado, Hess enfia o telefone no bolso e vai até a porta. Depois de notificar um detetive sobre as instruções de Nylander, avança mais pelo corredor e tem um vislumbre do escritório da ministra, que está com a porta aberta: Vogel abraçando Rosa Hartung.

Apesar da chuva, a viagem até o noroeste de Zelândia só leva quarenta minutos com a sirene ligada, embora pareça uma eternidade. Ao chegar à estrada escura que passa pela floresta, Hess vê a saída que precisa pegar. Os carros vazios da força-tarefa estão estacionados no acostamento perto de uma trilha de cascalho, várias viaturas policiais estão ao lado deles e, depois de mostrar o distintivo pela janela, dois policiais encharcados permitem sua passagem. O fato de que eles o deixam passar deve significar que a operação acabou. No entanto, Hess não sabe qual é o resultado, e não perde tempo perguntando aos policiais na estrada principal que talvez não estejam a par de todas as informações.

Ele segue rapidamente e se obriga a diminuir a velocidade enquanto cruza a trilha de cascalho. Ignorou as ordens de Nylander para voltar para a delegacia e, a caminho dali, decidiu verificar os antecedentes de Frederik Vogel. Devia ter feito isso bem mais cedo.

Algo lhe diz que Asger Neergaard vai confirmar que trabalhou até tarde na noite de 16 de outubro. De qualquer forma, Hess acabou de falar com a secretária de Hartung, que afirmou que Neergaard ligou e a acordou naquela noite, pouco depois da meia-noite, para perguntar onde estava a ministra, pois estava aguardando no hall de entrada da Royal Library. Ela se desculpou por ninguém tê-lo avisado, e se Neergaard realmente ficou esperando no hall, então outras testemunhas provavelmente poderão confirmar isso. Se Benedikte Skans passou a noite de plantão no Rigshospital no mesmo período, então não tem como o casal ter assassinado Jessie Kvium e Martin Ricks, o que faz com que Vogel pareça ainda mais suspeito. Ele não parece ter um álibi para os assassinatos em Hammock Gardens, e Hess não vê a hora de perguntar a Asger Neergaard onde ele estava na hora dos dois assassinatos. Ele talvez até saiba algo sobre o relacionamento

de Hartung e Vogel. Talvez haja um motivo que Hess e Thulin ainda não sabem. Ele sente o impulso de ligar para Thulin de novo. Já tentou duas vezes desde que saiu de Copenhague.

Faróis se aproximam, vindo na direção oposta pela estrada estreita, e ele desvia para dar passagem à ambulância. A sirene não está ligada, mas Hess não sabe dizer se isso é bom ou mau sinal. Um carro policial não identificado a segue e ele vislumbra Nylander no banco de trás, absorvido em uma ligação. Continua dirigindo e passa por alguns policiais da força-tarefa voltando para a estrada principal e, pela expressão séria que vê em seus rostos, sente a presença da morte. Quando chega ao cordão de isolamento, percebe que a situação não é a que esperava.

Há outros policiais um pouco mais à frente, e uma área de cerca de dez por dez metros está fortemente iluminada por holofotes. No centro está a van com a logomarca da Hertz na parte traseira. Uma das portas da frente está aberta, assim como a porta deslizante, e próximo ao pneu dianteiro esquerdo há um corpo coberto por um lençol branco. Outro está a uns dez metros de distância.

Hess salta do carro, sem se importar com a chuva nem com o vento. A única pessoa que reconhece é Jansen e, embora eles não se deem muito bem, vai até ele.

— Onde está o garoto?

— O que você está fazendo aqui?

— Onde ele está?

— O garoto está bem. Parece que não foi ferido, mas está sendo levado para ser examinado.

Hess sente uma onda de alívio, mas agora sabe de quem são os corpos estendidos no chão embaixo dos lençóis brancos.

— Foi a força-tarefa que o encontrou e o libertou da van. Deu tudo certo, então não tem a menor necessidade de você estar aqui, Hess.

— Mas o que foi que aconteceu?

— Nós os encontramos assim.

Jansen levanta o lençol do corpo perto da frente da van. O jovem, que Hess reconhece como sendo Asger Neergaard, morreu com os olhos abertos, e o tronco está todo perfurado.

— Estamos trabalhando com a suposição de que a mulher surtou. Estamos a uns seis quilômetros de um dos bloqueios, então eles provavelmente estavam indo para lá e pegaram essa estradinha para fugir, mas ela deve ter percebido que estava tudo acabado. Ela usou a faca militar primeiro para matar o namorado e depois para cortar a própria carótida. Os corpos ainda estavam mornos quando chegamos, então tudo aconteceu nas últimas duas horas. E não, eu não estou satisfeito com isso. Eu preferia muito mais vê-los apodrecer por trinta anos na cadeia pelo que fizeram com Ricks.

Hess sente a chuva escorrer pelo rosto. Jansen solta o lençol, então agora só dá para ver a mão sem vida de Neergaard aparecendo. Por um momento, parece que ele está estendendo a mão para o corpo coberto de Benedikte Skans, caído na lama a dez metros de distância.

— Mas o que eles disseram? Já devem saber de alguma coisa a essa altura.

Rosa sabe que Frederik não tem todas as respostas, mas a pergunta escapa mesmo assim.

— Eles estão verificando e investigando tudo, mas o chefe da Divisão de Homicídios vai entrar em contato assim que...

— Isso não é o suficiente. Pergunte a eles novamente, Frederik.

— Rosa...

— Nós temos o direito de saber o que está acontecendo!

Vogel decide fazer sua vontade, embora Rosa perceba que ele acha que não vai adiantar nada ligar para a delegacia novamente. No fundo, está grata pela ajuda dele, porque sabe que Vogel vai fazer tudo que puder, mesmo que não concorde com seus métodos. Sempre foi assim. E Rosa não consegue mais esperar. É 1h37 da manhã, e faz quinze minutos que ela, Steen e Vogel trouxeram Gustav para casa do Rigshospital. Ela já encheu de perguntas os dois policiais que estão de guarda na porta da sua casa para garantir que o exército de jornalistas mantenha distância, mas eles não sabem de nada. Só o chefe das investigações pode lhe dar as respostas para as perguntas sobre Kristine que ela está desesperada para fazer.

Rosa começou a chorar quando ela e Steen entraram na emergência do Rigshospital, para onde Gustav, meio sujo depois de tudo pelo que passou, foi levado para ser examinado. Ela temia o pior, mas ele estava ileso e permitiram que o abraçasse. O menino tinha poucos machucados aparentes e agora que estava sentado no lugar de sempre na cozinha, comendo o pão com patê que Steen preparou, ela mal consegue assimilar que ele correu um perigo mortal. Rosa vai até o filho e acaricia seu cabelo.

— Quer comer mais alguma coisa? Posso fazer macarrão ou...

— Não, valeu. Prefiro jogar FIFA.

Rosa dá um sorriso. A resposta é um bom sinal, mas ainda há muita coisa que ela não sabe.

— Gustav, o que foi que aconteceu exatamente? O que eles disseram?

— Eu já contei tudo.

— Conte de novo.

— Eles me levaram e me trancaram na van. Depois ficaram dirigindo por muito tempo até pararem e foi quando começaram a brigar, mas estava chovendo muito e eu não conseguia ouvir o que estavam dizendo. Depois ficou o maior silêncio e então a polícia chegou e abriu a porta. Isso é tudo que eu sei.

— Mas sobre o que era a briga? Eles disseram alguma coisa sobre sua irmã? Para onde eles estavam indo?

— Mãe...

— Gustav, isso é importante.

— Querida, venha comigo.

Steen leva Rosa até a sala para que Gustav não ouça a conversa, mas ela se recusa a se acalmar.

— Por que a polícia não encontrou nenhum sinal dela onde os sequestradores moravam? Por que não os obrigaram a dizer onde ela está? Por que não nos explicam nada?

— Existem muitos motivos. O mais importante é que eles pegaram os sequestradores, e tenho certeza de que vão encontrá-la agora. Eu não tenho dúvidas.

Rosa quer muito acreditar no marido. Ela o abraça até perceber que há alguém os observando. Então se vira e vê Vogel na porta e, antes que tenha a chance de perguntar, ele diz que não é mais necessário ligar para a delegacia. O chefe da Divisão de Homicídios acabou de chegar.

Embora Nylander saiba que esteve naquela mesma sala nove meses antes para informar à família Hartung que o caso da filha deles estava finalmente solucionado, não reconhece o cômodo. Parece que a situação está se repetindo e passa por sua cabeça que o inferno deve ser assim, ter que reviver as mesmas cenas horríveis uma vez atrás da outra. Mas Nylander também sabe que a visita é necessária e que vai se sentir muito melhor assim que sair de lá. Sua cabeça já está na entrevista coletiva que dará à imprensa assim que voltar para a delegacia e atualizar os chefões. Diferentemente das reuniões anteriores das últimas duas semanas, essa teria um toque de triunfo.

Esse resultado parecia totalmente improvável algumas horas antes, quando chegou à floresta e encontrou Benedikte Skans e Asger Neergaard mortos no chão. Claro que ficou aliviado por encontrar o filho da ministra são e salvo na van, mas, com os dois sequestradores mortos, sabia que nunca teriam as explicações e confissões necessárias para resolver o caso de uma vez por todas. No entanto, enquanto estava sentado no banco traseiro do carro, observando a ambulância levar o menino para o hospital e se perguntando como ele ia calar a boca das pessoas que duvidassem, Thulin ligou. Foi irônico, na verdade, que fosse ela a contar sobre a descoberta no freezer do velho abatedouro, considerando que Hess parecia tê-la influenciado ultimamente e a deixado ainda mais exasperante do que de costume. Mas a novidade encerrou o dia com chave de ouro. Ele logo a mandou ligar para Genz pedindo que investigasse imediatamente as evidências e, quando desligou, não temia mais as dúvidas que a imprensa ou seus colegas pudessem levantar.

— Gustav está bem?

Nylander se dirige a Steen e Rosa Hartung, e Steen assente.

— Está, sim. Parece muito bem. Está comendo agora.

— Fico feliz. Não vou tomar muito tempo. Só vim aqui para informar que concluímos as investigações dos casos de assassinato e que nós...

— O que descobriram sobre Kristine? — interrompe Rosa.

Mas Nylander está preparado e segue diretamente para a explicação, feita com voz tranquila e sombria, de que infelizmente nada foi encontrado sobre a filha deles.

— As circunstâncias da morte da sua filha foram esclarecidas no ano passado, e o caso atual não muda esse fato. Como venho tentando dizer a vocês, estamos diante de duas cadeias de eventos independentes, e a senhora, é claro, receberá um relatório completo sobre o caso atual assim que a investigação for concluída.

Nylander percebe a frustração do casal crescendo, e os dois começam a falar ao mesmo tempo, exigindo detalhes.

— Mas e as impressões digitais?

— Elas devem significar alguma coisa, não?

— O que os sequestradores disseram? Vocês já os interrogaram?

— Entendo como deve ser frustrante, mas vocês precisam ter fé na nossa investigação. Meus homens analisaram o carro no qual Gustav foi encontrado, assim como a casa dos sequestradores, e não encontraram qualquer evidência de que a filha de vocês possa estar viva. Infelizmente eles foram encontrados mortos. Supomos que tenham tirado a própria vida para evitar a prisão e a punição, então não poderão nos fornecer mais respostas. No entanto, como eu disse, não há qualquer indício de que, se pudéssemos interrogá-los, receberíamos informações sobre sua filha.

Nylander percebe que nenhum dos dois está disposto a perder as esperanças, e a explosão de Rosa Hartung é forte e agressiva.

— Mas você pode estar errado! Você não tem certeza de nada. Havia os bonecos sr. Castanha com as impressões digitais de Kristine, e se vocês não encontraram nenhum sinal dela então talvez eles não sejam os verdadeiros assassinos.

— Temos cem por cento de certeza de que eles são os assassinos.

Nylander descreve a prova irrefutável que encontraram no antigo matadouro, naquela noite. Estava pensando naquela prova com uma

sensação de felicidade, mas quando termina de falar vê nos olhos de Rosa Hartung que ele lhe roubou a última esperança. O olhar dela fica vazio, e subitamente ele se dá conta de que não consegue imaginar aquele ser humano se curando um dia. Aquilo o desconcerta e o deixa constrangido. Do nada, sente a necessidade de segurar as mãos dela e dizer que tudo vai ficar bem. Eles ainda têm um filho. Ainda têm um ao outro. Ainda têm muito pelo que viver. Mas, em vez disso, Nylander murmura algo sobre não saber explicar como os bonecos sr. Castanha com as impressões digitais de Kristine caíram nas mãos do assassino, mas que isso não muda o resultado.

A ministra nem escuta. Nylander começa a andar de costas pelo hall até sentir que pode se virar para a saída. Apesar de ainda ter vinte minutos antes da reunião com os chefões, assim que está do lado de fora, com a porta fechada atrás de si, se apressa em direção ao carro, ofegando.

Hess corre pelo ladrilho molhado do pátio vazio. Dá para ouvir o noticiário da noite na televisão da guarita perto da entrada da delegacia — estão fazendo uma reportagem ao vivo da casa de Rosa Hartung, em Ydre Østerbro. Mas ele ignora. Quando chega no alto da escada e segue pelo corredor do departamento, vê latas de cerveja sendo abertas para comemorar a conclusão do caso. Um longo dia está chegando ao fim, mas para Hess não está acabado.

— Onde está Nylander?

— Em reunião.

— Preciso falar com ele. É urgente. Agora!

A secretária fica com pena e desaparece pela porta, enquanto Hess aguarda do lado de fora. Seus sapatos estão enlameados e as roupas, encharcadas de chuva. Suas mãos estão trêmulas e ele não sabe se é por causa da agitação ou do frio da floresta, onde passou as últimas horas, ignorando obstinadamente as súplicas do médico-legista para que o deixasse trabalhar em paz. Não foi em vão.

— Eu não tenho tempo agora. A coletiva já vai começar — diz Nylander, aparecendo depois de se despedir de alguns figurões do alto escalão.

Hess sabe, por experiência, que esse é o momento que todo chefe de polícia aguarda: declarar publicamente que o caso está encerrado para que a imprensa se disperse. Mas precisa conversar com Nylander antes que ele fale com a imprensa, então o segue pelo corredor e explica que o caso não foi concluído.

— Hess, não estou nem um pouco surpreso por você estar seguindo por esse caminho.

— Em primeiro lugar, não há nada que indique que Benedikte Skans e Asger Neergaard conheciam as mulheres assassinadas. Não há nada na propriedade deles que indique que eles sequer chegaram perto das

vítimas.

— Não sei se concordo com você quanto a isso.

— Em segundo, eles não tinham motivos para matá-las. Nem para decepar mãos e pés, para dizer a verdade. A raiva deles se dirigia única e exclusivamente a Rosa Hartung e não contra mulheres e mães em geral. Em tese, Skans poderia ter acessado os exames médicos dos filhos das vítimas, por causa do trabalho no hospital, mas se ela e Neergaard realmente fizeram aquelas denúncias ao Conselho Tutelar, então por que não encontramos nenhuma evidência disso?

— Porque ainda não terminamos de investigar, Hess.

— Em terceiro lugar, Skans e provavelmente Neergaard têm álibi para os assassinatos de Jessie Kvium e Martin Ricks na noite de 16 de outubro. Acontece que Neergaard *estava* no hall da Royal Library, então nenhum dos dois poderia ter cometido esses crimes, o que significa que eles também não são responsáveis pelos outros assassinatos.

— Eu não faço ideia do que você está falando, mas se tem provas, eu vou adorar ouvir a respeito.

Nylander chegou à sala de operações e está pronto para pegar suas anotações e seguir para a entrevista coletiva, mas Hess bloqueia o caminho.

— Além disso, eu acabei de falar com o legista. Parece que Benedikte Skans cortou a própria carótida, mas, ao reconstruir a cena, dá para perceber que o movimento não é natural e que pode ser uma *indicação* de que alguém tentou forjar um suicídio.

— Eu também conversei com ele. E ele enfatizou que isso é *tão possível quanto* a hipótese de suicídio.

— Além disso, as facadas no tórax de Neergaard são ligeiramente altas demais para Skans, e, se ela planejou morrer junto com o namorado, então por que havia uma distância de uns dez metros entre um e outro, como se ela tivesse tentado fugir?

Nylander abre a boca, mas Hess não lhe dá chance.

— Se eles realmente foram capazes de cometer aqueles crimes, então por que foram idiotas o suficiente para sequestrar o garoto usando uma van alugada, que seria muito fácil rastrear?

— Então o que você acha que deve ser feito?

A pergunta de Nylander pega Hess de surpresa, e, ao começar a falar, percebe que está se exaltando. Hess se ouve falar sobre Linus Bekker e o arquivo de fotos de cenas do crime, que precisam analisar o mais rápido possível. Inclusive, acabou de pedir para um dos técnicos de TI lhe mandar o material que solicitou para Genz mais cedo.

— Além disso, precisamos investigar o assessor de Hartung, Frederik Vogel. Principalmente descobrir se ele tem álibi para a hora dos assassinatos.

— Hess, você não recebeu os recados que deixei no seu celular...

Ele se vira em direção à voz de Thulin e percebe que ela entrou na sala. Está olhando para ele, segurando uma pilha de fotos.

— Que recados?

— Thulin, atualize ele. Eu não tenho tempo.

Nylander sai pela porta, mas Hess segura o seu ombro.

— E as impressões digitais nos bonecos sr. Castanha? Você não pode ir lá fora e declarar o caso resolvido antes de descobirmos o que isso significa! Três mulheres assassinadas e pode haver uma quarta se você cometer esse erro agora!

— Eu não estou cometendo erro nenhum! E você é o único que não entende isso.

Livrando-se da mão de Hess, Nylander acena para Thulin e arruma as roupas. Hess olha para ela, que, hesitante, lhe passa as fotos. Ele olha a primeira. É uma foto de quatro mãos humanas decepadas, descansando na prateleira de uma geladeira.

— Encontrei isso na propriedade de Skans e Neergaard. No frigobar, em um dos armazéns do velho abatedouro...

Hess passa incredulamente por várias imagens de mãos decepadas, parando em uma fotografia diferente, um pé azulado de mulher, serrado na altura do tornozelo, descansando na gaveta de legumes como uma obra de Damien Hirst.

Hess está perplexo, não consegue achar as palavras.

— Mas... Por que isso não foi encontrado mais cedo pelos técnicos? Essa sala estava fechada? Será que alguém poderia ter colocado isso

lá?

— Hess, pelo amor de Deus, vá para casa.

Quando ergue o olhar, se depara com Nylander ainda ali.

— Mas e as impressões digitais? Kristine Hartung... Se pararmos de procurar e a garota ainda estiver viva...

Nylander desaparece pela porta, deixando Hess estupefato. Quando olha para Thulin, um minuto depois, em busca de apoio, se depara com uma expressão de compaixão. Seus olhos estão tristes e compreensivos, mas não por causa de Kristine Hartung. Não por causa da garota que desapareceu e nunca mais foi encontrada, não por causa de impressões digitais misteriosas em bonecos sr. Castanha, mas por causa dele. Hess vê nos olhos dela que Thulin pensa que sua capacidade de julgamento está prejudicada, e isso o deixa aterrorizado, porque não tem certeza se ela está errada.

Hess cambaleia para trás, saindo pela porta, e atravessa o corredor enquanto a ouve chamar seu nome. Na chuva do lado de fora, ele passa pelo pátio e, embora não olhe para trás, sente o olhar dela pela janela. Antes mesmo de sair do pátio, ele começa a correr.

SEXTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO

Hess não se lembra de a neve já ter chegado tão cedo. Estão no penúltimo dia de outubro, mas já há um acúmulo de dois ou três centímetros, e ainda está nevando do lado de fora do terminal internacional do aeroporto, onde ele acabou de fumar um Camel que espera que o ajude a chegar até Bucareste sem ter uma crise de abstinência.

Hess notou a neve há uns quarenta e cinco minutos, quando fechou a porta do seu apartamento pela última vez, saiu para o ar claro e frio e desceu as escadas para pegar o táxi que o aguardava. A luz do dia o cegou e ele ficou aliviado ao encontrar os óculos de sol no bolso interno — não tinha certeza se estariam ali. Não tinha muita certeza de nada, em geral, a não ser de ter acordado com uma baita ressaca, então o fato de os óculos estarem ali o fez sentir que, no fim das contas, o dia seria bom.

Durante a viagem de táxi, aproveitou para apreciar a paisagem outonal que entrevia lentamente pela janela, e a sensação de otimismo continuou enquanto passava pelo controle de segurança na área de embarque e entrava mais na atmosfera cosmopolita do aeroporto. Hess está cercado por turistas e outros estrangeiros, todos conversando em diversas línguas, e já sente como se tivesse deixado Copenhague para trás. Verifica o quadro de partidas e vê com satisfação que o embarque para o seu voo já começou. A neve ainda não está afetando os voos — outro sinal de que a sorte está do seu lado. Pegando a mala de mão com os poucos pertences que trouxe, Hess segue para o portão de embarque. Quando vê seu reflexo em uma vitrine, percebe que suas roupas talvez sejam ainda menos adequadas para o clima de Bucareste do que para o de Copenhague. Será que estará mais quente lá, ou será que estará nevando e frio? Talvez seja melhor comprar um casaco e um par de botas Timberland na loja do aeroporto, mas a ressaca e a

ânsia de sair do país superam tudo, então ele se contenta com um croissant e um café da Starbucks para viagem.

A luz verde de Haia chegou na noite anterior, com uma ligação da secretária de Freimann e uma passagem só de ida para a Romênia. Ironicamente, Hess está bem pior agora do que quando teve problemas em Haia e acabou sendo despachado para Copenhague, há pouco mais de três semanas. Tinha passado os últimos dez dias se afogando em álcool nos muitos bares e pubs de Copenhague, e mal conseguia falar ao receber a ligação. Um momento depois, ele foi transferido para conversar com o próprio Freimann, e seu chefe lhe informou que sua avaliação foi favorável.

— Mas me escute, se houver qualquer indício de negligência, insubordinação ou sequer um desaparecimento sem explicação, eu vou descer o martelo tão rápido que você vai ficar tonto. Os seus superiores em Copenhague falaram muito bem de você, dizendo que você se mostrou bastante motivado, então não deve ser tão difícil continuar agindo dessa forma.

Hess evitou falar frase longas, concordando com tudo. Não havia razão para explicar que a avaliação positiva de Nylander foi motivada única e exclusivamente pelo desejo de tirar Hess do seu pé. Quando finalmente a ficha caiu, Hess ligou para François para agradecer a ajuda. A perspectiva de voltar para sua confortável concha na Europol é um tremendo alívio. Depois de um desvio em Bucareste, é claro, outro quarto de hotel estéril e outro caso europeu, mas qualquer lugar seria melhor do que ali.

As coisas deram certo com seu apartamento também. É verdade que o contrato ainda não foi assinado, mas surpreendentemente o agente imobiliário conseguiu um comprador. Hess acha que isso só aconteceu porque concordou em baixar o preço de venda em duzentas mil coroas, em um dos seus porres. Tarde da noite, deixou a chave com o zelador, que pareceu tão aliviado de se ver livre dele quanto Nylander e o pessoal da delegacia. O homem chegou a se oferecer para polir o piso e retocar a pintura, se isso significasse que Hess poderia vender. Ele agradeceu, mas não estava nem aí para o piso, nem para o preço de venda, desde que se livrasse daquela merda e nunca mais precisasse

voltar.

A única questão inacabada era a situação constrangedora com Naia Thulin, mas aquilo era tão insignificante que mal podia chamar de questão. Na última vez que a viu, ficou com a nítida impressão de que ela achava que suas teorias sobre o caso Hartung eram o produto de uma mente desequilibrada. Que o considerava incapaz de avaliar as coisas como de fato eram simplesmente porque tinha que lidar com as próprias merdas. Era provável que alguém tivesse contado a ela sobre o passado dele e dado todos os motivos para que ela pensasse assim — e talvez estivesse certa. De qualquer forma, Hess não perdeu mais tempo pensando em bonecos sr. Castanha e impressões digitais desde aquela noite. O caso foi resolvido — os membros amputados descobertos no antigo abatedouro deixaram isso bem claro — e, agora que está na fila, com o cartão de embarque no celular, parece estranho que tenha discordado de forma tão veemente. As únicas coisas que o atormentariam sobre esse período em Copenhague eram os olhos límpidos e resolutos de Thulin e o fato de não ter ligado para se despedir. Mas isso é uma coisa relativamente fácil de resolver, ou é isso que ele pensa quando se acomoda na poltrona 12B.

Um olhar de desaprovação do empresário ao seu lado diz a Hess que ele está fedendo a bebida, mas ele se acomoda no assento e se prepara para um cochilo de duas horas. Acabou de se prometer um gim-tônica para garantir o sono de beleza, quando recebe uma mensagem em inglês de François.

Vou pegá-lo no aeroporto. Nós vamos seguir direto para a sede. Leia o arquivo do caso antes da chegada.

Aquilo tinha sumido da mente de Hess, mas não tem problema — ainda tem tempo de ler o arquivo, se adiar o sono de beleza e começar logo. Relutantemente, abre a caixa de entrada no celular pela primeira vez em mais de uma semana, apenas para perceber que não recebeu o material. Outra troca de mensagens com François deixa claro que o erro é dele.

Verifique de novo. Mande o e-mail às 22h37, seu dinamarquês preguiçoso.

Hess descobre que não recebeu a mensagem do colega porque um

arquivo imenso de outro e-mail ocupou todo o espaço da sua caixa de entrada, bloqueando o resto. O e-mail é de um técnico da equipe forense, com o material que Thulin pediu a Genz depois da visita a Linus Bekker; pedido que Hess reforçou, mais tarde naquela noite. É a lista de imagens do arquivo de cenas de crime que mais chamaram a atenção de Bekker, antes de sua prisão e confissão.

Como o e-mail agora é totalmente irrelevante, Hess está prestes a apagá-lo — mas a curiosidade o faz abrir o arquivo. Conhecer Linus Bekker não foi uma experiência agradável, mas de um ponto de vista profissional sua psicologia é interessante, e Hess tem tempo. Vários passageiros ainda estão atravessando o corredor para encontrar seus assentos. Ele clica duas vezes no arquivo. Demora um pouco, mas então se depara com as imagens preferidas de Bekker. Estão pequenas na tela do celular, claro, mas é suficiente.

A princípio, as imagens consistem unicamente de mulheres assassinadas. A maioria entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos, muitas provavelmente mães, julgando pelos objetos espalhados em volta delas ou visíveis ao fundo: carrinhos de plástico, cercadinhos, triciclos e coisas do tipo. Algumas das fotos estão em preto e branco, mas a maioria é colorida e, de forma geral, mostram assassinatos que ocorreram no decorrer de muitos anos, desde 1950 até o momento da prisão de Bekker. Mulheres nuas, mulheres vestidas, mulheres de cabelo escuro, mulheres de cabelo claro, mulheres altas, mulheres baixas. Baleadas, esfaqueadas, estranguladas, afogadas, espancadas até a morte. Algumas claramente depois de terem sido estupradas. Um pot-pourri grotesco e sádico, e Hess acha difícil entender que Linus Bekker se sentia excitado com aquilo. Sente que o croissant da Starbucks quer fazer o caminho inverso, mas ainda assim rola de volta até o início — um antigo hábito —, e enquanto faz isso o celular trava por causa do tamanho do arquivo e a tela congela em uma imagem que ele não notou antes.

É uma fotografia de quase trinta anos, tirada em um banheiro, e a legenda datilografada informa “Ilha de Møn, 31 de out. de 1989”. O corpo de uma mulher nua está caído, revirado e desfigurado em um piso de mosaico manchado com sangue negro e coagulado. Ela deve

ter uns quarenta anos, mas é difícil dizer com certeza, porque seu rosto foi espancado até ficar irreconhecível. É a amputação que chama a atenção de Hess. Um dos braços e uma das pernas foram decepados e estão caídos ali, separados do corpo. Parece que foram necessárias várias tentativas — como se as amputações tivessem sido feitas com um machado, pesado e de difícil manuseio, que só estava começando a aprender a obedecer ao dono. A ferocidade do ataque demonstra a sede de sangue do assassino e, embora a cena não se pareça com nada que Hess já tenha visto, a fotografia chama sua atenção.

— Todos os passageiros em seus lugares.

O chefe de cabine está ocupado tentando guardar as últimas malas no compartimento superior e o comissário de bordo coloca o telefone no lugar.

Parece que a foto da mulher nua no banheiro é a primeira de uma série curta de imagens de assassinatos aparentemente cometidos na mesma casa e com a mesma legenda: “Ilha de Møn, 31 de out. de 1989”. O corpo de dois adolescentes, um garoto e uma garota, estão caídos na cozinha, o garoto encostado no forno, a garota esparramada na mesa com a cabeça em uma tigela de mingau. Ambos baleados. Hess passa as imagens e fica surpreso ao descobrir que a próxima vítima é um policial mais velho, caído no chão do porão. Considerando o estado do rosto do homem, ele também foi assassinado com um machado. Essa imagem é a última, e Hess está prestes a voltar para a foto da mulher com membros decepados quando um número entre parênteses, (37), atrai sua atenção. Hess percebe que aquela deve ser a anotação do técnico do número de vezes que Linus Bekker clicou naquela imagem específica.

— Desliguem todos os equipamentos eletrônicos.

Hess assente para o comissário de bordo para mostrar que entendeu, e o homem segue pelo corredor para pedir o mesmo para as pessoas da próxima fileira. Não faz sentido que Linus Bekker tenha olhado para a foto de um policial assassinado trinta e sete vezes. Não quando é óbvio que ele gosta muito mais de imagens de mulheres assassinadas. Hess passa pelas fotos, verificando agora o número que acompanha cada uma delas. Mas nenhuma das outras imagens tem um

acesso tão alto quanto a foto do policial assassinado. Nem mesmo a da mulher do banheiro, cujo número indica dezesseis acessos.

Hess sente um nó no estômago. Tem algo de importante naquela foto do policial no porão, e ele tenta, por um momento, reprimir a ideia de que o técnico simplesmente cometeu um erro. Pelo canto dos olhos, vê o comissário de bordo voltando e amaldiçoa a tela pequena — ele precisa usar os dedos trêmulos e bêbedos para dar zoom na imagem em busca de algum detalhe que não tenha percebido. A tarefa é impossível. Logo seus olhos estão vendo pixels que não lhe oferecem nenhuma pista de por que Linus Bekker se concentrou tanto naquela imagem em particular.

— Você tem que desligar agora, por favor.

Dessa vez, o comissário não desiste. Hess está prestes a ceder quando seus dedos passam pela tela, movendo a imagem de forma a mostrar algumas prateleiras acima do policial. Ele se empertiga. No início, seu cérebro não compreende o que está vendo, mas, quando ele aproxima a imagem, o tempo parece parar.

Na parede do porão, acima do corpo do policial, há três prateleiras finas. Todas elas lotadas com bonequinhos infantis: bonecos sr. Castanha, sra. Castanha, de animais feitos com castanhas. Grandes, pequenos, alguns inacabados, alguns sem os membros, outros empoeirados e sujos. Todos parados ali com seus olhos vazios, como pequenos soldados, um poderoso exército de rejeitados.

Sem conseguir explicar o motivo, Hess sabe instantaneamente que é por isso que Bekker visualizou essa imagem trinta e sete vezes. Ele sente o avião começar a taxiar e, antes que o comissário de bordo possa impedi-lo, está se encaminhando para a cabine dos pilotos.

A sala VIP do aeroporto de Copenhague está praticamente vazia, cheirando a perfume, café recém-coado e pão fresco, mas Hess passa cinco minutos discutindo com a recepcionista até que ela o deixe entrar. O rosto da jovem está perfeitamente maquiado e, embora ela concorde educadamente com a cabeça, fica bem claro que acha que sua aparência não combina com o distintivo da Europol que Hess exhibe enquanto tenta repetidamente explicar a importância do que tem que fazer. Só quando um segurança somali é chamado e verifica o distintivo, ela demonstra um pouco de piedade e permite que Hess entre nos corredores vazios da sala VIP.

Hess segue diretamente para os três computadores disponibilizados para os passageiros, no fundo da sala. As poucas pessoas ali estão distraídas com o próprio celular e com seus almoços de baixa caloria, e parece que as cadeiras vazias diante das telas nunca foram usadas, exceto por crianças arrastadas pelos pais em viagens de negócios. Hess se acomoda na frente de um teclado, praguejando por dentro e morrendo de raiva enquanto entra e navega pelo sistema de segurança da Europol, antes de chegar à sua caixa de e-mails. Sabe que haverá vários voos para Bucareste naquele dia, mesmo que isso signifique uma escala em algum lugar aleatório da Alemanha, mas o atraso vai irritar Freimann, se chegar aos seus ouvidos. Mesmo assim, Hess sente que não tem escolha, e logo que abre novamente a lista de acessos de Bekker e vê os bonequinhos de castanha, esquece completamente o chefe.

Na tela maior, os bonecos silenciosos na fotografia de quase trinta anos atrás parecem ainda mais estranhos, mas Hess não sabe bem o que sua descoberta significa. Bekker claramente deu um grande valor àquela foto. Aquilo era óbvio, pelas trinta e sete vezes que a visualizou. Mas *por que* tanto valor? Na primeira vez que ele a viu —

cerca de dezoito meses antes, quando invadiu o arquivo —, não havia nada na imprensa e em nenhum outro lugar sobre um criminoso misterioso que assassinava mulheres e deixava bonecos sr. Castanha na cena do crime. O assassino nem existia na época, então, pensando por esse lado, não fazia sentido o seu fascínio por um exército de bonecos de castanha. Ainda assim, Hess não tem a menor dúvida de que foi exatamente isso que ele sentiu.

Por um momento, Hess se pergunta se o interesse de Bekker pode ter sido despertado por algo que leu nos arquivos dos crimes que aconteceram na Ilha de Møn, em 31 de outubro de 1989. Um relatório policial talvez explicasse o fascínio — talvez ele tenha percebido que conhecia as vítimas do crime ou talvez tenha visto uma pista relevante que o fez verificar a imagem do policial assassinado e dos bonecos várias vezes. Mas não *há* relatórios policiais no material que Bekker invadiu. Nem sobre o caso da Ilha de Møn, nem sobre qualquer outro. Era um arquivo de fotografias tiradas em cenas de crime, nada mais. Os relatórios ficavam arquivados em outro lugar, e, se Hess bem se lembra, Bekker não acessou nada além daquele arquivo específico que incitava suas inclinações sexuais.

Hess não consegue chegar a nenhuma conclusão. A ressaca está de volta, e ele começa a se arrepender de ter batido na porta da cabine como um louco varrido, obrigando o piloto alemão a deixá-lo desembarcar do avião que o teria levado para Bucareste. E sem atrasos. Seus olhos procuram o quadro de partidas, mas em vez disso vê o rosto de Linus Bekker rindo da sua cara. Hess decide olhar as imagens novamente. Começando desde o início, vai passando pela lista horrenda de crimes cruéis. Uma foto depois da outra, cada qual mais atroz do que a anterior, sem oferecer qualquer explicação do motivo pelo qual aquelas imagens específicas deram tanto prazer a Bekker. Hess supõe que deve ser algo doentio, algo que apenas um pervertido como ele é capaz de notar e de repente se dá conta do que pode ser. Ele entende antes de ver — entende porque é a coisa mais aterrorizante que consegue imaginar e, ao mesmo tempo, tão inconcebível que poderia excitar Linus Bekker.

Ele volta ao começo, olhando as imagens que já lhe são familiares,

mas dessa vez procurando por uma única coisa: não está mais olhando para o corpo nas fotos, mas para todo o resto — o fundo, as cercanias, os objetos, qualquer coisa que aparentemente não signifique nada. Na nona foto, encontra o que está procurando. É de outra cena de crime, cuja legenda é “Risskov, 22 de set. de 2001”. A princípio, não é diferente das demais. Uma mulher loura de aproximadamente trinta e cinco anos está caída no chão em um lugar que parece a sala de uma casa ou apartamento. Está com uma saia marrom-escura, uma camisa branca rasgada e sapatos de salto alto, um deles com o salto arrancado. Ao fundo, vê brinquedos e um cercado para bebê, a mesa à esquerda está arrumada para duas pessoas — mas a refeição nunca foi consumida. O assassinato foi frenético, descontrolado, supostamente cometido na direita da imagem, onde tudo está revirado e há respingos de sangue. Mas é o cercado que chama a atenção de Hess. O cercado e o tímido sr. Castanha pendurado na grade.

O sangue começa a zunir nos ouvidos de Hess. Ele continua sua busca, e é como se seus olhos se ajustassem ao padrão que procura. Todo o resto é desconsiderado; nada mais existe no mundo, a não ser os bonequinhos, e ele para novamente na vigésima terceira imagem.

“Nyborg, 2 de out. de 2015”. Dessa vez uma mulher em um carro preto. Atacada pelo para-brisa. Está no banco do motorista, o tronco descansando contra a cadeirinha infantil no banco do carona. Bem-vestida, como se estivesse indo a uma reunião ou encontro. Um olho está afundado, mas praticamente não há sangue na foto, e o assassinato parece ter sido muito mais controlado do que o de Risskov. No retrovisor está pendurado um pequeno sr. Castanha. Só dá para ver a silhueta, mas ele está lá.

Restam ainda quase quarenta imagens, mas Hess sai da sua conta e se levanta. Enquanto desce pela escada rolante para o térreo, lhe ocorre que os assassinatos ocorridos no decorrer de quase trinta anos não podem ter sido cometidos pela mesma pessoa. É impossível. Alguém teria notado. Alguém teria feito alguma coisa. Não há nada necessariamente marcante naqueles bonecos, com certeza não na época de outono. Talvez Hess só esteja vendo o que *quer* ver.

Mesmo assim, não consegue parar de pensar na expressão de Linus

Bekker enquanto preenche os documentos para alugar um carro e espera para receber as chaves. Foi essa a conexão que Bekker fez. O boneco sr. Castanha é a assinatura de um assassino que já atacou diversas vezes. Quando ele pega as chaves e corre pelo estacionamento, está nevando mais do que antes.

Thulin evita contato visual com os dois detetives que levantam os olhos da tela enquanto ela esvazia o armário e bate a porta de metal um pouco forte demais. Ela evitou deliberadamente chamar a atenção para o fato de que aquele era o seu último dia e não quer mudar isso agora. Não que faça qualquer diferença. Não há ninguém de quem vá sentir falta e é bem provável que ninguém sinta falta dela. Preferiu manter as coisas assim desde o primeiro dia e seria ótimo conseguir ficar invisível o máximo possível até sair do prédio. Esbarrou em Nylander alguns minutos antes, quando ele estava passando pelo corredor com seu séquito de assistentes, seguindo para mais uma das muitas coletivas de imprensa que andava fazendo. A desculpa de hoje era o resultado das análises de DNA. Thulin se pergunta se o motivo não é simplesmente porque Nylander gosta de estar sob os holofotes. É o que parece, quando ele para ao lado do ministro da Justiça no seu terno um tanto chamativo ou quando, em uma tentativa de generosidade, enfatiza a busca dos seus detetives em Sydhavnen como um ponto crucial da investigação.

Nylander parou para lhe desejar boa sorte.

— Tchau, Thulin. Mande um abraço para Wenger.

Ele estava se referindo a Isak Wenger, seu novo chefe no NC3, e ela sente pelo comentário que Nylander agora acha que a balança de poder entre os departamentos mudou, e que Thulin vai se arrepender da sua decisão. Ela mesma quase se esqueceu da mudança de carreira até o chefe do NC3 telefonar pessoalmente parabenizando-a por ter resolvido o caso dos assassinatos.

— Mas não é por isso que estou ligando. Espero que ainda esteja interessada em trabalhar com a gente.

Wenger lhe ofereceu a vaga, embora, no fim das contas, ela não tenha nem se candidatado nem entregado a recomendação de

Nylander. Se aceitasse, Wenger resolveria toda a parte burocrática com Nylander e ela poderia começar no novo departamento depois do feriado de outono. Essa é a perspectiva diante de Thulin agora: uma semana inteira sozinha com Le. Mas embora muitas coisas tenham terminado como deveriam, Thulin sente-se irritada por ter que ficar se repetindo que o caso foi encerrado corretamente.

A descoberta da mão decepada de Anne Sejer-Lassen e da mão e do pé de Jessie Kvium no frigobar no antigo abatedouro foi uma prova tão irrefutável que Thulin não teve escolha a não ser aceitar a interpretação de Nylander. Hess apontou algumas coisas que ficaram sem resposta, mas a possibilidade de que seus traumas pessoais estivessem fazendo com que ele se fixasse nelas era alta demais.

Pelo menos esse foi o ponto de vista frio e objetivo de Nylander, e ele confidenciou a Thulin que o primeiro afastamento de Hess do departamento e de Copenhague foi motivado por uma tragédia pessoal. Ele não sabia muita coisa sobre o assunto porque tinha sido antes do seu tempo, mas a questão é que em um dia de maio, pouco mais de cinco anos atrás, a esposa de Hess, então com vinte e nove anos, morreu em um incêndio no apartamento deles em Valby.

A informação mexeu com Thulin. No relatório policial, que ela procurou no banco de dados, havia a explicação de que o fogo começou por volta das três da manhã e se espalhou com uma velocidade surpreendente. O prédio foi evacuado, mas a intensidade das chamas impossibilitou que os bombeiros chegassem ao apartamento da cobertura. Quando o fogo foi controlado, o corpo carbonizado de uma mulher foi encontrado na cama e o seu marido, “um detetive da Divisão de Crimes Hediondos, Mark M. Hess”, que estava em Estocolmo a trabalho, foi informado por telefone. A causa do incêndio era desconhecida. Fiação com defeito, lampião a gás e incêndio criminoso, tudo isso foi investigado, mas não se chegou a uma conclusão. A mulher estava grávida de sete meses, e eles tinham se casado um mês antes.

O relatório fez o estômago de Thulin se revirar. De repente, muito da personalidade de Hess se encaixou. Por outro lado, ainda era impossível compreendê-lo. De qualquer forma, não fazia o menor

sentido ficar pensando nas perguntas que Hess levantou, e talvez tenha sido por isso que ela ficou aliviada ao ouvir o comissário adjunto informar a Nylander que Hess fora aceito de volta em Haia e estava a caminho de Bucareste. Ele estava deixando o país e isso certamente era a melhor escolha. Ela tentou falar com ele várias vezes durante a semana, mas Hess não retornou suas ligações e Thulin ficou desconcertada quando Le lhe perguntou quando o “cara dos olhos coloridos” ia lá para ver como ela tinha avançado no *League of Legends*. A mesma coisa aconteceu quando ela ligou para perguntar sobre Magnus Kjær, que foi transferido para um orfanato até as autoridades encontrarem uma família adotiva adequada para ele. Um administrador disse que o garoto estava melhorando muito, mas também que tinha perguntado muito sobre “o policial”. Ela não sabia como responder àquilo. Decidiu tirar Hess da cabeça, e ela geralmente tinha a maior facilidade para fazer esse tipo de coisa. Sebastian, por exemplo, ainda deixava várias mensagens na sua secretária eletrônica, mas ela não sentia a menor vontade de falar com ele de novo.

— Naia Thulin?

Virando-se para sua antiga mesa, Thulin encontra um mensageiro olhando para ela e, apesar de ter prometido a si mesma, Hess é a primeira pessoa que lhe vem à mente quando vê o buquê. Flores amarelas, laranja e vermelhas, flores cujos nomes ela nem sabe. Flores nunca tiveram nenhum significado para ela. Assina o recebimento com a caneta digital que o entregador lhe oferece, e ele vai embora com seus tênis de ciclista. Thulin abre o cartão, considerando que está com sorte por seus colegas estarem em volta da TV do refeitório assistindo à coletiva de imprensa de Nylander sendo transmitida ao vivo.

“Obrigado pela corrida. Boa sorte no NC3. Afaste-se daquela mesa J”

Thulin sorri por um instante, mas joga o cartão de Genz na lata de lixo. Quando desce pela escada, em direção à liberdade e à festa de Halloween da escola de Le, deixa o buquê na recepção do departamento administrativo, onde sabe que serão admiradas.

Do lado de fora da delegacia, ainda está nevando, e Thulin se irrita por não ter pensado em arranjar um carro antes de começar no NC3.

Seus tênis logo ficam encharcados enquanto corre pela Bernstorffsgade em direção à estação de trem, onde vai pegar o metrô até Dybbølsbro.

A neve ainda não tinha começado a cair quando se encontrou com Genz naquela manhã — tinha decidido marcar seu último dia na Homicídios aceitando, finalmente, o convite dele para uma corrida. Agora que não seriam mais colegas de trabalho, parecia uma maneira legal de concluir o relacionamento. Além disso, ela tinha os próprios interesses. Eles tinham concordado em correr na Strandvejen, então às seis e meia da manhã ela se encontrou com Genz do lado de fora do prédio dele, um dos novos condomínios bonitos em Nordhavn. Ficou surpresa por Genz ter dinheiro para morar em um lugar como aquele. Por outro lado, fazia sentido que ele fosse bom com finanças, já que era tão metódico.

A primeira parte da corrida foi uma boa experiência, principalmente ver o sol nascer em Øresund, e eles passaram um tempo conversando sobre a investigação. Como o desejo de Benedikte Skans e Asger Neergaard por vingança tinha crescido a partir da tragédia pessoal que viveram, como a enfermeira deve ter conseguido informações sobre crianças que sofriam abuso e sobre as mães que escolhiam como vítimas, como o casal deve ter usado uma *lan house* para acessar um servidor de e-mail ucraniano para mandar as denúncias anônimas, em vez de usar o próprio computador, e como foi possível que o conteúdo do frigobar passasse despercebido durante a busca forense preliminar. O porrete e o serrote usados para matar e decepar as vítimas ainda não tinham sido encontrados, mas, como enfermeira, Benedikte Skans tinha acesso a instrumentos do centro cirúrgico do hospital, que estavam sendo examinados e testados.

Genz achava que não tinha motivo para duvidar das conclusões da investigação, embora Thulin suspeitasse que ele estava mais envolvido na corrida do que na conversa. Estava arrependida de ter contado sobre sua paixão por corridas longas, porque logo ficou claro que ele estava diminuindo o ritmo para não ultrapassá-la. Depois de oito quilômetros, eles viraram para voltar e Thulin se sentiu como um corredor de fim de semana atrás de uma atleta queniano. Só quando ele notou que ela estava vários metros atrás foi que diminuiu o passo e

permitiu que a conversa continuasse. Se Thulin achou que o convite tinha sido uma tentativa de Genz de criar oportunidade para flertar com ela, estava completamente enganada: ele era tão comprometido com a corrida quanto com o trabalho no laboratório.

Thulin mal teve fôlego para falar durante o resto da corrida, mas, quando pararam em um sinal vermelho em Charlottenlund Fort, ela expressou sua frustração por ainda não terem conseguido explicar a presença dos bonecos sr. Castanha com a impressão digital de Kristine Hartung deixados na cena dos crimes. Eles não haviam encontrado nenhum sinal de castanhas nem de bonecos na propriedade do jovem casal, e como Neergaard e Skans tinham conseguido aquilo permanecia um mistério.

— A não ser que Nylander esteja certo e, por algum motivo, o casal os tenha comprado de Kristine Hartung antes de a garota desaparecer — sugeriu Genz.

— Mas qual é a probabilidade disso? Steen Hartung acha que as meninas *nem fizeram* bonecos sr. Castanha naquele ano.

— Talvez ele esteja confundindo as coisas? Skans já estava internada em Roskilde àquela altura, mas Neergaard pode muito bem ter passado pelo bairro e começado a colocar o plano deles em ação naquela época.

— E então Linus Bekker simplesmente passou à frente dele? Não é muita coincidência que tenha sido praticamente no mesmo momento?

Genz encolheu os ombros e sorriu.

— A teoria não é *minha*. Eu sou só um técnico forense.

Eles provavelmente jamais teriam uma resposta conclusiva, mas havia algo sobre os bonecos que continuava incomodando Thulin. Quase como se houvesse alguma coisa que ela se esquecera de verificar ou considerar. Mas, quando ela e Genz finalmente chegaram à estação Svanemøllen, tinha começado a nevar e ela buscou o abrigo da plataforma, enquanto Genz continuou a corrida, pegando um atalho pelo parque.

— Estou procurando a turma do terceiro ano A.

— Estão na sala deles, é só seguir o barulho.

Sacudindo a neve do casaco, Thulin passa por dois professores na sala de reunião decorada para o Halloween. Chegou à escola, que fica em uma rua lateral não muito longe da estação Dybbølsbro, exatamente na hora marcada e agora promete a si mesma que as coisas vão ser sempre assim. Muitas vezes chegou atrasada, ou nem chegou, em eventos escolares. Vê um lampejo de surpresa passar pelo rosto de alguns pais quando entra na sala. Eles estão parados diante de uma fileira de abóboras entalhadas ao longo da parede, enquanto as crianças brincam animadamente com suas fantasias. O Halloween é só no dia seguinte, mas como cai no fim de semana a escola decidiu comemorar um dia antes. As meninas estão fantasiadas de bruxas e os meninos, de monstros, muitos dos quais com máscaras bem macabras, uma mais sangrenta do que a outra. Alguns pais exclamam fingindo medo quando as crianças passam correndo por eles. A professora, uma mulher mais ou menos da mesma idade que Thulin, também está fantasiada de bruxa, com um vestido curto, meia-calça arrastão e sapato preto de salto alto, tudo isso finalizado com uma maquiagem branca, batom vermelho e um chapéu pontudo preto. Parece uma personagem de um filme de Tim Burton, e não é muito difícil imaginar por que especialmente os pais estão de muito bom humor nesta tarde de sexta-feira.

Por um instante, Thulin não consegue ver Le nem o avô entre os pais e os pequenos monstros sanguíneos, mas então nota uma máscara de zumbi de borracha com o crânio rachado ao meio e miolos amarelados escorrendo pela testa. A máscara é de um jogo chamado *Plantas versus Zumbis* e foi a única fantasia que a filha quis quando arrastou Thulin até uma loja de quadrinhos na Skindergade no dia anterior. Agora está ao lado do avô, que ajeita o crânio para os miolos não escorrerem pelo pescoço dela.

— Oi, mãe. Dá pra saber que sou eu?

— Não. Cadê você?

Ela olha ao redor e, quando volta o olhar para a filha, Le levanta a máscara para revelar o rostinho suado e triunfante.

— Sou eu que vou levar a abóbora para a festa antes de todo mundo.

— Legal. Estou doida para ver.

— Você vai ficar e ver tudo?

— Claro.

— Você quer que eu segure um pouco essa máscara para você não morrer de calor? — pergunta Aksel, enxugando a testa de Le.

— Não precisa, vô.

Com a máscara de zumbi pendurada no pescoço, Le atravessa a sala em direção a Ramazan, que está fantasiado de esqueleto.

— Está tudo bem? — Aksel olha para ela, e Thulin sabe que ele está se referindo ao seu último dia na delegacia.

— Tranquilo. Tudo resolvido.

Aksel está prestes a dizer alguma coisa, mas a professora bate palmas para chamar a atenção de todos.

— Certo, vamos começar! Crianças, venham até aqui — pede ela em tom enérgico. Ela se vira para os pais: — Antes de irmos para o salão de festas, vamos terminar o nosso projeto de outono. As crianças prepararam três apresentações para vocês!

A decoração está toda pronta para a festa, assim como os cartazes das árvores de família. Ela só tinha ido uma vez a um evento em que as crianças faziam apresentações — algo sobre um circo, onde um dos teatrinhos mostrava crianças saltando três vezes por um bambolê vestidas de leões. O aplauso histérico dos pais havia feito Thulin se retrair.

Dessa vez, não é muito diferente. O primeiro grupo de crianças apresenta cartazes mostrando galhos e folhas amarelas da floresta, diante de pais sorridentes e atentos a tudo, usando câmeras e celulares para registrar o momento. Thulin percebe que vai demorar muito antes de parar de associar folhas vermelhas e amarelas com o cenário sombrio de Laura Kjær, Anne Sejer-Lassen e Jessie Kvium. A apresentação do grupo seguinte — a coleção de bonecos de castanha — não melhora o seu humor.

Por fim, chega a vez de Le. Ela, Ramazan e algumas outras crianças estão reunidas em volta da mesa da professora, onde anunciam que castanhas também podem servir como alimento.

— Mas primeiro temos que cortar elas! Senão elas explodem no

forno! Elas precisam ser assadas a exatamente duzentos e vinte e cinco graus e depois é só passar manteiga e sal e comer!

A voz de Le está clara e animada, e Thulin fica boquiaberta: sua pequena guerreira nunca demonstrou o menor interesse em nada que tivesse a ver com a cozinha. Algumas tigelas de castanhas assadas são passadas para os pais enquanto a professora se vira para Ramazan, que obviamente esqueceu sua fala.

— E Ramazan, do que você deve se lembrar se assar e comer castanhas?

— É preciso escolher o tipo certo. As castanhas que são comestíveis.

— Isso mesmo. Existem vários tipos de castanhas, mas só algumas são comestíveis.

Ramazan concorda com a cabeça, pega uma castanha e mastiga fazendo barulho enquanto seus pais sorriem, demonstrando todo seu orgulho, felizes diante do reconhecimento dos outros pais. A professora começa a contar como as crianças prepararam as castanhas que os pais estão comendo agora, mas Thulin não está mais ouvindo.

— Como assim existem muitos tipos de castanha?

A pergunta é feita tardiamente e está totalmente fora de contexto. A professora se vira para Thulin, surpresa, assim como alguns pais, que pararam de rir.

— Eu achei que só existissem dois tipos de castanhas. As comestíveis e as usadas para fazer bonecos.

— Não, na verdade existem diversos tipos. Mas agora Ramazan vai...

— Você realmente tem certeza disso?

— Absoluta. Mas agora nós vamos...

— Quantos?

— Quantos o quê?

— Quantos tipos de castanha?

A sala fica em silêncio. Os pais olham de Thulin para a professora, e as crianças estão caladas. A última pergunta foi feita em um tom duro de interrogatório, totalmente desprovido da sua delicadeza inicial. A professora hesita, sorrindo de forma incerta; ela não faz ideia do motivo daquele teste repentino.

— Eu não conheço todos. Mas existem diversos tipos de castanhas comestíveis. Por exemplo, as castanhas europeias e japonesas, e há diversos tipos de castanhas-da-índia. Então, por exemplo...

— Que tipo de castanha é usado para fazer bonecos de animais?

— Bem, todos eles. Mas os mais comuns por aqui são os de castanha-da-índia...

Ninguém volta a falar. Os pais estão olhando para Thulin, enquanto ela observa a professora. Pelo canto do olho, ela registra a expressão da filha, que lhe diz que aquele é possivelmente o momento mais constrangedor da sua vida. Mas, segundos depois, Thulin sai pela porta. Passa correndo pelo salão de festas e segue para a saída, enquanto a comemoração do Halloween continua a pleno vapor.

— Se você veio aqui para me desafiar para outra corrida, vou ter que marcar para a semana que vem — diz Genz, e sorri para ela.

Ele está ao lado de uma mala de viagem e uma mala de mão, e ocupado vestindo um casaco impermeável, quando Thulin entra no grande laboratório. A recepcionista tinha avisado que ele acabou de voltar de uma cena de crime, mas que estava de saída para uma conferência no Herning Exhibition Centre no fim de semana. Mesmo assim, ela conseguiu entrar. Tentou falar com ele por telefone no táxi até lá, mas não conseguiu, então ficou aliviada ao encontrá-lo no departamento, embora claramente não seja uma boa hora.

— Não é isso. Preciso da sua ajuda.

— Podemos falar a caminho do carro?

— De que tipo eram as castanhas do sr. Castanha deixado com a impressão digital de Kristine Hartung?

— De que tipo? — Genz já estava apagando as luzes, mas para e olha para ela. — Não estou entendendo.

Thulin subiu correndo e percebe que ainda está ofegante.

— Uma castanha não é apenas uma castanha, certo? Existem vários tipos. Então, de que tipo eram as castanhas?

— Eu não lembro assim de cabeça...

— Eram castanhas-da-índia?

— Por que você quer saber? O que houve?

— Talvez não seja nada. Se você não consegue lembrar, deve estar em algum dos relatórios do laboratório.

— Tenho certeza que sim, mas eu estou...

— Genz, eu não pediria se não fosse importante. Será que você pode verificar agora?

Com um suspiro, Genz afunda na cadeira em frente à enorme tela. Alguns segundos depois, ele entra no sistema e Thulin acompanha o

que ele está fazendo. Genz acessa uma pasta e passa por diversos relatórios numerados, seleciona um deles e dá um duplo clique. A quantidade de dados e análises é enorme, mas Genz passa rapidamente pelo relatório, claramente familiar com seu conteúdo, e para em um parágrafo específico com o título “Espécie e origem”.

— No primeiro caso, ou seja, no de Laura Kjær, a digital estava em uma castanha comestível, cujo nome científico é *Castanea sativa x crenata*. Satisfeita?

— E nas outras?

Genz a encara por um tempo, como se quisesse dizer que aquilo não tem graça nenhuma.

— Sério, Genz! É importante!

Genz volta a atenção para a sua mesa digital, clica em outro relatório, então repete o procedimento uma terceira vez. Quando termina, Thulin sabe a resposta antes que ele diga.

— Nos outros casos, o resultado foi o mesmo. *Castanea sativa x crenata*. Está bem?

— E você tem certeza? Não há dúvidas quanto a isso?

— Thulin, essa parte da análise foi feita por um dos meus assistentes porque eu estava concentrado na digital em si, então é claro que eu não posso garantir...

— Mas não é muito provável que o seu assistente fosse errar três vezes, certo?

— Não é provável. Mas como nenhum deles é especialista em castanhas, o procedimento-padrão é procurar um perito para identificar a espécie. Imagino que eles tenham feito isso. Agora, você se importa de me dizer o que isso significa?

Thulin fica em silêncio. Ela fez duas ligações do táxi: uma para Genz e outra para Steen Hartung, que atendeu com uma voz sem vida. Sentindo uma fisgada de culpa, ela se desculpou por incomodá-lo e explicou que estava terminando o relatório e que precisava lembrar que tipo de castanheiro a família tinha em casa, cujos frutos eram usados por Kristine e sua amiga para fazer os bonecos de castanha. Hartung não teve nem energia para se mostrar surpreso e, quando ela acrescentou que era apenas uma formalidade, ele respondeu sem mais

comentário. O grande castanheiro que tinham no jardim era um castanheiro-da-índia.

— Significa que temos um problema. Precisamos falar imediatamente com esse perito. Agora mesmo.

O chão entre o portão vermelho e o restaurante Peter Lieps Hus, no Deer Park, está coberto por um tapete branco de neve recém-caída. Rosa Hartung escolhe correr pela trilha de cascalhos em vez de pela de asfalto, que está escorregadia como sabão. Quando chega ao fim do caminho, olha para o parque de diversão que está fechado nessa época do ano, sua alegria abandonada e espectral, antes de virar à direita, descendo por uma das trilhas protegidas por árvores e, dessa forma, intocadas pela neve. Suas pernas não querem continuar, mas o ar está frio e puro e ela se obriga a ir em frente, esperando que a corrida desanuvie seu humor depressivo.

Durante dez dias, ela mal deixou a casa em Ydre Østerbro. Toda a força que tinha reunido para voltar a trabalhar como ministra desapareceu quando recebeu a notícia, em sua própria casa, de que sua esperança de rever Kristine não tinha o menor fundamento. Tudo ficou cinza e insignificante, exatamente como aconteceu no inverno e na primavera anterior. E embora Vogel, Liu e Engells tenham sido muito gentis, encorajando-a a voltar ao ministério, nada adiantou. Ela ficou em casa, e não importava o que dissessem, sabia que seus dias como ministra estavam contados. O primeiro-ministro e o ministro da Justiça deram declarações públicas de apoio, mas, por trás dos panos, não havia dúvidas de que Rosa estava acabada no partido. Depois que se passasse um tempinho, ela seria deixada de lado, ou por ter desobedecido ao primeiro-ministro ou porque estava instável demais. Ela não dava a mínima para nada daquilo.

O luto, porém, não tinha como ignorar. Naquela manhã, teve uma consulta com seu psiquiatra, que a aconselhou a voltar aos antidepressivos. Então, ao voltar, ela se obrigou a vestir sua roupa de corrida — como sempre fazia depois do almoço, quando estava trabalhando de casa —, principalmente porque espera que a corrida

produza endorfina suficiente para melhorar seu estado de espírito, mesmo que só um pouquinho, e lhe dar forças para resistir a outra série de pílulas.

Outro motivo para a corrida, é claro, é que os homens da mudança vão até sua casa para tirar as coisas de Kristine. Depois da sessão, Rosa estava sofrendo o suficiente para seguir o conselho do psiquiatra de se livrar de tudo de uma vez por todas, de que isso tornaria mais fácil deixar o passado de lado. Um ato simbólico, disse ele, que a ajudaria a seguir em frente. Então, Rosa ligou para uma transportadora e mostrou as coisas de Kristine para a *au pair*: quatro caixas grandes de roupas e sapatos, assim como a escrivaninha e a cama, onde Rosa costumava se sentar. Depois informou o número de telefone de uma loja de caridade em Nordre Frihavnsgrade para que a *au pair* ligasse para informar que uma van logo chegaria com caixas e móveis, e então Rosa saiu e dirigiu até o Deer Park.

No caminho, ela se perguntou se deveria telefonar para Steen para avisar sobre sua decisão, mas não conseguiu. Eles mal se falavam agora. O homem da Homicídios foi bem claro e não deixou nenhuma dúvida, mas Steen ainda tinha esperanças, e isso era mais do que Rosa podia suportar. Ele se recusou a assinar os documentos que declaravam que Kristine estava morta, mesmo tendo pedido por eles pessoalmente, e, embora Steen nunca mencionasse isso, Rosa sabia que ele continuava batendo de porta em porta nas casas dos bairros pelos quais Kristine podia ter passado no dia do seu desaparecimento. Foi seu sócio, Bjarke, que lhe contou. Ele também falou, ansioso, sobre as plantas de sistema de esgoto, bairros residenciais e estradas, plantas que não tinham nada a ver com o trabalho de Steen, e sobre como todas as manhãs ele simplesmente saía sem dizer para onde. No dia anterior, Bjarke decidiu segui-lo e o viu andando sem rumo por uma área residencial próxima ao ginásio esportivo. Mas Bjarke provavelmente se arrependeu de ter feito a ligação, porque Rosa não tinha nada exceto resignação para dar como resposta. A busca de Steen era totalmente sem sentido; mas tanta coisa também era. Eles tinham que ficar juntos e pensar em Gustav, mas nesse momento não tinham forças.

Quando Rosa chega aos portões vermelhos novamente, já correu até ficar exausta. Seu suor está frio e desagradável. A respiração condensa diante da sua boca, formando nuvens de fumaça, e ela se apoia no portão de madeira por um momento antes de voltar para o carro. A caminho de casa, passando pela estátua de Knud Rasmussen e Arne Jacobsen, nota uma pequena abertura entre as nuvens acima. O tempo está clareando um pouco. Quando os raios de sol brilham por entre as nuvens, a neve cintila como um tapete de cristais e ela precisa estreitar os olhos para não ficar momentaneamente cega. Quando vira na entrada de casa, nota que sua respiração está diferente de quando saiu. Ligeiramente mais tranquila — como se estivesse chegando até o diafragma e não simplesmente ficando presa em algum lugar entre a garganta e o peito, como uma pia entupida. Ao sair do carro, percebe a marca dos pneus da van na neve e se sente aliviada por ver que aquilo foi resolvido. Por hábito, vai até os fundos da casa, até a porta da despensa. É a que sempre usa quando sai para correr, para não sujar o hall de entrada. Não se dá o trabalho de se alongar: tudo que quer é se jogar no sofá antes que a lembrança de que as coisas de Kristine se foram para sempre a domine por completo. A neve fresca e virgem estala sob seus pés, mas, quando vira perto da varanda dos fundos, ela para.

Alguém deixou alguma coisa para ela no capacho na frente da porta, mas de início ela não consegue definir o que é. Quando se aproxima, vê que é uma delicada guirlanda de flores ou algo do tipo, e sua mente se volta imediatamente para o Natal, talvez por causa da neve. É só quando se abaixa para pegar que percebe que o enfeite é feito de bonecos de castanha. Estão posicionados em uma guirlanda, de mãos dadas para formar um círculo.

Rosa faz uma careta e olha em volta, cuidadosamente. Não há ninguém à vista. O jardim inteiro, incluindo o velho castanheiro, está coberto de neve fresca e imaculada, e as únicas pegadas são as dela. Ela olha para a guirlanda e a pega com cuidado, antes de entrar. Perdeu a conta de quantas vezes teve que responder a perguntas sobre bonecos sr. Castanha e seu possível significado para ela, e não conseguiu pensar em nenhuma ligação a não ser pelos bonecos que

Kristine e Mathilde faziam todos os anos na mesa da sala de jantar. Mesmo assim, enquanto sobe correndo as escadas, ainda com o tênis molhado, chamando a *au pair*, sente algo completamente diferente e mais sombrio, de uma forma que não consegue identificar bem.

Rosa encontra a *au pair* no quarto vazio de Kristine, passando o aspirador de pó no tapete onde as caixas e os móveis estavam. A garota ergue o olhar, espantada, quando Rosa desliga o aspirador e mostra a ela a guirlanda.

— Alice, quem deixou isso lá fora? Como isso chegou aqui?

Mas a *au pair* não sabe. Ela nunca viu aquela guirlanda antes e não faz ideia de como aquilo pode ter ido parar na porta dos fundos, nem de quem pode tê-la colocado ali.

— Alice, isso é importante!

Rosa repete as perguntas, insistindo com a garota confusa que ela deve ter visto alguma coisa, mas, a não ser pelos homens da transportadora, ela não viu ninguém desde que Rosa saiu. Só quando os olhos da *au pair* se enchem de lágrimas é que Rosa percebe que começou a gritar, desesperada para obter alguma resposta que a garota não tem.

— Alice, me desculpe. Sinto muito.

— Eu posso ligar para a polícia. A senhora quer que eu ligue?

Rosa olha para a guirlanda, que largou no chão antes de abraçar a *au pair*, que ainda está fungando. A pequena guirlanda contém cinco bonecos de castanha unidos com arame. Parecem-se com os bonecos que a polícia lhe mostrou, mas agora Rosa nota que dois são mais altos que os outros três. Como se os bonecos maiores fossem os pais. O sr. e a sra. Castanha segurando as mãos dos filhinhos de castanha, como uma família brincando de roda.

E então Rosa finalmente compreende. Ela reconhece a guirlanda e instantaneamente entende por que foi colocada na sua porta, dentre todas as portas, para que fosse ela, e ninguém mais, a encontrar. Ela se lembra de quando viu pela primeira vez uma guirlanda como aquela, quem tinha lhe dado e por quê. Tudo fica claro, mas seu bom senso tenta lhe dizer que não pode ser. Aquele não pode ser o motivo. Já faz muito tempo.

— Eu vou ligar para a polícia agora, Rosa. É melhor chamar a polícia.

— Não! Nada de polícia. Está tudo bem.

Rosa solta Alice, volta correndo para o carro e vai embora, com a sensação de que alguém a está observando demoradamente.

O caminho de carro até a cidade parece interminável e cheio de obstáculos. Ela muda de faixa várias vezes e no cruzamento em Castle Gardens chega a avançar o sinal vermelho. As lembranças inundam seu pensamento. Algumas ela consegue recordar com certeza, enquanto outras são hesitantes e confusas, conforme seu cérebro vai unindo todas elas para formar um quadro geral. Ao chegar ao ministério, se pergunta onde deve parar para não chamar atenção e, depois de conseguir uma vaga, corre para a entrada. Percebe que esqueceu o cartão de acesso, mas o guarda faz sinal para ela entrar.

— Liu, eu preciso da sua ajuda.

No seu gabinete, ela encontra a secretária no meio de uma reunião com duas jovens que Rosa reconhece como novos membros da equipe. Liu fica claramente surpresa por vê-la e a conversa se interrompe imediatamente.

— Sim, claro. Nós continuamos isso depois.

Liu dispensa as duas mulheres que lançam olhares de esguelha cheios de curiosidade. Ela se dá conta de que ainda está com a roupa de ginástica, com tênis molhados e sujos de lama.

— O que aconteceu? Você está bem?

Ela não tem tempo para assimilar a preocupação de Liu.

— Onde estão Vogel e Engells?

— Vogel não apareceu hoje e acho que Engells está em uma reunião em algum lugar do prédio. Você quer que eu ligue para eles?

— Não, não importa. Acho que nós duas conseguimos descobrir sozinhas. O ministério tem acesso ao registro do Conselho Tutelar das famílias de acolhimento para as quais as crianças são levadas, certo?

— Sim... Por quê?

— Eu preciso de informações sobre uma família de acolhimento em Odsherred. Provavelmente de 1986, mas não tenho certeza.

— De 1986? Bem, não tenho certeza se foram digitaliz...

— Só tente! Está bem?

Liu fica claramente agitada, e Rosa se sente culpada.

— Liu, não me pergunte o porquê, está bem? Só me ajude, por favor.

— O.k....

Liu se senta diante do notebook que já está na mesa, e Rosa a olha com gratidão. Ela digita seu login e senha para entrar nos registros de Odsherred e consegue acesso, enquanto Rosa puxa uma cadeira, senta e se aproxima da tela.

— O nome dessa família de acolhimento é Petersen — diz ela. — Eles moravam em Odsherred, na rua Kirkevej, número trinta e cinco. O nome do pai era Poul, um professor. A mãe, Kirsten, uma ceramista.

Os dedos de Liu correm pelo teclado enquanto ela insere as informações.

— Não aparece nada. Você tem o número de identidade?

— Não tenho, mas eu lembro que eles tinham uma filha adotiva. Rosa Petersen.

Liu começa a digitar no número de identidade que Rosa lhe dá, mas então para e olha para Rosa.

— Mas essa é você, não é...?

— Isso. Só continue procurando. Não posso explicar o motivo. Você precisa confiar em mim.

Liu assente, insegura, e continua procurando. Alguns segundos depois, encontra o que estão buscando.

— Rosa, um bebê do sexo feminino. Nascida Juul Andersen. Adotada por Poul e Kirsten Peterson...

— Agora use a identidade deles e procure um caso de 1986.

Liu obedece e faz uma nova busca, mas outra vez, depois de digitar um pouco, ela nega com a cabeça.

— Não tem nada de 1986. Como eu disse, ainda não acabaram de digitalizar tudo, então talvez...

— Tente 1987 ou 1985. Um garoto entrou para a nossa família. E a irmã dele também.

— Você sabe o nome do garoto ou...

— Não, eu não sei de nada. Eles não ficaram muito tempo. Algumas semanas ou meses...

Liu continua digitando durante a conversa, mas então para. Seus olhos estão fixos na tela.

— Achei uma coisa. Acho. De 1987. Toke Bering... e sua irmã gêmea, Astrid.

Rosa percebe que Liu chegou a uma página com um número de arquivo e um bloco de texto. A fonte é antiga, indicando que o arquivo foi datilografado em uma máquina de escrever. Os nomes não significam absolutamente nada para ela. Nem o fato de serem gêmeos. Mas sabe que tem que ser eles.

— Parece que eles ficaram com vocês por três meses antes de serem transferidos.

— Transferidos para onde? Preciso saber o que aconteceu com eles.

Liu permite que Rosa se aproxime da tela, para que possa ver o antigo arquivo. E Rosa lê. Quando acaba as três páginas datilografadas pelo assistente social, todo o seu corpo está tremendo. Lágrimas escorrem pelo rosto, e ela sente vontade de vomitar.

— Rosa, o que aconteceu? Não estou gostando nada disso. Você quer que eu ligue para Steen ou...

Rosa nega com a cabeça. Sua respiração parece falhar e ela se obriga a ler o texto novamente. Dessa vez, porque acha que pode haver uma mensagem. Algo que o dono da guirlanda de castanhas quer que ela entenda. Ou será que é tarde demais? Será que a mensagem horrível é que esse é o motivo para tudo aquilo? E a sua punição será viver com esse conhecimento pelo resto da vida?

Dessa vez, Rosa absorve os detalhes, procurando freneticamente por pistas sobre o que deve fazer em seguida. E, de repente, ela entende. Quando seus olhos caem no nome do lugar para onde os gêmeos foram levados, fica óbvio, e ela sabe que é para *lá* que ela deve ir. *Tem* que ser lá.

Rosa se levanta, memorizando o endereço do arquivo.

— Rosa, será que você pode me explicar o que está acontecendo?

Ela não responde à pergunta de Liu. Ela acabou de ver a mensagem enviada para o seu celular, que estava em cima da mesa. É um *emoji*

com um dedo na frente da boca, e Rosa sabe que tem que ficar em silêncio se quiser descobrir o que aconteceu com Kristine.

Está nevando intensamente e parte da paisagem que Hess enxerga pelo para-brisa é branca e indefinida. A autoestrada ainda era trafegável porque removedores de neve passam de tempos em tempos, mas ele agora saiu da autoestrada E47 e está dirigindo por uma estrada secundária em direção a Vordingborg e tem que seguir a vinte quilômetros por hora para não bater nos carros à frente.

No caminho de Copenhague a Zelândia ele ligou para a polícia local em Risskov e Nyborg, mas temia que eles não fossem de muita ajuda. As informações sobre os assassinatos em Risskov eram muito limitadas. Já que o crime tinha ocorrido dezessete anos antes, suas perguntas foram respondidas com grande desdém pela polícia de Aarhus, e ele foi transferido três vezes antes de uma policial ficar com pena e procurar o arquivo do caso: tinha sido arquivado havia muito tempo como não resolvido. Ela não conhecia o caso pessoalmente, mas se dispôs a ler fragmentos do relatório por telefone. Mas nada daquilo foi útil. A vítima, uma assistente de laboratório, era mãe solo e na noite do assassinato tinha arrumado alguém para cuidar da filha de um ano porque estava esperando um amigo para o jantar. Quando o amigo chegou, a encontrou esfaqueada e morta no chão da sala e chamou a polícia. Dois anos depois, a investigação não era mais prioridade e o caso foi arquivado — eles não tinham suspeitos nem pistas para seguir.

Já no caso de Nyborg, em 2015, a história era diferente. A vítima era a mãe de um garoto de três anos, e a investigação ainda estava aberta. O pai do garoto, um ex-namorado, era o principal suspeito e houve um pedido de prisão contra ele, mas acredita-se que ele tenha se escondido na Tailândia. O motivo, aparentemente, foi uma mistura de ciúme e dinheiro. O cara tinha ligações com uma gangue de motoqueiros, e o delegado local trabalhava com a teoria de que ele

tinha seguido o carro da vítima e observado enquanto ela tinha um encontro com um jogador de futebol casado. No caminho para casa, ele a obrigou a parar no acostamento, a atacou e a esfaqueou com uma arma desconhecida, perfurando o cérebro através do olho esquerdo. Como Hess não acreditava que o ex-namorado da vítima, agora supostamente em Pattaya, pudesse ser responsável pelos assassinatos atuais na capital, ele perguntou ao delegado se havia algum outro suspeito. Alguém que tivesse ligação com a mulher, sem ser um amigo próximo, um ex-namorado ou parente. Mas o delegado achava que não, e Hess sentiu que o homem considerou a pergunta uma crítica indireta ao seu trabalho e decidiu não insistir. Em vez disso, ele abordou a questão do boneco pendurado no retrovisor do carro da mulher.

— Quando interrogou as pessoas e mostrou as fotos da cena do crime, alguém notou qualquer objeto que causasse estranhamento ou que parecia fora de lugar?

— Mas como você sabe disso? Por que você pergunta?

— Será que o senhor poderia me dizer quem foi?

— A mãe da vítima ficou surpresa ao ver um sr. Castanha no retrovisor. Disse que a vítima era alérgica a castanhas desde criança, então aquilo era um pouco estranho.

O delegado, que não gostava de deixar nenhuma ponta solta, decidiu investigar. Fazendo perguntas no jardim de infância da filha, descobriu que ela tinha feito um sr. Castanha algumas semanas antes, então não era inconcebível que a mãe tivesse pendurado uma das criações da filha no carro, apesar da alergia. A informação causou arrepios em Hess. Embora a teoria do delegado soasse plausível, não acreditou naquilo nem por um momento. Mas quem passaria tempo se perguntando sobre a presença de srs. Castanha em setembro ou outubro? Provavelmente ninguém. Por um momento, Hess sentiu que a pergunta abriu uma dúvida e o delegado estava reavaliando a questão, então ele se apressou a fechá-la. Não havia motivos para dar o alarme quando ele não tem nada mais do que teorias com que trabalhar.

Sem conseguir mais informações sobre aqueles dois casos, Hess

decidiu seguir para o sul na esperança de encontrar alguém com quem pudesse conversar sobre o caso de Møn. Por sorte, Møn fica na jurisdição de Vordingborg, na província mais ao sul da Dinamarca, então pelo menos não vai precisar dirigir horas e horas até lá. Mas está começando a se arrepender da decisão. Não entrou em contato com Thulin nem com Nylander pelo mesmo motivo que o fez encerrar a conversa com o delegado e, enquanto sobe os degraus da delegacia de Vordingborg, duvida muito que falará com qualquer um dos dois. Desde o seu momento de clareza no aeroporto, percebeu o quanto a tarefa era difícil. Mesmo que a mesma pessoa estivesse matando e aterrorizando mulheres há décadas, talvez demorasse *mais* algumas décadas para encontrarem o assassino. *Se* aquilo fosse verdade.

Na recepção frenética da delegacia de Vordingborg, Hess mente na maior cara de pau, dizendo que é da Divisão de Crimes Hediondos em Copenhague e que gostaria de falar com o delegado local. A delegacia está muito movimentada, uma baita confusão, com as pessoas esbarrando umas nas outras, mas uma alma caridosa aponta para uma sala no fim de um corredor e diz para ele pedir para falar com Brink.

Hess entra em um escritório grande e sujo onde um homem com rosto marcado e cabelo ruivo, com uns sessenta anos e uns cem quilos, está vestindo o casaco enquanto fala ao telefone.

— Então largue essa merda aí, se não consegue ligar. Estou indo!

O homem desliga e segue para a entrada, não dando a menor indicação de que vai desviar de Hess.

— Eu gostaria de falar com Brink.

— Estou de saída. Você vai ter que esperar até segunda-feira.

Hess se apressa para pegar o distintivo, mas o homem já passou por ele e está atravessando o corredor enquanto fecha o casaco.

— É importante. Eu tenho algumas perguntas sobre um caso e...

— Tenho certeza que tem, mas eu estou saindo agora para a minha folga de fim de semana. Pergunte na recepção. Tenho certeza de que vão ajudá-lo. Passar bem.

— Eu não posso perguntar na recepção. É sobre os assassinatos em Møn, em 1989.

Brink para no meio do corredor. Por um momento, ele permanece de costas, mas, quando se vira e olha para Hess, parece que acabou de ver um fantasma.

Brink, o inspetor de polícia, jamais se esqueceria do dia 31 de outubro de 1989. Todas as suas outras experiências na polícia não eram nada em comparação com as lembranças daquele dia. Até agora, muitos anos depois, sentado diante de Hess na sala mal iluminada, com a neve caindo do lado de fora, o homem atarracado não consegue evitar a emoção.

Quando o então detetive Brink chegou à fazenda de Ørum naquela tarde, antes do seu aniversário de vinte e nove anos, estava atendendo a um chamado de reforços do inspetor Marius Larsen. Larsen, conhecido na época como “o xerife”, tinha dirigido até lá para ver Ørum porque um ou dois vizinhos tinham reclamado que os animais estavam pastando no terreno deles. Aquilo já tinha acontecido antes. Ørum, um pai de família de quarenta e poucos anos, tinha uma pequena fazenda, mas também um emprego de meio expediente na estação das barcas. Ele não tinha treinamento para ser fazendeiro, nem era caprichoso ou dedicado, e as pessoas diziam que só estava tentando ganhar um pouco mais de dinheiro criando animais. Ele comprou a fazenda por uma ninharia em um leilão e como os animais, os estábulos e os pastos faziam parte do negócio, ele tentou ganhar dinheiro com aquilo. O que, infelizmente, não deu muito certo. Para resumir, “dinheiro” ou talvez “falta de dinheiro”, para ser mais específico, era o que costumava vir à mente quando se falava de Ørum. Algumas pessoas achavam que foi a falta de dinheiro que fez com que Ørum e a esposa se inscrevessem no programa de lar temporário. Cada vez que uma criança ou jovem era mandado para ficar na fazenda, eles recebiam um cheque, e com o passar dos anos tinham o suficiente para pagar as contas. As pessoas na pequena comunidade de Møn provavelmente sabiam que a família não fazia o tipo carinhosa e preocupada com questões sociais, mas por outro lado

pensavam que as crianças que iam viver sob o teto da família Ørum se beneficiariam do ambiente oferecido. Muito ar fresco, campos e animais; e as crianças poderiam aprender a ajudar e ganhar o próprio sustento. Os jovens Ørum, tanto os filhos biológicos quanto os que estavam com eles provisoriamente, eram facilmente reconhecidos na comunidade local por usarem roupas mais simples do que as dos colegas de turma e, geralmente, inadequadas para a estação. Era verdade que a família talvez tivesse uma tendência a se isolar, mas, principalmente no caso das crianças acolhidas, acreditava-se que essa timidez se devia a alguma história infeliz. Então, embora as pessoas não gostassem muito da família Ørum, tinham alguma consideração porque — com ou sem dinheiro — eles faziam bem às crianças que não tinham muito mais na vida. O fato de Ørum beber mais cerveja do que deveria enquanto estava trabalhando na estação das barcas ou no seu Opala velho perto do porto — bem, aquilo era um direito dele.

Foi com esse conhecimento limitado que Brink e outro colega chegaram à fazenda, trinta anos antes, junto com a ambulância que o xerife tinha solicitado. O porco morto atrás do trator foi um sinal sombrio do banho de sangue que os aguardava dentro da casa. Os dois filhos adolescentes de Ørum tinham sido baleados na mesa do café da manhã, a mãe tinha sido cortada em pedaços no banheiro e, no porão, encontraram o corpo ainda morno de Marius Larsen, que foi morto com vários golpes do mesmo machado usado na mãe.

Ørum não estava lá. Seu velho Opala estava no celeiro, mas o homem tinha desaparecido. Como Larsen tinha sido assassinado menos de uma hora antes, sabiam que ele não teria como ter ido muito longe, mas fizeram uma busca e não o encontraram. Só três anos depois foi que o corpo de Ørum foi achado, por acaso, pelo novo dono, no poço de marga nos fundos da fazenda, onde parecia que tinha se suicidado com o rifle de caça. Deve ter feito isso antes da chegada de Brink e do colega.

De acordo com os técnicos forenses, o rifle encontrado no poço era o mesmo usado nos adolescentes na cozinha e no porco do quintal, e aquilo se encaixou. O caso tinha sido resolvido.

— O que aconteceu? Por que Ørum cometeu o crime?

Hess estava fazendo anotações em um bloco de post-its, e agora ele olha para o outro policial sentado à sua frente, do outro lado da mesa.

— Não sabemos ao certo. Culpa, talvez. Presumimos isso por causa do que ele fez com as crianças adotivas.

— Que crianças?

— Os gêmeos. Nós os encontramos no porão.

De início, Brink apenas se certificou de que os gêmeos estavam vivos, um menino e uma menina. Então, o pessoal da ambulância assumiu os cuidados com eles, enquanto Brink e seu colega se concentravam na busca por Ørum e mais policiais chegavam à cena. Mas, quando voltou ao porão, Brink notou que o lugar não tinha nada de comum.

— Parecia um calabouço. Tinha barras e cadeados nas janelas, algumas roupas, alguns livros escolares e um colchão... que você não ia querer saber para o que era usado. Em um armário velho, encontramos fitas VHS, então descobrimos o que acontecia ali.

— O quê?

— Por que você quer saber?

— É muito importante.

Brink o encara e respira fundo.

— A garota sofria abuso e foi estuprada. Começou no dia que chegaram e continuou durante todo o tempo que ficaram ali. Diversos tipos de sexo. Com o próprio Ørum ou com os adolescentes. Ørum e a esposa os obrigavam a participar. Em uma das fitas, eles chegaram a arrastar a garota para o chiqueiro...

Brink fica em silêncio. O homem esfrega a orelha e pisca, e Hess vê que os olhos dele estão brilhando.

— Não tem muita coisa que eu não aguento ver. Mas às vezes ainda consigo ouvir o garoto gritando para a mãe, tentando fazer com que ela fizesse alguma coisa...

— E o que ela fez?

— Nada. Era ela que estava filmando.

Brink engole em seco.

— Em outra fita, dá para vê-la trancando o garoto no porão e mandando que ele fizesse srs. Castanha até tudo acabar. E ele fazia.

Todas as vezes, pelo que tudo indica. O porão inteiro é cheio daqueles bonecos horríveis...

Hess imagina a cena. O garoto trancafiado no porão pela mãe da família adotiva enquanto a irmã era atormentada do outro lado da parede. E, por um momento, Hess tenta imaginar o que aquilo faria com a mente de uma criança.

— Eu gostaria de ver o arquivo.

— Por quê?

— Não posso dar detalhes, mas preciso localizar o garoto e a garota. E isso precisa ser o mais rápido possível.

Hess se levanta para enfatizar a pressa, mas Brink continua sentado.

— Porque você está traçando o perfil de um interno em uma unidade de segurança em Slagelse? — Brink arqueia uma sobrancelha, como se estivesse perguntando se Hess acha que ele é idiota.

Essa foi a explicação que Hess lhe deu ao chegar. Achou que seria mais fácil usar uma mentira antiga do que inventar uma nova, então disse que estava ajudando a polícia dinamarquesa a traçar o perfil do preso Linus Bekker, que estava internado na ala de segurança máxima de um hospital psiquiátrico e tinha uma estranha obsessão por uma foto específica do caso que aconteceu em Møn em 1989. Quanto menos falasse sobre o seu verdadeiro objetivo, melhor.

— Acho que chegou a hora de pararmos com isso. Diga o nome do seu superior na Divisão de Homicídios.

— Brink, isso é importante.

— E por que eu deveria ajudá-lo? Já dei meia hora do meu dia que deveria estar usando para ajudar a minha irmã que está lá fora na neve.

— Porque eu não tenho certeza se foi Ørum que matou seu colega, Marius Larsen. Nem os outros, na verdade.

O policial o encara. Por um momento, Hess acha que ele vai cair na gargalhada, sem acreditar no que estava ouvindo. Mas, quando Brink responde, não demonstra surpresa e parece que está tentando convencer a si mesmo.

— *Não pode* ser o garoto. Nós consideramos isso na época, mas era impossível. Ele só tinha dez ou onze anos.

Hess não responde.

O arquivo do banho de sangue em Møn é bem completo. O processo de digitalização no sistema de arquivos na delegacia de Vordingborg é avançado o suficiente para que Hess possa ler na tela, em vez de passar por arquivos físicos empoeirados como os que estão à sua volta, embora ele prefira isso. Enquanto escuta impaciente a música de espera no seu telefone, seus olhos passam pelas prateleiras e ele percebe a enorme quantidade de sofrimento humano que o Estado precisa documentar e armazenar, ficando esquecido em arquivos, registros e servidores em todo o país.

— Você é o número sete da fila.

Brink o acompanhou até o porão e destrancou o arquivo, uma sala rudimentar e com grandes fileiras de prateleiras contendo caixas e pastas. Não havia janelas, apenas compridas e ultrapassadas lâmpadas fluorescentes, do tipo que Hess viu pela última vez na escola, e a sala o fazia lembrar o quanto odiava porões e salas subterrâneas.

O tamanho do arquivo era tão grande, que, de acordo com Brink, foi o primeiro a ser digitalizado quando começaram esse processo, alguns anos antes. Eles queriam mais espaço. Então, Hess tem que ler o caso em um computador antigo e barulhento no canto. Brink ofereceu ajuda, chegando quase a insistir para ficar, mas Hess prefere trabalhar sem ser interrompido. Seu telefone tocou algumas vezes, incluindo várias chamadas de François, e ele se deu conta de que o amigo provavelmente queria saber por que não estava em Bucareste.

Hess sabia o que estava procurando no material, mas acabou se demorando nos detalhes. A descrição dos policiais que encontraram os gêmeos foi uma leitura pavorosa. Foram encontrados agarrados um ao outro no canto do porão. O garoto abraçando a irmã, que parecia totalmente apática, como se estivesse em estado de choque. O garoto resistiu e lutou quando foi separado dela para que fossem levados para

a ambulância, e seu comportamento foi comparado ao de “um animal selvagem”. O exame médico das crianças confirmou o abuso e a violência já evidenciados no porão, mas, quando tentaram conversar com os gêmeos, isso se mostrou impossível. O garoto estava completamente mudo, recusando-se a falar qualquer coisa. A irmã, por outro lado, respondeu com franqueza, aparentemente sem entender as perguntas. A psicóloga presente declarou que a menina estava vivendo em um mundo paralelo — provavelmente em uma tentativa de reprimir suas experiências. Uma juíza decretou que as crianças não precisariam ir ao tribunal e, àquela altura, já tinham sido mandadas para famílias de acolhimento em outras partes do país. As autoridades decidiram separar os gêmeos, na esperança de que aquilo os ajudasse a deixar tudo para trás e ter um novo começo. Para Hess, aquela não pareceu uma decisão muito sábia.

A primeira coisa que anotou no bloco de post-it ao lado do computador foi o nome dos gêmeos, Toke e Astrid Bering, assim como o número de identidade deles, mas fora isso o relatório não dava muito mais detalhes sobre a história dos dois. Havia algumas anotações de um assistente social dizendo que foram abandonados na escadaria de uma maternidade em Aarhus, em 1979, com poucas semanas de vida, e receberam o nome das parteiras. Sem entrar em detalhes, o relatório dizia que os gêmeos passaram por várias famílias de acolhimento antes de serem transferidos para a Fazenda do Castanheiro, dois anos antes do banho de sangue. Esse era o nome da fazenda de Ørum. A cada linha, Hess sentia que estava mais próximo de uma explicação, mas então procurou o número de identidade dos gêmeos no registro policial para descobrir onde estavam atualmente.

— Você é o número três na fila.

O extenso registro policial, com referências cruzadas com vários bancos de dados relevantes para o trabalho de investigação, mostra quando e onde uma pessoa específica morou. Cada registro inclui uma lista cronológica de endereços residenciais e datas de mudança, assim como informações se a pessoa foi casada, divorciada, acusada de algum crime, condenada, deportada ou se tinha algum envolvimento em atividades de interesse da polícia.

Mas o que deveria ter sido uma busca de rotina se transformou em um novo mistério.

De acordo com o banco de dados, depois de ficar em uma instituição estadual para crianças carentes, Toke Bering, então com doze anos, foi enviado para viver com uma família de acolhimento em Langeland. Depois para outra em Als e para outras três famílias antes de seu rastro desaparecer completamente logo depois do seu aniversário de dezessete anos. Simplesmente não havia mais nenhum endereço ou eventos ligados àquele número de identidade.

Se Toke Bering tivesse morrido, essa informação estaria disponível, mas ele simplesmente parou de ser rastreado pelo sistema, então Hess telefonou para o banco de dados nacional para obter alguma explicação. A mulher que atendeu não conseguiu encontrar mais informações do que ele. Astrid Bering foi enviada para muitas famílias de acolhimento desde a sua estada na Fazenda do Castanheiro, mas os assistentes sociais obviamente mudaram sua estratégia com a garota, porque a tiraram do programa de lares temporários e a transferiram para diversas instituições para jovens com problemas mentais. Entre os dezoito e os vinte e sete anos, seu endereço era desconhecido, o que poderia significar que estava morando fora, mas depois ela começou a passar de uma instituição para doentes mentais para outra. Até que, um ano atrás, aos trinta e oito, simplesmente desapareceu. Hess tinha entrado em contato com o último endereço conhecido, mas a instituição tinha um novo gerente e ele não fazia ideia de para onde Astrid Bering tinha ido depois que recebeu alta.

— Você é o número dois na fila.

Então, Hess escolheu o caminho mais difícil: ligar para todas as famílias de acolhimento pelas quais os gêmeos passaram para descobrir se tinham tido notícias deles durante esses anos e se sabiam onde poderia encontrá-los. Hess começou por ordem cronológica — *antes* da Fazenda do Castanheiro —, mas duas ligações não tinham levado a lugar nenhum. As duas famílias tentaram ser prestativas, mas não tiveram contato com nenhum dos dois, então Hess passou para a terceira família.

— Conselho Tutelar de Odsherred, vara de família. Como posso

ajudar?

O antigo telefone fixo da família Petersen de Odsherred tinha sido desligado, então Hess procurou o Conselho Tutelar. Ele explica que está procurando por Poul e Kirsten Petersen, residentes da rua Kirkevej, número trinta e cinco, em Odsherred — espera que possam lhe dar alguma informação sobre os gêmeos que foram colocados aos seus cuidados em 1987.

— Só se você tiver uma linha direta com o Céu. De acordo com os dados na tela do meu computador, Poul e Kirsten Petersen morreram. O marido morreu sete anos atrás, a esposa dois anos depois.

— Como eles morreram?

A pergunta é só por hábito, mas a voz cansada do outro lado não tem aquela informação na tela. Já que o marido e a esposa tinham setenta e quatro e setenta e nove, respectivamente, e morreram com alguns anos de diferença, aquilo não parecia fazer muita diferença.

— E quanto a outras crianças? Eles tinham alguma criança morando lá na época?

Hess faz essa pergunta porque crianças que se conheciam no programa de acolhimento familiar às vezes mantinham contato, mesmo quando os pais não estavam mais vivos.

— Não, não até onde estou vendo.

— Tudo bem, então. Obrigado. Tchau.

— Ah, espere. Eles já tinham acolhido uma criança e parece que a adotaram. Rosa Petersen.

Hess está prestes a desligar quando registra o que a voz acabou de dizer. Poderia ser coincidência, e seu cérebro lhe diz que milhares de pessoas se chamam Rosa. Mesmo assim...

— Você tem o número de identidade de Rosa Petersen?

Ela informa o número e Hess pede para ela aguardar na linha enquanto ele volta a atenção para o próprio computador. Um minuto depois, o banco de dados localizou Rosa Petersen, que se casou quinze anos antes e mudou o nome para o do marido, e agora não lhe resta a menor dúvida: Rosa Petersen é Rosa Hartung. Hess se remexe na cadeira.

— O que o arquivo fala sobre a estadia dos gêmeos com a família

Petersen?

— Nada. Tudo que posso ver aqui é que os Petersen acolheram os gêmeos por três meses.

— Por que não ficaram mais?

— Não sei. E já está na minha hora de sair.

Quando a assistente social desliga, Hess ainda está com o telefone no ouvido. Os gêmeos só passaram três meses em Odsherred com os Petersen e a filha adotiva, Rosa. Depois disso, foram mandados para a família Ørum, em Møn. Hess não sabe nada além disso, mas tem certeza de que essa é a conexão: o garoto no porão na Fazenda do Castanheiro, os srs. Castanha deixados com as vítimas, as mulheres mutiladas para parecerem bonecos — o assassino fazendo os próprios bonecos de castanha com partes de corpos humanos.

Os dedos de Hess tremem enquanto as imagens giram na sua mente, tentando se encaixar no lugar certo. Tudo aquilo era sobre Rosa Hartung, desde o começo. Todas as vezes as impressões digitais os levaram na direção dela, mesmo quando ele não entendia o motivo, mas isso era o que estava procurando o tempo todo. O insight o faz se levantar, mas então tudo fica sombrio quando ele percebe subitamente o que vai acontecer em seguida.

Liga imediatamente para Rosa Hartung, mas a ligação cai na secretária eletrônica e Hess desliga. Está prestes a tentar novamente quando recebe uma ligação de um número desconhecido.

— É o Brink. Desculpe se estiver atrapalhando, mas eu andei fazendo umas perguntas sobre os gêmeos, porém ninguém sabe o que aconteceu com eles.

— Tudo bem, Brink. Eu não tenho tempo agora.

Brink tinha se oferecido para ajudar Hess ligando para as pessoas da comunidade, e ele só concordou para tirá-lo do caminho, então é meio irritante o fato de ele ligar para dar informações.

— E não há muitas informações no sistema, principalmente sobre o garoto. Eu acabei de perguntar para a filha mais nova da minha irmã, que estudava com os gêmeos, mas ela não conseguiu falar com eles para o reencontro da escola, alguns anos atrás.

— Brink, eu tenho que correr.

Hess desliga e faz outra ligação, esperando impacientemente ao lado do computador, mas Rosa Hartung não atende. Ele deixa uma mensagem e decide ligar para o marido, mas nesse momento recebe uma mensagem. Primeiro acha que é de Hartung, mas é de Brink.

“Foto da turma do quinto ano A, de 1989. Não sei se ajuda. Minha sobrinha disse que a garota devia estar doente no dia que a foto foi tirada, mas o garoto é o que está na ponta à esquerda.”

Hess clica imediatamente na foto e a analisa. Há menos de vinte alunos na foto esmaecida, provavelmente por ser uma escola na zona rural. Uma fileira de alunos está em pé, outra sentada à frente, e só. Estão usando cores pastel, algumas das garotas tinham cacheado o cabelo e usavam ombreiras, enquanto os meninos estavam de tênis Reebok e suéter da Kappa ou da Lacoste. Na fileira da frente há uma garota bronzeada com brincos enormes e uma plaquinha na qual se lê “5A”, e a maioria dos alunos está sorrindo para a câmera como se alguém, talvez o fotógrafo, tivesse dito algo engraçado.

Mas, ao olhar para a foto, é o garoto na ponta esquerda que mais chama atenção. Não é alto para a idade. Não é desenvolvido como os outros, as roupas inclusive estão largas nele. Mas seus olhos são penetrantes. Ele olha diretamente para a câmera com o rosto sem expressão, como se fosse o único que não ouviu a piada.

Hess olha para ele. Cabelo, bochechas, nariz, queixo, boca. Todos os traços que mudam tão radicalmente na adolescência. O garoto é e não é familiar. Apenas quando dá um zoom e cobre o rosto do garoto para que apenas os olhos fiquem visíveis percebe para quem está olhando. Ele está vendo, mas a ideia é tão impossível quanto óbvia. Quando compreende tudo, seu primeiro pensamento é que é tarde demais para lutar contra aquilo.

Os tornozelos dela são finos e delicados, perfeitos para sapatos de salto alto, e ele ama olhar para eles em um momento como aquele, quando permite que ela saia na frente do salão de imprensa e siga pelo corredor. Ela se vira e diz algo para ele, e Nylander assente enquanto sua mente pensa em uma forma de começar o caso que decidiu ter com ela. O começo pode muito bem ser mais tarde naquele mesmo dia. Talvez a convide para tomar um café em um dos bares dos hotéis próximos da estação de trem, para que possam conversar sobre o futuro dela. Ele vai agradecer-lhe por todos os seus esforços e apresentar suas opções como consultora de comunicação na polícia, mas, se sua avaliação estiver correta, não vai ser muito difícil levá-la para um dos quartos por uma ou duas horas antes de ter que voltar para casa para a programação em família que sua esposa organiza todas as sextas-feiras. Nylander decidiu há muito tempo que ainda ama a esposa — pelo menos a ideia da vida familiar —, mas que ela é muito ocupada com os filhos, o conselho escolar e a fachada geral, então não vê nenhum problema em aproveitar um pouco a própria liberdade. E hoje em particular, ele não consegue afastar a sensação de que merece uma recompensa, depois da semana que enfrentou.

A última entrevista coletiva tinha acabado e eles finalmente apresentaram o caso ao público — com o resultado que Nylander queria. Poucas pessoas entendem o tênue equilíbrio que é preciso ter para se apresentar como um policial sério e confiável para a mídia, mas há tempos tinha aprendido que uma declaração bem- -aceita pelo público pode ser usada para pavimentar seu caminho para outros objetivos, fosse na delegacia, no gabinete do promotor público ou no Ministério da Justiça. Também sente que o seu status interno cresce a cada segundo que ele aparece nas telas e em outras plataformas de mídia. Seus críticos foram colocados nos devidos lugares, e Nylander

não está nem aí para quem acha que ele está aparecendo demais sob os holofotes. Para ser sincero, acha que foi generoso demais com os elogios à equipe, principalmente com Tim Jansen, embora não tenha sido necessário chamar qualquer atenção para Hess ou Thulin. Thulin encontrou os membros decepados, é claro. Por outro lado, ela o desafiou quando foi interrogar Linus Bekker e, naquela manhã mesmo, ele pensou que seria ótimo se ela deixasse sua equipe. Mesmo que fosse para ir para o NC3. Seu departamento provavelmente receberia novos recursos, e ele acabaria enterrado até o pescoço com outros policiais do tipo dela — mesmo que Thulin parecesse ter algo especial.

Por outro lado, não há nada de positivo para dizer sobre Hess. Ele o elogiou muito, é claro, na conversa com aquele chefe qualquer da Europol, mas só para se livrar dele. Hess não apareceu mais na delegacia depois que o caso foi resolvido, e Nylander teve que pedir a Thulin e aos outros para fazerem relatórios estritamente de responsabilidade dele. Então, a boa notícia é que o cara está saindo do país. Por esse motivo ele fica surpreso quando seu celular toca e é uma ligação de Hess.

Seu primeiro impulso obviamente é rejeitar a ligação, mas então percebe o motivo por que Hess deve estar ligando e decide que quer ter aquela conversa. Alguns minutos antes, um colega o informou que um francês da Europol tinha ligado, perguntando se alguém sabia por que Hess não apareceu conforme o combinado, mas Nylander não deu atenção. Não se importava. Agora, porém, imagina Hess explicando como perdeu o voo para Bucareste, implorando que Nylander ligue para Haia com alguma desculpa para se safar. Mas Hess *merece* pagar o preço. E quando Nylander atende, só está pensando no que terá que fazer para que aquele cara não volte para a sua equipe.

Três minutos e trinta e oito segundos depois, a conversa acaba. A duração precisa aparece na tela do celular enquanto Nylander olha apaticamente para o aparelho. Um buraco enorme parece ter se aberto sob seus pés. Seu cérebro ainda está protestando contra todas as informações que Hess deu antes de desligar, mas no fundo ele sabe que podem ser verdadeiras. Percebe que a linda boquinha da consultora de comunicação ainda está falando com ele, mas sai

correndo. Chegando ao departamento, ele agarra o detetive mais próximo.

— Organize uma força-tarefa. Precisamos encontrar Rosa Hartung. Agora!

Steen Hartung fica encharcado com a neve que começou a cair no bairro de subúrbio que está investigando. O álcool nas duas garrafinhas é a única coisa que o mantém quente, mas a bebida está acabando e ele lembra que precisa ir até o posto de gasolina em Bernstorffsvej. Então segue por mais uma alameda com a entrada coberta de neve, passando por outra fileira de abóboras de Halloween e toca mais uma campainha. Enquanto espera, lança um breve olhar sobre os ombros, vendo as próprias pegadas e os flocos que caem na rua, como se estivesse dentro de um globo de neve. Algumas portas abrem, outras não. Considerando o tempo que está esperando, aquela é uma das que permanecem fechadas. Mas bem na hora em que se vira para ir embora e está descendo a escada, ouve a porta atrás dele se abrir. Os olhos que encontram os seus lhe são familiares. Apesar de que deveria ser um estranho, Steen sente que reconhece o homem. Mas está cansado. Está vagando há horas, sem resultado, e a exaustão o faz duvidar de si mesmo. Em algum lugar dentro de si, sabe que o único propósito daquela busca é o de aliviar o próprio sofrimento. Analisa os mapas e bate nas portas, mas em seu coração já começou a entender que nada daquilo dará algum resultado.

Para os olhos na porta, Steen começa a explicar, gaguejando, o motivo de estar ali. Primeiro, apresenta a situação, depois explica que tem a esperança de que o homem talvez se lembre de alguma coisa, qualquer coisa, que tenha acontecido na tarde de 18 de outubro do ano anterior, quando a filha talvez tenha passado de bicicleta por aquela rua. Steen mostra a foto de Kristine, cujo rosto agora está molhado de neve, as cores escorrendo pelo papel como rímel borrado. Mesmo antes que Steen termine de falar, o homem na porta nega com a cabeça. Steen hesita e tenta novamente, mas o homem nega com a cabeça uma segunda vez e faz um gesto para fechar a porta. De

repente, Steen perde a cabeça.

— Eu te conheço de algum lugar. Quem é você? Eu sei que já te vi em algum lugar. — Sua voz está cheia de desconfiança, quase como se estivesse reconhecendo um suspeito, e ele coloca o pé na frente da porta para que o homem não possa fechá-la.

— Eu me lembro de você também. Não tem nada de estranho nisso, já que você bateu na minha porta na segunda-feira, fazendo exatamente as mesmas perguntas.

Steen leva um momento para perceber que o homem está certo. Constrangido, pede desculpas enquanto se afasta da casa e segue para a rua. Atrás dele, Steen ouve o homem perguntar se está tudo bem, mas não responde. Corre pela neve e não para até chegar ao próprio carro, no final da rua, onde escorrega e precisa se segurar no capô para não cair. Ele se acomoda no banco da frente e começa a chorar, sentado na penumbra do carro, soluçando como uma criança. Seu telefone começa a vibrar no bolso, mas ele ignora. Só quando lhe passa pela cabeça que pode ser Gustav é que se obriga a pegar o celular e percebe que tem diversas ligações perdidas. Sente medo na hora. Ele atende, mas não é Gustav. É a *au pair*, e o primeiro instinto de Steen é desligar sem dizer nada. Mas Alice diz algo sobre precisar encontrar Rosa imediatamente — há algum problema. Não fica muito claro o que ela quer dizer com isso, mas as palavras “sr. Castanha” e “polícia” o arrancam do pesadelo que está vivendo naquela rua de subúrbio e o lançam diretamente em outro.

As três vans da polícia vão na frente, com as sirenes ligadas, liberando o trânsito. Nylander está no comboio de carros atrás e, durante todo o caminho, seu cérebro tenta encontrar outra explicação além daquela que Hess lhe deu ao telefone. Já olhou várias vezes para a foto da classe que o detetive lhe enviou e, embora reconheça o rosto infantil no canto esquerdo, não consegue acreditar.

Pouco antes de chegarem, as sirenes são desligadas para evitar alertar o suspeito, e, quando as vans param do lado de fora do Departamento Forense, eles se separam, conforme combinado. Em quarenta e cinco segundos, o prédio está cercado, e, quando curiosos começam a olhar pela janela do prédio, Nylander atravessa a rua coberta de neve e vai até a entrada principal, onde tudo parece normal. Há uma música suave na recepção, e as pessoas estão conversando sobre os planos para o fim de semana. Quando a recepcionista simpática e com perfume de limão diz a eles que Genz está em uma reunião de última hora no seu laboratório, Nylander começa a se xingar por ter acreditado em Hess e dado o alarme.

Ignorando os protetores de sapato oferecidos por causa do tempo e recebendo olhares curiosos dos técnicos de jaleco atrás das divisórias de vidro, Nylander e três detetives seguem para o laboratório que visitou tantas vezes, sempre que queria se assegurar de que alguma prova realmente era exatamente como descrita nos relatórios ou nas conversas telefônicas.

Mas o laboratório está vazio. Assim como o escritório pessoal de Genz, que fica ao lado. O estado de normalidade de ambas as salas, porém, é reconfortante, — tudo está organizado e arrumado, e um copo de plástico com as últimas gotas de café está sobre a mesa em frente à grande tela.

A recepcionista, que os seguiu até o laboratório, não parece surpresa

pela ausência do chefe e declara que vai procurá-lo. Assim que ela se afasta, Nylander começa a planejar uma forma de dificultar a vida e a carreira de Hess — para se vingar da gafe que estava prestes a cometer. Quando Genz chegar, ele vai explicar tudo. Talvez até ria ao ver a foto e diga que não é ele. Que nunca se chamou Toke Bering, que não passou anos planejando uma vingança, que é claro que ele não é o assassino psicopata que Hess o acusa de ser.

Mas então ele vê. Parado no laboratório, os olhos percorrendo a sala, ele observa o escritório de Genz e os objetos em cima da mesa, que não notou ao entrar. O crachá de Genz, as chaves, o celular de trabalho e a identidade, tudo organizado em cima da superfície vazia, quase como se tivessem sido abandonados. Mesmo assim, não é isso que o deixa horrorizado, mas sim o inocente sr. Castanha apoiado na caixa de fósforos ao lado dos objetos.

Quando Hess consegue falar com Nylander, já está quase chegando ao trecho final da estrada para Copenhague. Tentou ligar várias vezes, mas só agora o imbecil atende — e claramente não está a fim de conversar.

— O que você quer? Estou ocupado.

— Você os encontrou?

O laboratório estava vazio. Nenhum sinal de Genz, a não ser pela assinatura que deixou para cumprimentar os policiais que o perseguiam. A princípio, sua equipe achou que ele devia estar em uma conferência em Jutland, mas, quando entraram em contato com a organização do evento, descobriram que ele não tinha aparecido.

— E a casa dele?

— É onde estamos agora. Uma cobertura em um condomínio novo em Nordhavn. Mas está vazia. E quando eu digo vazia, quero dizer que está *completamente* vazia. Não tem móveis nem nada. Nem mesmo uma impressão digital, eu posso apostar.

Hess não consegue ver muito mais do que quinze metros adiante na estrada, mas acelera mais.

— Mas vocês estão com Rosa Hartung, não estão? Tudo isso tem a ver com ela, e se Genz...

— Nós não temos absolutamente nada. Parece que ninguém sabe onde ela está, e o celular dela está desligado, então não conseguimos rastrear. O marido também não sabe de nada. Mas parece que a *au pair* a viu sair de carro depois que encontrou um enfeite de bonecos de castanha na porta dos fundos.

— Que tipo de enfeite?

— Eu não vi.

— E não temos como localizar Genz? Seu celular ou o carro...

— Não. Ele deixou o celular no escritório e os carros do

Departamento Forense não têm rastreadores. Alguma outra sugestão útil?

— E os computadores no laboratório? Peça a Thulin para hackear a senha para vermos o que tem lá.

— Já temos um time lá tentando fazer isso.

— É melhor você chamar a Thulin! Ela vai fazer isso bem...

— Thulin desapareceu.

Há alguma coisa sinistra naquelas palavras. Hess ouve os ecos dos passos de Nylander e dos outros descendo uma escada em um corredor vazio e imagina que a busca ao apartamento de Genz acabou.

— Como assim?

— Parece que ela foi ao Departamento Forense à procura de Genz e se encontrou com ele hoje mais cedo. Um técnico na garagem disse que os viu, umas duas horas atrás, descendo juntos pela escada dos fundos, entrando no carro de Genz e saindo. Isso é tudo que eu sei.

— Duas horas? Você já tentou ligar para ela?

— Ninguém atende. E acabei de receber a informação de que o celular dela foi encontrado em uma lata de lixo perto do prédio do Departamento Forense.

Hess freia e desvia o carro para o acostamento da estrada coberta de neve. Vários carros buzina, e ele tira um fino de um caminhão na pista ao lado antes de chegar ao acostamento e parar.

— Ela não tem utilidade para Genz. Talvez ele a tenha largado em algum lugar. Talvez ela esteja em casa ou com a...

— Hess, nós *verificamos*. Thulin desapareceu. Você tem alguma informação que eu possa usar? Alguma ideia de onde ele possa estar?

Hess escuta a pergunta enquanto os carros passam por ele. Tenta sair da paralisia que parece tomar conta dele, mas a única coisa se mexendo é o limpador de para-brisa.

— Hess!

— Não. Eu não sei.

Hess ouve uma porta de carro bater e a ligação é cortada. Vários segundos se passam antes de ele afastar o celular do ouvido. Os carros o ultrapassam na neve enquanto o limpador de para-brisa funciona freneticamente.

Ele devia ter ligado para ela do aeroporto no instante em que percebeu que havia alguma coisa errada. Se tivesse ligado, ela estaria trabalhando nas fotos favoritas de Bekker e nunca teria ido ver Genz. Mas ele não ligou, e as emoções que estão lhe provocando um nó na garganta indicam que teve mais motivos para isso do que está disposto a admitir.

Hess tenta se agarrar a alguma linha racional de pensamento. Talvez não seja tarde demais. Ele não faz ideia de por que Thulin foi ver Genz, mas se entrou no carro dele por livre e espontânea vontade era porque ainda não sabia quem ele era. Dessa forma, Genz não tem motivo para feri-la e menos ainda para passar um tempo com ela. A não ser que Thulin tenha descoberto alguma coisa e procurado Genz como um aliado com quem conversar.

Pensar nisso é assustador. Mas Thulin é um problema mínimo no plano de Genz, e ele não vai se concentrar nela. Aquilo tudo tem a ver com Rosa Hartung — foi sobre ela o tempo todo. Rosa Hartung e o passado.

De repente, Hess sabe o que fazer. É um tiro no escuro. Talvez seja mais uma intuição do que um pensamento racional, mas as outras possibilidades são improváveis demais ou já estão a cargo de Nylander e dos detetives em Copenhague. Ele olha por cima do ombro e vê os faróis ofuscados pela neblina da fileira de carros que passam por ele, espirrando neve suja. Quando tem uma pequena brecha — pelo menos o suficiente para os outros carros se desviarem dele —, pisa fundo no acelerador e cruza a pista, dirigindo-se para uma abertura na grade de proteção contra acidentes. O volante gira e, por um momento, ele acha que o carro vai rodar na pista. Mas os pneus aderem ao asfalto novamente e ele consegue passar pelo vão central e seguir para a pista no sentido oposto. Sem nem olhar para ver se está vindo algum carro. Simplesmente aperta a buzina e entra entre duas vans quando chega à pista de baixa velocidade.

Hess volta por onde veio. Segundos depois, o velocímetro marca cento e quarenta quilômetros por hora, e a pista rápida está livre para ele.

— É um bom dia para um passeio na floresta, mas até onde eu sei não há nada além de faias comuns por aqui.

As palavras de Genz fazem com que Thulin olhe com ainda mais atenção pelo para-brisa e janelas, mas parece que ele tem razão. Mesmo sem a neve, provavelmente seria difícil identificar castanheiros, e com Møn coberta de branco, isso parece cada vez mais impossível.

Estão passando por uma estradinha cheia de curvas, e Genz, que está dirigindo, dá uma olhada no relógio.

— Valeu a tentativa. Mas vamos voltar para a ponte. Vou dar uma carona para você até a estação de trem em Vordingborg, e aí eu sigo para Jutland. Combinado?

— Claro...

Thulin percebe que a viagem foi totalmente em vão e se recosta no banco.

— Desculpe ter feito você perder tempo.

— Tranquilo. Como você mesma disse, eu já estava vindo para esses lados mesmo.

Thulin tenta retribuir o sorriso de Genz, embora esteja com frio e cansada.

Não levou muito tempo para rastrearem a especialista que ajudou o Departamento Forense a determinar o tipo de castanha dos bonecos.

Ingrid Kalke, professora de botânica na Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Copenhague, era excepcionalmente nova para ser professora universitária. Devia ter no máximo uns trinta e cinco anos, mas falou com muita autoridade, por Skype, e confirmou que as castanhas que pediram que identificasse eram bem diferentes das castanhas-da-índia, comuns na Dinamarca.

— A castanha usada nesses bonecos é um tipo comestível. Em geral,

o clima daqui é frio demais para elas, mas você encontra algumas árvores perto de Limfjord, por exemplo. Para ser precisa, existe um híbrido de castanheiro-da-índia e castanheiro-do-japão, conhecido como *castanea sativa x crenata*. Em primeira análise, parece ser um castanheiro-marigoule, o que não é tão incomum. O incomum é que essas parecem ser um cruzamento entre o castanheiro Bouche de Béizacs. A maioria dos especialistas acredita que essa combinação especificamente está extinta aqui na Dinamarca, e a última vez que ouvi falar dela foi alguns anos atrás, quando as últimas árvores supostamente morreram por um fungo específico. Mas eu já não expliquei tudo isso para vocês?

A jovem professora deu uma ampla explicação para o assistente que entrou em contato com ela, e Thulin percebeu que Genz ficou em silêncio depois desse comentário. Ficou bem claro que estava constrangido por aquelas informações não terem sido passadas para a polícia antes.

A investigação poderia ter acabado ali, se Thulin não tivesse feito uma última pergunta.

— Onde essa variedade Marigoule-Béizacs foi vista pela última vez na Dinamarca?

A professora Ingrid Kalke consultou uma colega e descobriu que esse tipo de castanheiro havia sido recentemente registrado nas proximidades de Møn, mas repetiu que aquela variedade estava agora extinta. Mesmo assim, Thulin anotou cuidadosamente os diferentes locais na ilha antes de se despedir. Depois passou um tempo tentando convencer Genz, que não conseguia compreender o significado daquela descoberta.

Thulin explicou que se as castanhas com as impressões digitais de Kristine Hartung não eram de um castanheiro-da-índia, então os bonecos não tinham sido comprados na banquinha dela, o que tornava a origem deles ainda mais misteriosa. Estava ficando impossível explicar logicamente como Benedikte Skans e Asger Neergaard teriam conseguido os bonecos, ainda mais aqueles com a impressão digital de Kristine Hartung. E isso lançava dúvidas sobre a interpretação de Nylander do caso. Por outro lado, Thulin ficou feliz de saber que a

variedade era encontrada em relativamente poucos lugares na Dinamarca. Especificamente em meia dúzia de locais em Møn. Se a variedade era realmente tão rara quanto a especialista dizia, então talvez aqueles lugares abrissem novas pistas para a investigação, e pudessem até oferecer alguma novidade sobre o assassino ou sobre a própria Kristine Hartung.

Àquela altura, Genz tinha percebido que Thulin não acreditava que os casos tinham sido resolvidos. Que pensava que Hess podia ter razão. Que alguém podia ter tentado jogar a culpa no jovem casal, fazendo parecer que eles tinham cometido os crimes.

— Você realmente acredita nisso? Só pode estar brincando.

No início, Genz riu e se recusou a levá-la a Møn para procurar os castanheiros. Mesmo depois que ela argumentou que ficava no caminho dele, já que estava indo para Jutland. Mais ou menos no caminho. Mas ele negou. Pelo menos até perceber que ela ia para lá de qualquer jeito. Então acabou cedendo e Thulin ficou grata por isso. Principalmente porque não tinha um carro à sua disposição naquele dia. Mas também porque precisaria da ajuda dele para identificar a variedade, supondo que conseguissem encontrar algum castanheiro do tipo.

Infelizmente, as coisas não saíram como ela esperava. Genz conseguiu fazer a viagem de forma bem rápida — apesar da neve, fizeram o percurso em uma hora e meia —, mas quando chegaram aos lugares que a especialista informou não encontraram nada além de troncos cortados havia muito tempo para a construção de moradias. Em uma última tentativa, Thulin pediu para Genz sair da estrada principal e voltar na direção da ponte de Zelândia, uma rota que os levou por uma estrada secundária cercada pela floresta, de um lado, e por plantações, do outro. Mas a neve dificultava muito o progresso deles. E, embora Genz tenha mantido o bom humor, ficou claro que teriam que abandonar o projeto.

O pensamento de Thulin se volta para a filha e Aksel. A festa da escola deve ter terminado há um tempão, e ela decide ligar para eles para assegurar que está tudo bem e que ela já está voltando para casa.

— Você viu o meu celular?

Ela enfia a mão em vários bolsos do casaco, mas não consegue encontrá-lo.

— Não. Mas eu tenho uma teoria de como as castanhas podem ter vindo de árvores raras em Møn e acabado na casa dos Hartung. A família pode ter feito uma viagem para cá para ver a paisagem e colheu castanhas para levar para casa?

— É, pode ser.

A última vez que Thulin viu seu celular foi quando o colocou em cima da mesa do laboratório de Genz, e está chocada por tê-lo esquecido. Ela nunca esquece o telefone. Está prestes a procurar nos bolsos de novo quando seus olhos são atraídos por uma coisa na estrada. Por um momento, não tem muita certeza, mas a imagem permanece, e ela entende o que é que chama sua atenção.

— Pare! Pare aqui! Pare!

— Por quê?

— Pare! Pare!

Genz finalmente pisa no freio e o carro derrapa um pouco até parar. Thulin abre a porta e sai para o silêncio. É o meio da tarde ainda, mas o sol já está se pondo. À sua direita, há amplas plantações cobertas de neve, estendendo-se até se perder de vista, onde a neve se funde ao horizonte; à esquerda, está a floresta, sombria e fechada. E lá, bem ao fundo da estrada, há uma enorme árvore. Bem mais alta do que as outras. O tronco é grosso como um barril, e ela tem mais de vinte ou vinte e cinco metros de altura. Seus galhos enormes estão cobertos de neve. Nem se parece muito com um castanheiro. Os galhos não têm nenhuma folha. Ela se aproxima da árvore, a neve estalando no ar frio enquanto caminha por baixo dos galhos, onde a camada de gelo não é tão grossa. Não está usando luvas, então, com as mãos nuas, ela cava a neve e pega as castanhas caídas.

— Genz!

Fica irritada porque ele permanece perto do carro e não parece tão animado quanto ela. Thulin limpa a castanha, retirando a neve, e as esferas geladas e marrons na sua mão se parecem bastante com as que tinham a impressão digital de Kristine Hartung. Thulin tenta se lembrar das características distintivas que a especialista mencionou.

— Venha ver isso aqui. Acho que encontramos!

— Thulin, mesmo que sejam essas castanhas, isso não prova nada. A família Hartung pode muito bem ter vindo aqui para ver os penhascos e, no caminho de volta, ter pegado essa estrada. A garota pode muito bem ter pegado algumas castanhas aqui.

Thulin não responde. Não tinha visto a árvore da primeira vez que passaram por ali, mas agora que está embaixo dela pode ver que a floresta não é tão densa quanto imaginou. Além da árvore tem uma estradinha que a corta, e a neve parece totalmente virgem.

— Vamos dirigir até lá embaixo e dar uma olhada.

— Por quê? Não há nada lá.

— Você não sabe. O pior que pode acontecer é ficarmos atolados.

Thulin caminha decididamente de volta para o carro. Genz está ao lado da porta do motorista. Está observando-a atentamente, mas ela passa por ele e se acomoda do outro lado. Seu olhar pousa em um lugar invisível além da estrada estreita que dá na floresta.

— Tudo bem, então. Se é isso que você quer.

Outono, 1987

As mãos do menino estão sujas, ele tem terra embaixo das unhas. Está tentando fazer um buraco na castanha com um furador, mas Rosa precisa ensinar a ele. Não é para golpear, mas sim furar. Vai virando o furador até que ele penetre na casca da castanha. Primeiro faz o buraco para o pescoço nas duas castanhas, depois enfia metade de um fósforo firmemente em uma delas antes de colocar a outra por cima. Então, pega o furador novamente e faz os buracos para os braços e as pernas — os buracos precisam ser fundos para que os palitos de fósforo fiquem bem presos.

É a garota quem aprende primeiro. É como se os dedos do garoto fossem pesados e insensíveis demais, e as castanhas ficam caindo de suas mãos na grama molhada, então Rosa as pega de volta para que ele tente outra vez. Ela e a menina riem dele. Não é um riso de deboche e o menino não vê assim. Bem, talvez no início, nas primeiras vezes, quando se enfiaram no mato sob o castanheiro para catar castanhas com a mãe e o pai. Depois foram para o quintal dos fundos, onde estão agora, nos degraus de uma velha casinha de boneca entre as folhas vermelhas e amarelas, e Rosa riu de como ele se atrapalhava com as castanhas. Ele parecia assustado, assim como a irmã, mas Rosa os ajudou e eles entenderam que o riso dela não era maldoso.

— Sr. Castanha, onde está? Sr. Castanha, o que tem para me dar?

É Rosa quem canta enquanto mostra para o garoto o que precisa fazer para terminar seu sr. Castanha também e colocá-lo no aparador junto com os outros que fizeram. Ela explica para os gêmeos que quanto mais bonecos fizerem, mais dinheiro vão ganhar quando os venderem na banquinha da estrada. Rosa nunca teve irmãos, e, embora saiba que os gêmeos não vão ficar para sempre,

provavelmente nem até o Natal, ela não quer pensar nisso. Adora vê-los ali quando acorda. Nas manhãs de sábado e domingo, quando eles não têm aula, ela cruza a casa até o quarto de hóspedes, que fica afastado do quarto dos pais, e mesmo quando os acorda, os gêmeos não se zangam. Eles esfregam os olhos para afastar o sono e esperam que ela diga o que vão fazer. Os dois prestam muita atenção nas brincadeiras que Rosa propõe, e ela não se importa que eles não falem muito e nunca sugiram nada. Ela está sempre ansiosa para contar o que podem fazer e é como se sua cabeça estivesse sempre cheia de ideias e invenções, agora que tem uma plateia além da mãe e do pai, que em geral só exclamam “Ah!” e “Muito bem” ou “Veja só!”.

— Rosa, você pode vir aqui um minuto?

— Agora não, mãe. Estamos brincando.

— Rosa, venha cá. Não vai demorar.

Rosa corre pelo gramado e passa pela horta, onde o pai deixou a pá enfiada na terra entre as batatas e os arbustos de groselha.

— O que foi?

Ela se remexe impaciente na porta da despensa, mas a mãe manda que tire as botas e entre na despensa. Rosa fica surpresa de ver os pais lá dentro, ambos com um sorriso esquisito, e percebe que eles provavelmente estavam observando enquanto brincavam do lado de fora.

— Você gosta de brincar com Toke e Astrid?

— Claro. O que foi? Estamos ocupados.

Estava irritada por ter que ficar ali, em sua capa de chuva, enquanto os gêmeos esperavam por ela na casinha de boneca. Se terminarem os bonecos naquela manhã, podem pegar os engradados na garagem antes do almoço, então não têm tempo a perder.

— Decidimos adotar Toke e Astrid, para que possam ficar aqui para sempre. O que você acha?

A máquina de lavar começa a funcionar atrás de seu pai enquanto os dois adultos a encaram.

— Eles passaram por muita coisa. Precisam de um bom lar, e o seu pai e eu achamos que poderia ser aqui com a gente. Se você concordar. O que você acha?

A pergunta pega Rosa de surpresa. Não sabe o que pensar. Pensou que eles fossem oferecer algum lanche, um refresco ou alguns biscoitos. Mas não era isso que estavam perguntando. Então ela responde o que eles querem ouvir.

— Sim, claro.

No instante seguinte, a mãe e o pai saem pelo jardim molhado, mamãe de galocha e papai de chinelo. E ela percebe que estão felizes. Não estão com capa de chuva, nem com casaco, mas seguem até a casa de boneca onde os gêmeos estão sentados nos degraus, ainda ocupados com os srs. Castanha. Rosa fica parada na porta da despensa, onde eles lhe deram a notícia. Não consegue ouvir o que estão dizendo, mas a mãe e o pai se sentam ao lado dos gêmeos e começam a conversar. Rosa vê o rosto dos gêmeos. De repente, a garota dá um abraço no pai. O garoto começa a chorar. Só fica ali, chorando. A mãe passa o braço pelos ombros dele para consolá-lo, e os pais trocam um olhar e sorriem de um jeito que Rosa não se lembra de ter visto antes. O céu parece desabar nesse momento. A chuva cai pesadamente, enquanto Rosa fica parada na porta e os outros se encolhem sob o teto da pequena casa de boneca e riem.

— Nós entendemos completamente a sua decisão. Onde eles estão?

— No quarto de hóspedes. Vou buscá-los.

— E como está a sua filha?

— Está bem, considerando tudo.

Rosa está sentada à mesa da cozinha, mas escuta claramente as vozes no corredor. Mamãe passa pela porta e segue para o quarto de hóspedes, enquanto papai fica na sala com o homem e com a mulher. Rosa acabou de ver pela janela da cozinha eles saírem do carro. As vozes na sala viram sussurros e Rosa não consegue mais decifrar o que estão dizendo. Houve muitos cochichos naquela semana. Rosa quer que isso acabe logo. Tudo começou logo depois que ela contou a história. Não sabe de onde a tirou — bem, talvez daquela vez no jardim de infância. Ainda lembra como os adultos reagiram quando uma menina chamada Berit disse o que aconteceu na sala de brinquedos que tinha as almofadas. Ela estava brincando com os

meninos, até que um deles pediu para ver o que tinha dentro da calcinha dela. Ele até ofereceu cinquenta centavos para ela. Então, Berit mostrou e perguntou se os outros meninos queriam ver também. Vários quiseram, então Berit ganhou muito dinheiro. Eles podiam colocar coisas lá dentro também, se pagassem mais vinte e cinco centavos.

Os adultos ficaram assustados, isso foi óbvio. Seguiu-se um monte de cochichos naquele dia na sala de recreação e também entre os pais, perto do armário dos casacos, e logo depois criaram novas regras que não eram nem um pouco divertidas. Rosa já tinha quase se esquecido de tudo aquilo. Mas então certa vez os pais passaram o dia todo ocupados comprando e montando camas novas e pintando o quarto de hóspedes, e a história chegou de forma natural e sem esforço.

Pela abertura da porta ela vê as duas crianças passarem de cabeça baixa. Ouve os passos na escada do lado de fora, onde o pai colocou as malas deles. No corredor, ela ouve a mãe perguntando para onde as crianças vão.

— Ainda não encontramos um lugar para elas, mas esperamos que não leve muito tempo.

Os adultos se despedem, e Rosa vai para o quarto. Não quer ver os gêmeos porque sua barriga dói. Como se tivesse um nó lá dentro. Mas não pode desmentir a história agora, porque já contou, e não é legal mentir a respeito de uma coisa dessas. Tem que guardar o segredo e nunca mais dizer nada a ninguém. Mesmo assim, sente que vai explodir quando vê o presente que eles deixaram para ela na cama. Um círculo formado por cinco bonecos de castanha, como se estivessem de mãos dadas. Estavam unidos por um arame, e dois bonecos eram maiores do que os outros, como se fossem o pai, a mãe e os três filhos.

— Tudo bem, Rosa, eles já foram...

Rosa passa correndo pelos pais. Ela ouve quando eles chamam seu nome, surpresos, enquanto sai correndo pela porta. O carro branco acabou de sair da vaga e está passando pelo portão. Rosa corre o mais rápido que consegue, usando só as meias, até o carro desaparecer. A última coisa que vê são os olhos do garoto, olhando pelo vidro traseiro

do carro.

Quando ela finalmente vira na estrada que adentra a floresta e acelera, o dia já quase acabou. Está nevando outra vez e a neve já quase cobriu as marcas de pneu; Rosa mal consegue enxergá-las com os faróis. No início, errou o caminho e precisou parar em uma casa para pedir informações. Nunca esteve em Møn, e, mesmo que conhecesse o local, não teria feito a menor diferença. Ela segue as orientações que a mulher da casa lhe deu e, voltando por onde veio, percebe que passou direto pelo enorme castanheiro onde há uma entrada para a floresta. A estrada serpenteia em volta de árvores antigas e abetos altos, uma curva fechada depois da outra, mas, como ainda consegue seguir a marca dos pneus, ela mantém a velocidade e continua. Quando as marcas vão ficando cada vez mais fracas por causa da neve, ela começa a entrar em pânico. Não há nenhuma fazenda ali. Nada nem ninguém à vista, só a estrada e a floresta, e se ela errou o caminho de novo, talvez já seja tarde demais.

Quando Rosa começa a duvidar de si mesma, a floresta se abre para uma fazenda cercada por árvores enormes. Não é como ela imaginou. A descrição no relatório que leu no ministério a levou a crer que se tratava de um lugar caindo aos pedaços, malcuidado e feio, mas não é nada disso. É idílico. Rosa para o carro, desliga o motor e se esquece completamente de trancar a porta quando sai apressadamente na neve e olha em volta, sua respiração formando nuvens de vapor diante do rosto.

A fazenda tem duas alas — de dois andares, com telhados de sapê — e, à primeira vista, parece uma casa de campo reformada. Mas a fachada branca é iluminada por modernos holofotes externos que clareiam todo o pátio e, nas vigas abaixo do telhado, há pequenos círculos de vidro que Rosa reconhece como câmeras de segurança. Pelas janelas gradeadas, vê algo brilhando na sala, e quando lê

“Fazenda do Castanheiro” em letras pretas acima da porta tem certeza de que está no lugar certo. Rosa não consegue mais esperar. Grita com todas as forças e, quando respira fundo e solta o ar, o nome ecoa pelo pátio e sobe até as árvores:

— *Kristine!*

Um bando de corvos alça voo por trás das árvores nos fundos da fazenda. Suas asas cortam a neve e, só quando o último deles desaparece de vista, ela nota uma pessoa na porta do celeiro.

Ele é alto, mais de um metro e oitenta e cinco. Protegido por um casaco impermeável, segura um balde azul-escuro de lenha em uma das mãos e um machado na outra. O rosto é tranquilo e jovial e, a princípio, ela não o reconhece.

— Você encontrou... Bem-vinda.

Há uma nota de reconhecimento em sua voz, um tom quase amigável, e, depois de observá-la por um momento, ele segue até a porta da frente, esmagando a neve sob os pés.

— Onde ela está?!

— Queria começar me desculpando porque a fazenda está bem diferente de como era na época. Quando eu a comprei, planejei recriar o lugar, para que você pudesse ver como realmente era... Mas essa ideia era deprimente demais.

— Onde ela está?!

— Ela não está aqui. Você pode procurar.

O coração de Rosa está martelando no peito. Tudo aquilo é surreal demais, e ela fica ofegante. O homem para na porta da frente e a abre de forma amigável, enquanto limpa a neve dos sapatos.

— Venha, Rosa. Vamos acabar logo com isso.

Rosa grita o nome da filha pelos corredores da casa fria e escura. Corre até o segundo andar e procura em todos os cômodos, mas o resultado é sempre o mesmo. Não há nada. Nenhum móvel, nenhum objeto, apenas o cheiro de verniz e madeira recém-cortada. É uma casa recém-reformada, mas vazia, e parece que nunca houve nada lá dentro. Ao descer a escada, ouve a voz dele. Está cantarolando alguma coisa, uma antiga cantiga, e quando Rosa a reconhece o sangue gela em suas veias. Quando passa pela porta do corredor e entra na sala, ele está agachado, de costas para ela, usando o atizador em um forno a lenha. No balde azul ao lado está o machado e, com um movimento rápido, ela o pega. Mas o homem não move nenhum músculo. Ainda está agachado quando olha para ela, e as mãos de Rosa começam a tremer, mas ela tenta segurar o cabo com firmeza para estar pronta para usá-lo.

— O que foi que você fez?

Ele fecha a portinhola do forno e coloca cuidadosamente o ferrolho.

— Ela está em um lugar melhor. Não é o que as pessoas dizem?

— Eu perguntei o que foi que você fez!

— Era o que me diziam, sempre que eu perguntava sobre a minha irmã. Um pouco irônico, para dizer a verdade. Primeiro você tranca os gêmeos no porão e deixa o maridinho fazer o que ele quiser enquanto a mamãezinha filma tudo. Depois você os separa por anos, sem permitir que se falem, porque você acha que será melhor para eles...

Rosa não sabe o que dizer, mas ele se levanta e ela segura o machado com mais força.

— Mas *em um lugar melhor*, isso não serve de consolo. Acho que não saber é o pior. Você não acha?

O homem é louco. Todas as ideias que vieram à mente de Rosa durante o percurso são inúteis. Não há como discutir, não há uma

estratégia ou um plano que possa ser usado diante daquele olhar sereno. Em vez disso, ela dá um passo em direção a ele.

— Eu não sei o que você quer. E não estou nem aí. Você vai me dizer o que foi que você fez e está onde Kristine. Você me ouviu?

— Ou o quê? Vai usar isso aí em mim?

Ele aponta casualmente para o machado em sua mão, e ela sente as lágrimas nos olhos. Ele tem razão. Ela não vai usar o machado, ou nunca saberá. Mesmo que lute para controlá-las, as lágrimas começam a escorrer, e Rosa vê a sombra de um sorriso no rosto dele.

— Por que não pulamos essa parte? Nós dois sabemos o que você quer ouvir, e eu quero te contar. A única questão é *o quanto* você quer saber.

— Eu faço qualquer coisa... Só me diga... Por que você não pode simplesmente me dizer...?

Ele é rápido, e ela não tem tempo para reagir quando ele se aproxima e pressiona algo molhado e macio contra o seu rosto. O cheiro forte invade suas narinas. Ela tenta se libertar, mas ele é muito mais forte, e sua voz está sussurrando bem próximo à sua orelha.

— Calma... Respire. Tudo isso vai acabar logo.

A luz é forte, cegante. Ela pisca e se esforça para abrir os olhos, e a primeira coisa que nota é o teto e as paredes brancos. À esquerda, um pouco afastada da parede, consegue ver uma mesa baixa de aço que cintila à luz, e isso combinado com os monitores na outra parede a fazem crer que está em um hospital. Está deitada em uma cama de hospital e tudo não passou de um sonho horrível, mas, quando tenta se sentar, percebe que não consegue. Não está deitada em uma cama, e sim em uma mesa cirúrgica, também de aço. Seus braços e pernas estão nus e presos com faixas de couro fixas na mesa. A visão a faz gritar, mas a tira que segura sua cabeça passa através da boca aberta, abafando os gritos que saem incompreensíveis.

— Oi de novo. Você está bem?

Rosa se sente tonta e não consegue vê-lo.

— O efeito vai passar em dez minutos, mais ou menos. Nem todo mundo sabe disso, mas castanhas-da-índia contêm esculina, um veneno que é tão eficaz quanto o clorofórmio, se você fizer a mistura correta.

Os olhos de Rosa se alternam de um lado para outro. Mesmo assim, tudo que consegue é ouvir a voz dele.

— De qualquer maneira, temos muita coisa para fazer, então é melhor você tentar ficar bem acordada a partir de agora. Combinado?

De repente, ele entra no seu campo de visão, usando um macacão branco de plástico. Em uma das mãos está segurando uma mala de viagem, que coloca em cima da mesa de aço, e, enquanto ele se debruça para abri-la, ela o ouve dizer que a história de Kristine começou no dia em que ele de repente reconheceu Rosa no noticiário, depois de anos de busca.

— Eu realmente tinha começado a pensar que nunca ia te encontrar. Mas você deixou de ser uma desconhecida no parlamento e foi

promovida a ministra do Bem-estar Social. Imagine a ironia. Eu só te encontrei por causa disso...

Rosa percebe que o macacão que ele usa é idêntico ao dos técnicos da polícia. O homem também usa uma máscara branca que cobre a boca e uma touca azul, e abre a mala com mãos enluvadas. Quando Rosa força a cabeça para a esquerda, consegue ver dois buracos no interior acolchoado. Ele está bloqueando o conteúdo do primeiro, mas ao fundo ela vê um lustroso bastão de metal. Uma das pontas tem uma bola metálica do tamanho de um punho fechado, coberta por pequenas farpas afiadas. Na outra, o cabo de metal se afina para formar um furador de uns cinco ou seis centímetros. Ela se contrai e força as faixas de couro enquanto ouve a voz do homem contando que descobriu por que ele e a irmã foram transferidos para a Fazenda do Castanheiro ao acessar um antigo arquivo do Conselho Tutelar de Odsherred.

— Você era só uma garotinha inocente, é claro, tentando lidar com a frustração. Mas a sua mentirinha nunca foi descoberta e sempre que você aparecia na televisão e começava a falar sobre as pobres crianças, eu sabia pela expressão do seu rosto que você já tinha se esquecido daquilo.

Rosa grita. Quer dizer que não é verdade, mas os sons que emite mais parecem berros de animais selvagens e, com o canto dos olhos, percebe quando ele tira o objeto do primeiro orifício.

— Por outro lado, eu achei que a morte era muito pouco para você. O que eu realmente queria era te mostrar o sofrimento que você causou. Só não sabia como. Até que eu descobri que você tinha uma filha, com mais ou menos a mesma idade que a minha irmã tinha... E foi aí que me veio a ideia. Comecei a estudar a sua rotina, principalmente a de Kristine, é claro, e já que ela não era muito esperta, mimada por aquela vidinha de rico, foi bem fácil criar um plano. Tudo que eu tive que fazer foi esperar o outono. Aliás, foi você que ensinou sua filha a fazer srs. Castanha?

Rosa tenta analisar o aposento. Não há janelas, escadas, nem portas na sua linha de visão. Mesmo assim, começa a gritar sistematicamente, embora a maior parte do som seja abafada pela

faixa de couro. O som enche a sala e lhe dá a energia de que precisa para tentar se soltar. Mas então a voz de repente está muito mais perto, e ela percebe que ele está mexendo em alguma coisa ao lado do seu corpo.

— Foi algo muito especial de ver. Naquele ponto, eu não sabia como poderia usar aquilo, mas vi que tinha certa poesia, ela vendendo bonecos de castanha na estrada junto com a amiga. Isso na verdade me segurou por alguns dias, mas depois eu a segui quando ela saiu do ginásio, como já tinha feito tantas vezes antes. Apenas algumas ruas antes da sua casa, eu a abordei pedindo informações sobre como chegar a Rådhuspladsen, para poder enfiá-la na van. Eu a droguei e larguei a bicicleta e a mochila na floresta para a polícia ter com o que se ocupar, então nós partimos. Ela foi muito educada. Isso eu posso dizer. Inocente e amigável. E, acredite, você só consegue isso se tem os pais certos...

Rosa está chorando. Seu peito sobe e desce no ritmo dos soluços, que forçam caminho pela sua boca e tentam escapar. Ela é dominada pelo senso de que merece estar ali. A culpa é dela, e ela merece a punição. Não importa o que tenha acontecido, ela não cuidou da filha.

— Mas então... O mais engraçado é que essa história tem quatro capítulos, e esse foi apenas o primeiro. Vamos fazer uma parada agora. Depois eu conto mais. Que tal?

Um barulho ensurdecedor surge de repente e Rosa tenta virar a cabeça. O instrumento é de aço ou alumínio, talvez do tamanho de um ferro de passar. Tem duas alças, uma placa de metal e uma guia soldada à mão. Rosa leva um instante para perceber que o barulho está vindo das lâminas girando na frente do instrumento. De repente, compreende por que seus braços e suas pernas estão para fora da beirada da cama e, quando o serrote atinge os ossos do seu pulso, começa a gritar novamente sob a faixa de couro.

— Você está bem? Está me ouvindo?

A voz a alcança, e a luz branca e forte pisca de novo diante dos seus olhos. Rosa tenta se orientar e se lembra do que aconteceu antes de perder a consciência. Por um momento fica aliviada porque foi só isso,

mas então sente a paralisia no seu lado esquerdo. Quando se vira para olhar, o pânico volta. Uma grande braçadeira de plástico preto impede que o sangue jorre do ferimento aberto onde sua mão esquerda costumava existir, e no balde azul no chão ela consegue ver a ponta de alguns dedos.

— O segundo capítulo começa neste porão. Quando vocês começaram a perceber que havia algo de errado, Kristine e eu já estávamos aqui.

Ela ouve a voz enquanto ele caminha até o outro lado, segurando o instrumento e o balde azul. Há borrifos de sangue, o sangue *dela*, no macacão branco, até a altura do ombro, e na máscara que cobre a boca.

— Eu sabia que o desaparecimento dela viraria o país de cabeça para baixo, então estava preparado. O porão era bem diferente naquela época, e eu arrumei tudo de forma que mesmo que alguém viesse até a fazenda não encontrasse nada. Mas Kristine ficou bastante surpresa, é claro, quando acordou aqui em baixo. Assustada, talvez seja uma palavra melhor. Tentei explicar que eu precisava que ela me desse sua mãozinha para eu fazer um corte rápido para poder usar seu DNA para chamar a atenção da polícia para outra pessoa. E ela aceitou com muita coragem. Mas na maior parte do tempo ela ficava sozinha, por causa do meu trabalho em Copenhague. Eu sei que você deve estar se perguntando como ela se sentiu. Se estava triste ou com medo, e a resposta sincera é sim, ela estava sentindo tudo isso. Ela pediu e implorou para voltar para você. Foi muito tocante, mas nada dura para sempre e, depois que a tempestade passou, cerca de um mês depois, chegou a hora de dizer adeus.

As palavras dele doem mais que a ferida no braço. Rosa chora novamente, e é como se seu peito estivesse sendo rasgado.

— Esse foi o segundo capítulo. Agora vamos fazer mais uma parada. Tente não apagar por tanto tempo dessa vez. Eu não tenho o dia todo.

Ele coloca o balde azul embaixo da mão direita e Rosa implora que ele pare, mas tudo que sai de sua boca são ruídos sem sentido. O instrumento é ligado, as placas começam a girar, e ela berra de agonia enquanto a lâmina mergulha no seu pulso. Seu corpo contrai e se

arqueia enquanto sente os dentes da lâmina deslizarem pelo osso e pelo tendão, decepando sua mão. A dor é inconcebível. E continua mesmo depois que o aparelho é desligado. Os gritos de Rosa são abafados pelo som de um alarme que atrai a atenção do homem, fazendo-o parar o que está fazendo. Ele se vira para os monitores na parede em frente, o instrumento ainda na mão, e Rosa tenta seguir os olhos dele. Em uma das telas, consegue ver alguma coisa se mexendo, e percebe que está assistindo às imagens das câmeras de segurança. Algo se aproxima. Um carro, talvez. É a última coisa que passa por sua mente antes de tudo ficar preto.

O esforço faz o sangue do ferimento na cabeça escorrer pelo rosto de Thulin, e ela precisa respirar profundamente para não desmaiar. A fita adesiva foi enrolada de forma tão desleixada em volta da cabeça que ela só consegue respirar por uma das narinas, e suas mãos estão amarradas, então não consegue arrancá-la. Está deitada de lado no porta-malas do carro e, assim que inspira oxigênio o suficiente, bate novamente com o joelho no lugar onde acredita ser a tranca. Retesa o corpo inteiro, a cabeça e o pescoço contra a parede traseira, e continua dando joelhadas enquanto sangue e catarro formam bolhas em sua narina. Mas a tranca se recusa a ceder. Em vez disso, sente um parafuso cortar seu joelho, e, quando a falta de oxigênio a exaure, ela desiste e desmorona, ofegando para conseguir respirar.

Thulin não sabe há quanto tempo está no porta-malas. Os últimos minutos pareceram uma eternidade, porque tudo que conseguiu ouvir foi o som distante de alguma máquina misturado aos gritos de uma mulher. Embora os gritos estejam abafados, como se houvesse alguma coisa cobrindo a boca da vítima, e o som esteja ecoando pelos dutos de ventilação, Thulin nunca ouviu nada tão angustiante. Cobriria os ouvidos, se pudesse — consegue imaginar vividamente o que está provocando aqueles gritos —, mas suas mãos e seus pés estão amarrados. Com tanta força que as mãos já estão dormentes.

Logo que voltou a si, não sabia bem onde estava. A escuridão a envolve por inteiro, mas ao tatear as laterais e a superfície de metal acima percebeu que devia estar no bagageiro de um carro. Provavelmente do carro que ela e Genz usaram para ir até ali. Quando a floresta de repente se abriu e eles chegaram a um pátio, toda sua atenção se concentrou na fazenda. Thulin saiu e pisou na neve intocada, observando os altos castanheiros que circundavam o lugar, e, quando leu a inscrição acima da porta da frente, sacou a arma.

A fazenda com teto de sapê era escura e inóspita e, ao se aproximar, as luzes externas se acenderam, tornando visíveis as câmeras de segurança. A porta estava trancada e não parecia haver nada nem ninguém lá dentro, mas Thulin soube que estava no lugar certo.

Começou a andar em volta da casa, procurando outra forma de entrar, e, quando ela decidiu quebrar uma das janelas do primeiro andar e se esgueirar para dentro, Genz chegou por trás dela e disse que tinha encontrado uma chave embaixo do capacho da porta da frente. Ela não ficou surpresa. Na verdade, devia ter verificado essa possibilidade, e eles entraram juntos. Thulin entrou na frente, e foi recebida pelo cheiro de verniz e lenha fresca. Parecia uma casa novinha em folha, nunca habitada. Mas assim que chegaram ao forno no canto da sala, que não era visível do pátio, ficou óbvio que alguém morava ali. Havia dois notebooks em cima de uma mesa branca, assim como equipamentos eletrônicos, celulares, tigelas de castanhas, plantas, frascos e equipamentos de laboratório. Dois galões de gasolina estavam no chão. Na parede acima, havia fotos de Laura Kjær, Anne Sejer-Lassen e Jessie Kvium, uma fotografia de Rosa Hartung logo acima delas, e também havia fotos dela e de Hess, que pareciam ter sido tiradas por algum paparazzo.

Ver aquilo provocou um frio na espinha de Thulin. Ela tirou a trava de segurança da arma enquanto se preparava para fazer uma busca no resto da casa. Então, como estava sem o celular, pediu que Genz avisasse imediatamente a Nylander sobre o que tinham encontrado.

— Eu não posso fazer isso, Thulin.

— Como assim?

— Estou esperando uma convidada e preciso trabalhar em paz.

Genz estava parado na porta da sala. As luzes no pátio atrás dele ainda estavam acesas, então ela não conseguia ver seu rosto, apenas a silhueta, e por um instante se lembrou da pessoa atrás da lona que cobria o andaime do prédio em frente ao dela.

— Mas do que você está falando? Ligue para ele agora!

De repente, ela se deu conta de que Genz estava segurando um machado. Ele balançava de sua mão, como se fosse uma extensão do próprio braço.

— Foi um risco usar as castanhas da fazenda. Talvez mais tarde você entenda por que tinha que ser elas.

Por um instante, ela apenas o encarou. Então compreendeu o que ele tinha acabado de dizer e como a decisão de pedir a ajuda dele tinha sido catastrófica. Ela levantou a arma e apontou para ele, mas no mesmo instante Genz a golpeou com o cabo do machado. Thulin tentou desviar a cabeça, mas não foi o suficiente, e, quando acordou, estava no porta-malas escuro do carro com uma baita dor de cabeça. O som de vozes a despertou — a de Genz e a voz nervosa de uma mulher que parecia ser Rosa Hartung. Elas ecoaram do pátio, mas então desapareceram, e logo depois ela ouviu gritos abafados.

Thulin prende a respiração e escuta. A máquina silenciou, assim como os gritos, e ela não sabe se o silêncio significa que logo será a sua vez de enfrentar o mesmo tipo de tortura. Pensa em Le e no avô em casa, e passa por sua cabeça que talvez nunca mais veja sua garotinha.

Mas, no silêncio que se segue, ela ouve o barulho de um carro se aproximando. A princípio, não acredita nos próprios ouvidos, mas então parece que o carro está entrando no pátio e, quando para e o motor é desligado, ela tem certeza.

— *Thulin!*

Ela reconhece a voz. Seu primeiro pensamento é de que aquilo é impossível. Ele não pode estar ali — deveria estar a caminho de algum lugar muito distante. Mas a ideia de que ele talvez esteja ali a enche de esperança. Thulin grita o mais alto que consegue. O som que sai é mínimo. Hess não consegue ouvi-la, pelo menos não lá do pátio, então, em vez de gritar, ela começa a chutar desesperadamente no escuro, acertando as laterais do bagageiro e ouvindo o som surdo que causa. Ela continua chutando o mesmo lugar repetidamente.

— *Thulin!*

Ele ainda está gritando. Só quando o som vai sumindo é que percebe que Hess deve ter entrado na casa. Para encontrar Genz, que deve saber que ele chegou, caso contrário a máquina não teria parado. Com essa certeza, ela continua chutando no escuro.

A porta da frente está destrancada e não demora muito para Hess notar que o primeiro e o segundo andar estão vazios. Com a arma em punho, desce de novo a escada para o primeiro andar e atravessa a casa na penumbra, mas não vê sinal de vida a não ser as próprias pegadas molhadas no piso de madeira. Quando chega à sala e à estação de trabalho perto do forno, vê fotos das três vítimas na parede, assim como a de Rosa Hartung, de Thulin e dele próprio. Ele para e tenta escutar alguma coisa. Nada. A não ser o som da própria respiração. Mas o forno está quente e Hess sente a presença de Genz em todos os lugares.

A aparência da casa o surpreende. Não é a ruína dilapidada e abandonada sobre a qual leu no antigo relatório policial, e a surpresa o desconcerta. Percebeu na hora o carro de Rosa Hartung no pátio, embora já estivesse quase coberto de neve, e ele estima que já deve estar ali há pelo menos uma hora. Ele não viu nenhum outro veículo, então supõe que Genz tenha ido no mesmo carro que Rosa. Mas onde estaria Thulin?

Hess notou as câmeras de segurança quando chegou, várias delas, ao redor da parte superior da fachada, então, se Genz estiver ali, sabe que ele chegou. Foi por isso que não hesitou em gritar primeiro por Thulin e depois por Rosa Hartung. Se estivessem por perto — e se estivessem vivas —, existia uma chance de conseguirem ouvi-lo. Mas não obteve resposta, apenas aquele silêncio sinistro, que ainda está ouvindo enquanto sua respiração fica ofegante.

Embora já tenha ido lá, ele volta para a cozinha, tentando se lembrar da antiga foto da cena do crime que viu no arquivo. Os dois adolescentes estavam sentados um de cada lado de uma mesa bagunçada, mas não é isso que o interessa agora. É a porta da qual se lembra no fundo da imagem. Presume que seja a porta do porão onde

Marius Larsen e os gêmeos foram encontrados, mas agora ele está naquela cozinha intocada como uma vitrine de loja de decoração, e não consegue encontrá-la. As paredes foram modificadas, os ângulos são diferentes. No meio há uma grande ilha com um fogão de seis bocas e um exaustor cromado, cercados por uma geladeira dupla, dois armários, uma pia de porcelana, um lava-louça e um forno de tamanho considerável ainda revestido em plástico. Não há nenhuma porta, certamente não uma que leve a um porão, apenas uma passagem que leva a uma despensa.

Voltando para a sala, Hess olha para a escada e abaixo dela, esperando que uma porta ou uma escotilha no chão se revele de repente. Mas não vê nada do tipo. Por um instante, ele se pergunta se realmente *existe* um porão. Se Genz, ou qualquer que seja o nome dele, não encheu de cimento e concreto para que nunca mais se lembrasse do que aconteceu quando ele e a irmã gêmea viveram naquela casa.

Uma pancada baixa faz Hess congelar. Ele tenta ouvir com atenção, mas não consegue decifrar o barulho nem de onde vem. Não há nada se movendo ali além dos flocos de neve caindo do lado de fora. Ele volta correndo para a cozinha, dessa vez com a intenção de seguir até a despensa e sair pelos fundos, do outro lado da casa, para verificar se há alguma janela ou duto de ar, qualquer coisa que possa responder às suas perguntas sobre o porão. Mas, quando está passando pela ilha da cozinha, para novamente. Uma ideia lhe passa pela cabeça. Ele caminha até o primeiro armário branco, mais ou menos onde lembra que a porta estava na fotografia antiga. Abre as duas portas, mas não encontra nada, apenas prateleiras vazias. Então abre o outro armário e logo vê uma maçaneta branca; as prateleiras e o fundo foram removidos e em vez disso vê o contorno de uma porta de aço branco construída diretamente na parede da cozinha. Entrando no armário, ele baixa a maçaneta e a pesada porta se abre para fora, revelando uma escada.

Luzes brancas fortes iluminam o piso no fim dos degraus de concreto, uns três metros abaixo. Hess pensa novamente no quanto odeia porões. O porão de Odin Park, a garagem de Laura Kjær,

Urbanplan e a Delegacia de Polícia de Vordingborg. Quando faltam apenas cinco degraus, alguma coisa o faz parar. Tem algo no chão, um plástico embolado e grudento, e, quando ele usa a pistola para cutucar o objeto, percebe que é um par daqueles protetores de sapato que ele e seus colegas usam em cenas de crime. Só que aquele par já foi usado e está sujo de sangue. Ao olhar mais para baixo, nota pegadas de sangue subindo, mas só até o ponto onde estão os protetores. Ele entende o que está acontecendo e, ao se virar, olha para cima, mas a figura já está na porta. Como um pêndulo, o machado corta o ar com um assovio e a imagem do policial morto, Marius Larsen, passa pela cabeça de Hess antes que seja atingido na têmpora.

O porão da casa de sua avó era mofado e com manchas de umidade nas paredes. O piso de pedra era irregular e as paredes ásperas, mal iluminadas por lâmpadas fracas penduradas no teto em bocais antigos de porcelana presos por cabos descascados. Um mundo desordenado de bagunça e tralhas, formado por cômodos estranhos e corredores, um mundo completamente diferente do outro lado da porta que separava os dois níveis.

No primeiro andar, tudo era amarelado. Móveis pesados, papel de parede floral, teto de gesso, cortinas e o fedor dos cigarros da avó. As cinzas se empilhavam em tigelas de cozinha ao lado de sua poltrona macia na sala, onde ela ficou sentada até o dia em que foi levada para um asilo. Hess odiava ficar lá, mas odiava ainda mais lá embaixo. Não havia janelas, não havia ar, não havia como sair, a não ser por uma escada bamba, para a qual ele sempre corria, com a escuridão em seus calcanhares, quando tinha que descer lá para pegar outra garrafa e botar na mesinha ao lado da poltrona estofada da avó.

É com a mesma náusea e sensação de pânico que sentia quando criança que Hess acorda no porão sob a Fazenda do Castanheiro. Alguém está golpeando furiosamente seu rosto, e ele sente o sangue escorrendo por cima de um dos olhos.

— Quem mais sabe que você está aqui? Responda!

Hess foi arrastado pelo chão e está apoiado na parede. É Genz que o está golpeando. Está usando um macacão de plástico e só seus olhos são visíveis no espaço entre a máscara manchada de sangue e o protetor azul de cabelo. Hess tenta afastá-lo, mas é impossível: suas mãos estão presas às costas com algo que parece um cabo.

— Ninguém.

— Me dê aqui o seu dedo ou vou cortar ele fora. Anda logo!

Genz o joga no chão e se debruça sobre ele. Com o rosto

pressionado no piso, Hess vasculha a sala em busca de sua arma, mas ela está caída a alguns metros de distância. Sente Genz pressionar seu polegar em algum aparelho e, quando ele se levanta e encara a tela, Hess percebe que ele usou sua digital para desbloquear o celular. Tenta se preparar para a fúria que virá, mas o chute na lateral da sua cabeça é tão forte que quase perde a consciência de novo.

— Você ligou para Nylander há nove minutos. Provavelmente logo depois de descer do carro no pátio.

— O.k., verdade. Eu esqueci.

Hess leva outro chute na lateral do rosto e, dessa vez, tem que cuspir o sangue para não engasgar. Promete a si mesmo que vai parar com o sarcasmo, mas a informação é útil. Se passaram nove minutos desde que entrou no pátio, reconheceu o carro de Rosa Hartung e ligou para Nylander, então não vai demorar muito para Brink e os policiais de Vordingborg chegarem. A não ser pela neve...

Hess cospe de novo e percebe que a poça de sangue aos seus pés não pode ser dele. Seguindo o gotejamento com os olhos, Hess se depara com uma ferida aberta em um braço. Rosa Hartung está inconsciente na mesa de aço, como se estivesse em um centro cirúrgico, o pulso envolto em um curativo onde antes esteve a sua mão. Seu pulso direito também foi serrado, mas só pela metade. No piso abaixo da mesa, um balde azul está a postos, e quando Hess vê o que tem lá dentro é tomado pela náusea.

— O que você fez com Thulin?

Mas Genz já não está mais ali. Largou o telefone de Hess no seu colo e caminhou até o outro lado da sala, onde Hess o ouve remexer em algumas coisas. Ele tenta se levantar.

— Genz, desista. Eles já sabem quem você é. Vão encontrá-lo. Onde ela está?

— Eles não vão encontrar nada. Você já se esqueceu de quem é Genz?

O cheiro de gasolina é inconfundível, e ele reaparece com o galão e começa a espalhar o líquido pelas paredes. Quando chega em Rosa, Genz despeja o líquido sobre todo o corpo dela antes de continuar andando pelo aposento.

— Genz tem um pouco de experiência com investigação forense. Não haverá mais nada dele aqui quando chegarem. Genz foi inventado com um único objetivo e, quando descobrirem tudo, não vai adiantar mais nada.

— Genz, ouça bem o que estou dizendo...

— Não, vamos pular essa parte. Você claramente já conseguiu desenterrar tudo que aconteceu aqui na época, mas não perca o seu tempo dizendo que sente pena de mim, que eu vou receber uma punição mais leve se eu me entregar nem nada disso.

— Eu não tenho pena de você. Provavelmente é um psicopata desde que nasceu. Eu só tenho pena de você ter conseguido escapar daquele porão.

Genz o encara e dá um sorriso leve, surpreso, e Hess não tem tempo para se preparar para o terceiro chute no rosto.

— Eu devia ter acabado com você há muito tempo. Definitivamente quando estava de costas, olhando para aquela piranha da Jessie Kvium, em Hammock Gardens.

Hess cospe mais sangue, passando a língua pela boca. Sente gosto de ferro e alguns dentes parecem meio moles. O assassino ainda estava na cena do crime em Hammock Gardens e aquilo nem passou pela cabeça dele.

— Para ser sincero, eu te achei totalmente irrelevante. Disseram que você era só um babaca fracassado e egoísta com a carreira em declínio na Europol, mas de repente você aparece decependo porcos ou querendo conversar sobre Linus Bekker. E eu percebi que não era só em Thulin que eu precisava ficar de olho. Aliás, eu vi vocês bancando a família feliz, antes do passeio em Urbanplan. Aposto que se apaixonou pela vagabundinha.

— Onde ela está, Genz?

— Bem, com certeza não é o primeiro. Eu vi vários entrarem naquele apartamento. Infelizmente eu acho que você nem faz o tipo dela. Mas não se preocupe, eu vou dizer que você mandou um oi antes de cortar a garganta dela.

Hess sente a gasolina molhar seu corpo enquanto Genz esvazia a lata. Seus olhos ardem, assim como os ferimentos novos e antigos na

cabeça, e ele prende a respiração enquanto o líquido continua caindo. Ele sacode a cabeça para se livrar das gotas que estão escorrendo, e, quando abre os olhos, Genz já tirou o macacão e largou tudo embolado no chão, junto com a máscara e a touca. Está parado na frente de uma porta branca de aço do outro lado do aposento, provavelmente a que leva até os degraus de concreto para a cozinha. Ele tem um sr. Castanha na mão e fica olhando para Hess enquanto risca o fósforo da perna do boneco e o joga no líquido no chão antes de sair e fechar a porta.

O encosto do banco dá um clique alto e cai para a frente, criando uma abertura para o interior do carro. Finalmente Thulin consegue ver luz. Ela fica deitada ali por um momento, suada e exausta, seu corpo no porta-malas do carro, a cabeça na abertura. Ela vira o rosto e acima, à direita, consegue enxergar pela janela traseira. Uma fresta estreita e vertical de luzes lhe diz que o carro está estacionado dentro do celeiro.

Foi impossível abrir a tranca. Em vez disso, ela percebeu a parede atrás começando a ceder quando apoiava os joelhos e usava o alto da cabeça como um aríete. Agora se prepara de novo, dessa vez para escorregar mais para o banco traseiro. Se conseguir encontrar alguma coisa para cortar a fita que prende as mãos e os pés, então não é tarde demais. O silêncio da casa é insuportável, mas se conseguir entrar e talvez até encontrar seu revólver, serão dois contra um. E Hess não é burro. Se ele conseguiu chegar até a fazenda, descobriu que tinha sido Genz o tempo todo, então saberia se cuidar. Esse é o último pensamento que passa por sua cabeça quando ouve o som de chamas estalando e crepitando. Como uma lufada de vento inflando uma vela até o limite. Não está longe. Provavelmente em algum lugar dentro da casa; talvez de onde vinham os gritos, embora já tenham parado há algum tempo.

Thulin prende a respiração e presta atenção. Sim, o barulho é de fogo e ela começa a sentir o cheiro de fumaça. Enquanto se retorce, tentando levar o corpo para o banco de trás, força sua mente a tentar descobrir o que o incêndio significa. De repente, ela se lembra dos dois galões de gasolina na mesa da sala. Ela os notou em menos de um segundo, assim que entrou, mas então sua atenção foi desviada para a parede e para Genz. Mas se o incêndio faz parte do plano, então aquilo será um desastre para Hess. Ela impulsiona mais o tronco em direção

ao banco, virando os membros inferiores para se deitar de lado. Usando os cotovelos, consegue se sentar e está prestes a pegar a maçaneta do carro com as mãos atadas. Já pensou em uma ferramenta para se soltar e poder correr para a casa, mas então ela o vê por uma fenda entre as portas do celeiro.

Genz está passando pela porta da frente com um dos galões na mão, e não para de derramar o líquido até estar no último degrau. Jogando o galão pela porta, ele acende um fósforo e o atira antes de se virar para olhar para o celeiro. Ele segue direto para ela. Atrás de Genz, Thulin sente o fogo se espalhando pela casa com uma velocidade implacável. Quando ele chega à porta, as chamas nas janelas já atingiram o teto e ela só consegue ver o contorno dele.

Thulin se enfia atrás do banco do motorista bem na hora que as duas portas do celeiro são escancaradas. O brilho assustador das chamas invade o carro e ela se encolhe o máximo possível. A porta da frente se abre e ela sente o peso dele contra o rosto quando Genz entra. A chave está na ignição, ele liga o motor e o carro começa a se mover pelo pátio coberto de neve, e Thulin ouve as primeiras janelas explodirem por causa do calor.

Hess costumava pensar na morte com indiferença. Não por odiar a vida, mas porque existir era penoso demais. Não buscou ajuda, nem procurou os poucos amigos que tinha. Não aceitou os conselhos que lhe deram. Em vez disso, fugiu. Fugiu o mais rápido que pôde, com a escuridão o perseguindo, e por vezes isso funcionou. Pequenos refúgios em cantos afastados da Europa, onde sua mente recebia novas impressões e novos desafios. Mas a escuridão sempre voltava. Junto com as lembranças e o rosto dos mortos que ele acumulou em todos aqueles anos. Ele não tinha *ninguém*, não era *ninguém*, e sua dívida não era com os vivos, então, se a morte chegasse, não faria a menor diferença para ele.

Era assim que se sentia no geral, mas não é essa a emoção que o atinge quando é deixado no porão.

Quando a porta bate atrás de Genz e o fogo começa a se espalhar, ele imediatamente engatinha pelo chão para pegar o instrumento ensanguentado que está caído no chão atrás de Rosa Hartung. É fácil descobrir para o que foi usado, e com os dentes afiados da lâmina ele rapidamente corta o cabo que prende seus pulsos. Ele também o usa para soltar os pés e, a essa altura, o fogo alcançou o meio do aposento. Indo em direção a Rosa, ele agarra o celular e a arma largados aos pés dela. Nuvens de fumaça preta já se acumulam no teto, e ele observa as chamas enquanto solta cada uma das tiras de couro o mais rápido que consegue. Quando o fogo atinge o piso abaixo da maca de metal, ele conseguiu soltar o corpo imóvel de Rosa e levá-lo até um canto onde Genz não jogou gasolina.

Mas é só um paliativo. O fogo já está lambendo as tábuas que cobrem as paredes e logo chegará ao teto, e tanto ele quanto Rosa Hartung estão encharcados de combustível. É uma questão se segundos até as chamas chegarem ao canto em que estão, ou antes que

a temperatura do porão fique tão alta que eles vão se incendiar espontaneamente. A única saída é pela porta por onde Genz desapareceu, mas é impossível de abrir. A maçaneta já está tão quente que o casaco que Hess tirou para proteger a pele pegou fogo quando tentou girá-la. O tapete negro de fumaça abaixo do teto está cada vez mais grosso, mas então Hess nota um pequeno redemoinho de fumaça passando por entre as tábuas de uma parede em frente a eles. Pegando a serra, ele pressiona os dentes da lâmina na junção e a usa como uma alavanca. Na primeira tentativa, consegue quebrar um pedaço do painel de forma que pode enfiar os dedos ali e puxar até arrancar.

Hess encontra uma das janelas do porão, protegida por dentro por duas barras de ferro, e na escuridão do lado de fora vê as luzes traseiras de um carro passando pelo pátio. Ele puxa as barras em desespero e, quando o carro desaparece nas sombras, passa pela sua mente que vai morrer. Ele se vira para o fogo e para Rosa Hartung, aos seus pés, e é o curativo no fim de um dos braços que lhe dá a ideia. Agarrando o serrote, volta a atenção para a janela, e seu primeiro pensamento é que as barras não parecem mais grossas do que os ossos que a ferramenta foi usada para cortar. As lâminas cortam a primeira barra como uma faca na manteiga e, depois de mais três cortes, as barras estão soltas. Hess abre o trinco da janela e a empurra.

Com a pele das costas queimando, ele ergue Hartung pelo parapeito, depois se içá até lá e passa por ela engatinhando. Enquanto recua, puxando ela junto, sente as chamas lamberem seu pescoço e suas roupas, mas então cai de costas na neve do lado de fora.

Tossindo, Hess se levanta e começa a arrastar Rosa Hartung pelo pátio. Seu corpo parece que está em chamas e tudo que ele quer é mergulhar na neve para esfriar e descansar os pulmões. Mas, quando está a uns vinte metros de distância da fazenda em chamas, ele apoia Hartung em uma parede de pedra. E então começa a correr.

Tudo dentro de Thulin grita para que ela faça alguma coisa. Encolhida atrás do banco do motorista, fica prestando atenção à velocidade e aos movimentos do carro enquanto tenta se lembrar da estrada pela floresta e avaliar quando Genz ficará mais distraído. A neve e a escuridão estão do lado dela. Genz está concentrado na estrada — está uma escuridão incrível ali fora e a neve deve ter de cinco a dez centímetros de profundidade. Ela tenta avaliar suas chances de dominá-lo com as mãos e os pés amarrados, mas cada segundo que não age é uma perda de tempo. Precisa voltar logo para a fazenda. Embora não tenha se atrevido a levantar a cabeça e olhar pela janela do carro quando saiu do celeiro e atravessou o pátio, sentiu a ferocidade das chamas.

De repente, Thulin sente o carro diminuir de velocidade. É como se estivesse fazendo uma curva acentuada, e ela contrai todos os músculos do corpo. Percebe que devem estar na curva que marca o meio do caminho para a rodovia. Ela se senta abruptamente, levantando as mãos de forma determinada em direção ao motorista, para enforcá-lo. Os olhos no espelho retrovisor, fracamente iluminados pelas luzes do painel, a veem rapidamente. É como se Genz estivesse preparado, e ele levanta a mão dando um forte soco que força os braços dela para trás. Quando Thulin tenta de novo, ele tira os pés dos pedais e as mãos do volante e se vira para ela, que sente uma chuva de socos na cabeça. Por fim, o carro para e o motor ainda está vibrando enquanto Thulin fica imóvel no banco traseiro, ofegando para conseguir um pouco de ar pela única narina destampada.

— A seu favor, posso dizer que você foi a única policial da Divisão de Homicídios em quem eu realmente achei que precisava ficar de olho. É claro que isso significa que eu sei tudo sobre você. Incluindo o seu cheiro quando se exercita e está suando feito uma porquinha.

Você está bem?

A pergunta não faz o menor sentido. Ele sabia o tempo todo que ela estava ali e, quando desliza a faca pela fita sobre sua boca, por um instante ela acha que Genz vai matá-la. Em vez disso ele descola uma ponta da fita para que Thulin consiga soltá-la com as mãos presas e respirar fundo.

— Onde eles estão? O que foi que você fez com eles?

— Você já sabe a resposta.

Thulin está deitada de costas no banco traseiro, a respiração ofegante, e imagina a fazenda incendiada.

— Hess não parecia muito apegado a continuar respirando, para falar a verdade. Ele me pediu para te dar um oi antes de cortar sua garganta. Se isso serve de consolo.

Thulin fecha os olhos. Tem muita coisa desmoronando sobre ela, e sente as lágrimas começarem a cair. Ela chora por Hess e Rosa Hartung, mas principalmente por Le, que está em casa e não fez nada de errado.

— A filha de Rosa Hartung. Foi você também...?

— Sim, era necessário.

— Mas por quê?

Sua voz está baixa e fraca, e ela se odeia por isso. Por um momento, ele fica em silêncio. Então Thulin ouve um suspiro alto e, quando se vira para a silhueta dele, é como se Genz estivesse olhando pensativamente para a escuridão. Então ele balança a cabeça como se quisesse clarear os pensamentos e se vira para olhar para ela.

— É uma longa história. E eu estou ocupado e você precisa dormir.

A mão que está segurando a faca começa a se mexer, e ela levanta as mãos na frente do corpo.

— *Geeeeeeeeeeeeeeenz!*

O grito rasga o silêncio, mas ela não reconhece a voz rouca. Está vindo de algum lugar distante, como se do fundo da floresta, de algum lugar bem atrás. Genz fica tenso, então gira rapidamente em direção ao grito. Ela não consegue ver o rosto dele, mas parece que está olhando incredulamente para alguma coisa. Thulin se esforça para se sentar e também olhar pelo para-brisa em direção ao fim do feixe de

luz do farol. E então ela entende.

Seu peito está prestes a explodir e o coração martela contra as costelas. Sua respiração forma nuvens diante do rosto, e seus braços tremem enquanto ele tenta apontar a arma para o carro adiante. Está a uns setenta e cinco metros de distância, e Hess para no meio da estrada, no limite da luz dos faróis, bem no ponto em que saiu da floresta escura momentos antes, feito um morto-vivo.

A primeira parte da floresta tinha estado iluminada pelo incêndio da fazenda. As chamas lançavam um brilho forte atrás dele e Hess correu na direção das árvores, lembrando-se de que a estrada para a fazenda não era reta, mas sim formava um gigantesco C antes de chegar à rodovia; ele esperava conseguir cortar caminho e chegar antes do carro. Mas, assim que se aprofundou entre as árvores, a luz das chamas ficou mais fraca. A luminosidade da neve ajudou um pouco, porém, quando a floresta se fechou à sua volta, ficou correndo às cegas. A escuridão o cercava por todos os lados, embora o contorno das árvores fosse um pouco mais preto, e ele decidiu seguir em linha reta, sem se importar com os obstáculos que encontrasse. Várias vezes tropeçou e foi arremessado na neve até, por fim, não saber mais para onde deveria correr. Naquele instante, viu uma luz fraca à esquerda. A luz estava na frente dele, bem na frente, e ainda em movimento. Abruptamente, porém, a velocidade diminuiu até finalmente parar e, quando Hess finalmente chegou à estrada, o carro estava atrás dele, com os faróis ainda acesos.

Hess não sabe por que o carro parou e não se importa. Genz está em algum lugar atrás do para-brisa, e ele não vai desistir agora. Parado no meio da estrada, apontando a arma enquanto o vento assovia nas árvores, ele ouve o som irreal de um telefone tocando. Percebe que é o seu celular. Olhando para o carro, nota a luz clara de uma tela no lado do motorista. Hesitante, pega o telefone no bolso sem afastar os olhos

do carro.

A voz é fria e sem emoção.

— Onde está Hartung?

Hess vê o contorno da pessoa atrás do volante. A pergunta faz com que ele se lembre de que a tortura de Rosa Hartung é a única coisa que realmente importa para Genz, e ele tenta controlar a respiração para soar o mais calmo possível.

— Ela está bem. Está sentada no pátio, esperando você contar o que aconteceu com a filha dela.

— Você está mentindo. É impossível que você tenha conseguido salvá-la.

— Aquele serrote que você fez corta muito mais que osso. Um bom técnico forense jamais teria deixado ele para trás. Você não acha?

Segue-se um longo silêncio. Hess sabe que Genz deve estar imaginando tudo que aconteceu no porão, avaliando se suas palavras são verdade, e por um instante teme que Genz volte para a fazenda, mesmo que a polícia esteja a caminho.

— Diga a ela que eu vou visitá-la de novo em breve. Agora saia da frente. Estou com Thulin aqui.

— Estou pouco me fodendo. Saia do carro e deite no chão com os braços abertos.

Silêncio.

— Genz, saia do carro!

Hess aponta para o único ponto que consegue enxergar dentro do carro. Mas a tela iluminada atrás do volante se apaga e a ligação fica muda. No início, Hess não sabe o que isso significa, mas então o carro parece ganhar vida. O motor ronca violentamente, como se alguém tivesse pisado fundo do acelerador. As rodas giram na neve, provocando fumaça que brilha em um tom de vermelho, iluminada pelas luzes traseiras, e por fim os pneus encontram a tração e o carro avança.

Hess joga o telefone de lado e mira. O carro está vindo direto para cima dele, ganhando velocidade a cada metro. Atira uma vez, depois outra e mais outra. Os primeiros cinco tiros atingem o radiador, mas nada acontece, e suas mãos trêmulas explicam o motivo. Tenta

novamente, segurando a arma com as duas mãos, atirando vez atrás da outra, sua confiança diminuindo. É como se o carro estivesse protegido por um escudo invisível, e, quando está a uns trinta metros, ele percebe que corre o risco de acertar Thulin, se ela estiver lá dentro. O dedo fica imóvel no gatilho. Em pé na estrada com a arma pronta, ele ouve o ronco do motor, mas seu dedo não funciona. Pensa que está prestes a ser atingido — não lhe resta mais tempo para se jogar para fora do caminho. No último instante, vê um movimento atrás do para-brisa, e o carro muda de rumo. Ele sente o calor do capô quando o carro passa perto do seu quadril direito e, quando se vira, o vê voando pela estrada. Segue-se uma explosão de sons. Metal se amassando, vidro se estilhaçando, o som do motor que se eleva em um grito estridente e a buzina do carro que começa a tocar. Duas figuras entrelaçadas são lançadas pelo para-brisa em direção às árvores, feito bonecos. Parece que estão se segurando um ao outro enquanto giram pelo ar, mas então se separam, e um deles continua seu arco, enquanto o outro atinge uma árvore com um golpe e desaparece na escuridão.

Hess começa a correr. O capô envolve o tronco de uma árvore, mas os faróis ainda estão acesos, e a figura na árvore é a primeira coisa que ele vê. Um galho grosso e curvo sai pelo seu peito, e as penas estão penduradas no ar. Quando ele vê Hess, sua expressão entra em foco.

— Me... ajuda...

— Onde está Kristine Hartung?

Os olhos arregalados estão fixos em Hess.

— Genz, responda.

Então a vida se esvai. Ele está pendurado bem próximo ao tronco, quase fundindo-se à árvore, a cabeça caída e os braços relaxados, como um de seus bonecos. Enquanto Hess olha desesperadamente em volta, gritando por Thulin, sente as castanhas estalarem sob seus passos na neve.

TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO

O pequeno comboio de três carros desce a rampa e deixa o terminal das barcas enquanto o sol começa a nascer. Está frio e ventando em Rostock. O comboio segue em direção ao destino, a algumas horas de distância. Hess está dirigindo o último carro, e, embora não tenha como prever o resultado da viagem, é bom se afastar um pouco. Nos últimos dias, o clima geral nas várias divisões da delegacia foi de desalento, enquanto as pessoas se apressavam para tirar o delas da reta. Mas na autoestrada o sol de novembro está brilhando, e ele pode ligar o rádio sem medo de ser arrastado para a caça às bruxas da imprensa.

A revelação de que Genz era o sr. Castanha foi um choque para todos. Como chefe do Departamento Forense, era ele quem orientava os colegas e ainda havia alguns com dificuldade de acreditar que ele tinha abusado de sua posição e era o responsável por tantas mortes. Por outro lado, havia os críticos que argumentavam que Genz tinha recebido muito poder. Mas a crítica e a busca por um responsável não tinham acabado ali. Certamente não na mídia. A Divisão de Crimes Hediondos — que contava com os serviços de Genz e sua habilidade sem nunca ter desconfiado dele — ficou sob fogo pesado. Assim como os chefões, é claro, que foram responsáveis por promovê-lo. Até o momento, o sitiado ministro da Justiça tinha conseguido se manter longe das consequências de todos aqueles erros, pelo menos até terem uma explicação para as ações de Simon Genz.

Com todo o furor da imprensa, Hess e outros detetives se concentraram em resolver as pontas soltas. O que o surpreendeu foi o grau em que Genz conseguiu orientar toda a investigação: como desde o início guiou ele e Thulin para o pequeno sr. Castanha com a impressão digital, para que Rosa Hartung fosse trazida à investigação; como fez com que seguissem o pacote contendo o celular e a mão de

Laura Kjær até Erik Sejer-Lassen, enquanto ele mesmo atacava a esposa de Sejer-Lassen na casa deles em Klampenborg; como invadiu o banco de dados da ala pediátrica do Rigshospital e encontrou motivos para analisar os filhos de Laura Kjær, Anne Sejer-Lassen e Jessie Kvium — acontece que Olivia Kvium também tinha sido hospitalizada lá, depois de um acidente em casa —, antes de enviar as mensagens anônimas para o Conselho Tutelar, para que a polícia e outras autoridades se deparassem com a incompetência do sistema. E também como ele estava ciente da armadilha para o assassino em Urbanplan e como deve ter se sentido pressionado com a visita de Thulin e Hess a Linus Bekker, motivo pelo qual plantou os membros amputados na propriedade de Skans e Neergaard quando foi examinar a cena como técnico forense. Por fim, como Genz seguiu o jovem casal pela floresta usando o rastreador da van alugada, e como deve ter assassinado os dois suspeitos *antes* de ligar para Nylander e dizer onde seriam encontrados. Todas aquelas descobertas foram desagradáveis e provavelmente ainda havia outras guardadas. Principalmente porque não tinham terminado as investigações do papel de Genz no desaparecimento de Kristine Hartung, no ano anterior.

Em relação à história pessoal de Genz, as informações que Hess descobriu no banco de dados foram examinadas e expandidas. Os gêmeos órfãos foram separados depois da estadia na fazenda de Ørum, e, quando o programa de acolhimento familiar ficou sem opção de famílias para Toke Bering, então com dezessete anos, eles o mandaram para um colégio interno na parte oeste de Zelândia. Evidentemente o destino sorriu para ele. Um empresário idoso e sem filhos que tinha criado um fundo para beneficiar crianças carentes acabou adotando o garoto. O homem, cujo sobrenome era Genz, lhe deu a chance de um novo começo em uma escola de elite em Sorø, agora com o nome de Simon Genz. O garoto se sobressaiu com uma velocidade impressionante. No entanto, o experimento social só foi um sucesso na superfície: aos vinte e um anos, enquanto estudava economia e tecnologia da informação na faculdade em Aarhus, Genz aparentemente entrou em contato com uma assistente de laboratório do caso Risskov. Ao examinar com mais atenção os arquivos do caso

da Polícia de Aarhus, descobriu-se que “Simon Genz, um aluno que morava no dormitório em frente ao da vítima, foi interrogado por ter possivelmente visto o ex-namorado da vítima no dia do assassinato”. Em outras palavras, Genz morava no prédio em frente e ofereceu sua ajuda para resolver um crime que quase certamente ele mesmo tinha cometido.

Quando seu benfeitor morreu de ataque cardíaco, um pouco depois, Genz herdou um valor considerável e usou a liberdade recém-descoberta para se mudar para a capital e pedir transferência para a Academia de Polícia, com o modesto objetivo de ser um técnico forense. Seu talento e dedicação à matéria foram logo notados, mas evidentemente uma das primeiras coisas que aprendeu foi como invadir o banco nacional de identidades e mudar seus dados para que não tivesse mais nenhuma ligação com Toke Bering. Sua ascensão na carreira era impressionante e apavorante, considerando que outros dois assassinatos não resolvidos entre 2007 e 2011 tinham sido reabertos porque bonecos sr. Castanha foram vistos nas fotografias da cena do crime.

A partir de 2014, já um especialista renomado, ele trabalhou para a Polícia Federal da Alemanha, assim como para a Scotland Yard, mas deixou essas posições quando recebeu um convite para trabalhar como chefe do Departamento de Copenhague, mais ou menos dois anos antes. O verdadeiro motivo pelo qual ele se candidatou foi explorar o emprego nos seus planos para Rosa Hartung, que tinha acabado de ficar nacionalmente famosa ao se tornar ministra do Bem-estar Social. Genz imediatamente comprou a Fazenda do Castanheiro, reformando-a com o dinheiro que sobrou da herança, e, assim que as folhas começaram a cair das árvores no último outono, ele estava pronto para colocar a primeira parte do seu plano de vingança em ação. Como chefe do Departamento Forense, foi fácil para ele controlar as várias evidências da investigação: primeiro, a evidência que marcava erroneamente o local do sequestro de Kristine, mas também a que serviu para condenar Linus Bekker. Ao examinar o computador de Genz no laboratório, naquele fim de semana, Thulin descobriu que ele sabia sobre Linus Bekker e seu acesso aos arquivos de cenas de crime

bem antes de a polícia descobrir. Não que ele tenha mencionado isso para alguém. Genz deve ter percebido que tinha encontrado em Bekker o bode expiatório perfeito, e deve ter sido muito fácil plantar o facão sujo de sangue na garagem do prédio dele antes de fazer uma denúncia anônima para a polícia. O fato de Bekker ter decidido confessar posteriormente deve ter sido um bônus divertido para Genz, mesmo que desnecessário — afinal de contas, já existiam muitas evidências.

Para Hess, o principal problema é que em nenhum lugar no reduzido número de posses de Genz há qualquer pista sobre o que *realmente* aconteceu com Kristine Hartung. Tudo parece ter sido apagado, incinerado, exatamente como a Fazenda do Castanheiro. No início, ele depositou suas esperanças nos dois celulares encontrados no carro destruído, mas ambos eram novinhos em folha, usados apenas no dia que foram descobertos. O histórico do GPS do carro, por outro lado, revelou diversas visitas a uma área específica na região sudeste de Rostock, no norte da Alemanha. Aquilo não pareceu relevante no início, considerando o trabalho anterior de Genz com a Polícia Federal alemã, mas na tarde anterior, quando Hess entrou em contato com os terminais onde as balsas dinamarquesas de Falster e Lolland aportavam, começou a parecer interessante seguir a pista de Rostock. Um carro alugado verde-escuro ainda estava esperando para ser pego no terminal de balsas da cidade e estava lá desde sexta-feira — o dia que Genz morreu empalado em um castanheiro. Ao entrar em contato, Hess descobriu que o carro foi alugado no nome de uma mulher.

— *Der Name der Vermieterin ist Astrid Bering* — disse a voz do outro lado da linha.

A investigação ganhou um novo ritmo. Hess logo usou seus contatos na polícia alemã e, depois de alguns rodeios, descobriram que a irmã gêmea de Genz estava registrada como residente na Alemanha, e conseguiram reduzir a área de busca até uma pequena vila, Bugewits, um trajeto de mais ou menos duas horas a partir de Rostock e não muito longe da fronteira polonesa. Hess se lembra de que viu no banco de dados que todos os rastros da gêmea de Genz desapareceram

depois que ela recebeu alta de uma instituição psiquiátrica um ano antes, mas, se os dois mantiveram contato nesse período — como o histórico do GPS indica —, a irmã talvez seja a única pessoa que sabe qualquer coisa sobre o destino de Kristine Hartung.

— Thulin, acorde.

Um telefone começou a tocar no banco do carona, e Thulin levanta a cabeça do casaco acolchoado com o qual se cobriu.

— Talvez sejam os alemães. Já que eu estou dirigindo, pedi para ligarem para você se descobrissem alguma coisa, mas pode passar para mim.

— Eu não sou uma inválida e falo alemão muito bem.

Hess ri enquanto Thulin tira o telefone do bolso, ainda mal-humorada por ter acordado cedo. Ela quebrou o braço esquerdo em dois lugares e está usando uma tipoia. Isso combinado com o rosto machucado faz com que pareça um acidente ambulante. Hess não está muito melhor e eles formaram um casal adorável no bufê de café da manhã da balsa, meia hora antes. Quando voltaram para o carro, a detetive perguntou se ele se importava que ela tirasse um cochilo, e Hess não fez objeções.

Estão trabalhando direto desde a tarde de sábado. Ambos receberam alguns dias de seus respectivos chefes para encerrarem o caso e se recuperarem, e Hess acha que Thulin não dormiu muito. Ele ainda está profundamente grato por ela ter chutado Genz, no carro, caso contrário provavelmente teria sido atropelado e morto. Ele encontrou o corpo inconsciente de Thulin na neve um pouco depois da árvore onde Genz foi empalado, e não pôde avaliar se os ferimentos dela eram graves ou não. Ao ouvir o primeiro som das sirenes se aproximando, ele a pegou no colo e a carregou até a rodovia em direção às ambulâncias, e ela foi levada ao hospital mais próximo na primeira que parou.

— Sim... *gut...* Entendi... *Danke*.

Thulin desliga e seus olhos estão brilhando.

— O que eles disseram?

— A força-tarefa está esperando a gente em um estacionamento a cinco quilômetros do endereço. Um dos moradores diz que com

certeza tem uma mulher morando na casa, e a descrição combina com alguém da idade de Astrid Bering.

— Mas?

Pela expressão no rosto de Thulin, Hess sabe que ela tem mais informações, mas não consegue avaliar se são boas ou ruins.

— A mulher é discreta e fica muito sozinha, mas aparentemente ela foi vista algumas vezes, passeando com um garoto de uns doze ou treze anos, uma criança que eles achavam até agora que era seu filho...

O sol brilha atrás do vidro congelado da janela. As malas estão no tapete de fibra de coco aos seus pés, e Astrid espera no corredor, inquieta, que a família de bicicleta se afaste um pouco mais da casa para que não vejam quando ela abrir a porta e sair. São só quinze degraus, mais ou menos, até a garagem e o pequeno e velho Seat, mas ela está se remexendo impacientemente: quer voltar bem rápido para casa e pegar Mulle antes que outro ciclista ou carro passe por lá.

Astrid não dormiu muito. Passou a noite praticamente em claro, pensando no que podia ter acontecido, e às cinco e quarenta e cinco da manhã decidiu que ia desafiar as ordens do irmão e sair de lá. Destrancou a porta da despensa e sacudiu Mulle com carinho para acordá-la, então mandou que se vestisse enquanto preparava o café da manhã. Só algumas fatias de pão com geleia, e uma única maçã para Mulle — ela não se atreve a ir ao mercado desde a semana anterior. As malas estão arrumadas desde a noite de sexta-feira, quando o irmão lhe disse que partiriam assim que ele chegasse. Mas ele não chegou. Astrid esperou e esperou e, do seu lugar na cozinha, acima da pia, ficou olhando para a estrada prendendo a respiração, observando os faróis que brilhavam ocasionalmente na escuridão. Mas todas as vezes eles passaram direto pela casa isolada, cercada por plantações e pela floresta. Ela sentiu medo e alívio na mesma medida, mas não se atreveu a fazer outra coisa além de esperar mais um dia. Então mais um e mais outro. Normalmente ele é como um relógio, liga de manhã e no início da noite, para se certificar de que tudo está como deveria, mas não houve mais ligações desde a manhã de sexta-feira, e ela não pode ligar para ele porque não tem seu número. Seria perigoso demais, disse ele séculos atrás, e ela aceitou. Assim como aceitava tudo que ele sugeria, porque ele era forte, porque ele sabia o que era melhor.

Sem seu irmão, Astrid tinha sucumbindo às drogas, à bebida, ao desprezo por si mesma. Ele bateu incansavelmente na porta de instituições e centros de tratamentos para que pudessem tentar curá-la novamente ou encontrar outra estratégia. E todas as vezes ele ficou lá ouvindo médicos e terapeutas explicando como sua mente estava danificada, e ela não entendeu que seu sofrimento era o sofrimento dele também. Astrid sabia, é claro, do que ele era capaz, porque tinha visto com os próprios olhos naquele dia na fazenda de Ørum, mas ficou tão envolvida na própria dor por tantos anos que não notou o sofrimento dele até ser tarde demais.

Cerca de um ano atrás, quando estava internada em outra instituição, ele a pegou um dia e a levou para passear de carro. Eles pegaram a balsa e seguiram até um lugar ao sul de Rostock, onde havia uma casinha que ele tinha comprado para ela. Astrid ficou perplexa; o lugar era lindo, ainda mais com as cores do outono, e ficou muito feliz e grata pelo amor dele. Até que o irmão lhe contou por que tinha comprado a casa e para que seria usada.

Tudo aconteceu à noite. Ele trouxe a garota drogada no porta-malas. Astrid ficou horrorizada. Reconheceu o rosto da menina porque tinha visto na TV da sala comunal da instituição, um mês antes, e ele lhe contou em tom triunfante de quem ela era filha. Quando Astrid fez objeção ao plano, seu irmão teve um surto de raiva, dizendo que teria que matar a garota imediatamente se não quisesse tomar conta dela. Depois ele a colocou em uma despensa preparada para recebê-la, mas não antes de dizer a Astrid que a casa era toda monitorada por câmeras para que ele pudesse observar tudo que faziam. Ela sentiu tanto medo dele naquele momento, de repente muito mais do que quando ele estava em pé sobre o corpo daquele policial, com o machado erguido.

No início, evitou ter qualquer contato com a garota. Só se aproximava dela duas vezes por dia, quando abria a porta da despensa para alimentá-la. Mas o som do choro era insuportável, e o sofrimento da garota a fez se lembrar da própria prisão. Logo, Astrid passou a permitir que ela saísse para comer na cozinha. Também deixava que a menina assistisse a programas infantis na TV da sala, em um dos canais

alemães. Sentia que ambas eram prisioneiras sob o mesmo teto, e que o tempo não passava tão devagar quando estavam juntas. Mas, quando a garota tentou fugir, Astrid teve que bloquear seu caminho e trancá-la novamente na despensa. Não havia vizinhos, então não importava que ela fizesse barulho, mas aquilo era desagradável, e Astrid percebeu que sentia pena da garota. Então, um pouco depois do Natal e do Réveillon que ela não teve energia para comemorar, decidiu começar algumas rotinas fixas para que pudessem aproveitar melhor o tempo.

O dia começava com o café da manhã, depois estudos. Em uma ida à cidade mais próxima, Astrid comprou um estojo cor-de-rosa, assim como livros de matemática e inglês, e se esforçou ao máximo para dar aulas à menina na mesa da cozinha. Usava um site que encontrou na internet para ensinar literatura dinamarquesa, e a garota aproveitou a oportunidade com gratidão. As manhãs eram divididas em três aulas, seguidas por um almoço que preparavam e comiam juntas. Depois tinha mais uma aula, que era sempre de educação física, na sala. Foi lá que elas riram juntas pela primeira vez, porque pareciam tão bobas enquanto tentavam correr sem sair do lugar. Aquilo foi no final de março, e Astrid estava se sentindo mais feliz do que se sentia em anos. Começou a chamar a menina de Mulle, porque foi o nome mais doce em que conseguiu pensar.

Quando o irmão ia visitar, o que ele fazia pelo menos uma vez por semana, a atmosfera mudava. Astrid e Mulle ficavam tímidas e em silêncio, como se o carrasco tivesse entrado na sala. O irmão sentiu que havia surgido uma ligação entre elas e censurou Astrid várias vezes, inclusive pelo telefone, quando as câmeras revelavam a liberdade que ela dava para a garota. Quando os três comiam juntos, geralmente em silêncio, ele ficava observando Mulle com uma expressão sombria, enquanto a menina tirava a mesa e ia lavar a louça, e Astrid ficava atenta aos movimentos dele. Mas nunca nada aconteceu. Só depois de outra tentativa de fuga, no verão, foi que ele bateu em Mulle, uma bofetada e nada mais.

Antes daquele episódio, o calor estava insuportável dentro de casa, então elas começaram a estudar no quintal dos fundos, incluindo a

aula de educação física. Um dia, Mulle perguntou se podiam passear pela floresta. Astrid não viu perigo naquilo. A floresta era enorme e ela raramente encontrava alguém por lá. De qualquer forma, estavam longe da Dinamarca e Mulle estava completamente diferente de quando chegou. O cabelo estava cortado bem curto, e ela usava roupas que a faziam parecer um menino. Mas em uma dessas caminhadas, depois de o irmão compassivamente dar permissão, Mulle fugiu. Viram outras pessoas caminhando na floresta e estavam voltando para casa, como sempre, mas Mulle se soltou e tentou alcançar um casal idoso. Astrid teve que arrastar a garota histérica até em casa e ficou óbvio que as câmeras mostraram que alguma coisa tinha acontecido. Algumas horas depois seu irmão chegou e o castigo dela foi um mês de isolamento: durante trinta dias, a menina só pôde sair da despensa para ir ao banheiro. Assim que o castigo acabou, Astrid levou a menina para o quintal e lhe deu o maior sorvete que conseguiu comprar. Explicou o quanto estava decepcionada, e Mulle pediu desculpas e Astrid abraçou seu corpo frágil. Depois disso, as coisas melhoraram. Elas seguiram com a rotina de aulas e exercícios, e Astrid desejava que aquilo durasse para sempre. Mas então chegou o outono — e seu irmão começou a trazer as castanhas.

— Fique aqui, Mulle. Eu já volto.

A família de ciclistas finalmente passa, e Astrid abre a porta da frente e sai para o ar frio e puro com uma mala em cada mão. Ela corre até a garagem, imaginando até onde vão conseguir chegar hoje, se dirigir bem depressa. Astrid não tem tempo de traçar um plano, geralmente é o irmão que cuida dessa parte, mas está sozinha agora. Mesmo assim, desde que Mulle esteja com ela, tudo vai ficar bem. Sabe que foram feitas uma para a outra e que devem ficar juntas, e parou há muito tempo de pensar que a garota já teve outra casa e outra família. Talvez seja uma boa coisa o irmão não ter aparecido. No fundo, Astrid tem medo do que ele possa fazer com a garota quando tudo estiver acabado.

É o último pensamento que passa por sua cabeça antes de entrar na garagem e alguém com a mão enluvada tapar a sua boca.

— *Wie viele gibt es im Haus?!*

— *Das Mädchen, wo ist sie?!*

— *Antworte!*

As malas são arrancadas de suas mãos, mas Astrid está chocada demais para responder. Só quando um homem alto com rosto ferido e olhos de cores diferentes fala com ela em dinamarquês é que começa a gaguejar que eles não podem levar a menina. Ela sente um nó na garganta e as lágrimas começam a correr pelo seu rosto, porque ele não está ouvindo.

— Onde ela está? — insiste ele, sem parar.

Só quando percebe que eles vão invadir a casa com fuzis e máscaras assustadoras é que ela conta o que o homem quer saber, e então cai no chão aos pés dele.

A cozinha está vazia de um jeito que lhe diz que nunca mais vai voltar ali. Está sentada em um banco perto da mesa de linóleo esperando a mãe vir buscá-la, porque não tem autorização para sair sozinha.

Ela não é sua mãe de verdade, mas “mãe” é como a mulher insiste em ser chamada. Em vez de Astrid. Principalmente quando saem de casa. Ela ainda se lembra da sua mãe de verdade, do pai e do seu irmãozinho, e sonha com eles todos os dias. Mas sonhar dói muito, e ela aprendeu a obedecer às ordens até chegar o dia em que possa fugir. Já tentou várias vezes e imaginou outras tantas, mas nunca conseguiu. No entanto, agora sente uma esperança estranha crescer no peito enquanto está sentada ali olhando atentamente para a garagem pela janela.

Talvez a esperança tenha surgido alguns dias antes, quando o homem não apareceu. A mãe arrumou as malas e a avisou para esperar sentada no mesmo banco em que está agora. Mas ele não veio. E não apareceu no dia seguinte e nem no próximo. Também não telefonou. A mãe parece mais nervosa e insegura do que o normal. E, quando a acordou naquela manhã, ela percebeu pelo seu tom de voz que a mulher tinha tomado uma decisão.

Ir embora talvez *seja* bom. Sair daquela casa que odeia, ir para longe do homem e de suas câmeras, que sempre a perseguem. Mas para onde e para fazer o quê? Talvez para algo pior? Ela não se atreve a seguir essa linha de raciocínio até o fim. Então não é daí que a esperança surge — e sim da fresta de luz que passa pela porta aberta e do fato de a mãe ainda não ter voltado.

Levantando-se cuidadosamente, ela mantém os olhos fixos no espaço vazio na frente da garagem. Talvez essa seja sua última chance. No canto do teto, a luz vermelha da câmera está piscando, e ela dá um passo hesitante de cada vez, seguindo para a porta.

Nylander *odeia* o fato de estar na beira de uma floresta com uma força-tarefa alemã, esperando para descobrir se Kristine Hartung está dentro daquela casinha de madeira ou não. Tudo parece estar gradualmente fugindo do seu controle; desde a última sexta-feira, na verdade, quando o tapete foi puxado bem debaixo dos seus pés. Além disso, sua humilhação foi transmitida ao vivo. Incitados pela consultora de comunicação, a mesma que ele estava pensando em seduzir para um quarto de hotel, seus chefes o obrigaram a reconhecer que tinha avaliado erroneamente aquele caso. E, é claro, a dar o crédito da resolução para Hess e Thulin.

Aos olhos de Nylander, teria dado no mesmo se tivessem arrancado suas bolas e pregado na parede do lado de fora da delegacia. Mas acatou as ordens, e depois teve que observar seus homens e peritos passando pelas poucas posses de Genz na esperança de encontrar algum vestígio de Kristine Hartung, cujo caso Nylander tinha finalmente encerrado na frente das câmeras apenas alguns dias antes.

Em outras palavras, ele está atolado em merda até o pescoço, mas mesmo assim se arrastou até ali naquele comboio que deixou a delegacia de Copenhague ao alvorecer. Não vai demorar muito até a tensão acabar e ele saber se o golpe fatal vai cair sobre ele. Se Kristine Hartung *não* estiver na casa, então os danos poderão ser controlados e o seu caso vai permanecer um mistério — ele consegue lidar com isso na imprensa. Se Kristine Hartung *estiver* na casa, então tudo estará perdido de vez. A não ser, é claro, que consiga se safar argumentando que o seu erro é completamente compreensível, e que só foi possível devido ao fato de alguém — que não ele — ter cometido a porra do pior pecado do mundo ao dar um cargo importante e de altíssima confiança para um psicopata como Genz.

A força-tarefa alemã cercou a casa e os homens estão avançando de

dois em dois. Então, abruptamente, eles param. A porta da frente se abre e uma figura magra sai correndo bem rápido. Quando chega no meio da grama alta, coberta de orvalho, ela para e olha para eles.

Todo mundo fica parado. Os traços estão diferentes. Ela cresceu e seus olhos estão assustados e escuros. Mas Nylander já viu a foto da garota centenas de vezes e a reconhece na hora.

Está demorando demais, e Rosa sente que isso é um mau sinal. Não dá para ver a casa da estrada principal, onde estão, mas foram informados de que ela fica a menos de quinhentos metros de distância, do outro lado do campo e do bosque de árvores altas e arbustos. O sol brilha, mas o vento está bem frio, mesmo que estejam protegidos atrás de duas grandes vans da polícia alemã.

Quando a polícia os informou de que estavam investigando uma pista na Alemanha, Rosa e Steen insistiram em ir. A irmã do assassino aparentemente vivia em uma casinha perto da fronteira com a Polônia e havia sinais de que ele estava indo se encontrar com ela, antes de morrer no acidente perto da Fazenda do Castanheiro. Havia uma chance de que a irmã fosse sua cúmplice e talvez tivesse alguma informação sobre Kristine. E, já que não havia outras pistas para seguirem, eles fizeram questão de se juntar ao comboio. Principalmente agora que o assassino não podia mais contar nada.

Essa foi a primeira pergunta de Rosa quando acordou no hospital, depois das cirurgias. Ela olhou para o rosto manchado de lágrimas de Steen e, ao perceber onde estava — em um hospital de verdade, e não naquele cenário de pesadelo que era o porão branco da fazenda —, perguntou se o homem tinha dito alguma coisa. Steen negou com a cabeça, e ela percebeu que aquilo não importava para ele no momento. Já era um alívio ver que Rosa estava viva, e ela notou o alívio nos olhos de Gustav também. Eles tinham sofrido muito, é claro, com sua tortura e mutilação. A braçadeira colocada no braço esquerdo ajudou a salvar sua vida, evitando que perdesse muito sangue, mas a mão decepada tinha sido devorada pelas chamas. Os médicos disseram que a dor ia diminuir. Em algum momento, receberia uma prótese feita especialmente para ela, e se acostumaria a isso, em vez de ficar surpresa sempre que esquecia a dor por um momento e via de relance

o curativo no coto do braço.

Por mais estranho que pareça, isso não incomoda Rosa. Ela não está arrasada. Em vez disso, considera um pequeno sacrifício. Ela teria dado tudo. A mão direita também, que foi suturada de volta, os dois pés e até a própria vida, se pudesse voltar no tempo para salvar Kristine. A culpa a dominou na cama do hospital e, chorando muito, ela se repreendeu pelo pecado que cometera tantos anos antes, quando não passava de uma garotinha. A culpa *era* dela, e, embora tenha passado a maior parte da vida adulta tentando recompensar, não tinha adiantado de nada. Em vez disso, Kristine teve que sofrer as consequências, quando seu único pecado era ser sua filha. Saber disso era agonizante. Steen tentou fazê-la ver que ela não devia se torturar mais, que Kristine tinha morrido, assim como o homem que a sequestrou, e não havia um instante em que Rosa não desejasse que o homem a tivesse levado no lugar da filha.

Em meio à tristeza e à culpa, receberam a notícia de uma pista, na noite anterior, e conseguiram um lugar no comboio que partiu para a Alemanha antes de o sol nascer. Chegaram algumas horas depois a um estacionamento onde as vans alemãs estavam esperando, e Steen tentou obter algumas informações da conversa entre os policiais dinamarqueses e alemães sobre a mulher que vivia naquele endereço e que fora vista passeando com uma criança, possivelmente da idade de Kristine. Os policiais dinamarqueses não confirmaram nada, e Rosa e Steen ficaram no carro com dois policiais alemães quando a operação começou.

Rosa percebe de repente que não se atreve a acreditar que Kristine esteja viva. Novamente ela alimentou uma esperança, um sonho, uma ilusão que pode ruir a qualquer momento. Naquela madrugada, quando acordou para se vestir para a viagem, ela se viu escolhendo roupas que sabia que Kristine reconheceria. Calça jeans escura, o pulôver verde, o antigo casaco de outono e a bota de cano curto envolta com pele que Kristine sempre chamou de “botas de ursinho de pelúcia”. Ela tinha se justificado dizendo que precisava vestir *alguma coisa*, mas escolheu aquelas roupas por um único motivo: porque

começou a ter esperança de que aquele seja o dia em que verá a filha de novo, o dia em que ela correrá para Kristine e a abraçará forte e a encherá de amor.

— Steen, eu quero ir para casa. Acho que a gente deve voltar agora.

— O quê?

— Abra a porta do carro. Ela não está lá.

— Eles ainda não voltaram...

— A gente não devia ficar longe por tanto tempo. Eu quero voltar para Gustav.

— Rosa, nós não vamos a lugar nenhum.

— Abra a porta! Está ouvindo? Abra a porta agora!

Ela tenta abrir a porta, mas Steen não pega a chave e não a deixa entrar. Ele vê algo atrás dela, e Rosa se vira para olhar na mesma direção.

Duas pessoas se aproximam pelo bosque. Estão atravessando a plantação, seguindo para a estrada e para as vans da polícia, levantando os pés bem alto porque a lama está grudenta. Uma é a policial, a que se chama Thulin. A outra, segurando a mão dela, parece ser um garoto de uns doze ou treze anos. O cabelo está bem curto e despenteado. As roupas estão largas, como se ele fosse um espantalho, e ele está concentrado no chão porque é difícil andar pela lama. Mas quando o garoto levanta o olhar e procura no meio dos carros, onde Rosa está ao lado de Steen, ela sabe. Sente um aperto no estômago, e, quando olha para o marido para conferir se ele está vendo o mesmo que ela, o rosto de Steen já está se contraindo e as lágrimas escorrendo. Rosa começa a correr. Ela corre para longe dos carros e entra no bosque. Quando Kristine solta a mão da policial e começa a correr também, Rosa sabe que é verdade.

QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO

O cigarro não tem o mesmo gosto de sempre, e Hess não está com a menor pressa de entrar na atmosfera internacional, como geralmente. Está do lado de fora do terminal três do aeroporto e, apesar da chuva, espera para ver se Thulin vai aparecer.

Ainda está mexido pelas emoções do dia anterior, e, se por acaso se esquecer delas por um momento, basta olhar para o noticiário na tela do iPad. O reencontro da família Hartung superou os artigos sobre Simon Genz e foi a grande notícia do dia, só ultrapassada pela possibilidade de uma nova guerra no Oriente Médio. Até mesmo Hess teve que lutar para segurar as lágrimas quando viu os pais parados no vento frio, abraçando a filha no meio do bosque. E quando ele caiu na cama em Odin, naquela última noite, dormiu por dez horas seguidas pela primeira vez em dez anos.

Com uma esquecida sensação de bem-estar, ele se levantou e foi com Thulin e a filha, que estava aproveitando as férias de outono, até a instituição para onde Magnus Kjær foi levado. O antigo padrasto de Magnus, Hans Henrik Hauge, foi encontrado e preso naquele fim de semana por policiais de trânsito em um albergue em Jutland, mas não foi por isso que Hess quis visitar o garoto. As duas crianças, Le e Magnus, logo fizeram amizade e começaram a conversar sobre *League of Legends*, enquanto o chefe do departamento informava aos detetives que tinham encontrado uma boa família de acolhimento para ele. A família era de Gilleleje e tinha dez anos de experiência e um filho adotivo um pouco mais novo que Magnus, que poderia gostar de ter um irmão ou irmã. O encontro entre Magnus e a família parecia ter ido bem, embora depois o menino tenha dito que, se pudesse escolher, preferia morar com o “policial com os olhos”. Não fazia o menor sentido, é claro, mas, enquanto Thulin foi dar uma volta com Le, Hess e Magnus brincaram um pouco. O resultado foi uma torre conquistada

e a derrota de uma horda de servos e um campeão, antes de Hess entregar a Magnus um papel com o seu número de telefone e ir embora. Ele se certificou mais uma vez com o chefe do departamento se a família de acolhimento era realmente boa e, finalmente, saiu.

No museu de ciências naturais, comeu o menu do dia com Thulin, e, enquanto Le estava ocupada passando pelo labirinto de luz, eles ficaram sentados na cafeteria entre todas as famílias com filhos, entre gritos e berros. Os dois sabiam que ele tinha que partir para Bucareste, mas a intimidade e a naturalidade que dividiram nos últimos dias de repente deu lugar a uma conversa constrangida. Hess se perdeu nos profundos olhos de Thulin e tentou dizer alguma coisa. Mas bem nessa hora a filha dela voltou correndo da Toca do Leão, onde dava para medir a força do seu rugido ao enfiar a cabeça em um buraco em uma caixa e gritar o mais alto possível. Depois disso, Thulin teve que ir embora, mas antes disse que daria uma passada no aeroporto para se despedir. Com aquele pensamento feliz, Hess voltou correndo para Odin Park, onde deveria se encontrar com o zelador e o corretor.

Mas o corretor estava desanimado; o comprador tinha desistido por ter encontrado um lugar mais “seguro” em Østerbro. O zelador paquistanês pareceu ficar mais aborrecido com isso do que o próprio Hess, que agradeceu e deixou as chaves com ele, mas no caminho para o aeroporto estava se sentindo tão cheio de energia que decidiu parar no Cemitério Vestre.

Era a primeira vez que Hess visitava o túmulo. Não sabia exatamente onde ficava, mas na administração do cemitério lhe mostraram um caminho em direção a um pequeno bosque. O túmulo parecia tão triste quanto tinha imaginado. Uma pedra coberta de musgo, um pouco de mato e umas pedras. Isso fez com que se sentisse culpado. Hess colocou sobre os cascalhos uma flor que tinha colhido no bosque, então tirou a aliança e a enterrou embaixo da lápide. Hess sabe que ela gostaria que ele tivesse feito isso muito antes, mas mesmo então foi difícil. Ficar diante do túmulo fez com que ele deixasse as lembranças fluírem livremente pela primeira vez em muito tempo, e, quando caminhou em direção à saída, sentia-se mais leve do que quando entrou.

Outro táxi passa pelo terminal três, e Hess apaga o cigarro e dá as costas para a chuva. Thulin não vai vir, e talvez seja melhor assim. Ele vive como se não tivesse casa e nada na sua vida é minimamente organizado. Enfia a mão no bolso e pega o celular para acessar o cartão de embarque. A caminho da escada rolante que dá na área de embarque, percebe que recebeu uma mensagem.

“Boa viagem”, é tudo que diz. Ao ver de quem é, ele clica na imagem anexa.

A princípio, não consegue entender direito o que é. Um desenho estranho e infantil de uma grande árvore com galhos e fotos coladas; dele, de um papagaio e de um hamster. E então ele começa a rir. Rir de verdade. Quando chega na área de embarque para passar pela segurança, já olhou a foto várias vezes e não consegue parar de rir.

— Você mandou? Ele viu?

Le observa enquanto Thulin larga o celular e abre uma gaveta para guardar o cartaz.

— Sim, eu mandei. Vai lá abrir a porta para o seu avô.

— Quando ele vai voltar?

— Não faço ideia. Agora vá abrir a porta!

Le segue pelo corredor em direção à porta. Para Thulin, mandar aquela foto foi o auge de um dia estranho. Ter ido visitar Magnus Kjær com Hess e Le foi emocionante, e as coisas não melhoraram muito depois que Le os convenceu a irem juntos ao inferno familiar que era o Museu de Ciências Naturais. Na cafeteria, em meio a crianças gritando e lancheiras, ela de repente sentiu o perigo de uma vida tão rotineira quanto a das famílias à volta deles. Sabia que Hess não era assim, mas quando ele olhou para ela, prestes a dizer alguma coisa, não conseguiu evitar pensar em casas separadas, pensões e toda a grande mentira que era a família tradicional. Segundos depois, disse que passaria no aeroporto, mas só para sair correndo de lá e chegar em casa em segurança.

Quando voltaram para casa, Le insistiu em imprimir uma das fotos que tinha tirado de Hess na Toca do Leão. E pior ainda: quis colar a foto no seu cartaz com a árvore da família.

Thulin relutou muito. Mas, quando a foto foi colada, Hess pareceu tão natural quanto os bichinhos de estimação à sua volta, e foi a foto dessa árvore da família que Le insistiu em mandar.

Thulin hesita perto da gaveta da cozinha e não consegue evitar um sorriso. Quando ouve Le e o avô na sala, decide pendurar o cartaz na parede da cozinha. Não em um lugar de destaque. Apenas do lado do exaustor. Por um ou dois dias.

Linus Bekker está respirando ar puro, mas acima dele as nuvens estão escuras e pesadas. A plataforma da estação Slagelse está vazia, e a pequena mochila com os poucos pertences que quis trazer do hospital psiquiátrico está aos seus pés. Acabou de ser solto, devia estar feliz e aliviado, mas não está. Liberdade — mas e agora?

Parte dele está considerando a sugestão do seu advogado de procurar uma compensação pela dor e pelo sofrimento. Tinha cumprido uma pena bem maior do que deveria pelo crime que realmente cometeu: invadir o arquivo de fotos da polícia. Dinheiro é bom, pensa, mas sente que não será capaz de compensar a decepção. O caso do sr. Castanha não foi concluído da forma que esperava. Desde que percebeu, durante seu interrogatório, que era uma peça importante na máquina, ele tinha ficado feliz. No início, não fazia ideia de quem poderia ter colocado o facão na sua garagem, mas, quando os detetives tentaram fazê-lo confessar pela milionésima vez ao confrontá-lo com a imagem da arma afiada na prateleira, ele notou o pequeno sr. Castanha no fundo. Linus somou dois e dois. Ele confessou e, todos os dias que passava no inferno da ala de segurança, ansiava pela chegada do outono, quando o sr. Castanha revelaria o seu próximo passo. A espera valeu a pena quando a notícia dos assassinatos começou, mas então a festa esfriou e o sr. Castanha mostrou que não passava de um amador que não merecia sua fé.

O trem para e Linus Bekker pega a mochila e entra. Quando se senta perto de uma janela, o tédio da vida ainda o envolve — até que nota uma mãe sentada na sua diagonal com a filhinha. A mãe dá um sorriso e faz um aceno educado com a cabeça. Bekker retribui o gesto, sorrindo também.

O trem parte. As nuvens escuras começam a sumir. E Bekker percebe que ele talvez consiga encontrar uma forma de fazer o tempo

passar.

AGRADECIMENTOS

A Lars Grarup, que me encorajou a escrever um romance policial há cinco ou seis anos, quando era o editor digital sênior na Politiken e não mais o chefe de mídia da Danish Broadcasting Corporation, onde eu o conheci.

A Lene Juul, a chefe da Politikens Forlag, que, junto com Lars Grarup, me convenceu a fazer isso. Quando finalmente aceitei o desafio, empaquei no meio, mas Lene manteve a fé em mim e me deu o tempo e o espaço de que eu precisava.

A Emilie Lebech Kaae, produtora e amante de literatura. Por seu apoio e otimismo fantásticos quando eu mais precisei.

A meus amigos Roland Jarlgaard e Ole Sas Thrane. Por lerem os primeiros rascunhos e me inspirarem a continuar escrevendo. Um agradecimento especial para Ole, por ter contribuído também com seu incrível conhecimento de TI.

Ao roteirista Michael W. Horsten, por me ouvir quando eu ainda estava fazendo as primeiras tentativas. A Nina Quist e Esther Nissen, por me ajudarem com a pesquisa. A Meta Louise Foldager e Adam Price, pela paciência que tiveram todos os dias no nosso espaço compartilhado.

À minha irmã Trine, por seu apoio maravilhoso e confiança.

Ao meu agente Lars Ringhof, por toda a enorme experiência, perspicácia e todos os bons conselhos.

À minha editora na Politikens Forlag, Anne Christine Andersen. Atenta, precisa e absolutamente brilhante.

A Suzanne Ortmann Reith, por suas orientações e seu humor contagiante.

Muito obrigado à minha esposa, Kristina. Pelo seu amor e porque ela nunca deixou de acreditar neste livro.



LES KANER

SØREN SVEISTRUP é o roteirista da aclamada série *The Killing*, que foi transmitida em mais de cem países e se tornou um fenômeno internacional. Graduado em literatura e história pela Universidade de Copenhague, ele mais tarde estudou na Escola Dinamarquesa de Cinema e ganhou incontáveis prêmios, incluindo um Emmy e um BAFTA.

Copyright © 2018 by Søren Sveistrup

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Kastanjemanden

Capa e ilustração

Guilherme Xavier

Preparação

Emanoelle Veloso

Revisão

Angela das Neves

Carmen T. S. Costa

ISBN

978-85-545-1576-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

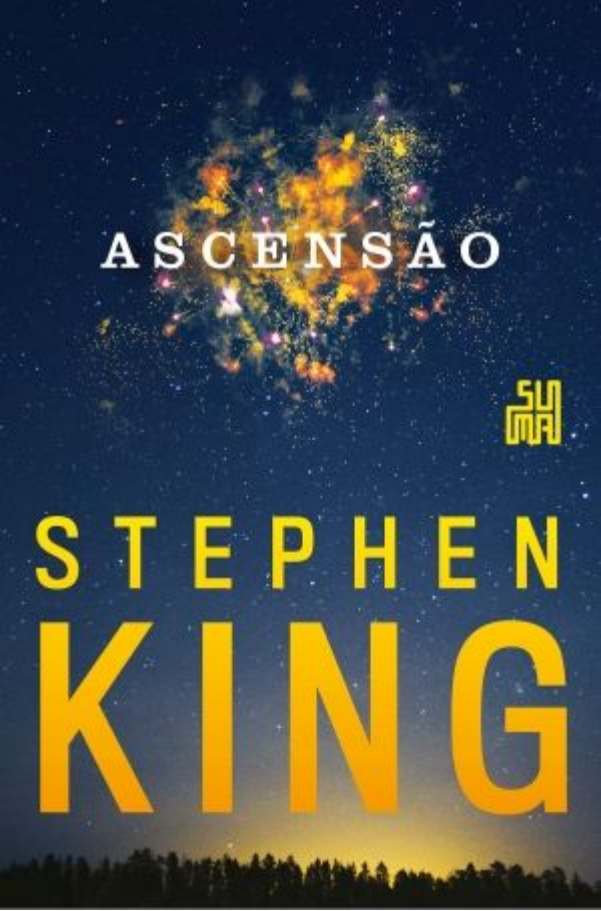
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

The book cover features a dark blue, starry night sky as the background. A vibrant, multi-colored nebula or galaxy cluster is positioned in the upper left quadrant. At the bottom, a dark silhouette of a forest line is visible against a lighter, hazy horizon. The title 'ASCENSÃO' is written in white, all-caps, serif font. The author's name 'STEPHEN KING' is written in large, bold, yellow, all-caps, sans-serif font. A small, stylized yellow logo is located to the right of the title.

ASCENSÃO



STEPHEN
KING

Ascensão

King, Stephen

9788554515812

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história fascinante, curiosa e comovente sobre um homem cujo misterioso problema ajuda os habitantes de Castle Rock a superar as diferenças e se tornar uma comunidade. Scott Carey tem muito em que pensar — o projeto enorme que pegou no trabalho; o casal lésbico que mora na casa ao lado e o cachorro delas, que insiste em fazer as necessidades no seu quintal; e a súbita e inexplicável perda de peso das últimas semanas. Apesar de não querer ser estudado e examinado, Scott decide compartilhar a questão com seu velho amigo, o dr. Bob Ellis. Afinal, apesar dos números decrescentes na balança, sua aparência continua a mesma — além disso, seu peso não varia quando está nu ou usando roupas pesadas, quando está de mãos vazias ou carrega algo no colo. Não importa o que ele faça ou coma, Scott está cada vez mais leve — embora não mais magro —, e conforme seu peso se aproxima de zero, ele sabe que logo nada vai prendê-lo ao chão. Scott não quer se

preocupar com o que vem pela frente; ele ainda tem tempo para resolver todas as suas questões antes do Dia Zero, e por que não começar pelas mais difíceis? Por exemplo, encarando o preconceito que suas vizinhas têm sofrido da comunidade — e dele — e fazendo o possível para ajudar. Amizades improváveis, a maratona anual da cidade e a misteriosa condição de Scott são a fórmula para grandes transformações. Incrivelmente alegre e profundamente triste, Ascensão é um verdadeiro antídoto para nossa cultura intolerante.

[Compre agora e leia](#)

GEORGE R.R.
MARTIN

FOGO & SANGUE

300 ANOS ANTES DE
A GUERRA DOS TRONOS,
DRAGÕES GOVERNARAM
WESTEROS



Fogo & Sangue – Volume 1

Martin, George R. R.

9788554512941

664 páginas

[Compre agora e leia](#)

A arrebatadora história dos Targaryen ganha vida neste novo livro de George R.R. Martin, autor de *As Crônicas de Gelo e Fogo*, série que inspirou a adaptação de sucesso da HBO, "Game of Thrones". Séculos antes dos eventos de *A guerra dos tronos*, a Casa Targaryen – única família de senhores dos dragões a sobreviver à Destruição de Valíria – tomou residência em Pedra do Dragão. A história de *Fogo & Sangue* começa com o lendário Aegon, o Conquistador, criador do Trono de Ferro, e segue narrando as gerações de Targaryen que lutaram para manter o assento, até a guerra civil que quase destruiu sua dinastia. O que realmente aconteceu durante a Dança dos Dragões? Por que era tão perigoso visitar Valíria depois da Destruição? Quais foram os piores crimes de Maegor, o Cruel? Essas são algumas das questões respondidas neste livro essencial, relatadas por um sábio mestre da Cidadela. Ricamente ilustrado com mais de oitenta

imagens assinadas pelo artista Doug Wheatley, Fogo & Sangue dará aos leitores uma nova e completa visão da fascinante história de Westeros – um livro imperdível para os fãs do autor.

[Compre agora e leia](#)

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO I

GEORGE R.R.
MARTIN
A GUERRA DOS TRONOS



A guerra dos tronos

Martin, George R. R.

9788554513566

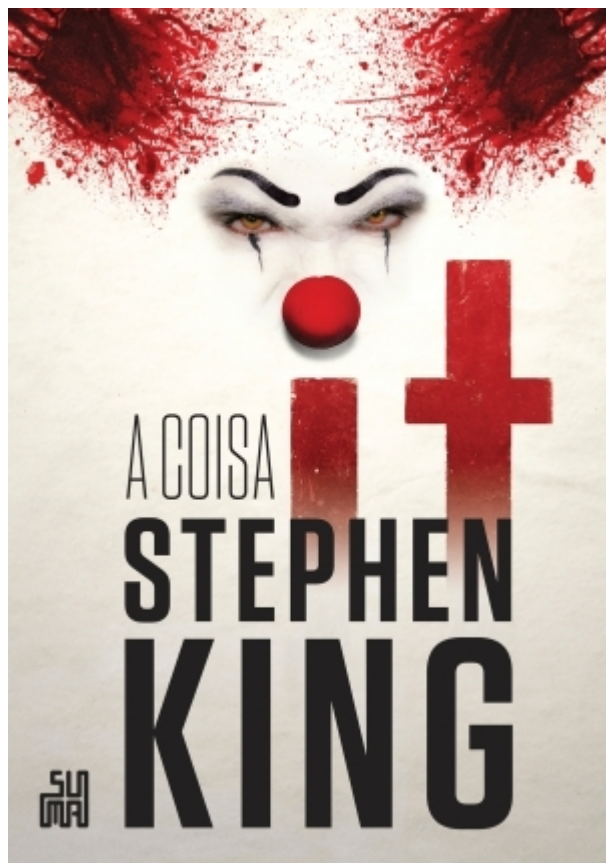
600 páginas

[Compre agora e leia](#)

A guerra dos tronos é o primeiro livro da série best-seller internacional As Crônicas de Gelo e Fogo, que deu origem à adaptação de sucesso da HBO, Game of Thrones. O verão pode durar décadas. O inverno, toda uma vida. E a guerra dos tronos começou. Como Guardiã do Norte, lorde Eddard Stark não fica feliz quando o rei Robert o proclama a nova Mão do Rei. Sua honra o obriga a aceitar o cargo e deixar seu posto em Winterfell para rumar para a corte, onde os homens fazem o que lhes convém, não o que devem... e onde um inimigo morto é algo a ser admirado. Longe de casa e com a família dividida, Eddard se vê cada vez mais enredado nas intrigas mortais de Porto Real, sem saber que perigos ainda maiores espreitam a distância. Nas florestas ao norte de Winterfell, forças sobrenaturais se espalham por trás da Muralha que protege a região. E, nas Cidades Livres, o jovem Rei Dragão exilado na Rebelião de Robert planeja sua vingança e deseja recuperar sua herança de família: o

Trono de Ferro de Westeros."A guerra dos tronos é a maior obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel." — SF Reviews

[Compre agora e leia](#)



It: A coisa

King, Stephen

9788581051529

1104 páginas

[Compre agora e leia](#)

O clássico de Stephen King em nova edição. O livro que inspirou os filmes. Durante as férias escolares de 1958, em Derry, pacata cidadezinha do Maine, Bill, Richie, Stan, Mike, Eddie, Ben e Beverly aprenderam o real sentido da amizade, do amor, da confiança e... do medo. O mais profundo e tenebroso medo.

Naquele verão, eles enfrentaram pela primeira vez a Coisa, um ser sobrenatural e maligno que deixou terríveis marcas de sangue em Derry. Quase trinta anos depois, os amigos voltam a se encontrar. Uma nova onda de terror tomou a pequena cidade. Mike Hanlon, o único que permanece em Derry, dá o sinal. Precisam unir forças novamente. A Coisa volta a atacar e eles devem cumprir a promessa selada com sangue que fizeram quando crianças. Só eles têm a chave do enigma. Só eles sabem o que se esconde nas entranhas de Derry. O tempo é curto, mas somente eles podem vencer a Coisa. Em It: A Coisa, clássico de Stephen King em nova edição, os amigos

irão até o fim, mesmo que isso signifique ultrapassar os próprios limites.

[Compre agora e leia](#)

Carlos Ruiz Zafón

A SOMBRA
DO VENTO

A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO

"Quem gosta de romances emocionantes, trágicos e surpreendentes deveria correr à livraria mais próxima e pegar A sombra do vento." *The Washington Post*

SUMA

A sombra do vento

Zafón, Carlos Ruiz

9788543809526

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

O primeiro livro da série O Cemitério dos Livros Esquecidos. Barcelona, 1945. Daniel Sempere acorda na noite de seu aniversário de onze anos e percebe que já não se lembra do rosto da falecida mãe. Para consolá-lo, o pai leva o menino pela primeira vez ao Cemitério dos Livros Esquecidos. É lá que Daniel descobre *A sombra do vento*, romance escrito por Julián Carax, que logo se torna seu autor favorito, sua obsessão. No entanto, quando começa a buscar outras obras do escritor, Daniel descobre que alguém anda destruindo sistematicamente todos os exemplares de todos os livros que Carax já publicou, e que o que tem nas mãos pode muito bem ser o último volume sobrevivente. Junto com seu amigo Fermín, Daniel percorre a cidade, adentrando as ruelas e os segredos mais obscuros de Barcelona. Anos se passam e sua investigação inocente se transforma em uma trama de mistério, magia, loucura e assassinato. E o destino de seu autor favorito de repente parece

intimamente conectado ao dele.

[Compre agora e leia](#)